



Universidade Federal de Minas Gerais

Reitora: Prof.^a Sandra Regina Goulart Almeida
Vice-Reitor: Prof. Alessandro Fernandes Moreira

Faculdade de Letras da UFMG

Diretora: Prof.^a Sueli Maria Coelho
Vice-Diretor: Prof. Georg Otte

Instituto Guimarães Rosa | Maputo/Moz – colaboração
Chefe do Setor Educacional e Cultural: Luis Gustavo Buttes
Leitorado Guimarães Rosa | Universidade Eduardo Mondlane

FuLiA/UFMG – revista sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes

EDITORES

Elcio Loureiro Cornelsen (UFMG, Brasil)
Gustavo Cerqueira Guimarães (UEM, Moçambique)

EDITORES DE SEÇÃO

Dossiê – FUTEBOL E MULHERES: MEMÓRIA, MÍDIA E LINGUAGEM
Dra. Silvana Goellner (UFPel, Brasil)
Dr. Jorge Knijnik (Western Sydney University, Austrália)

CONSELHO EDITORIAL

Aldo Italo Panfichi, PUC, Peru
Álvaro do Cabo, UFRJ
Andréa Casa Nova Maia, UFRJ

Andréa Sirihal Werkema, UERJ
André Alexandre Guimarães Couto, CEFET-RJ
André Mendes Capraro, UFPR
Arlei Damo, UFRGS
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, FGV
Cleber Dias, UFMG
Edônio Alves Nascimento, UFPB
Euclides de Freitas Couto, UFSJ
Fabiana Lúcia Campos Baptista, Uni-BH
Fábio Franzini, UNIFESP
Flávio de Campos, USP
Francisco Ângelo Brinati, UFSJ
Francisco Pinheiro, Univ. de Coimbra, Portugal
José Carlos Marques, UNESP
José Geraldo Vinci de Moraes, USP
Leda Maria da Costa, UERJ
Leonardo Turchi Pacheco, UNIFAL-MG
Luis Maffei, UFF-RJ
Luiz Carlos Ribeiro, UFPR
Luiz Henrique de Toledo, UFSCar
Marcelino Rodrigues da Silva, UFMG
Marcel Vejmelka, Univ. de Mainz, Alemanha
Mauricio Murad, UERJ; Universo-RJ
Pablo Alabarces, UBA, Argentina
Pedro Henrique Trindade Kalil Auaud
Plínio Ferreira Guimarães, IFES
Rafael Fortes Soares, UFRJ
Rodrigo Caldeira Bagni Moura, UFRJ
Sérgio Settani Giglio, UNICAMP
Silvana Vilodre Goellner, UFRGS; UFPel

Silvio Ricardo da Silva, UFMG
Tatiana Pequeno, UFF
Victor Andrade de Melo, UFRJ
Wilberth Clayton Ferreira Salgueiro, UFES
Yvonne Hendrich, Univ. de Mainz, Alemanha

Rodrigo Koch
Simone Cecilia Fernandes
Soraya Barreto Januário
Stefanie Hesse Alves
Thalita Neves
Wagner Xavier de Camargo

PARECERISTAS AD HOC

Altair Bonini
Ana Laura Eckhardt de Lima
Arthur Almeida Passos
Bruno Otávio de Lacerda Abrahão
Daniel Leal
Eduardo de Oliveira Bueno Queiroz Fontes
Felipe Tavares Paes Lopes
Giovana Capucim e Silva
Glauco José Costa Souza
Irlan Simões
Jorge Knijnik
Júlia Barreira
Juliana Ribeiro Cabral
Kelen Katia Prates Silva
Márcio Matsuo
Mariana Zuaneti Martins
Mark Biram
Mateus Camargo Pereira
Paloma de Castro
Paula Korsakas
Paulo Roberto Barreto Caetano
Raphael Rajão Ribeiro
Roberta Pereira da Silva

**COORD. EDITORIAL, EDITOR DE SEÇÕES, EDITORAÇÃO ELETRÔNICA,
PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS E DIAGRAMAÇÃO**
Gustavo Cerqueira Guimarães

REVISÃO

Autores/as dos artigos

PROJETO GRÁFICO

PeDRa LeTRa

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA EM REDES SOCIAIS

Núcleo FULIA

IMAGEM (*Favicon* do portal)

Pablo Lobato (Brasil/MG)
Um a zero #2, 2012

IMAGEM DA CAPA

Guarda-redes Elsa Mavile e companheiras de Moçambique, fotografia, p/b, 2002.
Arquivo pessoal: Elsa Mavile.

APRESENTAÇÃO

Futebol e mulheres: memória, mídia e linguagem

Silvana Vilodre Goellner; Jorge Dorfman
Knijnik; Gustavo Cerqueira Guimarães | 3-8

DOSSIÊ

“O futebol feminino era uma das coisas que estava acontecendo”: as mobilizações do futebol de mulheres durante a transição democrática brasileira (1977-1983)

Fernanda Ribeiro Haag | 9-37

O futebol feminino nos museus nacionais do futebol do Brasil e da Inglaterra

Maria Cristina Mitidieri; Luisa Rocha | 38-60

Mulheres e narração de futebol: desafios de um ofício

Leonardo Turchi Pacheco | 61-81

O papel da mulher no rádio esportivo: um panorama da participação feminina nas jornadas de futebol em Porto Alegre

Carlos Guimarães; Caroline Patatt | 82-100

Elas por elas: a cobertura noticiosa do futebol de mulheres em podcasts brasileiros de 2018 a 2022

Rafaela Souza; Flaviane Eugênio; Ana Carolina Vimieiro | 101-129

A peste e o futebol de mulheres a mídia brasileira e a gestão do futebol durante a pandemia da covid-19

Ana E. de Lima; Raquel Quadrado; Jorge Knijnik | 130-154

Creative writers working on a women’s football project: an examination of the collaborative practices of differing communities on a project for the women’s game in Fiji, Samoa and Salomon Islands [em inglês]

A. Passos; A. Fiedler; J. Sauvage; K. Mackenzie; T. Whiley; Y. Kanemasu, K. Symons; L. McGowan | 155-184

PARALELAS

Práticas corporais, masculinidades e homoerotismo: diálogos entre educação física e arte contemporânea

Fabiano Devide | 185-211

TRADUÇÃO & EDIÇÃO

Práxis para a transformação social: o caso Meninas em Campo

Mark Biram; Maria Cristina de Azevedo Mitidieri (Tradutora) | 212-227

ENTREVISTA

A primeira brasileira a jogar no exterior: entrevista com Lúcia Feitosa

Silvana Goellner; Juliana Cabral | 228-241

POÉTICA

Profissões para mulheres & outros esportes feministas

Tatiana Pequeno | 242-244

Futebol e mulheres: memória, mídia e linguagem

A partir deste século, o futebol feminino vem ganhando cada vez mais destaque na sociedade e, conseqüentemente, na mídia, despertando interesse em pesquisas que exploram diferentes aspectos dessa relação nas diversas áreas acadêmicas. Muitos estudos analisam a presença do futebol feminino no jornalismo, investigando a cobertura e a visibilidade dadas a essa modalidade, além de examinar o impacto de suas representações na construção da memória coletiva. Outro aspecto relevante é a relação entre o futebol feminino e a preservação de sua história através de livros, exposições, acervos e conteúdos memorialísticos, mostrando o quanto esse esporte é diverso e plural.

Esta edição da revista **FuLiA/UFMG** é um convite para explorar as diferentes performances femininas nesse esporte, questionando estereótipos e ampliando nossa compreensão sobre o papel das mulheres nesse universo tão tradicionalmente masculino. Com o objetivo de expandir as pesquisas sobre o futebol, apresentamos o dossiê **Futebol e mulheres**, cuja iniciativa se deu a partir do Leitorado Guimarães Rosa, vinculado à Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, Moçambique, sob responsabilidade do pesquisador Gustavo Cerqueira, em parceria com os pesquisadores Silvana Goellner, atualmente professora visitante da Universidade Federal de Pelotas/RS, e Jorge Knijnik, que atua na Western Sydney University, na Austrália. Não poderíamos estar mais animados com o resultado da publicação que promoveu o encontro de pesquisadores de quatro continentes. Essa parceria internacional é um marco importante para a revista, compromissada em explorar novas fronteiras de pesquisa.

Dividido em dois números, esse conjunto conta com 14 artigos de 37 investigadores, sendo 29 mulheres e oito homens. Do ponto de vista da nacionalidade, são 27 do Brasil e dez do exterior, sendo sete da Austrália, um de Fiji, um de Portugal e um da Inglaterra. É interessante também apontar que dos 27 pesquisadores brasileiros, 20 deles estão concentrados no sudeste brasileiro: oito em Minas Gerais, sete em São Paulo, três no Espírito Santo e dois no Rio de Janeiro. Os outros sete estão no sul, todos do Rio Grande do Sul.

O primeiro deles, intitulado **Futebol e mulheres: memória, mídia e linguagem**, contém onze textos distribuídos em cinco seções. A seção **Dossiê** traz sete artigos que, a partir de diferentes recortes temáticos e metodológicos, se propuseram a examinar o futebol de mulheres considerando aspectos históricos e culturais, sobretudo através da representação na mídia, observando iniciativas que acontecem no campo de jogo e fora dele.

O artigo de abertura, “O futebol feminino era uma das coisas que estava acontecendo’: as mobilizações do futebol de mulheres durante a transição democrática brasileira (1977-1983)”, de Fernanda Haag, pesquisadora da USP, aborda as mobilizações pelo futebol feminino durante a transição democrática no Brasil, destacando sua importância para as lutas políticas e sociais da época. A pesquisa utiliza diversas fontes, incluindo jornais e depoimentos, e conclui que essas mobilizações foram fundamentais para a defesa da autonomia das mulheres.

Já, “O futebol feminino nos museus nacionais do futebol do Brasil e da Inglaterra”, de Maria Cristina Mitidieri e Luisa Rocha, pesquisadoras da Unirio/RJ, mostra a falta de representatividade do futebol feminino nos museus do Brasil e da Inglaterra, devido às diferenças de visibilidade e reconhecimento em relação ao futebol masculino. O artigo identifica marcos temporais e ações realizadas para incluir o futebol feminino nessas instituições.

Conclui-se que os museus têm abordado o tema considerando as vitórias e desafios do futebol feminino, equilibrando demandas e compromissos.

O pesquisador Leonardo Turchi Pacheco, da Universidade Federal de Alfenas/MG, com o artigo “Mulheres e narração de futebol: desafios de um ofício”, propõe analisar os obstáculos enfrentados pelas mulheres que desejam exercer a profissão de narradoras esportivas, em especial no contexto do futebol. Pretende também compreender as razões que tornam as cabines de transmissão de eventos esportivos um ambiente predominantemente masculino. Para tanto, foram conduzidas entrevistas com 48 jornalistas mulheres de quatro capitais brasileiras.

Por sua vez, o artigo “O papel da mulher no rádio esportivo: um panorama da participação feminina nas jornadas de futebol em Porto Alegre”, de Carlos Guimarães e Caroline Patatt, pesquisadores da área de Comunicação, em Porto Alegre e Covilhã, respectivamente, no Brasil e em Portugal, analisa o papel das mulheres nas rádios da capital do Rio Grande do Sul que cobrem futebol. A pesquisa usa entrevistas e observação para identificar as tarefas atribuídas às mulheres nessas emissoras. O objetivo é entender como as transformações na mídia e no futebol afetam a participação feminina nesse ambiente historicamente masculino. O estudo foca nas quatro principais rádios da cidade em 2023.

Ana Carolina Vimieiro, Rafaela de Souza e Flaviane Eugênio, pesquisadoras mineiras da área de Comunicação Social, contribuem com o texto “Elas por elas: a cobertura noticiosa do futebol de mulheres em *podcasts* brasileiros de 2018 a 2022”, que tem o objetivo de explorar experiências de comunicação alternativa sobre futebol de mulheres, produzidas por mulheres. A justificativa para essa investigação está relacionada às lacunas existentes nos estudos sobre esporte, ainda dominado pela mídia esportiva tradicional. O trabalho

realiza um mapeamento de 48 iniciativas de comunicação sobre futebol de mulheres conduzidas por mulheres, e depois se concentra em cinco dos nove podcasts identificados. Para tanto, são utilizadas estratégias metodológicas da análise de conteúdo, focando em categorias tradicionais do jornalismo, como temas, tipos de enquadramento, fontes, gênero das fontes e dos autores.

O artigo “A peste e o futebol de mulheres: a mídia brasileira e a gestão do futebol durante a pandemia da covid-19”, de Ana Eckhardt de Lima e Raquel Quadrado, pesquisadoras do Rio Grande do Sul da área de Educação, e Jorge Knijnik, pesquisador radicado na Austrália, examina os impactos sofridos pelo futebol feminino durante a suspensão dos campeonatos nacionais devido à pandemia da Covid-19 no Brasil. Utilizando o buscador do Google com o descritor "futebol feminino" e os filtros "notícias" e "data", os dados foram organizados em categorias temáticas. Observou-se que a paralisação afetou muitas equipes, levando a crises financeiras agravadas pela gestão amadora e falta de investimento da Confederação Brasileira de Futebol no futebol feminino. Na retomada das atividades, o futebol feminino foi novamente relegado ao segundo plano em relação ao masculino.

Para fechar o dossiê, “O trabalho de escritores em um projeto para o futebol feminino: examinando práticas colaborativas entre diferentes comunidades em um projeto para o esporte feminino em Fiji, Ilhas Salomão e Samoa”, apresentado por um conjunto de pesquisadores da Austrália, do Brasil e de Fiji – Arthur Passos, Amanda Fiedler, Juliette Sauvage, Kyle Mackenzie, Taryn Whiley, Yoko Kanemasu, Kasey Symons e Lee McGowan. O artigo expõe um panorama do futebol feminino naqueles países, examina as práticas e processos de uma comunidade de pesquisa de escrita criativa e descreve os

resultados e impactos do projeto, contribuindo para o campo das histórias sociais do futebol feminino na Oceania.

Na seção **Paralelas**, temos o artigo “Práticas corporais, masculinidades e homoerotismo: diálogos entre Educação Física e Arte Contemporânea”, de Fabiano Devede, pesquisador da área de Educação Física e Cultura, da Universidade Federal Fluminense. Esse estudo analisa a série de fotografia “Beach Triptychs”, de Alair Gomes, que aborda as relações entre práticas corporais e masculinidades. As fotografias apresentam referências à Arte Clássica, religião e homoerotismo, ampliando a visão sobre a corporeidade masculina nas praias do Rio de Janeiro. O artista registra corpos masculinos em ação, expressando tanto virilidade e força quanto desejo, intimidade e homoerotismo, desafiando a heteronormatividade.

A seção **Tradução & Edição** traz "Praxis para a transformação social: o caso Meninas em Campo", do pesquisador Mark Biram. Traduzido do inglês para o português por Maria Cristina Mitidieri, o artigo foca em um projeto social direcionado para jogadoras entre 9 e 17 anos sediado em São Paulo. Em suas análises, discute a importância da formação de base, sobretudo para meninas que têm poucas chances de participar de espaços oficiais do futebol, como clubes e agremiações esportivas.

Na seção **Entrevista**, compartilhamos a conversa de Lúcia Feitosa, "A primeira brasileira a jogar no exterior", com Silvana Goellner e Juliana Cabral, ex-capitã da seleção brasileira. Elas abordam detalhes da transferência da meia-atacante, em 1987, para o Trani, clube de futebol da Itália. Lucy Alves, como é conhecida por lá, teve uma carreira sólida e reconhecida, atuando em diversos clubes italianos até se aposentar aos 41 anos. Além disso, participou do Torneio Experimental da China, em 1988, pela seleção brasileira.

Por fim, a seção **Poética**, dedicada às múltiplas possibilidades das abordagens artísticas do futebol e do mundo dos esportes, traz o inédito poema "Profissões para mulheres & outros esportes feministas", da carioca Tatiana Pequeno. Em tempos de afirmação das futebolistas no mundo do trabalho, o título é sabiamente uma alusão à compilação de ensaios da modernista inglesa Virginia Woolf. Integrado neste dossiê, o poema, tão sensível às meninas da bola, consolida de uma vez por todas o lugar delas também neste jogo. Afinal, a mulher que, agora, corre pelo campo se faz "humana repentista jogadora", diz um dos versos.

Boa leitura! Expressamos francamente nossos anseios por mais pesquisas sobre o futebol feminino em todos os cantos do país e do mundo, assim como a proliferação de sua prática.

Porto Alegre, Sydney e Maputo, 02 de agosto de 2023.

Silvana Vilodre Goellner

Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Brasil
Universidade Federal de Pelotas/Brasil

Jorge Dorfman Knijnik

Western Sydney University/Austrália

Gustavo Cerqueira Guimarães

Universidade Eduardo Mondlane/Moçambique

**“O futebol feminino era uma das coisas que estava acontecendo”:
as mobilizações do futebol de mulheres durante
a transição democrática brasileira (1977-1983)**

"Female football was one of the things that was happening":
the struggles of women's football during the Brazilian
democratic transition (1977-1983)

Fernanda Ribeiro Haag

Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, Brasil
Doutoranda em História Social, USP
ferhaag@usp.br

RESUMO: O presente artigo tem como tema as mobilizações pela regulamentação do futebol de mulheres no Brasil. A intenção é compreender esse movimento como parte integrante da efervescência social e cultural e das lutas políticas ocorridas durante a transição democrática, com destaque para as pautas das mulheres e de grupos feministas. Partiu-se da perspectiva da História Social e de uma diversidade de fontes, incluindo jornais, revistas, depoimentos, leis e decretos. A imprensa como fonte histórica se destacou na pesquisa, por isso houve uma análise crítica para considerar a sua complexidade e desconstruir o mito da sua objetividade. Concluiu-se que as mobilizações em prol da regulamentação do futebol de mulheres foram importantes para a defesa da autonomia dos corpos das mulheres e um componente fundamental das lutas travadas durante o processo de distensão política da ditadura civil-militar.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol de mulheres; Redemocratização; Regulamentação esportiva.

ABSTRACT: This article addresses the mobilizations for the regulation of women's football in Brazil. The aim is to understand this movement as an integral part of the social and cultural effervescence and political struggles that occurred during the democratic transition, with a focus on women's issues and feminist groups. It started from a perspective of Social History and a diversity of sources, including newspapers, magazines, testimonies, laws and decrees. The press was highlighted as a historical source, therefore a critical analysis was made to consider its complexity and deconstruct the myth of its objectivity. It is concluded that mobilizations in favor of the regulation of women's football were important for the defense of women's bodily autonomy and a fundamental component of the struggles during the process of political opening of the civil-military dictatorship.

KEYWORDS: Women's football; Redemocratization; Sports regulation.

INTRODUÇÃO

Adalzira Saiz Kavitskim, ou Zi, foi a primeira mulher registrada como jogadora na Federação Paranaense de Futebol. Jogava pela equipe do Tupinambá Futebol Clube e sonhava em ser futebolista.¹ O registro ocorreu em maio de 1983, porém, para que Zi conseguisse esse feito foi necessária muita mobilização em prol da regulamentação do futebol de mulheres.² Como já debatido, a modalidade foi oficialmente proibida por quase quarenta décadas, atrasando o seu desenvolvimento.

As proibições foram descritas pelo Decreto 3.199 de 1941 do Estado Novo e pela Deliberação nº 7, de 1965, do Conselho Nacional de Desportos (CND) na ditadura civil-militar. O famigerado Decreto 3.199 generalizava a proibição: “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”.³ Já a Deliberação nº 7, de 1965 afirmava “não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, polo, rugby, halterofilismo e baseball”.⁴

Mas “o mar da história é agitado” e as mulheres não saíram dos gramados e quadras e seguiram lutando pela autonomia de seus corpos. Tais mobilizações não se deram no vácuo, integravam-se e ajudavam a construir o contexto em que estavam inseridas. Não foi diferente na distensão política vivida durante o final da ditadura civil-militar até a redemocratização. Assim, descortina-se o objetivo desse artigo: compreender as mobilizações pela regulamentação do futebol de mulheres como parte integrante da efervescência social e cultural e das lutas políticas ocorridas durante a transição democrática, com destaque para as pautas das mulheres e de grupos feministas.

¹ Mulher quer registro na FPF. *Diário da Tarde*, Curitiba, 12 maio 1983, p. 6.

² A opção por utilizar prioritariamente a expressão “futebol de mulheres” no lugar de “futebol feminino” se dá pela concordância com as reflexões de Kessler sobre os termos: “Ao contrário da expressão ‘futebol feminino’, quando falo em futebol de mulheres, pretendo destacar as riquezas deste futebol, que está ainda a fazer-se e a definir-se. Dessa forma, ao invés de olhar este futebol a partir da subserviência ao futebol de homens, pretendo ressaltar sua diversidade e afirmá-lo antropologicamente.” KESSLER, C. *Mais que Barbies e Ogras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos*, 2015.

³ BRASIL. Decreto-lei 3.199, 14 abr. 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país.

⁴ BRASIL. Deliberação CND nº 7/1965, 02 ago. 1965. Baixa instruções às Entidades Desportivas do país sobre a prática de desportos pelas mulheres apud SILVA. *Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)*, 2015, p. 37.

Para isso, mobilizou-se uma diversidade de fontes: jornais, revistas, charge, leis e decretos, documentos do acervo do Sistema de Informações do Arquivo Nacional e depoimentos. A bibliografia pertinente ao tema também foi de suma importância. No amálgama de documentos históricos e material bibliográfico pesquisados foi feita uma *seleção* dos eventos históricos pertinentes ao tema do artigo e que foram organizados em uma narrativa histórica.

Cabe um destaque sobre as fontes oriundas da imprensa, já que foram quantitativamente bem utilizadas. O que segue uma tradição dos estudos sobre esporte, pois através de periódicos historiadores podem se debruçar sobre seus temas e acessar o passado futebolístico nacional.⁵ Só é relevante pontuar que a mídia no caso do futebol de mulheres tem historicamente uma responsabilidade na sua invisibilização e/ou na construção de imagens pejorativas da modalidade. Além disso, ao trabalhar com a imprensa, não se deve ter um olhar reducionista, considerando-a apenas um registro de acontecimentos. É preciso empreender uma análise crítica que dê conta da complexidade de suas articulações e desconstrua o mito da sua objetividade.⁶

Os acervos dos periódicos foram acessados virtualmente, pois estão digitalizados. Os jornais *Diário da Tarde*, *Diário do Paraná* e o *Mulherio*, assim como a revista *Manchete* foram acessados através da Hemeroteca da Biblioteca Nacional. A revista *Placar* está com todas as suas edições no Google Livros e visualizou-se através desse local. Os diários *Folha de São Paulo* e *Estado de São Paulo* foram visualizados através dos sites próprios. Para a busca utilizaram-se palavras-chave, no início *futebol feminino*, mas buscando expandir o vocabulário também foram utilizadas variantes: futebol de mulheres, futebol de moças, futebol de garotas, time(s) de mulheres, jogo(s) feminino(s). Tudo isso considerando o recorte temporal estabelecido para a pesquisa (1977 a 1983).

O artigo é composto por três partes: 1) contextualização das lutas sociais durante a transição democrática e as mobilizações realizadas no âmbito do futebol de mulheres e como isso se articula; 2) o papel da imprensa feminista e de mulheres envolvidas na política em prol da regulamentação; 3) a publicação da Delibera-

⁵ HOLLANDA; MELO. *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*, p. 15.

⁶ CRUZ; PEIXOTO. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa, p. 260.

ção nº 01/83 do CND que finalmente regulamenta a modalidade e uma breve análise do texto; por último, seguem as considerações finais.

AS MOBILIZAÇÕES EM PROL DA REGULAMENTAÇÃO DO FUTEBOL DE MULHERES

O contexto do futebol de mulheres trabalhado aqui se localiza temporalmente no processo de transição da ditadura civil-militar para um regime de democracia liberal no Brasil. Silva determina como marco inicial, do processo denominado de abertura, o ano de 1974, a partir da vitória eleitoral do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e a resposta dos militares com o *projeto Geisel-Golbery*, com objetivo de organizar a constitucionalização (não necessariamente uma redemocratização) do país, realizando uma *distensão lenta, gradual e segura*.⁷

Essa primeira etapa da transição se estenderia até 1982 e teve um maior controle do poder militar. A partir de 1982 até o efetivo fim da ditadura, o domínio decaiu e outros atores conseguem uma margem de atuação política muito maior: o movimento estudantil; o novo sindicalismo; associações de bairros; instituições como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).⁸ O MDB atuava como oposição dentro da esfera política institucional e ainda havia uma pressão com a mudança na política externa estadunidense na presidência de Jimmy Carter.

Fontes complementa esse raciocínio ao classificar os anos 1980 não como uma década perdida,⁹ mas fundamental para a compreensão da atual sociedade civil brasileira, pois foi um contexto de ebulição da luta de classes. A historiadora destaca a emergência de movimentos sociais de forte cunho contra hegemônico e anticapitalista, como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST); outras formas associativas, como grêmios, organizações eclesiais etc.; Organizações Não Governamentais (ONGs), com crescimento elevado nesse contexto; e os partidos, destacando-se o Partido dos Trabalhadores (PT). É no bojo da disputa entre diferentes proje-

⁷ SILVA. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985, 2019.

⁸ FERREIRA. O presidente acidental: José Sarney e a transição democrática, p. 31-2.

⁹ FONTES. *O Brasil e o capital-imperialismo*.

tos sociais que alguns temas se popularizam na sociedade brasileira de maneira ampla, como *igualdade*, reformas sociais, dependência e dívida externa etc.

Durante a transição democrática há duas lutas sociais que merecem destaque: 1) as Diretas-Já; 2) pela Anistia. A primeira ocorreu em 1983 e 1984, após o deputado Dante de Oliveira apresentar uma emenda constitucional propondo a restituição das eleições diretas para presidente da República. Começou com pequenos comícios que cresceram muito e levaram multidões às ruas. Entretanto, a emenda foi vencida na votação e foi uma vitória para o projeto de transição controlada dos militares.¹⁰ A segunda foi a campanha pela Anistia iniciada em meados dos anos 1970 e se difere bruscamente da Lei da Anistia de 1979. Em 1975, o Movimento Feminino pela Anistia foi criado e contava, sobretudo, com mães e esposas de presos políticos e “desaparecidos”. A campanha cresceu e ganhou fôlego com a criação de comitês pela Anistia ao redor do Brasil. Contudo, foi frustrada pela aprovação da Lei da Anistia, que perdoava também os chamados crimes “conexos”, possibilitando o perdão aos torturadores e aos militares envolvidos com a repressão.¹¹

Apesar da frustração e das graves consequências da Lei da Anistia (vivenciadas até os dias atuais) há de se ressaltar um elemento dessa luta: a intensa mobilização das mulheres. Foram elas as responsáveis por criar o primeiro movimento e se mantiveram ativas na campanha. Não é à toa. Os anos 1970 e 1980 testemunharam uma forte articulação política das mulheres e dos feminismos. Existiam pautas sobre as relações familiares, sexualidade e a constituição de novas subjetividades e no início dos anos 1970, em centros urbanos, a prática de “grupos de consciência” se consolidou no Brasil. Esses grupos foram a base para o movimento da Libertação da Mulher. As reflexões partiam das vivências das mulheres e o famigerado mote “o pessoal é político”, tão caro ao que se convencionou chamar de Segunda Onda do Feminismo, era central.¹²

Na luta das mulheres o ano de 1975 é deveras significativo. Em termos globais, a Organização das Nações Unidas (ONU) definiu-o como o Ano Internacional da Mulher. No Brasil se realizou o evento “O papel e o comportamento da mulher

¹⁰ FICO. *História do Brasil contemporâneo: da morte de Vargas aos dias atuais*, 2015, p. 103-4.

¹¹ FICO. *História do Brasil contemporâneo*, p. 98-9.

¹² PEDRO. *Mulheres*, p. 170.

na realidade brasileira”, com patrocínio da ONU. Fundou-se o Centro da Mulher Brasileira, no Rio de Janeiro, servindo de modelo para o surgimento de outros centros pelo país. A imprensa de mulheres ou feminista passou a se articular. De 1975 a 1980, foi publicado o periódico *Brasil Mulher*. Em anos seguintes, outras publicações surgiram: o *Nós Mulheres* (de 1976 a 1978) e o *Mulherio* (1981 a 1988). Eram exemplos de engajamento e demonstravam subversão a uma ordem hegemonicamente machista.¹³

Portanto, muitas campanhas, durante as décadas de 1970 e 1980, eram mobilizadas por grupos de mulheres¹⁴ e/ou grupos que se intitulavam feministas e estavam no debate público. Contudo, não é possível afirmar que a maioria das mulheres se reivindicava feminista, o termo ainda passava por uma desqualificação. Mas todas as mulheres acompanhavam, seja através dos meios de comunicação, da política ou das expressões culturais e artísticas, as demandas organizadas pelos distintos¹⁵ feminismos.¹⁶

O futebol de mulheres faz parte da efervescência social brasileira durante a transição democrática, de toda essa mobilização política e cultural e do engajamento de mulheres e de grupos feministas em torno de suas demandas. A participação do futebol de mulheres nesse contexto possui pauta própria: a regulamentação da modalidade. Almeida utiliza a expressão “Anistia ao Futebol Feminino” para caracterizar a luta pela regulamentação.¹⁷ As futebolistas buscavam uma anistia ampla, geral e irrestrita e na interpretação irônica de Almeida o fato punível (para que se precisasse pedir perdão/anistia) do futebol de mulheres seria, seguindo a lógica das proibições, ter ido contra a própria natureza do corpo de mulher. Na realidade, essa pauta se colocava contra a restrição à autonomia das mulheres sobre seus corpos. Além disso, o termo Anistia se conectava diretamente com as lutas empre-

¹³ PEDRO. *Mulheres*, p. 171.

¹⁴ Os movimentos de mulheres não podem ser totalmente dissociados dos movimentos feministas, mas é fundamental reter qualquer forma de sua especificidade. São movimentos organizados a partir da própria condição dessas mulheres, como de dona-de-casa, esposa, mãe. Como exemplos temos os coletivos contra a carestia e os clubes de mães.

¹⁵ É importante enfatizar que o movimento feminista neste contexto não era homogêneo, mas construído por vertentes distintas. Pode-se falar de feminismos. Sobre esse tema conferir: PINTO, C. *Uma história do feminismo no Brasil*.

¹⁶ PEDRO. *Mulheres*, p. 172.

¹⁷ ALMEIDA. *Do sonho ao possível: projeto e campo de possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras*, p. 103-4.

endidas no Brasil e demonstrava a relação com as discussões feministas e de grupos de mulheres daquele contexto.

Isso quer dizer que todas as mulheres envolvidas na demanda pela regulamentação, jogadoras ou não, consideravam-se feministas? Com certeza, não. Esses possíveis entrelaçamentos eram mais complexos. Silva traz a fala de Neneca, do time do Corinthians do Parque, em entrevista para *A Gazeta Esportiva*, em 1982, que deixa explícito esse afastamento. O jornal perguntou se ela era feminista e a resposta foi: “Não. Sou contrária a movimentos feministas. Adoro sair com o meu namorado, faço questão que ele abra a porta do carro, fico feliz quando ele acende meu cigarro. Sou romântica, aprecio ver a lua. Mas adoro o futebol”.¹⁸

Dona Guiomar, jogadora do Atlântico Futebol Clube, time amador de Curitiba, distanciava-se, de maneira ambígua, dos feminismos. A sua equipe anunciava no *Diário do Paraná*, que procurava adversárias para amistosos. As mulheres da Escola de Educação Física ensaiaram topar o desafio, contudo, desistiram, segundo o jornal, por “ciuminho” dos namorados. A resposta de Guiomar foi: “Afinal, porque falam tanto por aqui nessas estórias de movimentos feministas, se nem se libertar para um joguinho de mulheres sabem”.¹⁹ Ela trata o movimento feminista como algo distante, outras falando disso, mas não ela. Contudo, ao insinuar a contradição das universitárias, supostamente ligadas a essas pautas, mas que estavam abdicando de uma atividade para atender ao desejo dos homens, Guiomar também acaba endossando ao menos uma ideia de autonomia defendida pelas feministas. Sua companheira de time, Ziza, é mais enfática:

Se houver em Curitiba algum grupo de mulheres, realmente dispostas a aceitar este convite, entrem em contato com DP nos Bairros, do *Diário do Paraná*. Nós faremos uma partida de nível para mostrar que este tipo de esporte não é coisa só para homens. Sejam corajosas. Desliguem-se dos ciuinhos de maridos, noivos e namorados e procurem a gente. Estamos prontas para isto.²⁰

Ao falar claramente que o futebol não é uma prática somente dos homens, Ziza reivindica às mulheres no esporte a condição de sujeitos e mobiliza transfor-

¹⁸ Mulher: o amor em campo. *A Gazeta Esportiva* apud SILVA. *Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista*, p. 86.

¹⁹ O desafio feminino está sem resposta. Vila Tapajós. *Diário do Paraná*. Curitiba, 02 jul. 1975, p. 5.

²⁰ O desafio feminino está sem resposta. Vila Tapajós. *Diário do Paraná*. Curitiba, 02 jul. 1975, p. 5.

mações nas relações de gênero do campo esportivo. Portanto, ainda que muitas das mulheres envolvidas com o futebol não se identifiquem como feministas, ou também reproduzam normas de gênero em algum grau, ao entrarem em campo e reclamarem seu espaço ali já subvertem a ordem patriarcal estabelecida e demandam controle e autonomia sobre os seus corpos, estabelecendo práticas feministas.

Como falado, o futebol de mulheres durante a transição democrática e ao longo dos anos 1980 se conectava diretamente à efervescência social brasileira. Dessa forma, estava presente em grupos organizados da sociedade civil e, concomitante, também se organizava coletivamente em defesa da regulamentação e depois da valorização da modalidade. Alguns eventos podem elucidar tal processo. No Dia do Trabalhador de 1977, a Associação Esportiva Cotrasa, constituída pelos trabalhadores/as do comércio de Curitiba, organizou um torneio de futebol de salão em homenagem à efeméride. As equipes eram formadas por funcionárias da empresa Cotrasa, ligada à indústria automobilística.²¹ Por mais que tais jogos ocorressem em um ambiente festivo, não ligado diretamente a competições é relevante que mulheres estivessem ocupando esses campos.

Os dois próximos casos ocorreram no Rio de Janeiro. Na Zona Norte da capital fluminense, em 1978, surgiu o jornal *Hora Extra* com a intenção de “dar cobertura aos nossos bairros em suas necessidades”.²² Havia uma preocupação em relatar as mais distintas experiências dos bairros, desde os problemas até as vivências culturais, passando pela divulgação de emprego e das atuações sindicais e de diferentes categorias profissionais. Era um jornal popular, comunitário e voltado para a classe trabalhadora da Zona Norte carioca.

Havia a página específica sobre esporte, com a coluna *Futebol nos Subúrbios*. A intenção era promover o esporte no subúrbio, divulgando torneios, times etc. Na edição número 6 do jornal, de outubro de 1978, foi noticiada a III Olimpíada do Conjunto Habitacional do Itararé, localizado na Estrada do Itararé. Os organizadores afirmavam que a olimpíada era uma forma de unir os moradores e uma maneira da comunidade expressar a necessidade de uma área de lazer e um espaço físico

²¹ Futebol Feminino na Cotrasa. *Diário da Tarde*, Curitiba, 30 abr. 1977, p. 2.

²² Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. Dossiê Movimento Operário, mar. 1978. Fundo: Política Operária. (Sistema de Informações do Arquivo Nacional).

maior para viverem. O futebol de mulheres se fez presente no evento e teve destaque, pois o jogo de abertura da olímpiada foi justamente uma partida entre os times As Panteras e Feito na Hora. O jogo ocorreu às 12h do dia 7 de outubro e o Feito na Hora venceu a disputa.

A segunda aparição do futebol de mulheres ocorreu na décima edição do Hora Extra, em março de 1979, ao falar do Grêmio Recreativo e Bloco Carnavalesco Dragão de Camará, composto, em sua maioria, por moradores do Conjunto Residencial Santa Cruz. A quadra do bloco tinha uma importância comunitária, abrigava vários outros eventos, como Assembleias de Moradores do Conjunto Santa Cruz. Além disso, o vice-presidente da agremiação, Édio Ramalho da Silva, informou ao jornal que fora da época do carnaval várias outras atividades eram desenvolvidas, partidas de futebol era uma delas, o que valia para “homens e moças”.²³ Ou seja, mulheres participavam da comunidade do bloco e jogavam futebol.

Em Pernambuco, realizou-se em 1980 o I Congresso Estadual de Futebol Feminino, com mais de vinte equipes participantes de futebol de campo ou salão. O encontro, de acordo com o *Diário da Tarde*, contou com o patrocínio do Banco do Desenvolvimento do Estado de Pernambuco (BANDEPE), foi organizado por Maria do Carmo Nóbrega, a Carminha, e Ivani Barbosa do time Coisinha do Pai e objetivava:

Conseguir a igualdade junto ao futebol masculino e todos os desportistas, de onde esperam muito respeito e compreensão, são outros firmes propósitos de Coisinha do Pai, Divinas e Maravilhosas, Realce, Timbuzetes, Garotas do Parque, apenas algumas das agremiações que pretendem discutir, também, a formação de uma futura seleção pernambucana de futebol feminino.²⁴

O *Estado de São Paulo* complementa informando que o congresso visava nas palavras de Carminha “solidificar o futebol feminino e acabar com a mania de nós, mulheres, sermos vistas apenas como objeto visual no esporte de campo”²⁵ e a intenção era contar com palestras de médicos, sociólogos, preparadores físicos, advogados e treinadores; esboçar e planejar a criação de uma liga ou federação feminina e o primeiro Campeonato do Grande Recife, com apoio até da CBF; elaborar

²³ Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. Dossiê Movimento Operário, out. 1978. Fundo: Política Operária. (Sistema de Informações do Arquivo Nacional).

²⁴ O futebol para as mulheres e a classe amadora. *Diário da Tarde*, Curitiba, 29 dez. 1980, p. 7.

²⁵ No Recife, luta do futebol feminino. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 14 set. 1980, p. 50.

um documento endereçado ao CND reivindicando a regulamentação do futebol de mulheres. Contudo, o Congresso não teve o alcance almejado, o público foi muito menor do que o esperado. Mas na visão de Carminha, o saldo final ainda foi positivo, pois houve a escrita do documento e o conhecimento de saber com quem poderia contar nessa empreitada.²⁶

O Congresso demonstra uma articulação política de atletas contra a desigualdade de gênero e em prol da regulamentação. Também descentraliza o olhar do eixo Rio-São Paulo permitindo destacar o circuito do futebol de mulheres em outras regiões. De acordo com o *Estado de São Paulo*, a prática futebolística assumiu naquele contexto uma importância grande em Recife e cidades vizinhas, mobilizando, sobretudo, a juventude. Os principais times eram o Coisinha do Pai, que treinava na Base Aérea do Recife (em plena ditadura civil-militar), e o Coração de Leão, ligado ao Sport Club do Recife, mas é importante citar também: Nápoles, Água Viva, Garotas do Parque, Palmares, Patotinha, Panteras, Escolinha, Vasco, Juventus do Cabo, João Pessoa, Divinas e Maravilhosas, Realce, Timbuzetes. Enfrentavam-se nos mais distintos espaços, como campos de praia e até mesmo na Ilha do Retiro, estádio do Sport,²⁷ contrariando firmemente a proibição que tinha uma preocupação com o uso de estádios profissionais por times de mulheres.

Há histórias interessantes sobre o amadorismo e o semiprofissionalismo das equipes. O Água Viva dava uma ajuda de custo às suas atletas de Cr\$100,00 semanais,²⁸ atletas mais pobres do Coisinha do Pai também recebiam esse valor e alguns outros times davam prêmios em vitórias e empates. O Coração de Leão fez uma negociação para que Jacy, ponta-esquerda do Juventus do Cabo, fizesse parte do seu plantel. Ofereceu um cargo na secretaria do Sport, como auxiliar de escritório, para ganhar um salário mínimo. Nas palavras dela: “Aceitei o convite do Sport porque ganhei um emprego e maior segurança. Se fosse homem seria jogador de futebol. Infelizmente, nesse caso, sou mulher”.²⁹ A fala escancara a barreira de acesso de gênero existente para o exercício de uma profissão. Assim, as mulheres

²⁶ Fracassa o congresso das mulheres. O *Estado de São Paulo*, São Paulo, 18 dez. 1980, p. 28.

²⁷ No Recife, luta do futebol feminino. O *Estado de São Paulo*, São Paulo, 14 set. 1980, p. 50.

²⁸ Daria aproximadamente Cr\$400,00 mensais, o salário mínimo em 1980, de acordo com o Decreto nº 84674 era de Cr\$3436,80, em Recife. Ou seja, a ajuda de custo era quase 10 vezes menor que o salário mínimo.

²⁹ No Recife, luta do futebol feminino. O *Estado de São Paulo*, São Paulo, 14 set. 1980, p. 50.

precisavam lutar pela regulamentação da modalidade e que essa regulamentação garantisse também o acesso e a criação de um mercado de trabalho, através da adoção do profissionalismo.

Em 1981 o ditador João Figueiredo recebeu em sua correspondência institucional o Relatório Geral de Atividades da Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior em Nova Hamburgo (FEEVALE) referente ao ano de 1980. No relatório constam as ações de extensão realizadas pela Escola de Educação Física. Entre elas se destaca o evento de futebol feminino, organizado pelo professor Benno Becker Júnior: o II Festival de Futebol Feminino, aberto para equipes organizadas da comunidade em geral. Segundo o relatório, o festival atraiu inúmeras pessoas e chamou a atenção da imprensa. As revistas *Veja*, *Placar* e *Fatos e Fotos*; os jornais *Jornal do Brasil*, *Zero Hora*, *Folha da Tarde*; e as televisões Gaúcha e Difusora noticiaram o evento.³⁰

O futebol de mulheres não aparecia somente nos segmentos institucionais das universidades, também marcava presença nas atividades do movimento estudantil, como aconteceu em Viçosa. Em 1981, o reitor da UFV enviou um informe confidencial para a Divisão de Serviço e Informação do Ministério da Educação relatando a atuação do DCE da universidade e denunciando a publicação do jornal *A Gazeta Universitária*, no qual se criticava abertamente a administração da universidade e a ditadura. No periódico dos estudantes também havia a coluna “Como vai a Diretoria?”, em que a gestão fazia um breve balanço das ações realizadas. Entre elas havia um jogo de futebol: “outra atividade proposta para o mesmo dia (15/11) foi o sensacional futebol feminino, um verdadeiro show de pernas e tornozelos para brindar o fechamento das aulas com os times BACANA F.C X ME APERTA E.C. (Bom(as) não?)”.³¹

O estado de Minas Gerais foi importante para pressionar pela regulamentação da modalidade. O *Diário da Tarde* noticiou, em 1981, as ações das torcidas organizadas de Cruzeiro e Atlético para a realização de um jogo entre as suas integrantes no estádio do Mineirão. Foi enviado um *telex* ao General Cesar Montagna, presidente

³⁰ Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. Correspondência particular recebida – Governo Figueiredo. 25 maio 1981. Fundo: Gabinete Pessoal do Presidente da República. (Sistema de Informações do Arquivo Nacional).

³¹ Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. Divisão de Segurança e Informações. 24 nov. 1981. Fundo: Divisão de Inteligência do Departamento de Polícia Federal. (Sistema de Informações do Arquivo Nacional).

do CND, solicitando a autorização para realizarem uma preliminar do clássico mineiro. Argumentaram que já são realizadas partidas clandestinas no estado e que tal programação seria mais uma atração. Ademais, reclamam a regulamentação do futebol de mulheres. Para isso realizaram no Centro de Defesa da Mulher uma reunião para planejar uma manifestação pedindo apoio em torno dessa pauta.³²

O *Diário da Tarde* não noticiou se a manifestação efetivamente ocorreu e o desfecho sobre a solicitação para realizar a preliminar. Contudo, a revista *Manchete* informou que a autorização não foi dada e 14 times de Belo Horizonte fizeram um abaixo-assinado de protesto contra a proibição do jogo. Além disso, traz informações sobre o circuito de futebol de mulheres da região:

As mineiras querem se profissionalizar. São estudantes, domésticas, professoras e secretárias, que nos fins de semana vestem a camisa de um clube amador e jogam nos campos improvisados da periferia de Belo Horizonte. Só na capital são mais de 3 mil moças, entre 15 e 34 anos, que optaram pelo futebol por uma questão de gosto.³³

Não são especificadas as fontes desses números, entretanto, considerando as duas reportagens e as ações realizadas pode-se afirmar que o futebol de mulheres em Minas Gerais era uma realidade e lutava pela sua consolidação. A *Manchete* ainda afirma que os times mais envolvidos na luta pela “legalização do esporte” eram: Camisa 12, Racing Futebol Clube, CSF, Onze Corações, Bandeirantes e Panterloco. O Camisa 12 chegou a fazer um amistoso com o Esporte Clube Radar, do Rio de Janeiro. Sônia, do Camisa 12, demonstrou confiança na regulamentação naquele contexto: “temos mais força e apoio”.³⁴

Com relação à formação do circuito do futebol de mulheres em Minas Gerais, Ribeiro aponta a importância da várzea nesse processo e da proliferação de ideias de emancipação feminina. Há o crescimento da participação das mulheres nos times de várzea, como dirigentes ou torcedoras e também há a criação de equipes femininas. Destaca-se o Panterloco, formado da união dos times Panteras e Locomotiva, ainda nos anos 1970 e composto majoritariamente por atletas jovens e negras, oriundas do bairro Concórdia, de tradição operária e popular. Havia ou-

³² Legalização no setor feminino. *Diário da Tarde*, Curitiba, 30 set. 1981, p. 7.

³³ Mulheres no futebol: de olho na Copa. Revista *Manchete*, Rio de Janeiro 15 dez. 1982, p. 138.

³⁴ Mulheres no futebol: de olho na Copa. Revista *Manchete*, Rio de Janeiro 15 dez. 1982, p. 138.

tras também: a Ferroviária surgiu de torcedoras do time de homens; o Camisa 12, ligado às torcedoras do Cruzeiro; o Vila Olímpica do Atlético, associado ao clube de lazer do Atlético-MG.³⁵

O time do Camisa 12 além de excursionar no interior do estado e participar de festivais, campeonatos e amistosos para manter um calendário contínuo, em 1983, finalmente conseguiu realizar uma preliminar no estádio do Mineirão, antes de Cruzeiro e Guarani, tornando-se o primeiro time de mulheres a jogar naquele gramado. A partida aconteceu uma semana antes da regulamentação do futebol de mulheres ser efetivada e é um marco relevante na luta pela regulamentação. Ademais, foi campeão invicto da Taça Torneio do Povo, promovido pela prefeitura de Belo Horizonte e a Belatour, com a participação de 49 equipes.³⁶ Ressalta-se aqui a realização de um campeonato com quase 50 times de mulheres em Belo Horizonte.

O 1º Festival Mulheres nas Artes, de 1982, realizado em São Paulo, foi um marco na efervescência que vivia o futebol de mulheres nos anos 1980. A atriz Ruth Escobar organizou e investiu financeiramente na realização do evento que teve apresentações de teatro, música, fotografia etc. A divulgação do festival foi feita por coletivos feministas e contou até com peças publicitárias publicadas pela Editora Abril. O fechamento da programação era um jogo de futebol entre as seleções femininas de São Paulo e Rio de Janeiro no estádio do Morumbi, como preliminar de um Corinthians e São Paulo.³⁷

A CBF amparada na brecha deixada pela Deliberação nº 10/79 quis proibir a partida, com o argumento de que a ausência de regulamentação do futebol feminino não permitia a realização de jogos em estádios oficiais e/ou de times profissionais. Houve uma repercussão e Ruth Escobar, junto com jogadoras como Rose do Rio, e jogadores como Sócrates e Casagrande, foram pressionar para que o prélio ocorresse. A organização do evento impetrou um mandado de segurança argumentando que seria uma atração de promoção do futebol feminino, junto com isso e a ameaça de que 5 mil feministas entrariam no Morumbi, impossibilitando o clássico

³⁵ RIBEIRO. *A várzea e a metrópole: futebol amador, transformação urbana e política local em Belo Horizonte (1947-1989)*, p. 168-73.

³⁶ RIBEIRO. *A várzea e a metrópole*, p. 168-73.

³⁷ SILVA. *Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista*, p. 95.

dos homens, a partida foi liberada.³⁸ Helena Pacheco, uma das jogadoras da Seleção Carioca, comenta sobre aquele dia:

Nós íamos jogar dois tempos de 35 minutos, mas como havia a proibição, a confusão aconteceu ficando 20 minutos de primeiro tempo e 20 minutos de segundo tempo. Assim, não era caracterizado como um jogo de futebol, mas como uma demonstração. A TV Globo fez a cobertura e foi a primeira vez que dois times iam entrar em um templo, no caso o Morumbi. Foi muito marcante para mim, ganhamos de 4x0 e eu fiz dois gols.³⁹

O relato demonstra a grande visibilidade que o evento proporcionou para a modalidade e os artifícios que precisaram ser mobilizados, como a alegação de que seria apenas uma demonstração e não um jogo competitivo. Assim, com toda a pressão e mobilização houve futebol de mulheres no Morumbi. Mas não sem consequências. Dias depois a CBF enviou uma circular às Federações Estaduais enfatizando que partidas de mulheres não poderiam ser realizadas em estádios oficiais. O São Paulo, como era o mandante do clássico, foi obrigado a pagar uma multa de 16 salários mínimos.⁴⁰

Rose do Rio (Roseli Filardo) foi personagem importante para a realização do jogo no Morumbi e para a modalidade como um todo. É uma das pioneiras do futebol de mulheres no Brasil e um dos nomes mais emblemáticos quando nos referimos à luta pela regulamentação. Curitibana de nascimento, além de jogadora, também tinha formação em Direito e Artes Dramáticas. A perspectiva jurídica sempre aparecia em sua argumentação contra a proibição vigente, considerada por ela, inconstitucional. Jogou futebol de praia no Rio de Janeiro nas equipes do American Denim, Acisul, Radar e Beija-Flor e também atuou em equipes do futebol de campo de São Paulo. Rose possuía uma atuação política bastante participativa. Em entrevista foi bem clara sobre a relação do futebol de mulheres com o Brasil da transição democrática: “Era a época que nós estávamos lutando para que a gente tivesse voto para presidente. Então, tudo isso estava acontecendo. E o futebol feminino era uma das coisas que estava acontecendo”.⁴¹

³⁸ ALMEIDA. “Boas de bola”: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980, p. 55-6.

³⁹ GOELLNER; CABRAL. *As pioneiras do futebol pedem passagem*, p. 190.

⁴⁰ SILVA. *Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista*, p. 100.

⁴¹ SORYS. Rose do Rio, técnica de futebol, parte 1. Canal Sorys Gabriela, 04 set. 2011.

Ademais, foi fundadora e presidenta da Associação de Futebol Feminino do Rio de Janeiro. Em 1988, participou do congresso de fundação da Confederação das Mulheres do Brasil (CMB), realizado no Anhembi em São Paulo, entre os dias 1 e 3 de julho. O Congresso teve uma ampla mobilização de movimentos sociais, partidos e coletivos organizados. Em pauta inúmeros temas da realidade das mulheres brasileiras: educação, igualdade, saúde, programas sociais, trabalho, negritude, cultura, sexualidade etc. Rose consta na ata do congresso de fundação como “Presidente da Federação de Futebol Feminino/RJ”.⁴² Além disso, desenvolveu a primeira “escolinha” de futebol feminino de São Paulo, junto à Secretaria de Esportes e foi a primeira mulher registrada na Associação Brasileira dos Treinadores de Futebol.

IMPrensa FEMINISTA E POLÍTICA

A imprensa feminista cresceu e ocupou um espaço de relevância no Brasil durante os anos 1970 e 1980. De acordo com Freitas, essa imprensa se destacava como uma força significativa na construção de uma sociedade justa e igualitária e tornava pública questões até então consideradas do âmbito privado. Assim, temas como divisão sexual do trabalho, o cuidado, participação política de mulheres, violência de gênero etc. adentraram mais fortemente no debate público. Lembrando que a imprensa feminista não é homogênea, os jornais publicados representam diferentes interpretações feministas, isto é, são um pedaço das expressões daquele momento.⁴³

Vários periódicos surgiram, um deles foi o *Mulherio*. Concebido inicialmente por um grupo de pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas, de São Paulo, interessadas no estudo da condição feminina no Brasil. Foi publicado de março de 1981 até julho de 1988. Passou por três fases: 1) de março de 1981 a setembro de 1983, com 15 números publicados; 2) de 1984 a 1988, há a saída da publicação da Fundação Carlos Chagas e foram divulgados 24 números; 3) em 1988 passou a se chamar Nexo, Feminismo, Informação e Cultura, com uma abordagem mais cultural e

⁴² Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. Congresso de Fundação da Confederação das Mulheres do Brasil (CMB). 12 ago. 1988. Fundo: Serviço Nacional de Informações. (Sistema de Informações do Arquivo Nacional).

⁴³ FREITAS. *Feminismos na imprensa alternativa brasileira: quatro décadas de lutas por direitos*, 2018.

diminuição considerável das pautas políticas e também ficou sem o subsídio da Fundação Ford, dificultando a continuidade do periódico.⁴⁴

Ainda que o esporte não fosse a pauta central do jornal, encontramos algumas menções. A primeira em 1982, justamente comentando sobre as consequências do jogo do Festival Mulheres nas Artes. Uma nota intitulada “Fora de campo” criticava ironicamente a situação logo no começo do texto: “Em lugar de homem, mulher não entra”. Depois informava que a CBF enviou comunicado às federações estaduais proibindo de cederem campos oficiais para partidas de mulheres. Em seguida abordava o protesto das mulheres com relação à proibição e a existência de times femininos, citando o Beija-Flor, de Rose do Rio. Finalizava com a afirmação “Mulher e futebol são coisas que já começam a aparecer juntas”, contrapondo a ironia inicial.⁴⁵

A segunda aparição foi em 1984, a reportagem “De Atenas a Los Angeles” ocupa duas (das vinte e três) páginas do jornal, assinada por Adélia Borges e traça um panorama da participação das mulheres, sobretudo, das brasileiras nos Jogos Olímpicos. Faz uma crítica firme à marginalização delas no esporte, desde o início das Olimpíadas, questiona discursos tradicionais usados para legitimar a exclusão, como os argumentos médicos de corpos mais frágeis, mas pinta um cenário positivo para o presente e, sobretudo, para o futuro. Traz a história de algumas atletas de sucesso, Hortência do basquete, Isabel do vôlei e Conceição do atletismo. Há um espaço reservado para falar do futebol também:

No futebol, as mudanças são sensíveis. Até o ano passado, o Conselho Nacional de Desportos *proibia* a prática do futebol feminino, sob a alegação do ex-presidente Giulite Coutinho de que a “mulher é muito frágil para um esporte tão violento”. Nos anos 70, a polícia carioca chegou a ameaçar de interdição os clubes onde se praticasse futebol feminino. Mesmo assim, a prática foi se difundindo rapidamente, das “peladas” da praia e do subúrbio até os grandes clubes. [grifo do autor].⁴⁶

O trecho recorda a proibição para destacar que houve um desenvolvimento e mudanças após a regulamentação. Relembra também a importância dos times

⁴⁴ FREITAS. O jornal *Mulherio* e sua agenda feminista: primeiras reflexões à luz da teoria política feminista, 2014, p. 149-66.

⁴⁵ Fora de campo. *Mulherio*. São Paulo, 1982, p. 23.

⁴⁶ BORGES. De Atenas a Los Angeles. *Mulherio*, 1984, p. 14-5.

amadores da praia e o subúrbio para a modalidade. Logo em seguida traça um breve panorama do futebol de mulheres naquele contexto: “hoje existem cerca de 3000 times espalhados pelo país, e 1615 jogadoras registradas só na Federação de Futebol do Rio de Janeiro”. Não se sabe as fontes dos dados, contudo, registra-se o anseio por demonstrar a existência da prática futebolística das mulheres.⁴⁷

Adélia Borges destaca ainda o Esporte Clube Radar, sua viagem vitoriosa para a Espanha, a conquista do bicampeonato da Taça Brasil de Futebol Feminino e alega que as jogadoras ganhavam “60 mil cruzeiros por mês”. Não se sabe ao certo a fonte desse valor – Borges diz ao final da reportagem que as informações em geral foram cedidas pela *Placar*, Globo Repórter e a repórter Regina Echeverria – e se ele era válido para todas as jogadoras, mas apenas para grau comparativo, de acordo com o Decreto nº 89.589, de 26 de Abril de 1984, o salário mínimo estava estipulado em Cr\$97176,00. Ou seja, elas ganhariam menos do que um salário mínimo. Por fim, registra-se o apoio da FIFA para a realização da I Copa do Mundo Feminina, em julho de 1985, provavelmente no Havaí.⁴⁸

A terceira aparição é a reportagem de uma página “Mulher não entra ainda”, assinada por Rosali Figueiredo de 1987. O foco não são as jogadoras ou os times formados por mulheres, mas o desafio enfrentado pelas jornalistas na cobertura esportiva. Além de buscarem ocupar um espaço marcadamente masculino, ainda mais nos anos 1980, enfrentam deboche e críticas dos colegas homens e precisam lidar com as entrevistas nos vestiários com os jogadores. A matéria aborda o caso das jornalistas Denise Breuer, Betize Assunção e Regiani Ritter, pioneira do jornalismo esportivo.⁴⁹ É uma pauta interessante e bastante atual para problematizar o lugar da mulher no futebol, além das quatro linhas. Ao final da página foi publicada uma charge do Henfil.

Henrique de Sousa Filho, o Henfil, dispensa maiores apresentações. Vale apenas apontar que além da sempre lembrada atuação política também abordou diretamente o futebol em sua produção, com destaque para sua atuação no *Jornal*

⁴⁷ BORGES. De Atenas a Los Angeles. *Mulherio*, 1984, p. 15.

⁴⁸ BORGES. De Atenas a Los Angeles. *Mulherio*, 1984, p. 15.

⁴⁹ FIGUEIREDO. Mulher ainda não entra. *Mulherio*, 1987, p. 19.

dos Sports e na revista *Placar*.⁵⁰ Sobre a charge acima, o humor político característico do cartunista se faz presente através da contradição exposta. As personagens carregam um fardo pesado, mas se posicionam contra mulheres jogando bola, pois seria justamente “muito pesado”. Mesmo não declarando explicitamente é demonstrado o apoio de Henfil à prática futebolística das mulheres e, mais ainda, a crítica aos detratores e aos discursos falsos utilizados para amparar a proibição ou a marginalização das mulheres no futebol. A publicação da charge em um periódico da imprensa feminista também é coerente com a produção de Henfil na imprensa alternativa daquele contexto.

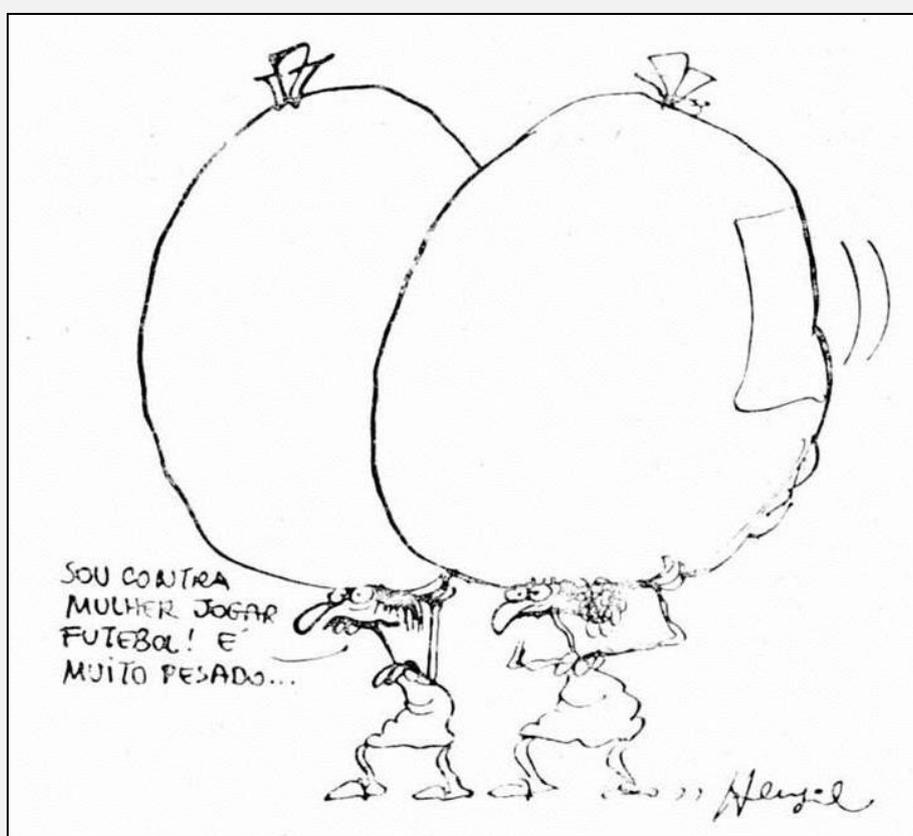


Figura 1 - Charge do Henfil sobre mulher e futebol.
Fonte: FIGUEIREDO, Rosali. Mulher ainda não entra. *Mulherio*, p. 19.

Ainda sobre a imprensa feminista com pautas sobre o futebol, Silva recuperou dois textos escritos pela jornalista e militante Irede Cardoso na coluna *Feminismo* do jornal *Folha de São Paulo*. Em um deles Cardoso informava o interesse da en-

⁵⁰ Para maiores informações sobre a produção de Henfil e o futebol cf: PESSOA. *Humor, futebol, política e sociedade nas charges do "Jornal dos Sports": um estudo comparativo entre as obras de Lorenzo Molas (1944-1947) e Henfil (1968-1973)*, 2013, p. 1-207.

tão ministra da Educação, Esther de Figueiredo Ferraz, em solucionar o problema da proibição, pois seria inconstitucional e “envergonha(va) o país”.⁵¹ Era um apoio de-
veras significativo para a pauta. Porém, não foi a primeira e nem a única vez que po-
líticas se envolveram no debate da regulamentação. A *Placar*, em 1981, trouxe a fala
da deputada Heloneida Studart, em resposta aos detratores do futebol de mulheres:

Estou com as mulheres que se dispõem a jogar futebol, seja por lazer ou
profissionalismo. Precisamos acabar com essa história dos homens ad-
ministrarem nossos bens, marcarem nossos domicílios, interferirem na
nossa individualidade. Chega desses democratas de palanque e desses
tiranos de cama e mesa!⁵²

Studart foi escritora, jornalista, feminista, na época da matéria era deputada
estadual pelo MDB. Em 1988 ajudou na fundação do PSDB e no ano seguinte en-
trou no PT. Fez parte da Assembleia Constituinte, no chamado “lobby do batom”,
cujo lema era “Constituinte pra valer tem que ter palavra de mulher”.⁵³ Ou seja, foi
uma militante bem participativa e atuante nas pautas feministas e não negligenci-
ou o futebol, pois demonstrou seu apoio àquelas que queriam jogar bola, como
profissão ou como lazer.

O apontamento sobre o profissionalismo é bastante pertinente, pois Stu-
dart assinalava não somente a necessidade de regulamentar a prática, mas torná-la
uma profissão possível às interessadas. Inseriu a proibição no conjunto de opres-
sões que as brasileiras sofriam e que “interferiam na nossa individualidade”. Tam-
bém enunciou uma crítica feroz aos homens e os poderes que exerciam sobre as
mulheres, seja nos bens, nos domicílios ou nos palanques. Quando fala dos tiranos
de “cama e mesa”, pode-se inferir que é uma referência à uma de suas obras mais
famosas, *Mulher, objeto de cama e mesa*, editada na década de 1970 e leitura obri-
gatória da militância feminista desse contexto. Studart ganhou na *Placar* uma du-
pla de ataque à proibição, a também deputada e atriz Bete Mendes.

Quatro dias após a regulamentação finalmente ser publicada no Diário Ofi-
cial, Mendes escreveu a coluna “A mulher entra em campo”. Ela havia tomado pos-

⁵¹ CARDOSO. Deixem que as mulheres joguem, seus machistas. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 04 jan. 1983, p. 26.

⁵² TAKIZAWA. As mulheres atacam. *Revista Placar*, São Paulo, 18 set. 1981, p. 33.

⁵³ CUNHA. Uma escritora feminista: fragmentos de uma vida, 2008, p. 271-6.

se como deputada federal (PT) apenas dois meses antes. Mas já possuía uma caminhada política intensa. Militou no movimento estudantil e integrou a VAR-Palmares na luta armada.⁵⁴ Chegou a ser presa e mesmo após a liberação precisava se apresentar ao DOPS frequentemente. Atuou em diferentes peças de teatro, na TV Tupi, Bandeirantes, TV Cultura e na Globo, no cinema filmou “Eles não Usam Black-Tie”. Também foi deputada Constituinte, Secretária da Cultura do *Estado de São Paulo* e Presidenta da Fundação de Artes do Estado do Rio (FUNARJ). O texto se inicia da seguinte forma:

No momento em que o Conselho Nacional de Desportos acaba de oficializar o futebol feminino, sinto-me orgulhosa de ver que, também neste palco, a mulher começa a se afirmar e ocupar o seu espaço. Não pensem que o uso da palavra “palco” tem algo a ver com a minha condição de atriz profissional. Na verdade, acho mesmo que há muita coisa em comum entre futebol e teatro. Principalmente quando analisados no contexto da luta que nós, mulheres, travamos diariamente para fazer valerem nossos direitos.⁵⁵

Mendes vibra com a regulamentação e logo em seguida faz uma equivalência entre futebol e teatro e um dos pontos de encontro seria justamente a luta travada pelas mulheres para poderem ocupar tais espaços. Em sua argumentação segue aproximando o jogo de bola das peças e espetáculos teatrais, pois existiriam para entreter as pessoas e são caracterizados pelas manifestações emocionais. Em seguida, recorda da centralidade do futebol para a formação histórica brasileira, reconstruindo a trajetória de ídolos como Pelé e Garrincha e a discriminação que ocorria nos primórdios do esporte, tanto das classes populares quanto das mulheres, pois “mulher que ousasse ir ao estádio torcer por seu time era vista com maus olhos”.⁵⁶

Constrói assim outro paralelo: da mesma maneira que o jogo se tornou mais democrático, evoluiu técnica e taticamente e os jogadores passaram a ser líderes e participantes ativos do processo social, as jogadoras terão duras batalhas, mas vencerão e ocuparão seus espaços. Para respaldar seu argumento traz o sucesso de atletas de outras modalidades, como Isabel do vôlei, Hortência do basquete e Angélica Almeida do atletismo. E finaliza o texto de maneira otimista: “Primeiro, o atle-

⁵⁴ MENEZES. *Bete mendes: o cão e a rosa*.

⁵⁵ MENDES. A mulher entra em campo. Revista *Placar*, São Paulo, 15 abr. 1983, p. 36.

⁵⁶ MENDES. A mulher entra em campo. Revista *Placar*, São Paulo, 15 abr. 1983, p. 36.

tismo, o vôlei, o basquete. Agora, partimos para o futebol. É mais uma vitória contra o preconceito”.⁵⁷ Nessa perspectiva a proibição é vista como fruto do machismo e a regulamentação é uma vitória contra esse machismo. Ou seja, o futebol feminino regulamentado é uma vitória coletiva das mulheres, suas benesses não ficam restritas às jogadoras e torcedoras, mas às mulheres em geral. Integrando-se, portanto, às lutas e conquistas feministas.

DAS MOBILIZAÇÕES PARA A DELIBERAÇÃO Nº 01/83

Assim, recuperei alguns eventos importantes do futebol de mulheres durante a transição democrática brasileira e centrais na luta pela regulamentação. Cabe agora compreender o percurso institucional da regulamentação. Para isso é preciso retornar à Deliberação nº 10/79, que no seu último artigo decretava: “A presente Deliberação entrará em vigor na data de sua publicação, revogada a Deliberação número 07/65”.⁵⁸ À primeira vista entende-se que o futebol (assim como os demais esportes proibidos) estava liberado para as mulheres praticarem, pois a proibitiva Deliberação nº 07/65 havia caído. Contudo, o CND condicionou a permissão das práticas esportivas à oficialização das entidades internacionais de cada modalidade, com a realização de campeonatos oficiais.

É nesse imbróglio que o futebol de mulheres deixa de ser proibido, mas se mantém clandestino. A FIFA com João Havelange solta promessas com pouca ou nenhuma efetividade. O CND alega aguardar a oficialização da modalidade pela FIFA e não se mobiliza para concretizar. A CBF tem ainda menos interesse e se constitui o famoso “jogo do empurra”. Isso quando essas entidades não atuaram para proibir jogos e manter as mulheres longe dos gramados. O *Diário do Paraná* também relatou esse fato:

O futebol feminino continua proibido no Brasil. Essa é a versão dada ao DP pelo coronel Osni Vasconcellos, presidente do Conselho Estadual de Esportes, órgão vinculado ao CND, a propósito de informações que o

⁵⁷ MENDES. A mulher entra em campo. Revista *Placar*, São Paulo, 15 abr. 1983, p. 37.

⁵⁸ BRASIL. Deliberação CND nº 10/1979, 21 dez. 1979. Baixa instruções às Entidades Desportivas do país, para a prática de desportos pelas mulheres apud SILVA. *Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista*, p. 79.

CND estaria estudando a regulamentação do futebol feminino em nosso país. O que há é uma pressão de cariocas em cima do CND para que seja regulamentada essa prática. Mas isso é muito difícil. O que não se pode proibir, segundo o coronel Osni Vasconcellos, é a prática do futebol feminino como lazer. Por exemplo, num campinho do Parque Barigui, na praia, etc. Em campo de futebol profissional está proibido.⁵⁹

Alguns pontos interessantes das falas do coronel Osni Vasconcellos: 1) a reiteration explícita da proibição mesmo após a Deliberação nº 10/79, demonstrando a permanência da clandestinidade; 2) o reconhecimento da pressão feita pelas mulheres naqueles contexto em prol da regulamentação, destacando a atuação das cariocas; 3) em contraponto a essa pressão o coronel afirma a existência de complicações para regulamentar, sem expressar quais seriam – importante assinalar que a dificuldade era justamente a falta de vontade política dos dirigentes esportivos homens, primeiro em reconhecer a existência de mulheres jogando futebol organizado, mesmo que fora da chancela das entidades esportivas e segundo em finalmente oficializar essa prática; 4) a tentativa de amenizar a proibição, alegando a sua efetividade apenas para campos profissionais e não espaços de lazer, como parques e praias.

Coloca-se, assim, uma diferenciação entre o lazer e o profissionalismo. Mulheres poderiam jogar bola para diversão, como entretenimento próprio, contudo, não estariam permitidas a jogarem nos mesmos campos dos profissionais. A desigualdade de gênero é (re)estabelecida através da barreira de acesso a uma profissão. Elas são apartadas desse mercado de trabalho e é fundamental assinalar que essa exclusão é efetivada por aqueles que detém o poder decisório da modalidade. Ou como coloca Bourdieu, pelos agentes que na disputa pelo monopólio de imposição da definição legítima da prática esportiva detém maior capital político.⁶⁰

Esse processo traz consequências e permanências para o futebol de mulheres. Conforme Pisani, “quando se fala de futebol praticado por mulheres, as fronteiras entre o que é considerado lazer, amador ou profissão ainda aparecem bastante borradas”.⁶¹ Isto é, as barreiras de acesso estabelecidas afetaram todo o desenvolvimento da modalidade, pois ao dificultarem o estabelecimento do futebol como

⁵⁹ Sem título. *Diário do Paraná*, Curitiba, 31 jul. 1982, p. 2.

⁶⁰ BOURDIEU. *Questões de Sociologia*, p. 142.

⁶¹ PISANI. *Prática de lazer, amadorismo ou profissão?*, p. 87.

uma profissão para as mulheres, as condições de trabalho – não somente os salários, mas também estrutura esportiva, treinamento, equipe multidisciplinar, com comissão técnica, médicos, nutricionistas, fisioterapeutas etc., transporte, alojamento, visibilidade midiática, patrocinadores, entre outras – vivenciadas pelas jogadoras acabaram se materializando justamente nessas fronteiras borradas. Isso faz com que, por um lado, as instituições esportivas (clubes, federações, mídia) de forma perene não expressem vontade política de desenvolver a modalidade, por outro, as atletas se localizem justamente na fronteira borrada.

De todo modo, as pressões e mobilizações ocorridas geraram resultados e o discurso dos dirigentes esportivos se transformou e passou a se direcionar em prol da regulamentação. Cria-se uma ansiedade, uma sensação de “está quase”, mas foi um processo institucional e legislativo que foi se prolongando ao máximo e só foi alcançado como resultado das lutas travadas pelas mulheres em defesa da autonomia dos seus corpos. Apesar de todos os entraves e desafios é publicada no Diário Oficial da União, em 11 de abril de 1983, a Deliberação nº 01/83 do Conselho Nacional de Desportos.⁶²

Na ementa da deliberação o CND respalda juridicamente as suas ações na Lei nº 6.251. Tal lei é chave para a organização geral do esporte durante a ditadura civil-militar, pois organiza e institui todas as normas esportivas. Os militares enxergavam o esporte como vetor de desenvolvimento brasileiro e era um assunto de Estado. A consequência desse ideário foi uma mudança em toda a estrutura esportiva nacional, em termos técnicos e organizativos, sempre com forte presença militar nos cargos e atribuições,⁶³ vide o próprio General Cesar Montagna na direção do CND.

A Política Nacional de Educação Física e Desportos foi expressa na Lei nº 6.251 e adotava para o país uma organização esportiva baseada em quatro dimensões: o esporte comunitário, o esporte estudantil, o esporte militar e o esporte classista. Assim, o Brasil adotou um modelo esportivo denominado “pirâmide esportiva”: a base é o esporte de massa, que é o primeiro nível do esporte comunitário.

⁶² BRASIL. Deliberação CND nº 01/1983, 25 mar. 1983. Dispõe sobre normas básicas para a prática de futebol feminino. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Ministério da Educação e Cultura, Brasília, DF, 11 abr. 1983. Seção I, p. 5794.

⁶³ OLIVEIRA. O esporte brasileiro em tempos de exceção: sob a égide da Ditadura (1964-1985), 2009.

rio, cujo ápice é o esporte de elite ou de alto rendimento.⁶⁴ Isso é importante porque conforme o Art. 1º da deliberação o futebol feminino poderia ser praticado no âmbito do “desporto comunitário”, no qual estavam considerados as associações esportivas, ligas, federações e confederações, com competições profissionais ou amadoras, com a prática esportiva sistemática e codificada. Contudo, em um degrau distinto na pirâmide do alto rendimento.

Ainda na ementa é interessante analisar o que o CND julgou importante para deliberar a regulamentação. O primeiro motivo é justamente o “inequívoco interesse das mulheres em praticar futebol de campo”, ou seja, é um reconhecimento estatal da mobilização feita por todas as envolvidas de alguma forma com a modalidade. As pressões surtiram efeito. Logo em seguida cita o regulamento elaborado pela UEFA para a prática e o movimento da FIFA em se organizar diante do crescimento do futebol de mulheres ao redor do mundo, demonstrando que o CND só estaria seguindo e se alinhando às outras entidades.

O Art. 1º definia as categorias: juvenil, de 14 a 18 anos, e adulto, acima de 18. A divisão por categorias é relevante para qualquer esporte, contudo, não se considerava que meninas com idade inferior a 14 anos jogassem dentro do esporte comunitário, pois a categoria juvenil começaria só a partir dos 14. Uma possibilidade é que a ditadura considerava incluir as menores de 14 anos somente no esporte estudantil. Outra questão é que essa divisão em categorias muitas vezes não era respeitada. Meninas e adolescentes jogavam com mulheres mais velhas, sem distinção. Um exemplo é da jogadora Suzana Cavalheiro, lateral da Seleção Brasileira no Torneio Experimental da China, em 1988. Quando tinha entre 14 e 15 anos fez parte de algumas equipes, como a Black Cat e a Transvira, até chegar no time do Isis Pop, de São Paulo. Lá ela era a caçula do grupo, formado por atletas mais velhas, maiores de 18 anos e universitárias.⁶⁵

O Art. 3º merece um destaque significativo: “é vedada, no futebol feminino, a prática do profissionalismo”. O artigo concretiza as concepções apresentadas anteriormente pelos dirigentes: o futebol poderia ser praticado pelas mulheres, agora, inclusive, ligados às federações e regulamentado, contudo, elas não poderi-

⁶⁴ OLIVEIRA. O esporte brasileiro em tempos de exceção, 2009.

⁶⁵ GOELLNER; CABRAL. *As pioneiras do futebol pedem passagem*, p. 129.

am ser profissionais. A profissão *jogadora* seguia vetada às mulheres, contrariamente ao que era almejado por elas. A barreira de acesso à profissionalização é uma desigualdade de gênero que afeta e prejudica as possibilidades de desenvolvimento da modalidade. As atletas não conseguem ter condições de trabalho adequadas e nem se sustentar, em termos financeiros, com o esporte. Forçando-as muitas vezes a terem um emprego fora desse espaço. Tais fatores diminuem as qualidades técnicas dos torneios e atrasam a evolução do futebol de mulheres.

Ademais, é possível analisar essa situação sob o prisma das relações de trabalho. Saffioti recorda o alijamento de grandes contingentes de mulheres da estrutura ocupacional, devido à forma como o gênero é operado dentro da sociedade de classes.⁶⁶ Tal alijamento ficou explícito, até nos termos da legislação, no caso do futebol de mulheres no Brasil. Há uma fala do general Montagna, logo após a regulamentação afirmando que a profissionalização passaria por grandes resistências:

No momento há vários empecilhos. Primeiro, porque isso acarretaria o surgimento de novos clubes e acho que a existência de 414 times de futebol profissional, atualmente no Brasil, já é um absurdo. Depois, seria preciso mexer com a legislação trabalhista e com a lei que regulamenta o futebol profissional. E há ainda uma posição contrária por parte do Ministério do Trabalho.⁶⁷

Os argumentos utilizados expressam novamente a falta de vontade política em desenvolver a modalidade. Sobre a quantidade de clubes de futebol profissional, uma possibilidade seria esses mesmos clubes já existentes formarem equipes de mulheres, inclusive, com incentivo do CND ou CBF. Caso isso não ocorresse caberia às entidades esportivas terem estrutura para acompanharem os registros de novos clubes. Quanto a alterar a legislação trabalhista, o general não explica qual seria o problema específico do procedimento. O empecilho era apenas a necessidade de alteração e o processo envolvido? Não fica claro. Entretanto, vale lembrar que as legislações não são estanques, são passíveis de mudança e também devem se adequar a novas realidades.

A Deliberação traz as regulamentações específicas para as partidas, como a obrigatoriedade de seguir o regulamento da International Foot-ball Association

⁶⁶ SAFFIOTI. *A mulher na sociedade de classes*.

⁶⁷ Mulheres, novo problema. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 29 mar. 1983, p. 26.

Board e as especificações do campo, bola, chuteiras, quantidade de substituições, numeração das atletas, duração dos jogos. Interessante notar que há características específicas para os jogos das mulheres. Como o tempo do prélio, desde 1898 a International Board havia definido dois tempos de 45 minutos com intervalo de 15.⁶⁸ Para as mulheres os jogados seriam mais curtos, 35 cada tempo, totalizando 70 minutos, em vez dos 90 tradicionais. Além de diferenças como o peso menor da bola. São expressões da ideia do “sexo frágil” e/ou dos discursos médicos defensores do afastamento das mulheres do futebol e outros esportes. Por fim, a Deliberação finalmente revogava em definitivo a proibição da prática do futebol pelas mulheres, expressa em textos legislativos anteriores. Essa parte, sem dúvida, uma importante vitória para as mulheres e para o futebol.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conquista de Adalzira em conseguir o registro de futebolista na Federação Paranaense de futebol foi resultado de inúmeras mulheres – inclusive dela – que se mobilizaram das mais distintas formas em prol da regulamentação do seu futebol. Mais do que isso foi (e é) uma luta contra as tentativas do controle de seus corpos e em defesa de sua autonomia.

Luta que não aconteceu em um vácuo, pelo contrário, fazia parte do processo de transição democrática e das batalhas sociais e políticas travadas nos anos 1970 e 1980 no contexto brasileiro, ressaltando-se as pautas de mulheres e de grupos feministas. Recordamos a fala de Rose do Rio, que intitula este texto: “Era a época que nós estávamos lutando para que a gente tivesse voto para presidente. Então, tudo isso estava acontecendo. E o futebol feminino era uma das coisas que estava acontecendo”. De fato, tudo isso estava acontecendo e foi fundamental para o processo de transição democrática que o Brasil estava passando.

Para compreender todo esse panorama histórico foram utilizadas diferentes fontes, com destaque para a imprensa. Tradicionalmente um corpus documental acionado por historiadores e que requer um cuidado para desenvolver uma análise

⁶⁸ BARBIERI; BENITES; SOUZA NETO. Os sistemas de jogo e as regras do futebol: considerações sobre suas modificações, p. 430.

crítica. Assim, ao construir essa narrativa histórica recordamos como o futebol se constitui como uma janela privilegiada para a compreensão das sociedades e que não existem concessões, a Deliberação nº 01/83 não foi dada às brasileiras, mas foi mais uma conquista delas.

* * *

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C. S. de. **Do sonho ao possível**: projeto e campo de possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras. Tese (Doutorado em Antropologia Social), UFSC, Florianópolis, 2018.
- ALMEIDA, C. S. de. “**Boas de bola**”: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no Esporte Clube Radar durante a década de 1980. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), UFSC, Florianópolis, 2013.
- BARBIERI, F.; BENITES, L.; SOUZA NETO, S. Os sistemas de jogo e as regras do futebol: considerações sobre suas modificações. **Motriz**, v. 15, n. 2, 2009.
- BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- CRUZ, H. de F.; PEIXOTO, M. do R. da C. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, v. 35, n. 2, p. 253–270, 2007.
- CUNHA, C. Uma escritora feminista: fragmentos de uma vida. **Estudos Feministas**, v. 16, n. 1, p. 271-276, 2008.
- FERREIRA, J. O presidente acidental: José Sarney e a transição democrática. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. A. N. (Org.). **O Brasil republicano**: o tempo da Nova República – da transição democrática à crise política de 2016. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- FICO, C. **História do Brasil contemporâneo**: da morte de Vargas aos dias atuais. São Paulo: Contexto, 2015 (epub).
- FREITAS, V. G. O jornal *Mulherio* e sua agenda feminista: primeiras reflexões à luz da teoria política feminista. **História, histórias**, v. 2, n. 4, p. 149-166, 2014.
- FREITAS, V. G. **Feminismos na imprensa alternativa brasileira**: quatro décadas de lutas por direitos. Jundiaí: Editora Paco, 2018 (Kindle).
- FONTES, V. **O Brasil e o capital-imperialismo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.
- FREITAS. O jornal *Mulherio* e sua agenda feminista: primeiras reflexões à luz da teoria política feminista. **História, histórias**, 2014, p. 149-66.
- GOELLNER, S. V.; CABRAL, J. R. **As pioneiras do futebol pedem passagem**: conhecer para reconhecer. São Paulo: Editora Ludopédio, 2022.

HOLLANDA, B.; MELO, V. **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

KESSLER, C. S. **Mais que Barbies e Ogras**: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos. Tese (Doutorado em Antropologia Social), UFRGS, Porto Alegre, 2015.

MENEZES, R. **Bete Mendes**: o cão e a rosa. Imprensa Oficial de São Paulo, 2004.

OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de. O esporte brasileiro em tempos de exceção: sob a égide da Ditadura (1964-1985). In: PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade de. **História do esporte no Brasil**: do Império aos dias atuais. São Paulo: Editora da UNESP, 2009 [Kindle].

PEDRO, J. Mulheres. Mulheres. In: PINSKY, J. (Org.). **O Brasil no contexto**: 1987-2007. São Paulo: Contexto, 2007.

PESSOA, Flavio Mota de Lacerda. **Humor, futebol, política e sociedade nas charges do Jornal dos Sports**: um estudo comparativo entre as obras de Lorenzo Molas (1944-1947) e Henfil (1968-1972). Dissertação (Mestrado em História), UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.

PINTO, C. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PISANI, M. S. Prática de lazer, amadorismo ou profissão? In: MARTINS, M. Z.; WENETZ, I. (Org.). **Futebol de mulheres no Brasil**: n. Curitiba: CRV, 2020.

RIBEIRO, R. R. **A várzea e a metrópole**: Futebol amador, transformação urbana e política local em Belo Horizonte (1947-1989). Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais), FGV, Rio de Janeiro, 2021.

SAFFIOTI, H. **A mulher na sociedade de classes**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SILVA, F. C. T. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. A. N. (Org.). **O Brasil republicano**: o tempo do regime autoritário. Ditadura Militar e Redemocratização. 9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

SILVA, G. C. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista**: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983). Dissertação (Mestrado em História Social), USP, São Paulo, 2015.

Periódicos e outros

Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. Dossiê Movimento Operário, out. 1978. Fundo: Política Operária. (Sistema de Informações do Arquivo Nacional).

Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. Correspondência particular recebida – Governo Figueiredo. 25 maio 1981. Fundo: Gabinete Pessoal do Presidente da República. (Sistema de Informações do Arquivo Nacional).

Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. Divisão de Segurança e Informações. 24 nov. 1981. Fundo: Divisão de Inteligência do Departamento de Polícia Federal. (Sistema de Informações do Arquivo Nacional).

Arquivo Nacional, Rio de Janeiro. Congresso de Fundação da Confederação das Mulheres do Brasil (CMB). 12 ago. 1988. Fundo: Serviço Nacional de Informações. (Sistema de Informações do Arquivo Nacional).

BORGES. De Atenas a Los Angeles. **Mulherio**, 1984, p. 14-5.

BRASIL. Decreto-lei 3.199, 14 abr. 1941.

BRASIL. Deliberação CND nº 7/1965, 02 ago. 1965.

BRASIL. Deliberação CND nº 01/1983, 25 mar. 1983.

BRASIL. Deliberação CND nº 10/1979, 21 dez. 1979.

CARDOSO, I. Deixem que as mulheres joguem, seus machistas. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 04 jan. 1983, p. 26.

Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Ministério da Educação e Cultura, Brasília, DF, 11 abr. 1983. Seção I, p. 5794.

FIGUEIREDO. Mulher ainda não entra. **Mulherio**, 1987, p. 19.

Fora de campo. **Mulherio**. São Paulo, 1982, p. 23.

Fracassa o congresso das mulheres. **Estado de São Paulo**, São Paulo, 18 dez. 1980, p. 28.

Futebol Feminino na Cotrasa. **Diário da Tarde**, Curitiba, 30 abr. 1977, p. 2

Legalização no setor feminino. **Diário da Tarde**, Curitiba, 30 set. 1981, p. 7.

MENDES, Bete. A mulher entra em campo. **Placar**, São Paulo, 15 abr. 1983.

Mulheres, novo problema. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 mar. 1983, p. 26.

Mulheres no futebol: de olho na Copa. **Manchete**, R. de Janeiro 15 dez. 1982, p. 138.

No Recife, luta do futebol feminino. **Estado de São Paulo**, S. Paulo, 14 set. 1980, p. 50.

O desafio feminino está sem resposta. Vila Tapajós. *Diário do Paraná*. Curitiba, 02 jul. 1975, p. 5

Sem título. *Diário do Paraná*, Curitiba, 31 jul. 1982, p. 2.

SORYS. Rose do Rio, técnica de futebol, parte 1. Canal Sorys Gabriela, 04 set. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XPNXyfCkoHk>.

TAKIZAWA, H. As mulheres atacam. **Placar**, São Paulo, 18 set. 1981, p. 33.

* * *

Recebido em: 08 abr. 2023.
Aprovado em: 24 jul. 2023.

O futebol feminino nos museus nacionais do futebol do Brasil e da Inglaterra

Women's football in Brazil and England's national football museums

Maria Cristina de Azevedo Mitidieri

Unirio, Rio de Janeiro/RJ, Brasil
Doutorado em Museologia e Patrimônio, Unirio
cristinamitidieri15@gmail.com

Luisa Rocha

Unirio, Rio de Janeiro/RJ, Brasil
Doutorado em Ciência da Informação, UFF

RESUMO: A conturbada trajetória do futebol feminino no Brasil e na Inglaterra reverberou no patrimônio e nos museus, resultando em desproporcional espaço físico e simbólico nos museus especializados em futebol. As persistentes diferenças de visibilidade e de reconhecimento entre o futebol feminino e o masculino, além da associação dessa modalidade a fatos negativos, contribuíram para que o patrimônio ligado ao futebol feminino estivesse sub-representado nos museus nacionais do futebol – Museu do Futebol (São Paulo, Brasil) e National Football Museum (Manchester, Inglaterra). Nesse cenário, identificamos, desde 2015, marcos temporais relativos à inclusão do futebol feminino nessas instituições museológicas nacionais, assim como ações que foram empreendidas para tal inclusão. Combinando referências teóricas à investigação exploratória, objetivamos identificar conexões entre os fatores que estimularam a valorização do futebol feminino no âmbito desses museus, contribuindo para as discussões a respeito da musealização do futebol. Concluímos que o futebol feminino vem sendo abordado pelo Museu do Futebol e pelo National Football Museum por meio da apresentação de suas vitórias, mas também considerando os desafios do passado e do presente, em num contexto em que demandas e compromissos de diversas naturezas vêm sendo equilibrados.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio esportivo; Museus do esporte; Musealização; Futebol feminino.

ABSTRACT: The challenging trajectory of women's football in Brazil and in England has echoed through heritage and museums. As a result, women's football has unequal space in their national football museums. The persistent differences regarding visibility and recognition, and the association of this modality to negative facts, contributed to the underrepresentation of women's football heritage in the Museu do Futebol (São Paulo, Brazil) and in the National Football Museum (Manchester, England). In this scenario, this research identified temporal milestones related to the presence of women's football in these national museums, as well as actions undertaken by them for the inclusion of women's football items into their collection, since 2015. Combining theoretical references with exploratory research, we aimed to identify connections among the factors which stimulated the appreciation of women's football within these museums, contributing to discussions about the musealization of football. We conclude that women's football has been addressed by the Museu do Futebol and the National Football Museum through the exhibition of its victories but also considering the challenges of the past and the present, in a context in which demands and commitments have been balanced.

KEYWORDS: Sporting Heritage; Sports Museums; Musealization; Women's Football.

INTRODUÇÃO

A modalidade feminina do futebol é afetada por questões conexas à participação das mulheres nas sociedades e à sua inserção no universo dos esportes. Essas questões, que no passado se desdobraram em vetos à participação feminina nesse esporte,¹ ecoam no presente sob a forma de menor reconhecimento, menor visibilidade e menores remunerações em relação ao futebol masculino, assim como em persistentes preconceitos.² Elas reverberam ainda na face patrimonial do futebol, materializada nos museus especializados no esporte, os quais conservam uma parcela dos bens do patrimônio esportivo compreendidos como suportes da memória e como representantes da história do futebol.

Este artigo trata da participação do futebol feminino no contexto de dois museus nacionais do futebol: o Museu do Futebol (São Paulo, Brasil) e o National Football Museum (Manchester, Inglaterra). Trata dos espaços físico e simbólico que vêm sendo dedicados ao futebol feminino, assim como elenca iniciativas de valorização dessa modalidade em dois museus que, além de terem em comum a sua relevância nacional e internacional, estão ambos situados em países nos quais o futebol tem capital relevância e nos quais sua prática esteve reprimida para as mulheres.

A partir de duas proeminentes instituições museológicas e tomando como premissa que museus dedicados ao esporte – entre eles, o futebol – tendem a ser voltados à celebração das grandes conquistas, dos melhores momentos e dos grandes heróis esportivos,³ analisamos aspectos da musealização do futebol feminino. A partir da identificação de marcos temporais conexas à inserção do futebol feminino no Museu do Futebol e no National Football Museum, observamos o tratamento dado a essa modalidade, notadamente, os temas que a ela vêm sendo associados por meio de ações comunicacionais.

A pesquisa objetiva contribuir para as discussões a respeito da complexidade envolvida na musealização do futebol feminino e sobre fatores que afetam esse

¹ GOELLNER. Nós convidamos a CBF a trazer reformas de igualdade de gênero para o Brasil; FOOTBALL ASSOCIATION. *History. Women's & Girls*.

² JANUÁRIO; KNIJINIK. Liberdade, ainda que tardia: a revolução feminina no futebol brasileiro, p. 11-32.

³ MITIDIERI. *A experiência esportiva nos museus: os museus do esporte e a comunicação celebratória do patrimônio esportivo musealizado*.

processo, levando em conta a contextualização dos museus do futebol dentro do ambiente do patrimônio e dos museus, assim como das instituições culturais contemporâneas. Para tal, efetuamos uma análise bibliográfica e exploratória, que contempla documentação formal e informal a respeito dos museus destacados, bem como consideramos as visitas realizadas a essas instituições no ano de 2019.

Os resultados obtidos indicam que, sobre a musealização do futebol feminino, incidem forças diversas, internas e externas aos museus. Indicam que as duas instituições analisadas, mesmo considerando suas diferentes propostas institucionais e sua localização em diferentes países, apresentam similaridades quando se trata do futebol feminino. Ambas têm um histórico de predominância da modalidade masculina profissional em seus acervos e comunicação, assim como têm em comum a efetivação de uma série de ações que, nos últimos dez anos, objetivaram dar visibilidade à modalidade feminina do futebol. Dentro de suas diferentes propostas comunicacionais, enfrentam desafios similares, ao mesmo tempo em que propõem abordagens comunicacionais semelhantes, na medida em que tratam de comemorar as conquistas do futebol feminino e compartilhar sua história e as questões que, ainda no presente, afetam as mulheres.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL E NA INGLATERRA

Não sendo este o foco deste artigo, não é nossa ambição abordar detalhadamente a história do futebol feminino no Brasil e na Inglaterra. Contudo, valem algumas considerações a respeito de sua conturbada trajetória nesses países, nos quais se situam os museus que aqui analisamos. A partir de diferentes justificativas e atendendo a interesses políticos e econômicos, a prática do futebol pelas mulheres foi cerceada por décadas tanto no Brasil como na Inglaterra.

No Brasil, a prática esteve vedada a partir da publicação do Decreto-Lei nº 3.199 de 1941 (art. 54) durante o governo de Getúlio Vargas, sob justificativas que envolviam aspectos biológicos e morais relacionados a esse e outros esportes. Em 1965, o Conselho Nacional de Desportos editou a deliberação CND nº 07/65, citando nominalmente o futebol, o futebol de praia e o futebol de salão como esportes nos quais a prática feminina não seria permitida. Em 1979, no entanto, essa deliberação

(nº 07/65) foi revogada. Contudo, enquanto a prática do esporte pelas mulheres continuou ocorrendo como uma opção de lazer, “a atividade permaneceu marginalizada: os jogos não poderiam acontecer em campos oficiais, nem ser arbitrados por juízes federados”.⁴ Na visão da pesquisadora brasileira Nathália F. Pessanha, o futebol feminino esteve “em um limbo por quatro anos que, apesar de liberado e por não ser regulamentado, não tinha muito apoio de clubes, entidades e competições oficiais”.⁵

Esse cenário começou a mudar quando, em 1983, ocorreu a regulamentação do futebol feminino no Brasil, atendendo a uma exigência da Fédération Internationale de Football Association (FIFA), a entidade internacional reguladora do futebol.⁶ Nesse momento, “começam a se formar as primeiras equipes de futebol de mulheres com maiores projeções nacionais”,⁷ sendo organizados campeonatos e partidas oficiais. Em 2016, o estabelecimento da paridade de gênero no futebol mundial pela FIFA, acompanhado nessa decisão pela Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL), contribuiu para o fomento do futebol feminino no país a partir de determinações que envolviam, entre outros aspectos, a obrigatoriedade do estabelecimento de equipes femininas no âmbito dos clubes interessados em participar de campeonatos.⁸

Nas últimas décadas, apoiado por significativas vitórias e por personagens de destaque internacional, tendo a atleta Marta como seu maior expoente, o futebol feminino vem obtendo maior reconhecimento e visibilidade no Brasil. De acordo com os pesquisadores brasileiros Soraya Januário e Jorge Knijnik, “é inegável que nos últimos anos foi possível notar o crescimento do futebol de mulheres no Brasil, seja no número de times e atletas profissionais, seja no debate social sobre as mulheres na modalidade”.⁹

Apesar disso, é válido lembrar que o tratamento dado por parte da mídia nacional especializada e também da Confederação Brasileira de Futebol não é equivalente ao futebol masculino no que tange à sua visibilidade, à atração de patrocínios

⁴ ALMEIDA. O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do futebol feminino no Brasil, p. 74.

⁵ PESSANHA. *Mulheres em campo*, p. 253.

⁶ ALMEIDA. O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol.

⁷ LIMA; QUADRADO; KNIJNIK. Por um futebol universitário praticado por mulheres, p. 273.

⁸ ALMEIDA. O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol.

⁹ JANUÁRIO; KNIJNIK. Novos rumos para as mulheres no futebol brasileiro, p. 437.

e às remunerações destinadas aos atletas, entre outros aspectos.¹⁰ Segundo Januário e Knijnik, “o histórico de proibições e afastamentos associados às premissas biogizantes, pautadas pela ‘condição de mulher’ e da dita ‘natureza feminina’, tem grande influência nas dificuldades enfrentadas pela modalidade até a atualidade”.¹¹

Na Inglaterra, as partidas de futebol feminino realizadas em espaços afiliados à The Football Association (FA) – entidade máxima do futebol nacional inglês – estiveram proibidas por mais de 50 anos, entre 1921 e 1972. Nesse país, a modalidade feminina do futebol estava florescendo no início do século XX e contava com equipes organizadas – dentre as quais se destacava a Dick, Kerr Ladies – que disputavam partidas e campeonatos nacionais. Com o fim da Primeira Guerra Mundial, houve um incremento das partidas internacionais, as quais atraíam grandes audiências. Esses eventos geraram a arrecadação de valores significativos cuja destinação não estava completamente clara, uma vez que o futebol feminino, desde a Guerra, esteve associado a causas beneficentes. Além disso, eles revelaram a potencialidade do futebol de mulheres, o qual estava fora da jurisdição e do controle da FA, como algo capaz de mobilizar dezenas de milhares de fãs de futebol.

Nesse contexto, as questões econômicas parecem ter justificado as restrições impostas pela Football Association ao futebol feminino. Além de não ter controle sobre a arrecadação das partidas, a FA percebeu nessa atividade uma potencial ameaça à viabilidade de alguns campeonatos e clubes masculinos. Assim, um ano depois de uma memorável partida internacional, ocorrida em janeiro de 1920, que atraiu mais de 50 mil espectadores pagantes, a FA votou pela proibição do futebol feminino. Como não tinha o poder de proibir as mulheres de jogar, decidiu pela proibição das partidas nos campos de futebol dos clubes a ela filiados, com base na justificativa de que o futebol seria inadequado para mulheres, não devendo ser encorajado. Nesse ambiente, embora atletas e suas equipes tenham continuado a praticar o futebol, o efeito da proibição foi sentido, uma vez que as partidas ocorriam em locais pouco apropriados. Segundo Wrack, “sem a oportunidade para as massas assistirem aos jogos regularmente em locais de grande capacidade, o interesse naturalmente diminuiu”.¹²

¹⁰ SALVINI; MARCHI JÚNIOR. “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro.

¹¹ JANUÁRIO; KNIJINIK. Novos rumos para as mulheres no futebol brasileiro, p. 434-435.

¹² FOOTBALL ASSOCIATION. *History. Women's & Girls*.

A partir do momento em que a proibição estabelecida pela FA foi suspensa, em 1971,¹³ o futebol feminino voltou a se desenvolver na Inglaterra e, segundo dados publicados por essa entidade, o futebol é, desde 2002, o principal esporte praticado pelas mulheres e meninas inglesas. Sua popularidade é impulsionada por grandes torneios e por vitórias significativas.¹⁴ Contudo, as atletas inglesas ainda lutam por reconhecimento e igualdade no esporte.¹⁵ Embora as conquistas das últimas décadas tenham sido significativas, persiste na Inglaterra, assim como no Brasil, a atribuição de menor valor ou de uma importância secundária a essa modalidade, frente ao esporte praticado pelos homens.¹⁶

OS MUSEUS DO FUTEBOL COMO ESPAÇOS DE CELEBRAÇÃO

Originados majoritariamente da conversão ou da incorporação de coleções privadas a museus, os museus do esporte se desenvolveram a partir dos anos 1960.¹⁷ Eles têm sua trajetória histórica fortemente conectada aos clubes esportivos, aos colecionadores privados, às salas de troféus e aos *halls of fame* como primários conservadores do patrimônio esportivo.

Como fundamental componente da trajetória dessas instituições, coloca-se a aproximação, desde os anos 1980, do universo dos museus com o mercado de consumo. Isso impulsionou a multiplicação dos museus do esporte de natureza privada fundados por entidades esportivas com o propósito de facilitar a preservação de coleções privadas, mas também de fomentar oportunidades comerciais e apoiar iniciativas de *marketing*. Esse incremento numérico resultou em um universo no qual predomina a segmentação temática, sendo prevalentes aqueles museus dedicados a uma modalidade esportiva, uma organização esportiva, um personagem ou a um evento específico, como os museus olímpicos, por exemplo.

¹³ FOOTBALL ASSOCIATION. *History. Women's & Girls*.

¹⁴ Disputa da final europeia e de duas finais de Copas do Mundo pela seleção nacional, por exemplo.

¹⁵ FOOTBALL ASSOCIATION. *History. Women's & Girls*.

¹⁶ FOOTBALL ASSOCIATION. *History. Women's & Girls*.

¹⁷ É pertinente pontuar que a primeira metade do século XX registrou a criação dos primeiros museus do esporte. Para Vamplew (1998), os museus fundados na Suíça (1945), na Suécia (1947), na Polônia (1950) e na Bulgária (1956) seriam alguns dos mais antigos museus do esporte do mundo.

Nesse cenário, podemos afirmar com segurança que a popularidade mundial do futebol¹⁸ reverbera no universo dos museus do esporte, fazendo com que os museus do futebol sejam mais numerosos que outros, sendo prevalentes os museus fundados e geridos por instituições esportivas – notadamente os clubes. Isso contribui para que a imagem dos museus do futebol fique atrelada a um formato celebratório de museu, que funciona como desdobramento das antigas salas de troféus dos clubes.¹⁹

Nesse ambiente, nossa pesquisa indica que a musealização dos bens do patrimônio esportivo no âmbito dos museus do futebol vem atendendo a interesses e a escalas de valores estabelecidas pelos grupos e entidades esportivas que costumam ser os gestores desses museus. Indica também que, a partir do atributo do museu como entidade legitimadora de patrimônios e ideias, a musealização dos bens conexos ao futebol “vem resultando na comunicação monótona e celebratória, que apresenta uma visão parcial e descontextualizada da história esportiva”.²⁰

A vinculação do *modus operandi* dos museus do futebol fundados e operados por entidades esportivas privadas aos fatores acima mencionados deixa subjacente a noção de que os museus financiados (total ou parcialmente) e geridos por entidades “sem fins lucrativos” seriam mais “independentes” no que tange à escolha dos parâmetros que orientam a musealização dos bens. Contudo, seus processos estão sujeitos a outros fatores, os quais merecem aqui ser mencionados. Entre eles, estão aqueles que se referem especificamente à intersecção do futebol com o universo do patrimônio e dos museus.

Primeiramente, é preciso considerar que os museus do futebol atuam dentro do âmbito do patrimônio, que, historicamente, tem qualidade celebratória, não sendo neutro e nem imparcial. O patrimônio difere da história, uma vez que os processos de seleção dos bens patrimoniais refletem um olhar do presente sobre uma ideia de passado, sendo orientados por valores abstratos e por noções intangíveis de autenticidade. O patrimônio “está vinculado a critérios de valor e a sistemas de

¹⁸ De acordo com a consultoria internacional Nielsen, exceto em países como Estados Unidos, Austrália e Japão, o futebol é o esporte mais popular (NIELSEN, *World Football Report*, 2018).

¹⁹ MITIDIÉRI. *A experiência esportiva nos museus*, p. 195.

²⁰ MITIDIÉRI. *A experiência esportiva nos museus*, p. 196.

legitimação estabelecidos por grupos e instituições que, por sua vez, estão sujeitos a uma gama de influências e de pressões”.²¹

Da mesma forma, a trajetória histórica dos museus como um modelo específico de instituição indica que eles não são espaços neutros. “São, historicamente, espaços de disputa e veículos de compartilhamento, de afirmação e reafirmação de ideias e ideais”.²² O processo científico de musealização dos bens, que envolve um conjunto de ações, encerra um caráter seletivo e interpretativo. Além disso, “é um processo subordinado às dimensões políticas, ideológicas e estéticas do museu – representado por seus gestores –, transpassado pelos valores do tempo presente”.²³

Por fim, é imperativo destacar que, na qualidade de museus especializados, cabe aos museus do esporte incorporarem todas as facetas de seu tema central, o qual, no caso do esporte, envolve o seu aspecto emocional e celebratório. O esporte, embora também associado às derrotas e afetado por questões compreendidas como “negativas”, tem “estreita conexão com os momentos de lazer, com a alegria, com a competição saudável e com a celebração das conquistas”.²⁴ O ambiente do esporte é permeado pela emoção e pelo culto aos “heróis” e personagens icônicos. A cultura esportiva é iconoclasta.²⁵

Nesse complexo ambiente, situam-se as duas instituições que aqui focalizamos. Como “exceções” em seus países, nos quais prevalecem os museus “de clubes”,²⁶ esses museus nacionais têm em comum a proposta de retratar o futebol nacional de forma ampla, contemplando todas as suas facetas, contextualizando-o no âmbito nacional e internacional do esporte e da história. Têm em comum o fato de serem museus fortemente apoiados pelo poder público, sendo, ao mesmo tempo, entidades de natureza privada e sem fins lucrativos, o que os obriga a buscar recursos financeiros complementares.²⁷ Ambos contam com estruturas organizacionais profissionalizadas e, como veremos, vêm empreendendo esforços no sentido de equilibrar as modalidades feminina e masculina do futebol dentro do ambiente museológico.

²¹ MITIDIÉRI. *A experiência esportiva nos museus*, p. 190.

²² MITIDIÉRI. *A experiência esportiva nos museus*, p. 192.

²³ MITIDIÉRI. *A experiência esportiva nos museus*, p. 34.

²⁴ MITIDIÉRI. *A experiência esportiva nos museus*, p. 197.

²⁵ MITIDIÉRI. *A experiência esportiva nos museus*.

²⁶ MITIDIÉRI. *A experiência esportiva nos museus*.

²⁷ Cobrança de ingressos, entre outros.

O MUSEU DO FUTEBOL E O NATIONAL FOOTBALL MUSEUM

O Museu do Futebol (São Paulo, SP) foi inaugurado em 2008 e está instalado no Estádio do Pacaembu, em um espaço de quase 7 mil m². Foi fundado a partir de um projeto prévio, capitaneado pela Prefeitura Municipal e pelo Governo do Estado de São Paulo.²⁸ Tem o formato jurídico de Organização Social (OS), sendo administrado pela Organização Social de Cultura ID Brasil Cultura, Educação e Esporte, uma entidade privada sem fins lucrativos. Os recursos necessários para sua operação provêm do Estado de São Paulo, mas também de captações realizadas pela entidade, como venda de ingressos, verbas de patrocinadores e outras.²⁹

Esse museu, que está entre os mais visitados do Brasil, é peculiar – em especial quando se trata de museus do esporte, usualmente repletos de objetos da cultura material. Trata-se de um museu que tem como proposta comunicar a história do futebol brasileiro com o apoio de recursos de imagem, som e de cenografia – embora seja possível encontrar objetos em exposição, ao longo da visita. O Museu do Futebol abriga, desde 2013, o Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB), um polo de documentação e pesquisas que tem, entre suas atribuições, subsidiar a comunicação veiculada pelo museu. A proposta desse museu envolve a preservação e a comunicação do futebol nacional, considerando a sua dimensão para além dos fatos esportivos. Sua visão abrange o compromisso de “ser um ambiente de empatia, inclusão, convivência e diálogo com todos os públicos, referência no respeito à diversidade cultural, em acessibilidade e na musealização do futebol em suas múltiplas expressões”.³⁰

O National Football Museum está localizado desde 2012 na cidade de Manchester, tendo operado, inicialmente, entre 2001 e 2010 na cidade de Preston, dentro do estádio Deepdale. Fechado em 2010 em razão de questões de financiamento, foi reaberto em Manchester, instalado em um icônico edifício local como parte de um projeto de revitalização urbana, a partir da obtenção de fundos capazes de

²⁸ Em parceria com a Fundação Roberto Marinho, como desenvolvedora do projeto.

²⁹ MUSEU DO FUTEBOL, Gestão.

³⁰ MUSEU DO FUTEBOL, Missão, Visão, Valores.

subsidiar sua operação.³¹ O seu estabelecimento foi fruto de um projeto prévio, sendo institucionalmente constituído no formato jurídico de *Charity Company*, como empresa sem fins lucrativos.³² Ao contrário do Museu do Futebol brasileiro, o National Football Museum está constituído em torno de um acervo que conta com mais de 140 mil itens,³³ composto por objetos, documentos textuais e iconografia diversa. Esse acervo, em permanente construção, é o resultado da reunião de diferentes coleções e foi iniciado a partir da aquisição da “Coleção FIFA” por meio de financiamento público.³⁴

O museu tem como missão “compartilhar histórias sobre futebol”³⁵ e elenca, entre seus objetivos, sua consolidação como “um centro de excelência para o patrimônio do futebol por meio de exposições, coleções e pesquisas totalmente representativas” e o seu compromisso com a construção de um programa inclusivo.³⁶

O ESPAÇO DO FUTEBOL FEMININO NO MUSEU DO FUTEBOL E NO NATIONAL FOOTBALL MUSEUM

Nos últimos dez anos, o Museu do Futebol e o National Football Museum vêm elaborando propostas formais, assim como empreendendo ações práticas com o objetivo de equilibrar o espaço físico e simbólico do futebol feminino em seus ambientes, em relação à modalidade masculina. Considerando sua fundamental diferença no que se refere aos acervos de bens materiais do futebol como base para sua operação, as iniciativas pertinentes ao futebol feminino foram observadas em contexto.

O Museu do Futebol passou a incluir o futebol feminino em 2015, sete anos após sua inauguração, a partir da percepção de que o “acervo de inúmeros objetos do universo do futebol raramente nos lembra das mulheres que fizeram parte deste processo”.³⁷ Essa inclusão se deu, além disso, em decorrência de demandas dos visitantes do museu e da percepção a respeito de um incremento das ações da FIFA em

³¹ A reserva técnica e o Centro de Pesquisas do museu permanecem abrigados em Preston, no antigo endereço do museu, o Estádio Deepdale.

³² Comum na Inglaterra, quando se trata de instituições culturais e outras que sejam sem fins lucrativos.

³³ ART FUND, Museums and Galleries, National Football Museum.

³⁴ NATIONAL FOOTBALL MUSEUM, Collection.

³⁵ NATIONAL FOOTBALL MUSEUM, Mission.

³⁶ NATIONAL FOOTBALL MUSEUM, Mission.

³⁷ MUSEU DO FUTEBOL, Visibilidade para o futebol feminino.

relação à modalidade feminina, assim como foi uma iniciativa que objetivava a ampliação e diversificação do público do museu.

“O público pede há muito tempo informações sobre o futebol feminino”, afirma Daniela Alfonsi, diretora de conteúdo do museu. Ela afirma que o momento oportuno chegou: além de ser o ano do Mundial das mulheres, a Fifa determinou que a CBF investisse 15% dos ganhos com a Copa do Mundo de 2014 no futebol feminino. “[...] Percebemos uma maior movimentação no esporte”. A ação também visa atrair mais mulheres ao museu. “Quando inauguramos, o público era 70% homens e só 30% mulheres”, diz Daniela. “[...] Fizemos a pesquisa em 2013, e a diferença ainda é grande: 60% e 40%”.³⁸

O ponto de partida foi o projeto “Visibilidade para a futebol feminino”, que ambicionava “provocar uma discussão sobre nossa maneira de contar a história do futebol brasileiro”³⁹ e contou com a participação de atletas, árbitras e jornalistas. O projeto foi materializado sob a forma da incorporação de documentos ao acervo do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB), que passou a contar com “o maior acervo referencial sobre a modalidade no país. Essas coleções são hoje as mais importantes pistas para se começar a entender a história do futebol feminino no Brasil”.⁴⁰ Na sequência, o museu organizou uma exposição virtual⁴¹ que apresenta os resultados do projeto, por meio de textos e imagens.

No que se refere ao espaço físico do museu, o tema passou desde então a ser incluído em ações educativas – como a edição de cartilhas e ações de mediação das visitas –, assim como em eventos sediados ou coorganizados pelo museu, como o “Simpósio Internacional de Estudos sobre o Futebol” (2022). Ainda em 2015, houve o implemento de ações comunicacionais e promocionais, como o oferecimento de entrada gratuita às mulheres no Dia Internacional da Mulher e a colocação de *banners* com imagens de personagens esportivas femininas de destaque na fachada do museu.

Paralelamente, houve a incorporação do futebol feminino ao ambiente da exposição de longa duração. Isso se deu por meio da inclusão de fatos e personagens aos espaços e recortes temáticos existentes, bem como pela criação de um espaço dedicado às personalidades do futebol feminino, denominado “pioneiras”. Podemos citar como

³⁸ WOLF. Futebol feminino terá espaço no museu do Pacaembu.

³⁹ MUSEU DO FUTEBOL, Visibilidade para o futebol feminino.

⁴⁰ MUSEU DO FUTEBOL, Visibilidade para o futebol feminino.

⁴¹ Disponível na plataforma *Google Arts and Culture*.

exemplos: a inclusão das atletas Marta e Formiga à sala “Anjos Barrocos”, consagrada aos grandes heróis do esporte nacional; a inclusão de informações a respeito da participação da seleção feminina brasileira nas Copas do Mundo na “Sala das Copas”; e a inclusão de objetos ligados à prática feminina no espaço “Grande Área”, entre outros.

A partir dessas primeiras iniciativas, o Museu do Futebol seguiu realizando ações voltadas ao futebol feminino e seu reconhecimento, como exposições temporárias e virtuais, lançamento de livros, publicação de artigos e campanhas de financiamento coletivo. Em 2019, foram inauguradas as exposições *Mulheres, desobediência e resiliência* (virtual) e *Contra-ataque* (temporária). Nesse mesmo ano, foi implantado o projeto “Museu do Impedimento”, que reuniu depoimentos e iconografia a respeito da participação das mulheres no futebol ao longo dos anos em que a prática esteve proibida. Em 2020, a campanha “Minha voz faz História” arrecadou fundos para a produção de um audioguia sobre os 100 anos do futebol feminino no Brasil.

Desde o ano de 2015, o Museu do Futebol tem se dedicado a retratar, pesquisar e celebrar o futebol de mulheres no Brasil. Ao longo dessa trajetória, já aconteceram duas exposições temporárias – *Visibilidade para o futebol feminino*, em 2015, e *Contra-ataque! As mulheres do futebol*, em 2019 –, sete exposições virtuais, um audioguia, três editonias e muitos eventos da programação cultural sobre o tema. Somando-se a esses esforços, no início deste ano de 2022, foi lançada a primeira edição do Edital de Seleção de Jovens Pesquisadores(as), voltado para recém-graduados(as) ou pós-graduandos(as), a fim de produzir conhecimento acerca do futebol feminino e de mulheres do futebol no Brasil.⁴²

Em abril de 2023, impulsionado pelas expectativas em relação à realização da nona edição da Copa do Mundo de futebol de mulheres, o museu inaugurou a mostra temporária *Rainhas de Copas*. Com curadoria de Aira Bonfim, Juliana Cabral, Lu Castro e Silvana Goellner, a exposição tem, no escopo de sua proposta, celebrar conquistas, mas também sublinhar dificuldades enfrentadas pela seleção feminina brasileira de futebol. No contexto dessa exposição, foi realizado, em maio de 2023, o evento “Mulheres na arbitragem”.⁴³

No National Football Museum, o ano de 2015 foi igualmente determinante no que se refere às ações voltadas à inclusão do futebol feminino. Desde sua

⁴² MUSEU DO FUTEBOL, Notas sobre coleções de mulheres no acervo do Museu do Futebol, s/p.

⁴³ MUSEU DO FUTEBOL, *Rainhas de Copas*, exposição temporária.

fundação, o museu possuía uma “coleção feminina” pouco significativa, “afetando a sua capacidade de produzir interpretações e exposições permanentes sobre a participação feminina no futebol”.⁴⁴ Na visão da curadora dedicada ao tema desde 2017, Belinda Scarlett, as lacunas do acervo e as incipientes informações a respeito dos objetos conexos ao futebol feminino levaram o museu a apresentar a história dessa modalidade a partir de parâmetros e segmentações temáticas estabelecidas para o futebol masculino.

Assim, esse museu, que tem suas narrativas construídas a partir dos objetos do acervo, adquiriu em 2015 uma grande coleção de bens relacionados ao futebol feminino.⁴⁵ Sem dispor de meios para sua documentação e pesquisa, realizou em 2017, por meio de parceria com o organismo público Arts Council, o projeto “Unlocking the hidden history of women’s football” (“Desvendando a história oculta do futebol feminino”). Isso permitiu que os registros da coleção feminina existente fossem atualizados e viabilizou a realização de “uma série de atividades para ampliar o acesso ao acervo, incluindo conferência acadêmica, *blog* do projeto e atividades comunitárias”,⁴⁶ além de campanhas de incentivo às doações. O projeto foi ainda a base para ações realizadas no espaço do museu que objetivavam a ampliação da participação feminina na exposição de longa duração. Segundo Scarlett:

Em 2019, o projeto teve um grande impacto no redesenvolvimento de uma área de nossa galeria permanente, onde conseguimos aumentar nossa representação de mulheres no futebol de 7% para 20% no geral e, em algumas vitrines, conseguimos atingir mais de 40% de representação.⁴⁷

Desde 2019, como um projeto de longo prazo vinculado aos novos bens do acervo e ao incremento das iniciativas voltadas ao futebol feminino, o museu incluiu em seu planejamento até 2022 a proposta de equiparar a modalidade feminina à masculina, tanto no acervo como nas exposições. “Um dos principais objetivos do museu é chegar a 50% de representação do futebol feminino, com o objetivo de

⁴⁴ SCARLETT. Unlocking The Hidden Story of Women’s Football.

⁴⁵ Por meio de doação do *National Lottery Heritage Fund*, o museu adquiriu a *Chris Unger History of Women’s Football Collection*, uma coleção privada com mais de 5 mil objetos e documentos textuais.

⁴⁶ SCARLETT. Unlocking The Hidden Story of Women’s Football.

⁴⁷ SCARLETT. Unlocking The Hidden Story of Women’s Football.

garantir que a história do futebol feminino seja contada em todas as galerias, em vez de ser exibida isoladamente”.⁴⁸

Para levar adiante essa ideia, o National Football Museum vem angariando subsídios e firmando parcerias.⁴⁹ Nos últimos anos, ampliou o espaço expositivo dedicado às mulheres, assim como realizou exposições temporárias e ações voltadas ao compartilhamento dos conhecimentos obtidos. As palavras de Tim Desmond, diretor do museu, indicam os objetivos do museu e o caminho percorrido até 2022:

“Estamos defendendo a diversidade e a igualdade no futebol”, diz Desmond. “Há três anos, decidimos reequilibrar nossa coleção e programas para sermos 50% representados em torno das mulheres no futebol; 100% das nossas exposições durante o [campeonato] feminino da Euro 2022 foram a respeito das mulheres no futebol, e isso foi muito positivo. No *Hall of Fame*, 50% dos nomeados são representados pelo esporte feminino. Não foi difícil de fazer, e nossas visitantes femininas aumentaram.”⁵⁰

Entre as parcerias e eventos realizados, podemos ainda destacar as iniciativas relacionadas à realização da Eurocopa feminina de 2022. Nesse ano, em colaboração com a municipalidade de Manchester⁵¹ e com o National Lottery, o museu organizou eventos diversos, voltados à construção de acervo e ao registro da história e da memória da Eurocopa. Em junho deste ano, foi inaugurada a mostra temporária *Crossing the line: the story of women's football*.⁵²

CONSIDERAÇÕES SOBRE A MUSEALIZAÇÃO DO FUTEBOL FEMININO NOS MUSEUS ANALISADOS

O futebol feminino, como vimos, tem uma conturbada trajetória no Brasil e na Inglaterra. Superadas as dificuldades legais para seu exercício nos dois países, permanecem as barreiras intangíveis que, na prática, podem resultar em dificuldades relacionadas à sua musealização. Esse processo científico abarca um conjunto de ações que incidem sobre os bens patrimoniais, que envolvem aquisição, documentação,

⁴⁸ NATIONAL FOOTBALL MUSEUM, Annual Report, p. 6.

⁴⁹ No relatório anual (2018), há menções a parcerias com a FA, no sentido de coletar bens conexos à seleção nacional. Há também menção ao estabelecimento de relações de trabalho com a FIFA e com a municipalidade de Manchester.

⁵⁰ GILLING. Raising the game.

⁵¹ NATIONAL FOOTBALL MUSEUM, *Women's Football Exhibition*.

⁵² NATIONAL FOOTBALL MUSEUM, *What's on*.

pesquisa, conservação e comunicação e, como vimos, está sujeito a pressões e influências internas e externas ao museu.

Nesse contexto, é possível afirmar que a trajetória histórica e o papel coadjuvante do futebol feminino deixaram como herança uma certa “invisibilidade” patrimonial. A ausência de campeonatos e equipes oficiais por muitas décadas, a menor popularidade do esporte e a persistente percepção de “menor valor” frente ao futebol masculino resultaram em um universo restrito de bens que, em sua maior parcela, foram salvaguardados pelos indivíduos envolvidos com o esporte. Esses colecionadores foram (e permanecem sendo) fundamentais para os processos de aquisição e pesquisa empreendidos pelo Museu do Futebol e pelo National Football Museum.

No caso do Museu do Futebol, no âmbito do projeto “Visibilidade para o futebol feminino”, houve a coleta de documentos (textuais e iconográficos) guardados por colecionadores particulares, os quais foram incorporados ao acervo do CRFB. De acordo com informação veiculada pelo museu em 2015, “o maior desafio para se começar a reunir as peças do quebra-cabeça que é a história da participação das mulheres no futebol foi a ausência de fontes de pesquisas nos órgãos e arquivos oficiais”.⁵³ O museu segue arrecadando doações que permitam a ampliação do acervo e da pesquisa acerca do futebol feminino.

A partir dos esforços iniciados em 2015, o CRFB se converteu em um polo centralizador de informações e pesquisa a respeito do futebol feminino, as quais subsidiam as iniciativas comunicacionais do museu. Para tal, o museu “estabeleceu parcerias para investigar a história do futebol feminino e para reunir as memórias de jogadoras e de outras profissionais do esporte”.⁵⁴

Quando se trata do National Football Museum, em sintonia com sua proposta institucional, os esforços de ampliação da coleção foram o primeiro passo. Ao longo do projeto “Unlocking [...]”, a equipe do National Football Museum promoveu campanhas de incentivo às doações e empréstimos de bens até então guardados por instituições esportivas e por colecionadores particulares. Isso resultou em uma variada coleção, na qual uma significativa parcela dos bens foi cedida por jogadoras, clubes e torcedores. Além disso, como vimos, o projeto permitiu a realização de um esforço

⁵³ MUSEU DO FUTEBOL, *Visibilidade para o futebol feminino* (exposição virtual).

⁵⁴ MUSEU DO FUTEBOL, *Exposição de longa duração*.

de documentação voltado especificamente às coleções de bens do futebol feminino que, até 2017, não haviam sido corretamente documentadas.

No que se refere às tipologias predominantes de objetos coletados, embora nossa pesquisa não tenha acessado as informações completas sobre cada um dos acervos, podemos afirmar que, ao incorporar bens componentes de coleções privadas, os museus têm acesso a um universo de bens pré-selecionados de acordo com critérios e escalas de valores determinados pelos colecionadores privados. Isso resulta em um conjunto no qual prevalecem os bens simbólicos dos “bons momentos”, das vitórias e dos vitoriosos. Da mesma forma, prevalecem os bens relativos às equipes e atletas que atuam no esporte organizado ou profissional. Predominam os documentos “oficiais” (de clubes, federações), assim como os recortes de matérias jornalísticas.

Contudo, mesmo que os objetos, documentos textuais e iconográficos apontem para a “comemoração” do esporte feminino, nossa pesquisa indica que as temáticas que vêm sendo associadas à modalidade no âmbito dos museus considerados não se restringem à exaltação das vitórias e vitoriosas, embora isso ocorra na comunicação museal.

Quando observamos as ações comunicacionais do Museu do Futebol, observamos que, no ambiente do museu e de sua exposição permanente, prevalece uma narrativa celebratória que se expressa, entre outros aspectos, no culto às grandes personagens. Como vimos, fatos e personalidades do futebol feminino brasileiro foram incorporados ao percurso da exposição de longa duração, dentro da lógica organizacional e do tom narrativo pré-existentes. Texto publicado pelo museu enuncia que:

A Sala Anjos Barrocos cria a dimensão etérea dos ídolos que ajudaram a construir a história do futebol brasileiro. Como se flutuassem no espaço, ao som compassado de atabaques, 27 jogadores de todos os tempos são homenageados. Entre eles, Julinho Botelho, Didi, Zagallo e Gilmar. Desde 2015, o Museu do Futebol incluiu também grandes jogadoras brasileiras: Marta, Formiga, Sissi e Cristiane Rozeira também estão entre os anjos barrocos.⁵⁵

Ao mesmo tempo, o texto que descreve a sala “Origens” destaca o momento em que a prática do esporte pelas mulheres “[...] foi brutalmente interrompida a partir de 1941, quando um Decreto-Lei do governo ditatorial de Getúlio Vargas,

⁵⁵ MUSEU DO FUTEBOL, *Exposição de longa duração*.

proíbe às mulheres a prática esportiva”,⁵⁶ indicando que os maus momentos da história do futebol feminino são igualmente abordados ao longo da exposição de longa duração.

Contudo, é nas ações comunicacionais educativas e nas exposições virtuais e temporárias que as questões “negativas” e os desafios que cercam o futebol feminino adquirem protagonismo, ocorrendo a associação da prática esportiva pelas mulheres com preconceitos, luta por equidade e patriarcado, entre outros. Nesse contexto, a história do futebol feminino e a trajetória de suas grandes personalidades são o ponto de partida para que o museu proponha discussões que extrapolam o universo do esporte.

Podemos citar como exemplo a cartilha “O futebol delas” (2022), direcionada aos professores. A carreira de sucesso da atleta Marta é o ponto de partida para que, em torno da participação feminina no esporte, sejam propostas outras discussões. O texto final do material, que “abordou a presença da mulher em um esporte que apresenta ainda muita resistência à atuação feminina”, convida os professores a debaterem com os alunos a respeito das barreiras profissionais enfrentadas pelas mulheres. Podemos ainda mencionar a exposição temporária *Contra-ataque* (2019), que, nas palavras de seus organizadores, “foi mais do que uma exposição. Foi um manifesto pela igualdade em campo”⁵⁷ e “contou como as mulheres tiveram de lutar para conquistar o direito ao jogo, a uniformes adequados aos seus corpos, à participação na gestão esportiva, na arbitragem, na imprensa e o direito também à livre circulação nas arquibancadas”.⁵⁸ Na mesma direção, a exposição temporária *Rainhas de Copas* destaca a “luta das jogadoras por igualdade”.⁵⁹

Quando observamos as ações comunicacionais do National Football Museum em torno do futebol feminino, observamos que estão em linha com o tom comunicacional adotado por esse museu, no qual prevalece a narrativa celebratória. Podemos citar como exemplo o texto publicado para promover a visita guiada “Women’s Football Tour” (implantada em 2018). Embora mencione as dificuldades históricas da prática, o texto privilegia os fatos positivos e exalta a resiliência dessa prática.

⁵⁶ MUSEU DO FUTEBOL, *Exposição de longa duração*.

⁵⁷ MUSEU DO FUTEBOL, *Contra-ataque! As mulheres no futebol*.

⁵⁸ MUSEU DO FUTEBOL, *Contra-ataque! As mulheres no futebol*.

⁵⁹ MUSEU DO FUTEBOL, *Rainhas de Copas*.

Saiba como o futebol feminino cresceu durante a Primeira Guerra Mundial, atraindo grandes multidões no início do século XX. Ouça a história de Dick, Kerr Ladies, uma das equipes de maior sucesso do esporte, e descubra por que essa popularidade e sucesso não impediram a FA de proibir o futebol feminino em 1921. Registre o progresso e o renascimento do jogo por meio de kits, memorabilia e obras de arte, apresentando muitos itens fascinantes de nossa coleção.⁶⁰

Além disso, é possível observar no ambiente da exposição de longa duração o culto às personagens femininas de destaque, que são exaltadas por meio da incorporação e apresentação de objetos ligados à sua trajetória vitoriosa, da colocação de monumentos⁶¹ e da inclusão de seus nomes ao “*Hall of Fame*”, que encerra a visita ao museu. Nesse aspecto, assim como no Museu do Futebol, prevalece a lógica narrativa pré-existente, formulada a partir do protagonismo do futebol masculino profissional, sendo o futebol feminino “encaixado” em espaços físicos e simbólicos pré-existentes.

Contudo, no âmbito de suas diversas iniciativas comunicacionais em torno da história da modalidade feminina, a celebração convive com a apresentação dos “maus” momentos, sendo, além disso, os bens do acervo associados a uma ampla gama de temas – em especial quando se trata de ações paralelas à exposição principal do museu. Podemos mencionar a conferência “Upfront and Onside”, organizada em março de 2018, cuja proposta envolvia a abordagem do desenvolvimento do futebol nacional no contexto de “uma série de questões enfrentadas pelo futebol feminino, abordando questões sobre sexualidade, papéis de gênero, religião e cultura”.⁶² Podemos ainda citar a série de podcasts *Quite unsuitable for females* (2022), sobre a qual o museu enuncia que “A proibição é apenas um dos pontos de discussão abordados. A equipe olhará para as pioneiras do jogo, representação internacional, uniformes através dos tempos, traçando paralelos com o jogo moderno”.⁶³ Por fim, é válido pontuar que, no âmbito do projeto *Crossing the line*, coloca-se a preocupação com a ampliação do acervo e das fontes de pesquisa a respeito do futebol feminino, com vistas à consolidação da paridade de gênero no ambiente do museu.⁶⁴

⁶⁰ NATIONAL FOOTBALL MUSEUM, Women’s Football Tour.

⁶¹ Em 2019, foi inaugurada a estátua da jogadora Lily Parr, que se tornou a primeira jogadora de futebol feminino da Inglaterra a ser homenageada com uma estátua no National Football Museum.

⁶² NATIONAL FOOTBALL MUSEUM, Upfront and onside.

⁶³ NATIONAL FOOTBALL MUSEUM, *Quite unsuitable for females*.

⁶⁴ NATIONAL FOOTBALL MUSEUM, *Crossing the line*.

INSTITUIÇÕES EM BUSCA DE SUSTENTABILIDADE FINANCEIRA OU MUSEUS EM SINTONIA COM AS DEMANDAS DA SOCIEDADE?

A observação das mudanças ocorridas no âmbito do Museu do Futebol e do National Football Museum, que resultaram em maior disponibilidade dos subsídios materiais e informacionais direcionados ao incremento da presença do futebol feminino, estão, como vimos, associadas às transformações e reivindicações sociais das últimas décadas, assim como às demandas do público frequentador desses museus. Podem ainda estar relacionadas a questões ligadas à gestão dos museus e à sua sustentabilidade financeira – notadamente quando se trata de atrair audiências, o que reflete na arrecadação de fundos e na conquista de apoios para o museu.

Ao longo de nossa investigação, observamos que, no caso do Museu do Futebol, a inclusão do futebol feminino se deu como uma “resposta” aos pleitos dos frequentadores do museu. Deu-se como uma ação voltada à captação de maiores e diversificadas audiências, considerando que o público do museu até então era predominantemente masculino. Ocorreu em um contexto amplo de visibilidade nacional e internacional do futebol feminino, em um ano (2015) em que se realizava uma Copa do Mundo Feminina e a partir de um momento em que a modalidade florescia e ganhava visibilidade no Brasil e no mundo.

O texto publicado em 2019 na ocasião do lançamento da exposição *Contra-ataque* reforça a vinculação das iniciativas do museu aos grandes eventos esportivos,⁶⁵ deixando subjacente a noção de que o interesse do museu pelo tema do futebol feminino estaria apoiado na crescente popularidade dessa modalidade.

Realizar uma exposição sobre futebol feminino era um desejo antigo da equipe do Museu do Futebol, mas uma conjunção de fatores possibilitou que ela acontecesse em 2019. Um deles foi a realização da Copa do Mundo de Futebol Feminino na França. Desde o começo do ano, era possível perceber que a modalidade receberia uma atenção diferente. O movimento feminista tinha recebido novo fôlego meses antes e até as marcas começaram a perceber o potencial de visibilidade da competição.

De fato, várias marcas foram batidas neste ano: o Mundial teve audiência de mais de um bilhão de espectadores. Pela primeira vez, a transmissão em TV aberta possibilitou o crescimento do público no Brasil, com recorde de 30 milhões de pessoas assistindo a Brasil x França pelas oitavas de final. Houve recordes de público nos estádios, incluindo em São

⁶⁵ Copas do Mundo femininas de 2015 e 2019.

Paulo, com 28 mil pessoas assistindo Corinthians x São Paulo pela final do Paulistão feminino.⁶⁶

No caso do National Football Museum, não foi possível identificar claramente as justificativas que impulsionaram as primeiras ações voltadas a ampliar a participação do futebol feminino desde 2015. No entanto, é possível supor que esse museu, que trabalha em estreita sintonia com a Football Association (FA), reflita as demandas dessa entidade, considerando a crescente popularidade nacional do futebol entre as mulheres inglesas que, não apenas o praticam, como também compõem equipes vitoriosas no âmbito nacional e internacional. Adicionalmente, as palavras de Tim Desmond (diretor do museu) – anteriormente reproduzidas – deixam clara a vinculação do futebol feminino ao aumento do número de visitantes mulheres.

Assim, para além das pressões sociais por representatividade, o Museu do Futebol e o National Football Museum vêm sendo também pressionados pela necessidade de angariar fundos complementares e ampliar audiências. Nesse contexto, perceberam no futebol feminino uma ferramenta capaz de atrair uma parcela de público (feminino) que estaria distante dos museus do futebol, de dinamizar e diversificar o portfólio de atividades do museu, assim como de captar novos apoios financeiros. Tiraram partido do futebol feminino para reforçar o seu posicionamento como instituições sintonizadas com os movimentos do presente, associadas à pesquisa e ao compartilhamento de conhecimento e como espaços abertos a discussões que ultrapassam o universo do esporte.

Contudo, embora desafiados pela necessidade de gerar receitas, os museus aqui considerados têm (em maior ou menor grau) uma relativa “independência financeira”, uma vez que a maior parcela de seus custos é financiada por meio de verbas governamentais. Eles têm, além disso, a obrigação de atuar em linha com seus compromissos institucionais, conexos à sua qualidade de “museus”, assim como têm a proposta de estarem em sintonia com as mudanças que ocorrem nas sociedades dentro das quais estão estabelecidos. Isso abre espaço e os impulsiona a questionar paradigmas e a implantar mudanças pioneiras dentro do universo dos museus do futebol, que se expressam, entre outros aspectos, na inclusão do futebol feminino.

⁶⁶ MUSEU DO FUTEBOL, O ano dos recordes no futebol feminino.

CONSIDERAÇÕES

Situados em um cenário de dominância do futebol masculino, o Museu do Futebol e o National Football Museum viram seus recursos, seus processos e sua comunicação sendo direcionados, desde sua fundação, à modalidade masculina profissional do esporte. No entanto, ao longo dessa pesquisa, identificamos significativas mudanças ocorridas nos últimos dez anos.

Em ambos os museus, o ano de 2015 foi um marco inicial no que se refere à noção de que o futebol feminino deveria ter um espaço físico e simbólico equivalente àquele dedicado ao futebol masculino. Em sintonia com um momento em que a prática dessa modalidade ganhou popularidade, sendo chancelada e corroborada pelo mercado de consumo, pela mídia e pelas instâncias legitimadoras do esporte, ocorre a inclusão e a ampliação do espaço do futebol feminino no âmbito do Museu do Futebol e do National Football Museum.

Nesse cenário, nossa pesquisa indica que a conjunção de fatores que permitiu que os museus aqui considerados dedicassem seus esforços ao futebol feminino, alguns anos depois de sua fundação, resultou na implementação de uma abordagem multidimensional de sua história, em linha com as demandas e pressões por sustentabilidade financeira e com seus compromissos institucionais. Apoiados pelo alto grau de profissionalismo de suas equipes, pelos recursos disponíveis e pela experiência adquirida, o Museu do Futebol e o National Football Museum parecem ter encontrado soluções que os permitem celebrar qualidades e conquistas, sem deixar de lado as “derrotas”, parte importante da história do futebol feminino.

Nesse sentido, parecem compreender igualmente que, ao adentrar o museu por meio de suas grandes personagens e dos objetos simbólicos de suas grandes conquistas, o futebol feminino se “encaixa” nos padrões pré-estabelecidos em torno da modalidade masculina e se legitima como igualmente relevante. Ao mesmo tempo, mesmo considerando o longo caminho a ser percorrido, vêm tirando partido do futebol feminino como plataforma a partir da qual podem funcionar verdadeiramente como “museus” contemporâneos, sendo inclusivos, fomentando a diversidade e a reflexão.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Caroline Soares. O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do futebol feminino no Brasil. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, 2019.
- ART FUND. Museums and Galleries, National Football Museum. Disponível em: <https://bit.ly/3Pwul45>. Acesso em: 07 mar. 2023.
- FUTEBOL POR ELAS. **Carta Capital**, São Paulo, 20 mar. 2019.
- GILLING, Juliana. Raising the game: football museum directors shoot for the goal during the 2022 FIFA World Cup. **IAAPA News**, Orlando, 12 dez. 2022.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Nós convidamos a CBF a trazer reformas de igualdade de gênero para o Brasil. **Ludopédio**, São Paulo, v. 135, n. 36, 2020.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. O futebol das mulheres é realidade no Brasil. In: JANUÁRIO, Soraya Barreto; KNIJINIK, Jorge. (Org.). **Futebol das mulheres no Brasil**. Recife: Ed. UFPE, 2022, p. 8-10.
- ICOM. Icom aprova a nova definição de museu. São Paulo, 25 ago. 2022. Disponível em: <https://www.icom.org.br/?p=2756>. Acesso em: 05 mar. 2023.
- JANUÁRIO, Soraya; KNIJINIK, Jorge. Liberdade, ainda que tardia: a revolução feminina no futebol brasileiro. In: _____. (Orgs.). **Futebol das mulheres no Brasil: emancipação, resistências e equidade**, 2022, p. 11-32.
- JANUÁRIO, Soraya; KNIJINIK, Jorge. Novos rumos para as mulheres no futebol brasileiro. In: _____. (Orgs.). **Futebol das mulheres no Brasil: emancipação, resistências e equidade**, 2022, p. 434-458.
- KNIJINIK, Jorge. Femininities and Masculinities in Brazilian Women's Football: Resistance and Compliance. **Journal of International Women's Studies**, 2015, 16 (3), p. 54-70. Disponível em: <https://vc.bridgew.edu/jiws/vol16/iss3/5>. Acesso em: 25 jun. 2023.
- LIMA, Ana; QUADRADO, Raquel; KNIJINIK, Jorge. Por um futebol universitário praticado por mulheres. In: JANUÁRIO, Soraya; KNIJINIK, Jorge. (Orgs.). **Futebol das mulheres no Brasil: emancipação, resistências e equidade**, 2022, p. 264-292.
- MITIDIARI, Maria Cristina de Azevedo. **A experiência esportiva nos museus: os museus do esporte e a comunicação celebratória do patrimônio esportivo musealizado**. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio). UNIRIO/MAST PPG-PMUS, Rio de Janeiro, 2022.
- MUSEU DO FUTEBOL. **Mulheres, desobediência e resiliência** (Exposição virtual). Disponível em: <https://bit.ly/43WV3g1>. Acesso em: 24 maio 2023.
- MUSEU DO FUTEBOL. **Rainhas de Copas** (Exposição temporária). Disponível em: <https://bit.ly/46o5avZ>. Acesso em: 25 jun. 2023.
- MUSEU DO FUTEBOL. **Contra-ataque! As mulheres no futebol**, 2019.
- MUSEU DO FUTEBOL. Notas sobre coleções de mulheres no acervo do museu do futebol. Disponível em: <https://bit.ly/3NNso7L>. Acesso em: 07 mar. 2023.

MUSEU DO FUTEBOL. Missão. Visão e valores. Disponível em: <https://bit.ly/3Pq91mq>. Acesso em: 24 maio 2021.

MUSEU DO FUTEBOL. Visibilidade para o futebol feminino. Disponível em: <https://bit.ly/430zs56>. Acesso em: 24 maio 2021.

NATIONAL FOOTBALL MUSEUM. **Quite unsuitable for females**. Disponível em: <https://bit.ly/441TgGI>. Acesso em: 05 mar. 2023.

NATIONAL FOOTBALL MUSEUM. Upfront and Onside: The Women's Football Conference. Disponível em: <https://encurtador.com.br/duMQY>. Acesso em: 24 maio 2021.

NATIONAL FOOTBALL MUSEUM. Women's Football Tour. Disponível em: <https://encurtador.com.br/uvxT6>. Acesso em: 05 mar. 2023.

NATIONAL FOOTBALL MUSEUM. Annual Report, 2018/2019.

NATIONAL FOOTBALL MUSEUM. **Women's Football Exhibition**. Disponível em: <https://encurtador.com.br/gmnDQ>; <https://encurtador.com.br/x1247>. Acesso em: 25 jun. 2023.

PESSANHA, Nathália Fernandes. Capítulo 9. In: _____. **Mulheres em campo: presença feminina dentro e fora das quatro linhas**, 2018, p. 237-262.

SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. "Guerreiras de chuteiras" na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, 2016, v. 30, n. 2, p. 303-311.

SCARLETT, Belinda. Unlocking the hidden story of women's football. Collections Trust, Leicester, 28 abr. 2020. Disponível em: <https://shre.ink/IV2V>. Acesso em: 03 mar. 2023.

THE FA. History. Women's & Girls. Disponível em: <https://shre.ink/IV2G>. Acesso em: 15 mar. 2023.

WILLIAMS, Jean. **The History of Women's Football**. In: WILLIAMS, Jean. Banned. Barnsley, UK: Editora Pen and Sword History, 2022.

WOLF, Luiza. Futebol feminino terá espaço no museu do Pacaembu. **Folha UOL**, São Paulo, 08 mar. 2015. Disponível em: <https://shre.ink/IV2t>. Acesso em: 20 maio 2022.

* * *

Recebido em: 15 mar. 2023.

Aprovado em: 26 jun. 2023.

Mulheres e narração de futebol: desafios de um ofício

Women and football's broadcasting: challenges of a trade

Leonardo Turchi Pacheco

Universidade Federal de Alfenas, Alfenas/MG, Brasil
Doutorado em História Social da Cultura, UFMG
leonardoturchi@gmail.com

RESUMO: Este artigo tem como objetivo refletir sobre os desafios da inserção de mulheres na narração esportiva (futebol). Para tal foram realizadas entrevistas com 48 jornalistas mulheres de quatro capitais brasileiras para compreender alguns dos motivos que fazem da cabine de transmissão de eventos esportivos um espaço de reserva masculina. Depreende-se dos depoimentos e percepções destas que o campo do jornalismo e da narração esportiva é marcado por desigualdades de gênero, onde a voz feminina é desvalorizada em oposição a voz masculina entendida como naturalmente ideal para desenvolver essa atividade.

PALAVRAS-CHAVE: Voz; Narração esportiva; Futebol; Relação de gênero.

ABSTRACT: This article aims to reflect upon the challenges faced by female journalist throughout their insertions on the craft of sports broadcasting (football). To these intent 48 female journalists from four Brazilian capitals were approached and interviewed to understand some of the reasons that make the sports event broadcast booth a space reserved for men. It appears from their statements and perceptions that the field of journalism and sports broadcasting is characterized by gender inequalities. Hence, the female voice is devalued as opposed to the male voice understood as naturally ideal for developing this activity.

KEYWORDS: Voice; Sports broadcasting; Football; Gender relation.

Introdução

O tema da inserção das mulheres no mundo dos esportes, as suas conquistas, desafios e dificuldades, tem sido objeto de pesquisa de várias áreas do campo das ciências humanas e sociais. Várias coletâneas de artigos tem abordado as experiências de mulheres em diversos espaços esportivos e suas adjacências: na prática do futebol, na arbitragem, trajetória de profissionais e amadoras,¹ no boxe, na natação,² na administração esportiva, no surfe, no hipismo e no jornalismo esportivo.³ Não obstante, uma lacuna é perceptível: quase nenhum estudo aborda a inserção das mulheres no ofício da narração esportiva.⁴

O fato é que nos últimos anos, várias mulheres adentraram esse campo. Recentemente Renata Silveira narrou partidas da Copa do Mundo de futebol praticado por homens em uma emissora de televisão aberta – a Rede Globo de Televisão. A jornalista narrou, na Copa do Catar de 2022, as partidas Dinamarca *versus* Tunísia, Suíça *versus* Camarões, País de Galês *versus* Irã, Tunísia *versus* Austrália, Japão *versus* Costa Rica, Camarões *versus* Sérvia e Holanda *versus* Estados Unidos, entre outras.

Em 2018, na Copa da Rússia, Renata Silveira, Isabelly Moraes e Manuela Avelar narraram algumas partidas pelo canal de assinatura Fox Sports. Era a primeira vez na história que mulheres narravam jogos em Copas do Mundo. Antes disso, em 2017, Isabelly Moraes foi a primeira mulher a narrar jogos do Campeonato Brasileiro – ainda que partidas da segunda divisão e de uma equipe, então considerada a terceira força do Estado de Minas Gerais – em uma emissora de rádio pública.

Em todas essas ocasiões as emissoras alardearam o pioneirismo e do ineditismo da iniciativa indicando que prezavam pela equidade e neutralidade de gênero⁵ na esfera do jornalismo esportivo, incluindo a narração. Apesar de ser uma conquista, o pioneirismo não está, necessariamente, atrelado à continuidade, a aceitação e o estabelecimento dessas mulheres no campo da narração esportiva do futebol. Isso porque esse espaço, tal qual o campo do jornalismo esportivo, é majoi-

¹ KESSLER (Org.). *Mulheres na área*, 2016.

² KNIJNIK (Org.). *Gênero e esporte*, 2010.

³ SIMÕES; KNIJNIK (Orgs.). *O mundo psicossocial da mulher no esporte*, 2004.

⁴ PACHECO. *A palavra e a voz no futebol*, 2020.

⁵ CONNELL. *Gênero em termos reais*, p. 84.

ritariamente masculino e as mulheres enfrentam desafios para se posicionar e superar uma infinidade de “tetos de vidro”.⁶

Nesse sentido, o estudo de Pacheco e Silva⁷ evidenciou uma série de limitações e algumas possibilidades de mulheres se inserirem no campo do jornalismo esportivo em Belo Horizonte. Na perspectiva destes autores, a trajetória profissional dessas mulheres é caracterizada por deslocamentos: campo de trabalho restrito, o que as fazem procurar outras regiões para exercer a profissão. Pela instabilidade: campo de trabalho volátil e mal remunerado. Pela circulação entre as emissoras e redações da cidade de Belo Horizonte. Acrescenta-se a essas características os constrangimentos sexuais e morais que as excluem dos espaços proeminentes, como a de direção, e estipulam que desempenhem atividades pré-determinadas – entre elas, repórter de beira de campo, setoristas de clubes, apresentação de programas esportivos e mediação de mesa redonda.

Essas dificuldades não são características particulares a um contexto específico. Antes de mais nada se constituem em um padrão dos desafios históricos das mulheres na inserção no campo dos esportes⁸ e das mídias que tratam de esportes no Brasil e no mundo.

Essas dificuldades e desigualdades são evocadas nos estudos de Hargreaves em situações geográficas diversas como a europeia, africana e oceânica:

The uneven balance between the sexes occurs in other areas of sports media as well – for example, although there are slowly increasing numbers of female radio and television sports presenters and commentators, the vast majority are still men and those in high-status positions are all men. With few exceptions, sports media professional reinforce rather than undermine gender inequalities. As we have seen, they do so by marginalizing women’s sports and by treating female athletes differently from male athletes. This is a systematic process and symbolic expression of a power relationship between the sexes. In general, media sports professionals reproduce prejudices upon which patriarchal structures and sexist ideologies are based. They construct for reader and viewers a sense of the reality of sports which is culturally encoded.⁹

⁶ ACKER. *From glass ceiling to inequality regimes*, 2009.

⁷ PACHECO; SILVA. *Mulheres e jornalismo esportivo*, 2020.

⁸ GOELLNER. *Mulher esporte no Brasil*, 2004.

⁹ HARGREAVES. *Sporting females*, p. 198.

Pois bem, apesar do crescente número de mulheres no campo do jornalismo esportivo, ainda há um desequilíbrio generificado nessa área, como faz crer a autora. Esse desequilíbrio, também ocorre nas cabines de transmissões de eventos esportivos. Poucas são as mulheres que se inserem e ocupam as cabines de transmissão de partidas de futebol nas emissoras de rádio e televisão. As comentaristas dos aspectos táticos e de arbitragem tem sido ouvidas com mais frequência nas transmissões do que as narradoras. Nesse aspecto, há um indicio de que a cabine de transmissão ainda é um espaço de reserva masculina nos esportes, e mais particularmente no futebol. Quiçá um dos últimos baluartes da autoridade masculina para definir a situação¹⁰ – a realidade vivenciada da partida –, disciplinar olhares, manobrar tensões e criar a dinâmica do jogo.¹¹

Em outros termos é na cabine de transmissão, através da performance dos atores sociais envolvidos, é que se cria o evento esportivo para o telespectador. Como argumenta Barnfield¹² é nesse espaço que narrador e comentarista “fazem o futebol”. Portanto é um espaço de poder que produz efeitos de nomear a realidade, através da fala, da linguagem, da voz, influenciando até mesmo o olhar e o que se está vendo na imagem ou se imaginando mediado pelo som. É isso que indica Bourdieu quando discorre sobre os efeitos das palavras quando utilizadas em reportagens e eventos esportivos televisivos:

É preciso palavras extraordinárias. De fato, paradoxalmente, o mundo da imagem é dominado pelas palavras. A foto não é nada sem a legenda que diz o que é preciso ler – *legendum* –, isto é, com muita frequência, lendas, que fazem ver qualquer coisa. Nomear, como se sabe, é fazer ver, é criar, levar à existência.¹³

Em suma, essas palavras extraordinárias são tradicionalmente enunciadas pela voz masculina nos eventos esportivos. E essa constatação evidencia um dilema: por que a voz feminina não é ouvida em narrações esportivas – e na narração de futebol? E esse dilema se desdobra em outro: tendo em conta a recente entrada de narradoras na cabine de transmissão quais obstáculos impedem que essa (s) voz (es) seja (m) ouvida (s) na narração esportiva?

¹⁰ GASTALDO. “Os campeões do século”, 2006.

¹¹ TOLEDO. *Lógicas do futebol*, 2002.

¹² BARNFIELD. *Soccer, broadcasting, and narrative*, 2013

¹³ BOURDIEU. *Sobre a televisão*, p.26.

Tendo em conta essa exposição inicial, este artigo tem por objetivo refletir sobre os desafios que marcam a inserção das mulheres e de suas vozes nas cabines de transmissão de futebol. Para alcançar esse propósito são utilizadas entrevistas semiestruturadas com 48 jornalistas que estavam trabalhando ou haviam trabalhado na área de esportes, cobrindo futebol em diversos meios de comunicação (emissoras de televisão, rádio, editoria de esportes em jornais, assessoria de comunicação de clubes de futebol e blogs) entre 2017 e 2018 nas cidades de Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro e Recife.¹⁴

Das 33 jornalistas de Belo Horizonte, duas eram fotógrafas, duas eram assessoras de equipes de futebol, uma era “blogueira”, quatro trabalhavam na editora de esporte de jornais, uma havia trabalhado em vários jornais, sete estavam trabalhando em rádios, duas haviam trabalhado em rádios, 12 trabalhavam em emissoras de televisão e outras duas haviam trabalhado em emissoras de televisão.

As sete entrevistadas de Recife, quatro trabalhavam em emissoras de televisão, uma em emissora de rádio, uma havia trabalhado em uma rádio e a outra havia trabalhado em um jornal da cidade. As demais jornalistas trabalhavam no eixo Rio-São Paulo, dessas oito, seis trabalhavam em emissoras de televisão, uma em uma rádio da cidade de São Paulo e uma havia trabalhado em um jornal esportivo de São Paulo.

A maioria das mulheres entrevistadas se declarou como possuindo cor da pele branca, somente quatro se declararam negras, outras seis pardas e uma se recusou a responder à pergunta. A faixa etária predominante variou entre 30 e 39 anos, em menor número entre 20 e 29 anos e poucas na faixa dos 40 aos 49 anos. As mulheres solteiras e como grau de escolaridade superior completo é maioria nesta

¹⁴ Foram realizadas entrevistas com 33 jornalistas em Belo Horizonte, sete em Recife e oito entre São Paulo e Rio de Janeiro. É importante ressaltar que essas entrevistas foram realizadas para a minha pesquisa de estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar de Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional – EFFTU – da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Para se chegar nesta amostragem foi necessário visitar a redação de um jornal localizado na cidade de Contagem, Minas Gerais. Nas visitas conheci uma jornalista e uma fotografa que cobria futebol. Elas me sugeriram jornalistas de suas redes de relações que poderiam ser entrevistadas e me autorizaram a mencionar seus nomes nos contatos de solicitação de entrevistas. Isso se repetiu com todas as interlocutoras. Essa estratégia permitiu que os contatos, que inicialmente eram somente da cidade de Belo Horizonte, fossem se espalhando para Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. Ressalto que quando mobilizo os depoimentos das jornalistas utilizo de nomes fictícios para manter o anonimato destas interlocutoras.

amostra. Todas, sem exceção, se declararam heterossexuais. Apesar das interlocutoras terem ou estarem trabalhando cobrindo futebol no momento em que eu as entrevistei, nenhuma delas havia desempenhado o ofício de narradora esportiva: nunca haviam narrado (de maneira profissional) futebol e tampouco outro esporte.

No presente artigo, a metodologia interpretativa foi utilizada para analisar as narrativas das interlocutoras sobre a ausência de mulheres na narração de futebol. Nesta direção, procurou-se compreender os significados dos discursos emitidos pelas jornalistas, assim como as teias de sentido que estes se desdobravam.¹⁵ Portanto, as falas destas mulheres foram abordadas de maneira interpretativa para se compreender a realidade social em que elas se inserem: “Um relato sobre a sociedade, portanto, é um dispositivo que consiste em declarações de fato, baseada em evidências aceitáveis para algum público, e interpretações desses fatos, igualmente aceitáveis para algum público”.¹⁶

Deste modo, o texto está dividido em dois tópicos. O primeiro enfoca as desigualdades de gênero, os aspectos da masculinidade e machismo engendrados no campo do jornalismo esportivo. Esses aspectos são percebidos pelas mulheres que escolhem essa profissão tornando-se um dos desafios para a inserção nessa área. O segundo desdobra essas desigualdades e reflete sobre os desafios a serem superados para que mais mulheres adentrem a cabine de transmissão esportiva. Nesse momento a abordagem evidencia os desafios que envolvem a percepção sobre a voz feminina para se adequar as normas do que se convencionou ser uma narração esportiva de qualidade. Nas considerações finais, registra-se uma série de indícios proveniente dos depoimentos das jornalistas que revelam que resistências e desconstruções são necessárias para que o acesso de mulheres ao ofício de narração esportiva seja mais inclusivo e possível de se concretizar.

ESPAÇO MASCULINO E O DESAFIO DE INSERÇÃO

Como mencionado anteriormente, o campo profissional do jornalismo esportivo (e da narração esportiva) são espaços masculinos. Em uma pesquisa recente sobre mu-

¹⁵ GEERTZ. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura, 1989.

¹⁶ BECKER. Falando da sociedade, p. 26.

lheres no jornalismo brasileiro, Mazotte e Toste¹⁷ verificaram a discrepância de gênero nas áreas de esporte, educação e tecnologia. No levantamento dessas autoras, essas são as áreas de predominante representação masculina. A percepção dessas autoras é similar à das 48 jornalistas por mim entrevistadas nas cidades de Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro e Recife. Estas ainda acrescentaram outro dado que suplementa este. No jornalismo esportivo predomina uma cultura machista.

Vigoya,¹⁸ a partir de uma perspectiva decolonial, chama a atenção para sete eixos temáticos dos estudos sobre masculinidade na América Latina – nos termos da autora, *Nuestra América*. Em um desses eixos a autora indica que o mercado de trabalho, a despeito de suas transformações, é um espaço primordial para se entender a construção de identidades masculinas e a manutenção de certos ordens de gênero. Na leitura de Vigoya é característico da ordem de gênero nessas esferas que uma certa masculinidade seja empoderada com vantagens e privilégios compreendidos como “naturais”.

Esta autora não dá ênfase ao machismo nesse eixo em particular. Mas acredito que o machismo nas relações de trabalho não poder ser desconsiderado como uma maneira de exercer dominação e de desqualificar o desempenho das jornalistas. Creio que a linguagem, as “brincadeiras”, as posturas e posicionamentos dos jornalistas compõem um quadro que são associadas ao mundo masculino e contribuem para normalizar as práticas e os discursos machistas.

Sem dúvida é necessário chamar a atenção para a multiplicidade de experiências, práticas e discursos que compõem a masculinidade¹⁹ – portanto, mundos masculinos, nem todos machistas – assim como para as formas de se praticar o futebol – os muitos “futebóis”.²⁰

Mas, apesar dessa diversidade, o espaço do futebol espetáculo²¹ e sua cobertura jornalística no Brasil, ainda é marcado por discursos e práticas masculinas hegemônicas – frequentemente associadas a posicionamentos conservadores, patriarcais, heteronormativos, homofóbicos e misóginos. Ora, é preciso questionar se

¹⁷ MAZOTTE; TOSTE. *As mulheres no jornalismo brasileiro*, 2017.

¹⁸ VIGOYA. *As cores da masculinidade*, 2018.

¹⁹ KIESLING. *Men, masculinities, and language*, 2007.

²⁰ CAMARGO. *Dimensões de gênero e os múltiplos futebóis no Brasil*, 2020.

²¹ DAMO. *Do dom a profissão*, 2007.

esses não seriam mecanismos de contra-ataque construídos por um discurso vitimário que enfoca a “crise de masculinidade” face a inserção de outros atores sociais em um ambiente outrora de reserva masculina. Um mal-estar da masculinidade que justificaria, através deste discursos preconceituosos, uma série de condutas impróprias, porém consideradas legítimas contra os outros da masculinidade.

Como faz crer Oliveira:

Tornava-se plausível perceber nesse núcleo argumentativo explicações que serviriam para esclarecer a propensão para a violência e agressividade masculina típica como até o racismo, passando pela dominação masculina sobre as mulheres, e também o desenvolvimento da capacidade de destruição da natureza e da própria espécie humana.²²

Joliet (35 anos, branca, solteira), jornalista de Belo Horizonte, relata que [o jornalismo esportivo] “[...] é um ambiente muito machista, e escuto piadas machistas todo dia [...]”. A esse relato somam-se outros que indicam para as dificuldades em relação a hostilidade, intransigência, ridicularização e menosprezo que enfrentam as mulheres que escolhem esse campo de atuação, seja por parte de colegas de profissão, de atletas e dirigente e de torcedores.

Frequentes são as respostas ofensivas, a rispidez de técnicos. Clementina, (37 anos, branca, casada) interlocutora de Belo Horizonte, lembrou da maneira grosseira que o então técnico do Clube Atlético Mineiro, Emerson Leão, respondeu a seu questionamento em uma coletiva de imprensa: “Você está muito ácida. Nós ganhamos o jogo e você me faz essa pergunta. Vou te levar para tomar um sorvete de doce de leite, para ver se você fica mais doce”. Segundo a perspectiva desta jornalista, esta forma de responder não é verificada quando quem realiza a pergunta é um colega homem.

Em Recife, outra interlocutora teve uma experiência semelhante:

Eu lembro de uma situação que um treinador de futebol virou para mim numa coletiva de imprensa [...]. E aí ele tinha dito durante a semana que iria analisar o time que ia jogar contra o Sport e ia ver se depois deste jogo iria precisar de reforços ou não. Eu esperei assim, e o Náutico perdeu a partida. E depois na coletiva, todo mundo perguntando da partida, o que achou [...]. Eu virei para ele questionei: “você falou no meio da semana que iria averiguar o jogo, os jogadores depois desta partida para ver se ia pre-

²² OLIVEIRA. A construção social da masculinidade, p. 180.

cisar de reforços ou não. E eu queria questionar de você, depois de ver este jogo se você vai precisar de reforços e quais áreas seriam o precisariam de reforços?”. Ele olhou pra mim e falou: “você está maluca ou não acompanha futebol. Porque eu não falei isso no meio da semana”.²³

Frequentes são as abordagens deselegantes de jogadores e torcedores que as fazem alterar seu comportamento, sua postura corporal e maneiras de vestir. As jornalistas argumentaram que utilizam roupas largas, não se maquiam, não cumprimentam os jogadores com abraços ou beijos no rosto quando estão trabalhando nos centros de treinamentos ou no campo de futebol. Há um distanciamento corporal, uma transformação na conduta e um cuidado racional nas vestimentas de modo a delimitar a posição de profissional que trabalha no jornalismo cobrindo seriamente futebol.

Você é a única mulher num lugar onde só tem homem. E aí você tem que ir para um vestiário para poder fazer a entrevista no final da coisa. Eu ficava extremamente tímida e bem na minha. Até também por receio. Porque dependendo da minha postura isso podia gerar uma abertura e gerar uma interpretação diferente dos caras [...]. A gente acaba se revestindo de uma postura extremamente dura e fechada com receio disso. Com receio de que forma vão me ver [...]. Eu quero que eles me respeitem como uma profissional de futebol. Então eu tenho que vestir uma roupa que não instigue nada.²⁴

Sobretudo há uma intenção por parte das jornalistas de impor respeito:

Com jogadores com frequência acontece assédio, né? [...]. É assédio porque são mulheres ali trabalhando. Quando eles acham interessante, eles procuram normalmente nas redes sociais. Eles mandam alguém falar. E na verdade eles tentam. Eu acho que assim que a gente, todas as repórteres que eu conheço impõe respeito, delimitam bem as coisas. Mas é muito difícil lidar com isso porque a gente tem que ter uma relação amistosa com eles, né? Com os jogadores e coma comissão técnica. Porque a gente está interessada numa entrevista, interessada em outras coisas. Então é uma condução muito difícil de tocar. Porque a gente precisa ser sutil, a gente precisa se impor. Mas a gente não pode causar uma inimizade. Está é uma tentativa, né? É bom lembrar que nem sempre é possível.²⁵

Estes são os modos de impedir aproximações de caráter íntimo por parte de jogadores e técnicos. Quando estas aproximações ocorrem a estratégia utilizada é a de indicar que elas possuem companheiro, namorado, noivo ou marido como proteção

²³ Nara (25 anos, branca, solteira), jornalista interlocutora de Recife.

²⁴ Glória (37 anos, parda, solteira), jornalista interlocutora de Belo Horizonte.

²⁵ Odete (26 anos, parda, solteira), jornalista interlocutora de Recife.

contra as investidas. Mesmo que eles não existam, sejam inventados para escapar da situação, há o entendimento, por parte dos jogadores e técnicos, de que a negação se justifica com o comprometimento. Assim não há o risco de se perder a fonte de informação; o que de outra forma dificultaria ainda mais trabalho destas mulheres.

A queixa de assédio recai, principalmente, sobre o comportamento de jogadores e torcedores. Estes parecem não compreender a presença destas mulheres como sendo oriunda de atividade profissional: “Porque nós somos vistas como objeto. Porque as mulheres que vão para o campo estão lá para embelezar”.²⁶ É intrigante notar que esta aproximação íntima entre os colegas de trabalho não são percebidas como assédio, mas sim como “brincadeira”, “flerte do meio masculino”.

Os relatos queixosos sobre os colegas de profissão é outra. Entre os colegas é frequente que elas tenham sua competência questionada e sua capacidade desacreditada. O mesmo ocorre com seus conhecimentos que são deslegitimados e colocados à prova. Questionamento sobre a regra do impedimento, sobre a escalação de uma equipe clássica de décadas passadas, da autoria de um gol decisivo e seus detalhes são alguns dos desafios que os colegas de trabalhos as submetem. Se conseguem apurar notícias inéditas seus colegas homens questionam os meios para tal. Geralmente estes insinuam que houve troca de informações inéditas por favores sexuais, dizem elas em seus relatos. Se elas alcançam alguma posição de prestígio dentro da carreira. Isso não é reconhecido como sendo mérito e competência das jornalistas, mas fruto de troca de favores sexuais com chefes e superiores.

Através das narrativas das jornalistas compreende-se que as mulheres se inserem nesse campo como *outsiders*. Elas sofrem dos estigmas imputados aqueles que estão em desvantagem nas relações de poder de uma determinada configuração. Como diria Elias e Scotson

A estigmatização, como um aspecto da relação entre estabelecidos e *outsiders*, associa-se, muitas vezes, a um tipo específico de fantasia coletiva criado pelo grupo estabelecidos. Ela reflete e, ao mesmo tempo, justifica a versão – o preconceito – que seus membros sentem perante os que compõem o grupo *outsider*.²⁷

²⁶ Rita (31 anos, não informou, solteira), jornalista interlocutora de Belo Horizonte.

²⁷ ELIAS; SCOTSON. *Os estabelecidos e os outsiders*, p. 35.

Como se verá mais adiante, a pouca inserção dessas mulheres será justificada pela falta de iniciativa delas próprias, ou então, no caso da narração, por conta da agudez natural de suas vozes que as desqualificam para a narração. Estigmas anunciados e reforçados por atores dentro da profissão e reproduzido e reforçados, em alguns casos, pelas próprias jornalistas.

Nesse momento é importante evidenciar divergências entre as jornalistas que adentram e seguem carreira nesse campo profissional. Por um lado, reconhece-se o machismo e a reserva masculina da profissão. Mas nega-se ou relativiza-se que, por ser um campo de reserva masculina, as mulheres tenham maiores dificuldades de se inserir e ascender na carreira. Predomina o discurso do mérito, esforço individual para a ascensão e do fracasso individual; das falhas individuais para a estagnação. Ao mesmo tempo em que se justifica a ausência de mulheres jornalistas pela falta de interesse e falta de paixão pelos esportes, especialmente o futebol.

Nesse sentido, uma profissional que trabalha em uma emissora de rádio em Belo Horizonte enfoca a questão do mérito e das faltas individuais no que concerne a inserção das mulheres no campo do jornalismo esportivo que cobre futebol:

Nosso mercado é muito pequeno [...], hoje, mais do que cinco anos atrás, o mercado feminino está invadindo o futebol; muito mais do que antes. Hoje nós temos mulher [...] dirigindo uma equipe de esportes de uma empresa [de comunicação] super tradicional [...]. É um mundo ainda muito machista, mas no nosso mercado hoje nós temos mulheres na Federação Mineira de Futebol, nas tevês, ancorando os programas, nós temos mulheres repórteres, nós temos narradoras em São Paulo, a Globo está preparando uma narradora para narrar futebol. Por que que isso acontece? [Pouca inserção] Eu acho que a culpa principal é das mulheres, sabe? Porque por exemplo eu poderia não ter aceitado o convite [do empregador], por medo, por pensar que a mulher é incompetente [...] eu acho que a culpa é da mulher por não aproveitar o mercado, por não se interessar. Tem várias pessoas que falam: “mas por que você acha que não despontam?” Porque não procuram se despontar. Eu tenho que provar que no cargo que eu ocupo eu preciso ser melhor do que o homem que estava antes de mim. Porque se eu não for boa, tanto quanto ou mais do que ele, vai vir qualquer outra pessoa ou mulher ou homem e vai ocupar meu cargo. Então vai depender muito de mim. Então a culpa é muito das mulheres. Ah, mas esse é um mercado muito masculino, mas não se preocupam, não adquirem conhecimento, não entram no mundo com toda força e toda a coragem.²⁸

²⁸ Amélia (44 anos, parda, casada), jornalista interlocutora de Belo Horizonte.

Na mesma direção, outra jornalista de Belo Horizonte que trabalha em uma emissora de televisão, tem uma perspectiva bastante parecida no que concerne ao interesse das mulheres para trabalhar com o futebol:

Bom, eu acho que ele [jornalismo esportivo] é um segmento específico, né. A gente sabe que tem um crescimento. Mas acho que é uma coisa cultural. E vem do gosto mesmo [...] se você conversar com várias mulheres, eu acho que. Por exemplo eu tenho uma turma de amigas, de dez eu e mais uma nos interessamos por futebol. Eu acho que na hora de você escolher algo tão específico para sua carreira, também, você tende a ir para uma coisa que você também tenha uma afinidade. Eu acho que é um pouco disso também. Eu acho que tem toda a questão que tem uma dificuldade, tem um preconceito. Que é uma profissão predominantemente masculina. Mas eu acho que também faz parte da escolha. Eu acho que se você perguntar para várias jornalistas que estão aí formando ou acabaram de se formar, talvez muitas delas vão te falar que não tem interesse por futebol.²⁹

Por outro lado, e essa foi o argumento da grande maioria dos relatos, a estrutura do campo – o machismo intrínseco e a reserva masculina – limitam a inserção em determinados espaços e a ascensão a postos de chefia e gestão por parte das mulheres. Nessa perspectiva haveria “tetos de vidros” – barreiras da própria profissão – que não obstante a vontade, interesse e competência dessas mulheres seriam impeditivos para a progressão de suas carreiras. Essas narrativas revelam que para ocuparem vários destes espaços, às mulheres é necessário a conformidade com as normas de uma masculinidade hegemônica e suas práticas machistas. Não há dúvidas que essas normas são negociadas no cotidiano e que há resistências a essas relações de poder constituídas. Este embate se constitui como um dos desafios da inserção das mulheres no jornalismo esportivo e da transformação da própria esfera de trabalho.

A VOZ DO *STATUS QUO*: OUTRO DESAFIO

No espaço da cabine de transmissão é a linguagem e a voz masculina que se faz estabelecida. A Linguagem e a voz masculina não são percebidas, pois são compreendidas com a forma neutra de posicionar, se falar e de narrar a realidade social. É

²⁹ Leyla (32 anos, branca, solteira), jornalista interlocutora de Belo Horizonte.

a linguagem do *status quo*; enraizada no cotidiano e tida como normal. É isso que argumenta Lakoff em *Language war* e acrescenta Spender em *Man made language*: a linguagem, e conseqüentemente a voz das mulheres, nos espaços estabelecidos pelo privilégio masculino, são percebidas como fora da ordem, deficientes e anormais. Essa desqualificação se dá de maneira a negar a autoridade, a seriedade, a convicção e a força do argumento e da vocalização das mulheres. E essas desqualificações são vinculadas às mulheres que fazem da narração esportiva a sua ocupação profissional.

É bastante significativo que a percepção das próprias jornalistas indique para as inadequações de uma narração realizada por vozes de mulheres. Como também é significativo que essas pretensas inadequações preestabeleçam um modo convencional e correto de narração esportiva antecipando a exclusão das mulheres desses espaços.

Julietta de São Paulo entende que:

Primeiro muita mulher tem voz aguda, mais aguda e isso se torna irritante para você ter um ritmo de narração. Por mais que hoje em dia para TV e para rádio as pessoas não apostam em vozes bonitas assim, mais no conteúdo e na forma. Ainda assim uma voz irritante faz total diferença. E isso é um preconceito que ninguém vai querer encarar, pois sabe que vai dar muito trabalho para tentar modificar. Até comentar já é difícil. Imagina ter essa posição central numa transmissão.³⁰

Maria Betânia de Recife acrescenta que:

Comentarista como eu já falei, é bem difícil, é bem complicado ir bem. Ai assim, volto ao ponto rádio, assim. Especialmente rádio é ainda mais complicado. Acho que narrador tem que ter um trabalho de [inaudível] e cultura muito grande. Porque a voz da mulher por natureza é um pouco mais anasalada, é um pouco mais [inaudível]. [...] Uma voz mais forte, uma voz mais empostada, uma voz mais firme. Uma voz que puxa as palavras e alonga as palavras. Coisa que para a mulher ela tem que fazer um trabalho de fonoaudiólogo muito específico para que homem aceite, para isso. [...] Para mim, tudo continua sendo cultura, não é assim que eu costumo entender futebol, o homem pensa né. O cara, eu não escuto mulher falando de futebol, não soa pra mim legal. [...] A audição é um sensor muito forte no mundo do futebol. [...] Então a força da voz [...], a mulher tem uma característica física que precisaria ser trabalhada e moldada. [...] E brasileiro é essencialmente muito preconceituoso. É uma mudança

³⁰ Julieta: (31 anos, branca, solteira), jornalista interlocutora de São Paulo.

de cultura. [...] Tudo dá para aprender, mas principalmente narração você tem que vir com o dom, vir com uma coisa diferenciada.³¹

Seguindo a mesma direção Clementina de Belo Horizonte explica que:

E uma outra questão que eu já conversei na época da rádio e é uma opinião minha que deve ser analisada. Eu acho que o timbre de voz feminino para narrar futebol tem que ser um timbre que não seja muito agudo pelas características da narração. [...] Você fica noventa minutos escutando uma pessoa narrando o tempo inteiro o que está acontecendo. Principalmente no caso do rádio, né? na televisão não é tão intenso assim. Mas eu, por exemplo, achava minha voz aguda e achava que isso seria mais cansativo. Eu tentava trabalhar para a minha voz não ficar cansativa pro ouvido mesmo.³²

É importante destacar três questões nesses depoimentos. A primeira questão se refere à modulação da voz; a segunda está ligada ao gosto da audiência e a terceira a oposição entre talento e aprendizagem.

Nos depoimentos há o argumento da naturalização da voz feminina como “anasalada”, “fraca” e “aguda”, e, portanto irritante. Mas, autoras que escreveram sobre entonação, timbre e linguagem apontam para essas características como sendo construídas social e culturalmente.³³ Spender³⁴ resgata uma série de estudos para revelar que a entonação não é algo natural, mas algo apreendido. As mulheres são encorajadas na sua socialização a falar em um determinado tom de voz, assim como os homens são encorajados a se afastar deste timbre e se aproximar de um timbre mais grave. E mesmo homens com o tom de voz mais agudo não são considerados desagradáveis. Portanto, essa autora não compreende que a questão da irritabilidade com a voz feminina seja o tom da voz. O tom da voz é uma pantomina utilizada como sendo uma “justificativa objetiva” para desqualificar e excluir mulheres de espaços específicos e de lugares de fala.

Essa argumentação chama a atenção para a hierarquia de gênero que se produz através de discursos que utilizam da categoria natureza para justificar desigualdades culturalmente construídas. Herzfeld,³⁵ em uma perspectiva antropológica, reflete como os sentidos são arenas de ação – para conservação de privilégios

³¹ Maria Betânia (39 anos, branca, casada), jornalista interlocutora de Recife.

³² Clementina (37 anos, branca, casada), jornalista interlocutora de Belo Horizonte.

³³ MCCONNELL-GINET. *Intonation in a man's world*, 1978.

³⁴ SPENDER. *Man made language*, 1990.

³⁵ HERZFELD. *Antropologia*, 2014.

e práticas de dominação, por exemplo. Assim, esse autor atenta para a hierarquização dos comportamentos sensoriais e códigos sociais que regem a aceitabilidade e a classificação dos sentidos. Na sociedade ocidental, a hierarquia sensorial passa pela oposição natureza e cultura e se desdobra em sensações percebidas como masculinas e femininas. Deste modo o odor, o tato e o gosto são sensações compreendidas como mais próxima da natureza e da feminilidade, portanto não tão valorizadas quanto o olhar e o ouvir, sensações ligadas a cultura e a racionalidade, mais próximas da masculinidade e portanto superiores. Classen,³⁶ em uma perspectiva histórica, compreende as sensações na mesma direção. Para essa autora, como são construções simbólicas historicamente construídas, a percepção e as ideias sobre as sensações refletem hierarquias e posições políticas que interseccionam as categorias de gênero, raça, classe social, entre outras.

A segunda questão se refere ao gosto e está intimamente relacionada com a hierarquização das sensações agradáveis ao ouvido. Ao explorar o gosto de classe e o estilo de vida, Bourdieu³⁷ revela que as preferências individuais são de fato enquadramentos coletivos e arbitrários. Segundo esse autor, determinadas normas e convenções são reproduzidas pela educação (no caso na narração, a voz masculina tradicionalmente ouvida em quase todas as transmissões) e conformam os gostos de uma audiência. É sempre relevante enfatizar o aumento da participação feminina nas esferas ligadas aos esportes. Não obstante esse aumento da presença de mulheres, a audiência do futebol espetáculo praticado por homens, ainda é majoritariamente masculina.

Nesse sentido, a voz masculina se apresenta como norma de narração. Ademais, é essa a voz, entendida como neutra, que aparece como critério de julgamento para estabelecer o valor estético da narração feminina. Se se levar em consideração os depoimentos das jornalistas entrevistadas essa é a pista a ser seguida para compreender o gosto dos ouvintes em relação a voz feminina. Por isso gostaria de enfatizar que não é somente um estranhamento de uma voz com características não compreendidas pela norma que aqui se verifica. Mas sim uma questão política. Pois indica que o gosto convencionalizado como a maneira correta de se usu-

³⁶ CLASSEN. *Engendering perception*, 1997.

³⁷ BOURDIEU. *A distinção*, 2013.

fruir de uma narração esportiva contribui para manter privilégios entre os semelhantes e estigmatizar as diferenças fazendo da experiência estética a “expressão distintiva de uma posição privilegiada” e a “absolutização da diferença”.³⁸

Por este ângulo a voz masculina entoada, preferencialmente, por homens conformaria o gosto de uma audiência masculina, acrescentada por ouvintes mulheres que reconhecem, reproduzem e contribuem para manter o privilégio de uma área de reserva masculina. Essa voz, pelo critérios estéticos estabelecidos pela tradição masculina soaria como música, ao passo que o gosto da emissão sonora da voz feminina soaria como ruído. Nas palavras de Le Breton, essa seria a “língua da alteridade”³⁹ ou como quer Seeger, quando explora a comunicação sonora e seus efeitos na relação *sons-performer*-audiência: “como muitos de nós sabemos por nossas próprias experiências pessoais, a música de uma pessoa pode ser o ruído de outra”.⁴⁰

Por fim, é no mínimo curioso que na apreciação das jornalistas o talento se apresenta afastado da aprendizagem. A execução de um ofício – como a narração esportiva – com excelência não parece estar ligada ao esforço e ao trabalho de uma aprendizagem constante. Nesse entendimento o dom, como talento é inato e pode ser associado a qualidades individuais que distinguem o “gênio” da pessoa comum. O talento é algo que se “têm”: uma “propriedade” intransferível, “uma qualidade imanente” da pessoa que o possui.⁴¹

Ora, Mauss é um dos autores que joga por terra essas argumentações. Este autor evidencia aproximação desses termos: tanto talento e aprendizagem, quanto qualidades individuais e coletivas. Quando aborda as técnicas corporais e os *habitus* corporais adquiridos por imitação prestigiosa, Mauss entrelaça talento a aprendizagem na medida em que indica:

Esses “hábitos” variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, variam sobretudo com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, os prestígios. É preciso ver técnicas e a obra da razão prática coletiva e individual, lá onde geralmente se vê apenas a alma e suas faculdades de repetição.⁴²

³⁸ BOURDIEU. *A distinção*, p. 56-57.

³⁹ LE BRETON. *Antropologia dos sentidos*, p. 158.

⁴⁰ SEEGER. *Etnografia da música*, p. 239.

⁴¹ HERZFELD. *Antropologia*, p. 351.

⁴² MAUSS. *As técnicas do corpo*, p. 404.

Em outro registro, Elias contribui com essa argumentação quando revela como até mesmo um “gênio” da qualidade de Mozart que possuía “rara sensibilidade auditiva”⁴³ aprendeu as técnicas de música por meio da socialização obsessiva paterna na intenção de “fazê-lo grande através da disciplina e do trabalho incessante”.⁴⁴

Nos depoimentos colhidos, tudo se passa como se o talento fosse a única característica importante para exercer a função de narrador de futebol. Algo que delimitasse de antemão quem pode e quem não pode entrar numa cabine de transmissão. O talento é percebido como uma característica positiva, o mesmo não parece acontecer com a aprendizagem, a técnica. Esta vista de maneira isolada não dá conta de cumprir sua função de formadora de narradores de futebol. O talento parece se desprender da aprendizagem técnica. Como se ele se bastasse e a técnica aparecesse, somente como algo adjacente, ou seja, uma maneira de melhorar e consolidar a percepção dessa condição inata que é o talento. Como foi enfatizado em um dos depoimentos acima: “Tudo dá para aprender, mas principalmente narração você tem que vir com o dom, vir com uma coisa diferenciada”.

Percepção que contribui para deixar as mulheres ainda mais excluídas do ofício, já que são os homens que possuem o talento “natural” para a narração e por isso são mais hábeis para exercê-la. Quanto as mulheres; estas precisam trabalhar a técnica se assim quiserem desempenhar esse ofício. Para elas é necessário aprendizagem em múltiplos níveis. A performance vocal é uma dessas aprendizagens que as aproximam da superioridade natural da performance masculina. Mas não somente a “performance vocal [...], a técnica e precisão na descrição das jogadas, narrações mais comprometidas com o fundamento do jogo [...]”,⁴⁵ demanda trabalho de aprendizagem, como também o auxílio de uma série de profissionais da saúde para manipular uma pretensa essência negativa vocálica feminina em uma prestigiosa vocalização, também entendida como essência natural masculina. Tudo isso em nome de outro trabalho: a superação do preconceito e da consequente desvalorização das mulheres no campo da narração esportiva. Portanto um tra-

⁴³ ELIAS. *Mozart*, p. 70.

⁴⁴ ELIAS. *Mozart*, p. 75.

⁴⁵ TOLEDO. *Lógicas do futebol*, p. 199.

balho que agrega negociação, resistência e convencimento para a ocupação do “lugar central da transmissão”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abu-Lugod⁴⁶ dedica-se a revelar a vivacidade, o estilo e a dinâmica de contar histórias das mulheres beduínas. Essas vozes femininas aparecem representadas em seu trabalho etnográfico de forma particular, parcial, posicionada e relacional. Isso porque são experiências de mulheres específicas em suas relações com indivíduos – homens e mulheres; também posicionados em diversas instituições sociais.

Esse artigo guarda semelhanças com a política de representação de Abu-Lugod. As vozes das mulheres jornalistas também são enfocadas de maneira particulares e parciais. Não foram entrevistadas todas as mulheres que exercem a profissão nem em Belo Horizonte, Recife, São Paulo e Rio de Janeiro, somente um fragmento delas. Assim, como seus depoimentos refletem experiências parciais e posicionadas. Deste modo, não é possível fazer generalizações sobre as percepções destas mulheres sobre a voz feminina na narração e tampouco os desafios enfrentados pelas mulheres que engajam nesse ofício.

O que se tem são indícios. Pistas sobre as percepções e desafios enfrentados. Desta forma é possível afirmar que o campo do jornalismo esportivo é hostil para as mulheres e a cabine de transmissão é considerada como um espaço de privilégio e de poder do uso da voz masculina. Nessa direção é possível afirmar que um dos desafios a se encarar está associado ao machismo cotidiano desse campo. A resistência passa inicialmente no desmonte dos discursos e práticas machistas no ambiente de trabalho e se desdobrar na transformação da estrutura de desigualdades generificadas há muito enraizadas nesse ofício.

Outro desafio é o da desconstrução da naturalização da voz masculina como norma para a narração esportiva. Faz-se necessário o desmonte dos dispositivos de poder que determinam que as vozes femininas são irritáveis, cansativas, barulhentas. É preciso insistir que a voz masculina naturalmente ideal e essencialmente

⁴⁶ ABU-LUGOD. *A escrita dos mundos de mulheres*, 2022.

talentosa para exercer o ofício de narração é na verdade uma construção cultural que se desdobra em hierarquizações, manutenção de privilégios e desigualdades historicamente estabelecidos. Finalmente é preciso desmitificar o talento, associado com a ideia-valor, do “gênio”, algo inato e intransferível, e apontar para a característica menos limitante e mais inclusiva da aprendizagem de um ofício, que no caso depende do desenvolvimento de técnicas corporais – respiração, dicção, oratória e memorização – para ser desenvolvido.

* * *

REFERÊNCIAS

- ABU-LUGOD, Lila. **A escrita dos mundos de mulheres**: histórias beduínas. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições, 2022.
- ACKER, Joan. From glass ceiling to inequality regimes. **Sociologie du Travail**, 51, p. 199-217, 2009.
- BARNFIELD, Andrew. Soccer, broadcasting, and narrative: on televising a live soccer match. **Communication & Sports**, v. 1, n. 4, p. 326-341, 2013. Disponível em: sagepub.com. Acesso em: 10 fev. 2023.
- BECKER, Howard. Falando da sociedade. In: _____. **Falando da sociedade**: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009, p. 15-28.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2013.
- CAMARGO, Wagner Xavier de. Dimensões de gênero e os múltiplos futebóis no Brasil. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt. (Orgs.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020, p. 589-604.
- CLASSEN, Constance. Engendering perception: gender ideologies and sensory hierarchies in western history. **Body & Society**, v. 3, n. 2, p. 1-19, 1997.
- CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. São Paulo: nVersos, 2016.
- DAMO, Arlei Sander. **Do dom a profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França São Paulo: Aderaldo & Rothschild Editores/ANPOCS, 2007.

ELIAS, Norbert. **Mozart**: sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

GASTALDO, Édison. “Os campeões do século”: notas sobre a definição da realidade no futebol espetáculo. In: GASTALDO, Édison; GUEDES, Simoni Lahud. (Orgs.). **Nações em campo**: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006, p. 15-38.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989, p. 13-44.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher esporte no Brasil: fragmentos de uma história generificada. In: SIMÕES, Antônio Carlos; KNIJNIK, Jorge Dorfman (Orgs.). **O mundo psicossocial da mulher no esporte**: comportamento, gênero, desempenho. São Paulo: Aleph, 2004, p. 359-374.

HARGREAVES, Jennifer. **Sporting females**: critical issues in the history and sociology of women’s sports. London/New York: Routledge, 1994.

HERZFELD, Michael. **Antropologia**: prática teórica na cultura e na sociedade. Petrópolis: Vozes, 2014.

KESSLER, Cláudia Samuel. (Org.). **Mulheres na área**: gênero, diversidade e inserções no futebol. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

KIESLING, Scott. Men, masculinities, and language. **Language and Linguistics Compass**, v. 1, Issue 6, p. 653-673, 2007.

KNIJNIK, Jorge Dorfman. (Org.). **Gênero e esporte**: masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: APICURI, 2010.

LAKOFF, Robin Tolmach. **The language war**. Berkeley: University of California Press, 2000.

LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. São Paulo: Vozes, 2016.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: _____. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, p. 399-422.

MAZOTTE, Natália; TOSTE, Mônica. (Coords.). **Mulheres no jornalismo brasileiro**. São Paulo: ABRAJI/Gênero e Número, 2017. Disponível em <https://encurtador.com.br/abvEI>. Acesso em: 17 jun. 2019.

MCCONNELL-GINET, Sally. Intonation in a man’s world. **Signs**, v. 3, n. 3, p. 541-559, 1978.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora UFMG/IUPERJ, 2004.

PACHECO, Leonardo Turchi, SILVA, Silvio Ricardo da. Mulheres e jornalismo esportivo: possibilidades e limitações em um campo masculino. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 28, e61002, p. 1-14, 2020.

PACHECO, Leonardo Turchi. A palavra e a voz no futebol: apontamentos sobre mulheres e narração esportiva. In: GIGLIO, Sérgio Settani; PRONI, Marcelo Weishaupt. (Orgs.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020, p. 640-651.

SEEGER, Anthony. Etnografia da música. **Cadernos de campo**, São Paulo, n. 17, p. 237-260, 2008.

SIMÕES, Antônio Carlos; KNIJNIK, Jorge Dorfman. (Orgs.). **O mundo psicossocial da mulher no esporte**: comportamento, gênero, desempenho. São Paulo: Aleph, 2004.

SPENDER, Dale. **Man made language**. London: Pandora Press, 1990.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas do futebol**. São Paulo: Editora Hucitec/Fapesp, 2002.

VIGOYA, Mara Viveiros. **As cores da masculinidade**: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

* * *

Recebido em: 15 mar. 2023.

Aprovado em: 20 jun. 2023.

O papel da mulher no rádio esportivo: um panorama da participação feminina nas jornadas de futebol em Porto Alegre

The role of women in sports radio: an overview of female participation in football matches in Porto Alegre

Carlos Guimarães

Escola Superior de Propaganda e Marketing, Porto Alegre/RS, Brasil
Doutorando em Comunicação, PUCRS
csguimaraes@gmail.com

Caroline Patatt

Universidade Bela Interior, Covilhã, Portugal
Doutoranda em Comunicação, Universidade Bela Interior

Resumo: O artigo apresenta um mapeamento do papel das mulheres nas coberturas esportivas das quatro principais rádios de Porto Alegre: Band, Gaúcha, Grenal e Guaíba. A pesquisa propõe uma abordagem metodológica através de entrevistas em profundidade e de observação participante. O objetivo deste trabalho é identificar quais as atribuições designadas para as mulheres nas emissoras que produzem sistematicamente cobertura futebolística na capital gaúcha. Entende-se que as transformações na mídia e no futebol, com seus impactos sociais e tecnológicos, são preponderantes para compreender a participação feminina em um ambiente historicamente construído como masculino. Neste contexto, busca-se determinar de que forma acontecem as práticas cotidianas das profissionais que atuam nas quatro principais emissoras da cidade no ano de 2023.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher na imprensa esportiva; Futebol feminino; Rádio; Imprensa de Porto Alegre; Jornalismo esportivo.

ABSTRACT: The article presents a mapping of the role of women in sports coverage of the four main radio stations in Porto Alegre: Band, Gaúcha, Grenal and Guaíba. The research proposes a methodological approach through in-depth interviews and participant observation. The objective of this work is to identify the attributions assigned to women in broadcasters that systematically produce football coverage in the capital of Rio Grande do Sul. It is understood that the transformations in the media and in soccer, with their social and technological impacts, are preponderant to understand female participation in an environment historically constructed as male. In this context, we seek to determine how the daily practices of professionals who work in the four main broadcasters in the city take place in the year 2023.

KEYWORDS: Women in the sports press; Women's football; Radio; Porto Alegre press; Sports journalism.

A transmissão de um jogo de futebol é um dos produtos mais tradicionais no rádio brasileiro. Presente no cotidiano dos ouvintes desde 1931, data oficial do que se considera a primeira transmissão de uma partida de futebol na íntegra em território brasileiro, feita pela Rádio Sociedade Educadora Paulista com a narração de Nicolau Tuma,¹ as chamadas jornadas esportivas foram incorporadas ao cotidiano da torcida brasileira como um hábito que complementa o principal, que é a paixão pelo jogo. No entanto, as transmissões radiofônicas de futebol consideraram muito pouco as mulheres como profissionais capazes de transmitir uma partida. Com isso, construiu-se no imaginário do torcedor um rádio que possui, entre outras, uma característica: ele sempre foi feito por vozes masculinas.

O apagamento da mulher na cobertura de futebol no rádio brasileiro pode ser associado com a total ausência de mulheres no âmbito competitivo do esporte. Foram 38 anos de proibição para a mulher jogar futebol no país. Em 1941, no dia 14 de abril, o artigo 54 do decreto-lei 3.199 disponível no Diário Oficial² determinava que “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis [sic] com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”. À época, inclusive, a imprensa nacional inclusive apresentava termos e declarações como o futebol feminino sendo “um disparate esportivo que não deve prosseguir”.³ Somente em 1979, o decreto-lei de 1941 foi revogado e, em 1983, houve a profissionalização do futebol feminino.

O rádio, neste tempo, foi um forte propagador do futebol brasileiro. Via-se o jogo com o radinho no ouvido. Dentro dessa cultura, criou-se, também, uma ideia de um rádio regional, ao contrário do processo de convergência visto na mídia atual.⁴ Cada local passou a ter uma configuração própria. Em Porto Alegre, foco da pesquisa, as coberturas esportivas sempre foram centralizadas em acompanhar os dois grandes clubes de futebol da cidade: o Grêmio Football Porto-Alegrense e o Sport Club Internacional. A força do rádio gaúcho produziu diversos profissionais de renome para a mídia esportiva nacional, esteve junto com os clubes nas conquistas nacionais

¹ SOARES. *A bola no ar*, p. 17-22.

² MUSEU DO FUTEBOL, s. d.

³ GOELLNER. *Mulheres e futebol no Brasil*, p. 3.

⁴ HAUSSEN. *Rádio e regionalização na sociedade da informação*, p. 79-83.

e internacionais e consolidou uma cobertura esportiva com ótima audiência. Porém, sempre com narradores, comentaristas e repórteres homens.

Com poucas mulheres fazendo parte da cobertura esportiva, o rádio de Porto Alegre chega a 2023 com um cenário um pouco diferente do que se observava em outras épocas. No passado, foram poucas as mulheres presentes nas coberturas. Com a inserção efetiva das mulheres na indústria do futebol – tanto na disputa do jogo quanto na presença nas arquibancadas ou mesmo no consumo desta indústria –, de que forma se dá o cenário da presença feminina nas grandes emissoras que cobrem futebol em Porto Alegre?

O objetivo deste artigo é apresentar este cenário. Será analisada a participação feminina nas quatro principais emissoras de rádio de Porto Alegre que possuem uma cobertura esportiva sistemática: Band, Gaúcha, Grenal e Guaíba.⁵ Se o futebol é uma atividade pertencente à sociedade,⁶ uma consequência natural seria a naturalização da participação feminina neste meio, uma vez que a própria sociedade avançou no sentido de integrar a mulher a este universo. Para esta investigação, a metodologia dá conta de dois instrumentos fundamentais para essa coleta de dados são utilizados: as entrevistas abertas em profundidade⁷ e a observação participante.⁸ A primeira parte foi estabelecer contato com as profissionais que estão nesse meio e tentar entender como elas enxergam os seus papéis e de suas colegas dentro desse processo. A observação participante vem do histórico dos autores da pesquisa, que estão inseridos profissionalmente neste meio.⁹ Com isso, pretende-se analisar de que forma acontece essa participação, com dois contextos que se assumem como fatores primordiais nesta análise: o contexto histórico e o contexto contemporâneo.

⁵ O rádio de Porto Alegre conta ainda com emissoras no formato de *webrádio*, mas que fogem do escopo escolhido por conta das seguintes características: a) produção jornalística sistematizada; b) programação integral e c) concessões públicas. Os critérios foram escolhidos pelos autores da pesquisa.

⁶ DAMATTA et al. *O universo do futebol*, p. 24.

⁷ MARCONI; LAKATUS. *Fundamentos de metodologia científica*.

⁸ DUARTE. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*, p. 62-83.

⁹ Neste sentido, os autores possuem uma vasta experiência de convivência no meio radiofônico esportivo de Porto Alegre. Carlos Guimarães é jornalista esportivo há 24 anos sempre atuando neste meio. É comentarista da Rádio Guaíba e já teve passagens por Gaúcha e Bandeirantes. Já Caroline Patatt foi repórter esportiva da RBS TV, TV Record e Fox Sports. Acreditamos, logo, que a observação participante é constante, uma vez que os autores estão inseridos neste contexto.

CONTEXTO HISTÓRICO: DO DISPARATE À COBERTURA MIDIÁTICA

Durante 38 anos – de 1941 a 1979 – as mulheres brasileiras foram proibidas por lei de jogar futebol. Goellner¹⁰ resgata a carta recebida pelo então presidente Getúlio Vargas – responsável pela proibição – na qual era relatada a preocupação de que o esporte afetasse as jogadoras fisiologicamente, a ponto de interferir na maternidade. Essa carta foi escrita por José Fuzeira, um *cidadão de bem*,¹¹ que classificou como um disparate a prática do futebol feminino no país: “[a carta] intitulada ‘Um disparate esportivo que não deve prosseguir’ era um texto que tratava o futebol como uma calamidade para as moças que estavam correndo o risco “de destruírem a sua preciosa saúde, e ainda a saúde dos futuros filhos delas... e do Brasil”.¹²

Se a prática esportiva não profissional já era alvo de tamanha interferência, é difícil imaginar a mulher informando ou opinando acerca dessas mesmas atividades em nível profissional. Só aumentava o desafio de tornar credível ao público a palavra de alguém que já não era bem-vista nas redações de modo geral – algo que se perpetuou praticamente até a década de 1970. Abreu¹³ indica que o caminho foi aberto aos poucos por figuras como Maria Helena Nogueira Rangel, considerada uma das primeiras mulheres a cobrir a área de esportes no Brasil. Ela foi contratada pela recém-fundada *Gazeta Esportiva*, em São Paulo, no ano de 1947, com apenas 21 anos. A fotojornalista Mary Zilda Grassia Sereno foi outra a fazer história, especialmente na cobertura de jogos de futebol para diversos jornais brasileiros. Na televisão, apenas em 1998 aconteceria a primeira participação de uma mulher na cobertura da Copa do Mundo de Futebol, com Anna Zimmerman, pela Rede Globo. A emissora de maior audiência no país contava com a presença feminina no esporte desde a década de 1980, inicialmente com Monika Leitão e Isabela Scalabrini.¹⁴

Nessa mesma época, pela TV Gazeta, Regiani Ritter era uma das profissionais de maior destaque no país. Antes de trabalhar com esporte na televisão, Ritter

¹⁰ GOELLNER. *Mulheres e futebol no Brasil*, p. 3.

¹¹ Embora seja um artigo acadêmico, os autores se permitiram a utilizar essa ironia ao apresentar a figura de José Fuzeira, um cidadão comum de Copacabana, no Rio de Janeiro, que endereçou ao presidente da República a carta mencionada.

¹² GOELLNER. *Mulheres e futebol no Brasil*, p. 3.

¹³ ABREU. *A modernização da imprensa (1970-2000)*, p. 109.

¹⁴ DANTAS. *Mulheres no jornalismo esportivo*, p. 39.

passou pela Rádio Gazeta AM, em São Paulo, onde iniciou a trajetória como jornalista esportiva. Na época, já havia na mesma cidade uma equipe completamente feminina transmitindo futebol – desde a narração, passando pelo comentário, plantão e reportagem. Foi na Rádio Mulher, entre 1971 e 1974. Uma das integrantes, Germana Garili, a Gegê, “é reconhecida oficialmente pela Federação Paulista de Futebol (FPF) como a primeira repórter feminina profissional a fazer uma cobertura de futebol no campo”¹⁵ Apesar da proposta inovadora, o preconceito era muito grande, como relata outra participante das transmissões, Zileide Ranieri Dias:

Apesar de alguns companheiros terem incentivado o projeto, a maioria ficava atenta aos possíveis erros cometidos durante as transmissões e criticavam o fato de terem que dividir o mesmo local de trabalho conosco. [...] Tínhamos uma relação muito boa com os jogadores, e em alguns casos até tínhamos van-tagem. Em um jogo, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, em um ato de cava-leirismo disse: “Dou entrevista, sim, mas às mulheres primeiro”.¹⁶

Por ser um país continental e, dessa forma, com situações culturais e socioe-conômicas muito distintas, fazer um balanço em termos gerais dos primórdios da participação feminina no rádio esportivo é algo bastante desafiador. Faltam dados acerca das relações de trabalho nos locais com menos projeção e mais afastados dos grandes centros. O rádio é um meio em que o regionalismo, ou seja, as particulari-dades de cada local, interferem e influenciam fortemente o cotidiano das emissoras. O que é possível observar no rádio esportivo, no entanto, é que há um certo padrão e que ele acompanhou, neste sentido, o que foi o futebol brasileiro neste período: a presença das mulheres era uma espécie de evento, uma exceção. Não eram rotina. Com isso, é possível ter uma estimativa das dificuldades enfrentadas pelas mulheres nesse segmento, como, por exemplo, no Rio Grande do Sul – estado mais meridional da nação e cuja capital é Porto Alegre, foco deste trabalho.

No Rio Grande do Sul, Eva Mendonça é considerada a pioneira no radiojorna-lismo esportivo. Na década de 1960 “ela fazia parte do departamento de notícias da Rádio Gaúcha e realizava esporadicamente atividades restritas a área administra-tiva ou de radioescuta na equipe esportiva”.¹⁷ Já na década de 1970 os registros

¹⁵ DANTAS. *Mulheres no jornalismo esportivo*, p. 37.

¹⁶ RIBEIRO. *Os donos do espetáculo*, p. 221.

¹⁷ MATTOS; ZUCOLOTTI. A constituição histórica da presença da mulher no radiojornalismo esportivo brasileiro, p. 5.

apontam para a presença de outras três mulheres mais diretamente relacionadas à cobertura esportiva no rádio em Porto Alegre: Carmem Dial, Rita Campos Daudt e Maria Luiza Benitez.

Carmem Dial era conhecida como Peninha e foi integrada à equipe na reestruturação do esporte da Rádio Gaúcha, em 1978:

Ela entrou na equipe inicialmente para participar do núcleo de pesquisa que tinha sido formado para elaborar textos de apoio para a Copa do Mundo na Argentina. No entanto, Peninha foi além e conseguiu alcançar o posto de redatora do programa Show dos Esportes, além de coordenar as jornadas esportivas e cobrir as férias do chefe de reportagem. A jornalista entrava no ar com frequência, mas percebe-se que não cabia a ela o trabalho de reportagem.¹⁸

Já Provenzano e Santuário¹⁹ recordam a contratação de Rita Campos Daudt para exercer a função de repórter de campo, também na Rádio Gaúcha:

Entretanto, para conseguir realizar a entrevista com os jogadores, ela precisava organizar anteriormente com quem falaria e quais seriam as perguntas, isso porque muitos atletas ignoravam os chamados da repórter na beira do campo pelo fato de se tratar de uma mulher” destacando um pouco da trajetória feminina no estado.²⁰

A outra mulher que participou de coberturas esportivas nos anos 1970 foi Maria Luiza Benítez, no início da década, na Rádio Cultura em Bagé e, posteriormente, na Rádio Guaíba. Benitez afirma que sofreu com insultos que vinham dos torcedores:

Na época, a reação do público que ia aos estádios não era simpática: “Putá! Putá! Putá!”. O xingamento em unísono não abalou Benitez: “Eu abanava, sorria, distribuía brindes como se nada estivesse acontecendo”, disse. Sua atuação era limitada apenas ao campo de jogo, não havia acesso aos vestiários.²¹

Eva Mendonça, Carmem Dial, Rita Campos Daudt e Maria Luiza Benitez foram as primeiras mulheres que se incorporaram às redações esportivas no Rio Grande do Sul, trabalhando de forma cotidiana como repórteres. Após os anos 1980, mesmo com a inclusão das mulheres no universo do futebol profissional, poucas foram

¹⁸ LUZ. *Em busca de espaço: mulheres no jornalismo esportivo em rádio e televisão*, p. 49-50.

¹⁹ PROVENZANO; SANTUÁRIO. A participação das mulheres no radiojornalismo esportivo do Rio Grande do Sul, p. 5.

²⁰ PROVENZANO; SANTUÁRIO. A participação das mulheres no radiojornalismo esportivo do Rio Grande do Sul, p. 5.

²¹ BROCANELLI. Maria Luiza Benitez: a pioneira na reportagem de futebol no Brasil.

utilizadas como repórteres. Na televisão, elas conseguiam ocupar estes espaços, mas o rádio, um meio mais conservador, ainda preferia a utilização de homens como comunicadores. Quando havia mulheres nas equipes esportivas, elas eram colocadas em funções de bastidores, como produção, ou de entretenimento, como repórter especializada em ouvir o torcedor. Fora condições incomuns, como jornadas esportivas especiais e eventos pontuais, o rádio de Porto Alegre nunca teve mulheres nas funções de narração e comentários e apenas uma mulher na função de setorista²² por mais de um ano:²³ foi Débora de Oliveira, da Bandeirantes, nos anos 2000.

Portanto, não se verificou uma constância no aumento da presença de jornalistas mulheres no radiojornalismo esportivo porto-alegrense. Em 2010, eram apenas três.²⁴ Em 2015, de acordo com o estudo de Luz²⁵ nenhuma mulher trabalhava como setorista de Dupla Grenal. Em 2023, como analisaremos, não é muito diferente. Mesmo com um cenário que incorpora ao rádio o trabalho de redes sociais e com mais possibilidades de transmissões, o papel da mulher no rádio de Porto Alegre não desobedece em quase nada essa construção histórica, nem com as mais otimistas perspectivas para o meio – especialmente no âmbito tecnológico.

CONTEXTO DO MEIO: O RÁDIO EXPANDIDO E O FUTEBOL-ESPETÁCULO

As transformações tecnológicas que acontecem no mundo reconfiguram os meios de comunicação. Elas são preponderantes para definir modos de produção, distribuição e consumo, afetando todas as pontas envolvidas neste processo. Da construção da mensagem à recepção da mesma – e, hoje, um caminho que não para por aí, devido ao que Castells²⁶ chama de autocomunicação de massa, um fenômeno em que a audiência é criativa, participativa e reinventa a mensagem, devolvendo-a ao emissor e, ao invés de formar um processo único, com início meio e fim, forma-se um

²² Chama-se de setorista o repórter que é escalado diariamente para a cobertura do dia a dia de um clube.

²³ As emissoras buscaram experiências com outras profissionais, mas não mantiveram essa ideia por muito tempo. A exceção foi Débora de Oliveira, que foi repórter da Bandeirantes entre 2004 e 2006.

²⁴ PROVENZANO; SANTUÁRIO. A participação das mulheres no radiojornalismo esportivo do Rio Grande do Sul, p. 8.

²⁵ LUZ. *Em busca de espaço*, p. 51.

²⁶ CASTELLS. *O poder da comunicação*, p. 183.

ciclo onde a mensagem permanece viva.²⁷ Os componentes tecnológicos reconfiguraram toda a estrutura comunicacional.

Ferraretto²⁸ apresentou uma proposta de periodização do rádio brasileiro. Ele demarcou períodos históricos para se entender a consolidação do rádio como indústria de radiodifusão a partir do século passado, que são as fases de (1) implantação, (2) difusão, (3) segmentação e (4) convergência. Esta pesquisa propõe uma consonância com este estudo, considerando algumas sensíveis rupturas que denotam a especificidade do tema proposto neste projeto, com abordagens peculiares que merecem um aprofundamento mais exclusivo, tomando como base teórica tais estudos. A fase da convergência, que é a atual, tem as seguintes características, como “redefinição das transmissões para além das ondas hertzianas”, “transmissões online” e necessidade de uma linguagem específica.²⁹

As transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais impactam, logo, sobre as alterações que as mídias passam, numa lógica em que os meios de comunicação são influenciados por outros meios e pela contextualização de cada época:

A midiamorfose não é tanto uma teoria, mas um modo de pensar a respeito da evolução tecnológica dos meios de comunicação como um todo. Ao invés de estudar cada modalidade separadamente, leva-nos a ver todas elas como integrantes de um sistema interdependente e a reparar nas semelhanças e relações existentes entre as formas do passado, do presente e as emergentes. Ao estudar o sistema de comunicação como um todo, veremos que os novos meios não surgem por geração espontânea, nem de modo independente. Aparecem gradualmente pela metamorfose dos meios antigos. E quando emergem novas formas de meios de comunicação, as antigas geralmente não deixam de existir, mas continuam evoluindo e se adaptando.³⁰

Com isso, observa-se que o rádio transbordou para outras plataformas, expandindo-se e ganhando as redes sociais e deixando de ser um meio essencialmente de áudio, uma vez que as programações podem ser transmitidas por vídeo. É o que Kischinhevsky³¹ chama de rádio expandido. Esse é o contexto que determina o modo com que se cria, reproduz e se consome o meio rádio atualmente. Com isto, novas

²⁷ CASTELLS. *O poder da comunicação*, p. 183.

²⁸ FERRARETTO. Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil, p. 40-42.

²⁹ FERRARETTO. Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil, p. 42

³⁰ FIDLER. *Mediamorfosis*, p. 57.

³¹ KISCHINHEVSKY. *Rádio e mídias sociais*, p. 13.

funções se agregaram às tradicionais do rádio. Hoje, uma emissora possui além de produtores, editores, redatores, repórteres, apresentadores e comentaristas, novos profissionais, como o produtor de conteúdo, editor de redes sociais e até a presença de influenciadores digitais. No rádio esportivo de Porto Alegre, estas funções foram incorporadas à rotina das emissoras. A Rádio Gaúcha³² possui produtores de conteúdo e jornalistas para cuidar especialmente das redes sociais. Nas outras emissoras, também há estas figuras. São novos formatos disponíveis a partir de uma transmissão multiplataforma. Com isso, aumentam as possibilidades profissionais e de inserção das mulheres no ambiente radiofônico.

Neste sentido, a transformação do futebol em espetáculo, com coberturas multimídia e novas demandas, poderia estimular a participação feminina neste cenário. Damo³³ chama esse eixo do futebol – admitindo que ele possui outros eixos, ligados a outros cenários – de *matriz espetacularizada*, com três características fundamentais: a organização monopolista e globalizada, a divisão social do trabalho e a excelência performática. É o futebol que assistimos. É o futebol que os jornalistas cobrem. É o futebol que o rádio transmite.

A MULHER NO RÁDIO ESPORTIVO DE PORTO ALEGRE: O CENÁRIO CONTEMPORÂNEO

O trabalho considera as contribuições de DaMatta³⁴ como um aporte fundamental para a análise do cenário pretendido pelo artigo. Esta premissa é a base que direciona uma escolha metodológica que orienta a observação sobre o aquilo que será analisado. A premissa é a seguinte:

[O futebol é] uma atividade *da sociedade* [grifo nosso] e não como uma atividade em oposição *ou competição com a sociedade* [grifo nosso]. Enquanto uma atividade da sociedade, o esporte é a própria sociedade exprimindo-se por meio de uma certa perspectiva, regras, relações, objetos, gestos, ideologias etc., permitindo, assim, abrir um espaço social determinado: o espaço do esporte e do jogo. E assim, suponho, que uma produtiva sociologia do esporte pode ser praticada, sem os riscos das reificações e projeções rotineiras, quando o esporte é tratado como um epifenômeno

³² GZH, 2023, disponível em gzh.com.

³³ DAMO. *Do dom à profissão*, p. 38.

³⁴ DAMATA et al. *O universo do futebol*, p. 24.

ou atividade dispensável e secundária e a sociedade como uma realidade individualizada e monolítica.³⁵

Neste sentido, pretende-se encarar o jornalismo esportivo que, logo, tem por objeto um fato social, como um *subcampo* da sociedade, confirme coloca Guimarães.³⁶ Esse termo é uma derivação do conceito clássico de *campo* colocado por Bourdieu,³⁷ em que a editoria esportiva possui particularidades que despertam uma produção de conhecimento específico.³⁸ Para entendê-lo numa amplitude que permite uma observação de cenário – no caso, a de um subcampo –, busca-se em duas metodologias. As características dos autores desta pesquisa também facilitam a produção desta proposta,³⁹ sobretudo pela indicação de um dos instrumentos importantes para a coleta de dados: a observação participante. Neste caso, a inserção dos autores neste ambiente é um ponto favorável, uma vez que suas presenças eram incorporadas às redações e não interfeririam na rotina dos pesquisados. O outro ponto é a entrevista em profundidade, que, neste sentido, é fundamental para apresentar no texto como as mulheres se enxergam e como elas enxergam suas colegas neste contexto.

Com isso, a pesquisa adotou esses dois processos metodológicos a fim de mapear a participação feminina no rádio de Porto Alegre. Por uma questão estrutural, foram escolhidas as quatro grandes emissoras de rádio da capital gaúcha que obedeceram a parâmetros já mencionados neste texto. São elas: Band, Gaúcha, Grenal e Guaíba. Sobretudo, são as quatro emissoras que possuem programação sistematizada, uma rotina jornalística diária e presença integral nas coberturas esportivas da Dupla Grenal. Outro ponto que foi determinante para essa escolha é o tempo de atividade. Embora a Rádio Grenal tenha apenas 11 anos de atividade, ela é a derivação de outras emissoras que tradicionalmente cobriam futebol, como a Rádio Pampa.

O quadro abaixo apresenta o *corpus* da pesquisa, isto é, as mulheres que hoje trabalham como jornalistas esportivas nas quatro principais emissoras de Porto Alegre:

³⁵ DAMATA et al. *O universo do futebol*, p. 24.

³⁶ GUIMARÃES. *O comentarista esportivo contemporâneo*, p. 18.

³⁷ BOURDIEU. *Esboço de uma teoria da prática*, p. 61.

³⁸ GUIMARÃES. *O comentarista esportivo contemporâneo*, p. 22.

³⁹ Cf. menção no início do texto sobre os autores.

Profissional	Emissora	Funções
Ana Carolina Aguiar	Guaíba	Repórter de torcida e debatedora
Camila Nunes	Gaúcha	Produtora
Carol Freitas	Gaúcha	Produtora de conteúdo
Esther Fischborn	Gaúcha	Produtora de conteúdo
Gabriela Ferreira	Gaúcha	Produtora
Janaína Wille	Gaúcha	Produtora e podcaster
Michelle Silva	Band	Produtora e debatedora
Mylena Acosta	Gaúcha	Produtora de conteúdo
Thalia de Castro	Grenal	Produtora
Valéria Possamai	Gaúcha	Produtora e repórter
Vitória Nascimento	Gaúcha	Produtora de conteúdo

Quadro 1: profissionais atuantes nos departamentos esportivos das emissoras de Porto Alegre.
Fonte: autoria própria (2023).⁴⁰

Mesmo sem qualquer aprofundamento, o quadro já é capaz de revelar aspectos bem relevantes. São apenas 11 profissionais mulheres nas emissoras que cobrem futebol em Porto Alegre: oito na Gaúcha e uma na Band, na Grenal e na Guaíba. Das oito que atuam na Gaúcha, quatro são produtoras de conteúdo, fruto do processo de convergência que o Grupo RBS adotou para seus veículos, com a formação de GZH. Há, neste sentido, uma redação integrada, em que os profissionais dividem atividades no rádio, no *website* da emissora, nas páginas de *Zero Hora* ou em produtos criados para o meio multimídia.

A redação da Gaúcha, por conta desse processo de convergência, é a maior de todas. São 38 pessoas, das quais, oito mulheres. Na Band, são 18 profissionais. A Grenal conta com 23 componentes em sua equipe e a Guaíba, com 15. Com isso, quantitativamente, tem-se a seguinte porcentagem: ao todo, são 94 profissionais que trabalham como comunicadores esportivos nas rádios de Porto Alegre. Destes, 11 são mulheres. Em termos percentuais, as redações de rádio na capital gaúcha possuem 11,7%⁴¹ de mulheres em seus departamentos esportivos, contando com o processo de convergência de GZH. Possivelmente, o número seria menor não

⁴⁰ Por não atuarem com o jornalismo de rádio no dia a dia, as profissionais Marjana Vargas, diretora de conteúdo da Rádio Grenal, e Vanessa Girardi, editora de GZH, não foram colocadas no quadro. As profissionais listadas são apenas as que atuam efetivamente no meio rádio – ainda que não seja com exclusividade nesse meio- e em funções jornalísticas.

⁴¹ Grifo nosso, no sentido de destacar esse percentual, alertando para o leitor que é um número que se torna importantíssimo nesta análise. Não se trata, entretanto de uma pesquisa *qualitativa*. O índice colocado servirá de ilustração.

fosse esta fusão. Elas são, portanto, uma ‘minoría esmagadora’ dentro dos processos de produção das emissoras.

O quadro também revela as funções em que são colocadas. Das 11 listadas, apenas duas trabalham efetivamente na reportagem: Ana Carolina Aguiar, da Guaíba, e Valéria Possamai, da Gaúcha. No cotidiano, apenas duas são debatedoras esportivas, isto é, levam suas opiniões para os ouvintes: Ana Carolina Aguiar (Guaíba) e Michelle Silva (Band). Com exceção de Ana Carolina Aguiar, Michelle Silva e Valéria Possamai, apenas outras duas participam de conteúdos expandidos, como podcasts: Carol Freitas (Resenha das Gurias, em GZH) e Janaína Wille (Primecast, GZH). Mais da metade é apenas produtora ou produtora de conteúdo, ou seja, são profissionais que trabalham nos bastidores.

Para as profissionais, elaboramos as seguintes perguntas:

1. Ser minoria num ambiente essencialmente masculino incomoda, constrange ou desafia?
2. Na sua opinião, qual a sua importância dentro do seu departamento?
3. Qual o papel que o rádio esportivo de Porto Alegre atribui às mulheres?
4. A participação feminina no rádio de Porto Alegre é, na sua opinião, pequena, satisfatória ou ideal?
5. Você se sente valorizada e acha que suas colegas são valorizadas?

Foram entrevistadas: Carol Freitas, Mylena Acosta e Valéria Possamai, da Gaúcha; Michelle Silva, da Band e Ana Carolina Aguiar, da Guaíba.⁴² As respostas serão analisadas no subcapítulo seguinte.

O PAPEL DA MULHER NO RÁDIO ESPORTIVO DE PORTO ALEGRE SEGUNDO AS PRÓPRIAS

A primeira pergunta feita na entrevista foi: “Ser minoria num ambiente essencialmente machista incomoda, constrange ou desafia?”. As cinco profissionais responderam que incomoda, especialmente pelo fato de que são poucas mulheres. “Deveria ter mais espaço, mas não é estranho porque venho de uma cultura em que sempre

⁴² Todas as profissionais aceitaram a publicação dos nomes no trabalho e consentiram com o objetivo da pesquisa.

fui a única numa redação esportiva”, afirma Ana Carolina Aguiar,⁴³ a mais experiente das jornalistas. Este incômodo é compartilhado por Michelle Silva e Mylena Acosta. Carol Freitas acredita que a representatividade vem aumentando e Valéria Possamai argumenta que este espaço desafia justamente para promover um crescimento. Neste sentido, todas são unânimes: elas são movidas pelo desafio de aumentar a presença feminina no rádio de Porto Alegre.

No que diz respeito à importância de cada uma no departamento de esportes, todas consideram que possuem relevância nas funções que fazem. Mylena Acosta pontua com uma significativa contribuição a respeito de representatividade e de como esse desafio também pode incorporar outras questões além do gênero:

Mostrar que o esporte é para todos e que precisa ser inclusivo. Tanto no meio jornalístico como na prática esportiva. Por ser uma mulher negra, pautas como racismo e discriminação também são (in)voluntariamente parte do meu papel no departamento. A importância do meu trabalho está em expandir o que é feito no rádio e conversar com outras plataformas.⁴⁴

Sobre o papel que é reservado às mulheres no rádio esportivo de Porto Alegre, as cinco entrevistadas falam sobre uma cultura que precisa ser derrubada. Essa cultura coloca a mulher em funções ainda são vistas como exclusivamente masculinas no meio radiofônico da capital gaúcha. Aguiar⁴⁵ afirma que “também gostaria de receber mais oportunidades na reportagem, algo que acontece com estagiários homens. [...] As mulheres sempre começam pela torcida”. A jornalista se refere à função de repórter de torcida, tradicionalmente utilizada pelas emissoras de Porto Alegre. A reportagem junto ao público seria uma função que conta com nuances de entretenimento, de diversão ao apresentar o parecer dos torcedores sobre o jogo. Enquanto isso, o papel de entrevistar os personagens do espetáculo, como jogadores, treinadores e dirigentes, cabe aos homens. Estas funções são as norteadoras da parte jornalística numa jornada esportiva. A reportagem na torcida seria a parte mais leve. Carol Freitas também coloca que a participação feminina nas transmissões de futebol está longe do ideal. Há, neste sentido, uma ponderação de Michelle Silva:

⁴³ AGUIAR, entrevista aos autores.

⁴⁴ ACOSTA, entrevista aos autores.

⁴⁵ AGUIAR, entrevista aos autores.

Penso que muitas vezes é atribuído a mulher o papel de falar de futebol feminino exclusivamente, como se a modalidade não fosse também futebol que um comunicador esportivo deve acompanhar e como se mulher só pudesse acompanhar/falar sobre esportes disputados por mulheres, quando podemos falar sobre todos os que quisermos.⁴⁶

É a questão da igualdade também colocada por Valéria Possamai:

Quando falamos de futebol feminino também é outra situação que precisa ser desmistificada. Não são apenas as mulheres que precisam ter a responsabilidade de falar sobre a modalidade. Obviamente, que é uma oportunidade. Mas, as mulheres não podem ser chamadas apenas para isso. O mesmo tem que acontecer no masculino.⁴⁷

No sentido de atribuir um valor à presença feminina no rádio de Porto Alegre, Ana Carolina Aguiar pontua que ela é “menor que pequena”.⁴⁸ Carol Freitas argumenta: “Temos poucas repórteres, poucas plantonistas e nenhuma narradora”⁴⁹ e aproveita a pergunta para afirmar algo que é muito visto em redes sociais: é proibido que a mulher erre:

E algo que é nítido também, nesse sentido, é que os “erros” das mulheres ou as opiniões polêmicas geram um cancelamento e uma roda de ódio muito maior nas redes sociais, por exemplo. Recorrentemente, vemos discordâncias acompanhadas de um “tinha que ser mulher” ou “não entende nada de futebol mesmo”.⁵⁰

Michelle Silva respondeu apenas que a participação feminina no rádio de Porto Alegre é pequena, assim como Mylena Acosta, que acrescentou: “Poucas de nós participamos de forma ativa e efetiva na rádio, visto que os “cargos” e referências no meio ainda são majoritariamente masculinos”.⁵¹ A única resposta destoante para esta pergunta foi a de Valéria Possamai, que julga a participação feminina no rádio de Porto Alegre satisfatória: “Temos mulheres ganhando maior protagonismo e ocupando espaços principais nas transmissões esportivas e nos programas de debate”.⁵²

O último item foi sobre a valorização pessoal delas e das colegas. Existe aqui um ponto muito relevante: não fosse o processo de expansão do rádio para as redes

⁴⁶ SILVA, entrevista aos autores.

⁴⁷ POSSAMAI, entrevista aos autores.

⁴⁸ AGUIAR, entrevista aos autores.

⁴⁹ FREITAS, entrevista aos autores.

⁵⁰ FREITAS, entrevista aos autores.

⁵¹ ACOSTA, entrevista aos autores.

⁵² POSSAMAI, entrevista aos autores.

sociais e as iniciativas de convergência em algumas emissoras, provavelmente o espaço feminino no rádio de Porto Alegre seria ainda menor. É o que afirma Ana Carolina Aguiar: “grande presença ainda está nas redes sociais, naquelas meninas que fazem chegada nos estádios e tudo mais. Então acho que isso está muito mais relacionado ao entretenimento do que de fato o jogo, análise tática, formação de times etc”.⁵³ Carol Freitas, Mylena Acosta e Valéria Possamai, colegas de Gaúcha, dizem que são valorizadas pela empresa. Michelle Silva também coloca que se sente valorizada pela Bandeirantes. No entanto, quando se referem a um panorama geral, pontuam de outra forma, especialmente sobre enfrentar o machismo do cotidiano, como coloca Carol Freitas: “Ainda há o machismo velado e, dificilmente, conseguimos identificá-lo no dia a dia. Então, esse é outro ponto que merece ser discutido de maneira mais aprofundada”.⁵⁴

Ainda colocamos no questionário espaço para considerações finais, caso as entrevistadas achassem necessário. Michelle Silva considera importante destacar também que assim como outras minorias, das mulheres se espera erro zero: “há uma pressão quase que natural, muitas vezes vinda de nós mesmas, com relação ao nosso trabalho e o nível de qualidade dele”.⁵⁵ Já Valéria Possamai colocou que vale para as empresas uma avaliação sobre a presença das mulheres nestes espaços e que “ter uma profissional mulher não pode ser apenas um número”.⁵⁶

Com base no que elas responderam, foi possível concluir que:

- Em termos de dados precisos, apenas 11,7% das redações esportivas nas quatro emissoras da capital gaúcha são compostas por mulheres;
- Destes 11,7%, a função majoritária em que elas estão incluídas é a de bastidores: produção e produção de conteúdo para redes sociais;
- Quando estão na reportagem, são deslocadas para cobrir as torcidas e não a tradicional ‘reportagem de campo’ ou o setor do dia a dia dos clubes;
- Boa parte das funções está relacionada com entretenimento e produção, mas ainda se mantêm distantes da chamada ‘linha de frente’

⁵³ AGUIAR, entrevista aos autores.

⁵⁴ FREITAS, entrevista aos autores.

⁵⁵ SILVA, entrevista aos autores.

⁵⁶ POSSAMAI, entrevista aos autores.

do rádio, que são as funções de narrador, comentarista e repórter de campo;

- As profissionais relatam que esse cenário é desafiador, mas que esse número reduzido também é um incômodo;
- Elas se sentem pessoalmente valorizadas por estarem fazendo algo que gostam, mas entendem que, enquanto classe, as mulheres precisam de mais valorização dentro deste ambiente;
- Acreditam que as emissoras ainda estão inseridas em uma cultura que privilegia os homens em funções mais destacadas, mas que existe uma abertura de espaço a ser conquistada;
- Sobre o espaço às mulheres nas emissoras, as respostas variam entre aquilo que consideram uma participação “muito pequena” à “satisfatória”. Nenhuma considera que a participação feminina no rádio do Porto Alegre está no nível ideal;
- Demonstram otimismo sobre um processo que está sendo desbravado, embora acreditem que ainda há muita coisa a melhorar.

Desta forma, é possível dizer que enquanto um grupo, as jornalistas esportivas no rádio de Porto Alegre são, basicamente, relacionadas a bastidores e ao entretenimento, valorizam o espaço dado, fazem o que gostam e têm otimismo quanto à abertura de mais oportunidades para outras mulheres. Entendem que são relevantes nesse processo e que contribuem para que mais mulheres possam ingressar no meio. E, entre as coisas que chamam mais atenção, é que elas se enxergam como classe e não apenas como indivíduos no meio desse processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que outros trabalhos mapearam em épocas diferentes a participação feminina no rádio esportivo de Porto Alegre, o objetivo desta pesquisa foi levantar um panorama sobre este cenário em 2023. Além de investigar o que elas estão fazendo e quais são suas atribuições, procuramos identificar o que elas pensam sobre este cenário. A ideia é estabelecer um artigo que serve como uma primeira análise,

um ponto de partida, uma referência. Por isso, resumidamente, a ideia foi levantar uma impressão sobre as jornalistas no rádio esportivo de Porto Alegre a partir de dois pontos: o que observamos e como elas se observam.

A partir desta observação participante, entendemos que as mulheres no rádio de Porto Alegre têm um desafio que é enorme no sentido de abrir espaço para que outras colegas consigam se encaixar nesse meio. Entretanto, o caminho é longo e suscita diversas perguntas: como quebrar uma cultura? Como vencer uma tradição? Como desfazer a máxima do “sempre foi assim”? Procuramos pistas para estas respostas, que jamais seriam definitivas, mas que ofereceriam ao trabalho a visão de quem passa por isso no cotidiano. Foi possível concluir que elas são poucas, estão colocadas em funções relacionadas ao entretenimento e redes sociais, sentem-se incomodadas, mas pessoalmente valorizadas por estarem em uma profissão que gostam, entendem o desafio e apontam diversas questões que precisam mudar, como machismo velado, falta de representatividade, falta de oportunidade em outras funções e atividades que parecem ser destinadas exclusivamente para mulheres. E o desafio é o mesmo para todas: a cultura precisa ser quebrada.

Portanto, ainda que este trabalho seja uma espécie de embrião para outros que virão, é perceptível que ainda há muito tempo a se recuperar. Vimos que por quatro décadas, as mulheres eram proibidas de jogar futebol e que não chegam a dez o número de mulheres que participaram do rádio esportivo em Porto Alegre num período de 50 anos. Considerando que esse fenômeno é recente e que o futebol-espetáculo entendeu o público feminino com uma distância temporal menor ainda, é preciso dizer que estas mulheres que fazem parte do rádio esportivo de Porto Alegre são uma espécie de resistência num ambiente culturalmente construído para ser masculino.

Estas discussões são observadas no mundo acadêmico, mas raramente – diante de mais uma observação-participante – ela chega às redações. Como Ana Carolina Aguiar (2023) pontuou, parece que é uma obrigação ter mulheres numa equipe, como se fosse um sistema quotista. Não parece ser uma convicção dos gestores e muito menos existe neles a confiança de colocar uma mulher para narrar, comentar ou fazer reportagem de ponta. Neste sentido, é possível dizer que o rádio esportivo de Porto Alegre ainda obedece a uma lógica masculina: mesmo quando regido por

uma mulher (caso de Marjana Vargas, da Rádio Grenal), entende-se que “aquilo que o público quer consumir é o de sempre”.

Mesmo com tantos obstáculos e lutando contra uma cultura enraizada dentro do futebol, foi possível identificar otimismo em satisfação nas mulheres que atuam no rádio esportivo de Porto Alegre. Com união e entusiasmo, sentem satisfação de que estão fazendo parte de uma conquista.

* * *

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. **A modernização da imprensa (1970-2000)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

ACOSTA, Mylena. **Entrevista**. Porto Alegre, 12. mar. 2023.

AGUIAR, Ana Carolina. **Entrevista aos autores**. Porto Alegre, 11. mar. 2023.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato. (Org.). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983, p. 46-81.

BROCANELLI, Rodney. Maria Luiza Benitez: a pioneira na reportagem de futebol no Brasil. Disponível em: <https://abrir.link/J5wJT>. Acesso em 14. mar. 2023.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. São Paulo; Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015.

DANTAS, Monique de Andrade. **Mulheres no jornalismo esportivo**. Trabalho de conclusão de curso (Grad. em Jornalismo). Escola de Comunicação da UFRJ, Rio de Janeiro, 2016.

DAMATTA, Roberto e outros. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, UFRGS, Porto Alegre, 2005.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008, p. 62-83.

FERRARETTO, Luiz Artur. Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil. **Eptic – Revista de Economia Política das Tecnologias da Informação e Comunicação**, Aracaju, Universidade Federal do Sergipe, v. XIV, n. 2, 2012.

FIDLER, Roger. **Mediamorfosis**: comprender los nuevos medios. Buenos Aires: S.A. Ediciones Granica, 1998.

FREITAS, Carol. **Entrevista aos autores**. Porto Alegre, 12. mar. 2023.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento**, v. 27, e27001, Porto Alegre, 2021.

GUIMARÃES, Carlos. **O comentarista esportivo contemporâneo**: Novas práticas no rádio de Porto Alegre. Curitiba: Appris, 2018.

HAUSSEN, Dóris Fagundes. Rádio e regionalização na sociedade da informação: o caso brasileiro. **Revista FAMECOS**, n. 8, Porto Alegre, 1998.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais**: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad, 2016.

LIMA, Taiane Anhanha. Rádio Mulher: a voz do protagonismo feminino no futebol. 4º simpósio internacional de estudos sobre futebol. **Anais...** São Paulo, 2022.

LUZ, Laura Becker da. **Em busca de espaço**: mulheres no jornalismo esportivo em rádio e televisão. Trabalho de conclusão de curso (Grad. em Jornalismo). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, UFRGS, Porto Alegre, 2015.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MATTOS, Ediane Teles de; ZUCULOTO, Valci. A constituição histórica da presença da mulher no radiojornalismo esportivo brasileiro. 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais...** Curitiba, 2017.

MUSEU DO FUTEBOL. **Manchete anuncia ação para impedir o Futebol Feminino em 1940**. Disponível em: <https://abrir.link/5BrEQ>. Acesso em 14. mar. 2023.

POSSAMAI, Valéria. **Entrevista aos autores**. Porto Alegre, 12. mar. 2023.

PROVENZANO, Bruna; SANTUÁRIO, Marcos. A participação das mulheres no radiojornalismo esportivo no Rio Grande do Sul. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais...** Curitiba, 2009.

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo**: histórias da imprensa esportiva do Brasil. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

SILVA, Michelle. **Entrevista aos autores**. Porto Alegre, 11. mar. 2023.

SOARES, Edileuza. **A bola no ar**: o rádio esportivo em São Paulo. São Paulo: Summus, 1994.

* * *

Recebido em: 15 mar. 2023.

Aprovado em: 27 jun. 2023.

Elas por elas: a cobertura noticiosa do futebol de mulheres em podcasts brasileiros de 2018 a 2022

The News coverage of female football in Brazilian podcasts from 2018 to 2022

Rafaela Cristina de Souza

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil
Mestranda em Comunicação Social, UFMG
souzacrafaela@gmail.com

Flaviane Rodrigues Eugênio

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil
Mestranda em Comunicação Social, UFMG

Ana Carolina Vimieiro

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil
Doutorado em Comunicação, Queensland University of Technology, Austrália

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo principal analisar experiências de comunicação alternativa sobre o futebol de mulheres e que são produzidas por mulheres. A justificativa para a presente investigação está ligada a lacunas que existem no campo dos estudos sobre esporte, que ainda são muito dedicados à mídia esportiva hegemônica e não utilizam categorias de análise típicas dos estudos do jornalismo. Dessa forma, este trabalho parte de um mapeamento de 48 iniciativas de comunicação exclusivamente ou majoritariamente conduzidos por mulheres sobre o futebol de mulheres para, então, focar em cinco dos nove podcasts identificados nesse processo. São eles: Dibradoras, Planeta Futebol Feminino, Empório do Esporte Feminino, De Primeira e Podcast das Marias. Nesta análise, utilizamos estratégias metodológicas da análise de conteúdo e focamos em categorias tradicionais do campo do jornalismo como temas, tipos de enquadramento, fontes, gênero das fontes e dos autores.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol de mulheres; Mídia esportiva; Esporte e gênero; Podcasts.

ABSTRACT: This work aims to analyze alternative communication experiences about women's football that are produced by women. The justification for the present investigation is linked to gaps that exist in the field of sports studies, which are still very dedicated to the hegemonic sports media and do not use categories of analysis typical of journalism studies. Thus, this work starts from a mapping of 48 communication initiatives exclusively or mostly conducted by women about women's football to focus on five of the nine podcasts identified in this process. They are: Dibradoras, Planeta Futebol Feminino, Empório do Esporte Feminino, De Primeira and Podcast das Marias. In this analysis, we use methodological strategies of content analysis and focus on traditional categories in the field of journalism such as themes, types of framing, sources, sources and authors.

KEYWORDS: Female football; Sports media; Sports and gender; Podcasts.

INTRODUÇÃO

Já há algumas décadas, a literatura internacional e nacional tem analisado a representação de mulheres na mídia esportiva. Na literatura internacional de língua inglesa, esses estudos têm início na década de 1970.¹ Já no Brasil, as representações de gênero na mídia esportiva são estudadas desde a década de 1990.² Em levantamento recente das publicações sobre gênero e esporte em periódicos brasileiros do período de 2000 a 2020, o tema da mídia esportiva foi o terceiro com o maior número de ocorrências em um corpus de análise que incluía 174 artigos.³ Grande parte desses estudos olha para a forma como as mulheres atletas são representadas, mas há também pesquisas sobre as mulheres do jornalismo esportivo e as representações de torcedoras. A maior parte dessas pesquisas é sobre o futebol.

Este artigo busca preencher algumas lacunas dessa literatura já razoavelmente vasta. Primeiro, a imensa maioria desses estudos se dedica a estudar veículos considerados hegemônicos, tradicionais ou corporativos e está focada em grandes eventos, como os Jogos Olímpicos de Verão ou Copa do Mundo,⁴ pois são nesses momentos que o futebol de mulheres e as modalidades femininas no geral recebem mais atenção. Isso causa dois problemas, a nosso ver: o foco na mídia hegemônica, sobretudo a de alcance nacional, pode significar que estamos olhando para espaços onde não estão exatamente as narrativas midiáticas sobre as mulheres do esporte e, em particular, as mulheres do futebol, além de não sabermos muito sobre a cobertura cotidiana dedicada às modalidades.

Assim, nossa proposta aqui é analisar experiências de comunicação mais alternativas, chamadas por vezes de periféricas, contra-hegemônicas, independentes, comunitárias e progressistas, ainda que aqui não partamos do pressuposto que o conteúdo em si dessas propostas se diferenciam completamente daquilo que é visto como

¹ BRUCE et al. Key themes in the research on media coverage of women's sport, p. 6.

² DEVIDE et al. Estudos de gênero na educação física brasileira. p. 170.

³ VIMIEIRO; EUGÊNIO; PILAR. A produção acadêmica sobre gênero e esporte no Brasil (2000-2020). VIMIEIRO; EUGÊNIO; PILAR. A produção acadêmica sobre mídia, gênero e esporte no Brasil (2000-2020), no prelo.

⁴ FORTES. Estudos de esporte na área de comunicação, p. 589.

hegemônico. Como veremos abaixo, um dos nossos achados é a reprodução de enquadramentos e modos de narrar similares à mídia hegemônica entre essas experiências de comunicação. Nossa noção inicial do “não hegemônico” tem a ver com a organização econômica desses projetos, que contam com formas de monetização típicos da economia digital e menos alinhados a práticas convencionais das grandes corporações de Comunicação brasileiras, como Grupo Globo, Grupo Abril e Grupo Folha. Nosso foco são podcasts produzidos por mulheres sobre o futebol de mulheres, analisando a cobertura regular dedicada à modalidade.

A segunda lacuna importante que buscamos abordar é que, apesar da maior parte desses estudos analisarem uma textualidade midiática específica, que é o jornalismo esportivo, grande parte dessas pesquisas o tratam de forma genérica, pouco importando se se trata de textos publicados em jornais impressos, revistas, TV, rádio, ou portais. Em trabalho recente, apontamos que nessa subárea não são utilizadas categorias de análise típicas dos estudos do jornalismo como, por exemplo, tipos de fontes, autoria e enquadramentos.⁵ Mesmo a editoria dos textos não está clara em alguns estudos (infere-se que é o caderno esportivo, mas não necessariamente textos sobre esporte são publicados nesta editoria). Acreditamos que isso tem relação com a tímida presença de pesquisadoras e pesquisadores da Comunicação nessa subárea.⁶ Aqui, então, estamos interessadas em compreender esses projetos a partir de categorias típicas do campo de estudos do jornalismo, o que inclui entender em que medida a produção dessas textualidades sobre mulheres e por mulheres tem impactos no tipo de conteúdo produzido.

Assim, este artigo busca analisar experiências de comunicação não hegemônicas, que se dedicam a cobrir regularmente o futebol de mulheres e que afloraram no Brasil nos últimos anos. Para isso, fizemos um esforço de mapeamento dessas iniciativas, usando estratégias do campo dos métodos digitais,⁷ e encontramos 48

⁵ VIMIEIRO; EUGÊNIO; PILAR. A produção acadêmica sobre gênero e esporte no Brasil (2000-2020). VIMIEIRO; EUGÊNIO; PILAR. *Estudos sobre mídia, gênero e esporte no Brasil* (no prelo).

⁶ VIMIEIRO; EUGÊNIO; PILAR. A produção acadêmica sobre gênero e esporte no Brasil (2000-2020).

⁷ VIMIEIRO; BARGAS. O uso de dados e métodos digitais nas pesquisas em comunicação. D'ANDRÉA. *Pesquisando plataformas online*, p. 13. ROGERS. *Digital Methods for Web Research*, p. 1.

projetos dedicados ao futebol de mulheres que englobam uma diversidade de formatos, como aqueles majoritariamente textuais (blogs e perfis no Medium), audiovisuais (YouTube, TikTok e Instagram) e sonoros (podcasts). Este manuscrito explora os podcasts, visto a importância histórica de práticas comunicativas sonoras na mediação do nosso contato com o universo esportivo no Brasil, com destaque para os formatos radiofônicos. A popularidade dos podcasts tem aumentado desde 2018, quando plataformas de streaming como Spotify e Deezer passaram a investir pesado no formato, e se acelerou durante a pandemia, segundo pesquisa do Itaú Cultural e DataFolha, que aponta que, em 2021, 56,7 milhões de brasileiros consumiam podcasts, o que representa 39% da população foco do estudo (entre 16 e 65 anos). A porcentagem cresce para 61% na faixa dos jovens, entre 16 e 24 anos.⁸

Neste mapeamento, identificamos nove podcasts produzidos sobre a modalidade, a maioria criados depois de 2019. Focamos numa segunda etapa na análise de conteúdo dos episódios de cinco projetos, selecionados em função da quantidade de episódios e regularidade. São eles: Dibradoras, Planeta Futebol Feminino, Empório do Esporte Feminino, De Primeira e Podcast das Marias. No total, essas iniciativas englobam 455 episódios, produzidos entre 2018 e 2022 (até setembro). Nossa análise trabalhou com os resumos dos episódios disponibilizados em plataformas de streaming pelas próprias produtoras e na escuta daqueles episódios que não possuíam resumo.

Na análise, utilizamos estratégias típicas da análise de conteúdo e focamos em categorias tradicionais do campo do jornalismo como temas, tipos de enquadramento, fontes, gênero das fontes e dos autores. Alguns resultados chamam a atenção como: a presença significativa de uma cobertura rotineira da categoria, através da presença dos temas “Cotidiano” e “Análises”; a presença de fontes de informação mulheres em mais de 60% dos episódios; assim como diferenças e semelhanças entre os diferentes projetos, que possuem formatos mais tradicionais e outros mais inovadores. Refletimos sobre os achados no diálogo com outras pesquisas nacionais e internacionais sobre o assunto.

⁸ LOSIVI. Popularidade do podcast sobe no isolamento social.

Este artigo está assim organizado: a próxima seção faz uma breve revisão da literatura internacional e nacional sobre as representações de mulheres na mídia esportiva. Na sequência, apresentamos nosso desenho metodológico, para depois apresentar os achados em diálogo com dados de outras pesquisas. O artigo é finalizado com uma seção de Considerações Finais onde refletimos sobre essas experiências de comunicação e a importância de estudos dessa natureza.

AS MULHERES NA MÍDIA ESPORTIVA: UMA BREVE REVISÃO

Como indicado na introdução, na literatura internacional de língua inglesa, os estudos sobre representações de mulheres na mídia esportiva, particularmente de mulheres atletas, têm início na década de 1970.⁹ Toffoletti¹⁰ divide esses estudos entre aqueles mais preocupados com a quantidade de cobertura dedicada às modalidades femininas e aqueles dedicados a analisar a qualidade dessa cobertura. Ela explica que no caso dos primeiros os resultados indicam que apesar do aumento de participação das mulheres nos esportes, a cobertura tanto na mídia impressa quanto eletrônica permanece baixa. Alguns estudos também indicam que as reportagens especiais na televisão, aquelas que são mais longas e mais produzidas, são sobretudo sobre os homens e esportes masculinos.¹¹ Alguns estudos têm indicado que durante megaeven- tos como as Olimpíadas a mídia presta mais atenção nas modalidades femininas do que rotineiramente, mas ainda assim a distribuição tende a não ser equânime.¹²

Os estudos na literatura internacional de língua inglesa que se dedicam a olhar para *como* a mídia esportiva representa as mulheres tem natureza qualitativa e apontam que apesar do aumento de visibilidade das mulheres no esporte, essas são representadas de formas banalizadas que diminuem suas conquistas, reproduzindo privilégios masculinos.¹³ Alguns dos mecanismos opressores identificados nessa literatura são: enfoque na sexualidade como um meio de objetificar atletas;

⁹ BRUCE et al. Key themes in the research on media coverage of women's sport, p. 10.

¹⁰ TOFFOLETTI. Analyzing media representations of sportswomen, p. 199.

¹¹ COOKY; MESSNER; HEXTRUM. Women play sport, but not on TV, p. 218.

¹² BRUCE et al. Key themes in the research on media coverage of women's sport, p. 1.

¹³ TOFFOLETTI. Analyzing media representations of sportswomen, p. 200.

infantilização, ao chamá-las de “girls” para posicioná-las como inferiores, fracas e inadequadas para as demandas físicas do esporte; representação de mulheres que possuem corpos fortes e musculosos como “anormais” e não femininos, o que associa de forma negativa mulheres de esportes “masculinizados” a identidades sexuais “desviantes” e, como consequência, naturaliza a masculinidade heterossexual como o ideal atlético; e a representação de mulheres em papéis heteronormativos femininos como esposas, namoradas e mães.

No Brasil, as representações de gênero na mídia esportiva são estudadas desde a década de 1990.¹⁴ Assim como internacionalmente, percebemos também uma preocupação com a quantificação do espaço dado às mulheres no noticiário esportivo e com a forma como essa presença ocorre por aqui. A partir da primeira perspectiva, os estudos apontam, por exemplo, que os homens assinam a imensa maioria das notícias (93% x 7% de mulheres) assim como são as principais fontes ouvidas na cobertura esportiva (74% x 26%).¹⁵ No Brasil, as pesquisas apontam também para um aumento substancial de notícias sobre o futebol feminino na comparação pré-megaeventos e durante os eventos.¹⁶ Em 2004, nos Jogos Olímpicos de Atenas, esse aumento foi de 2000% nos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo.¹⁷

Os estudos que se preocupam com a qualidade ou como essas mulheres são retratadas identificam alguns mecanismos opressores (muito similares, inclusive, ao que a literatura internacional identifica): a definição do feminino pelo masculino, através de expressões como “Marta é o Pelé de saias”;¹⁸ formas de infantilização, ridicularização e diminuição da capacidade e excelência esportiva de atletas mulheres ao chamá-las de “meninas”;¹⁹ enfoque na sexualidade como meio de objetificar atletas;²⁰ representações de mulheres que possuem corpos fortes como “anormais”, associando-os também com identidades sexuais desviantes e/ou tentativas de des-

¹⁴ DEVIDE et al. Estudos de gênero na educação física brasileira, p. 3.

¹⁵ JOHN. Jornalismo esportivo e equidade de gênero, p. 489.

¹⁶ GONÇALVES. *O futebol de mulheres na mídia*, p. 23.

¹⁷ MARTINS; MORAES. O futebol feminino e sua inserção na mídia, p. 69.

¹⁸ COSTA. Marta versus Neymar, p. 1.

¹⁹ CAFEO. *Guerreiras ou meninas*, p. 30.

²⁰ FERRETTI. O futebol feminino nos Jogos Olímpicos de Pequim, p. 117.

construção dessa imagem através da feminização desses corpos para torná-los atra-
tivos a um público heterossexual;²¹ representação de mulheres em papéis hetero-
normativos, sobretudo numa essencialização da maternidade como destino e as-
sunto feminino “obrigatório” em programas voltados para esse público.²² Mais re-
centemente, Goellner²³ também traz um balanço de novas estratégias adotadas pe-
las mulheres para continuar vivendo e falando sobre a modalidade no Brasil. Nesse
sentido, a autora apresenta alguns estudos que trazem uma atualização do futebol
de mulheres praticado no país, especialmente a partir dos anos 2000, e demonstra
como “o futebol é profundamente atravessado pelas questões de gênero”.²⁴

Temos também por aqui uma gama de estudos historiográficos sobretudo so-
bre o futebol feminino que indicam representações diversas ao longo do tempo:²⁵
das articulações com o exótico e peculiar no início do século XX, passando pela cri-
minalização do período de 1940 a 1960, chegando à erotização e branqueamento
das décadas de 1980 e 1990, e à mulher forte dos últimos anos.

Alguns estudos merecem uma exploração mais detida por aqui por justa-
mente dialogarem com nosso objetivo de utilizar categorias típicas dos estudos do
jornalismo. Esse é o caso da pesquisa internacional comparativa *The International
Sports Press Survey (ISPS)*,²⁶ levantamento que já teve duas edições (2005, 2011), e
que aponta para uma série de questões envolvendo o jornalismo esportivo, particu-
larmente o praticado pela imprensa hegemônica. O ISPS²⁷ de 2011 apontou, por
exemplo, que apenas 8% das notícias da imprensa esportiva de 22 países, incluindo
o Brasil, são assinadas por mulheres. Além disso, 85% da cobertura esportiva foca

²¹ SALVINI; MARCHI JÚNIOR. Uma história do futebol feminino nas páginas da revista *Placar* entre os anos de 1980-1990, p. 95. SALVINI; MARCHI JÚNIOR. Notoriedade mundial e visibili-
dade local, p. 144. SALVINI; MARCHI JÚNIOR. Registros do futebol feminino na revista *Placar*,
p. 99. GOELLNER. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades, p. 143.

²² MÜHLEN; GOELLNER. Jogos de gênero em Pequim 2008, p. 165. FIUZA; PRADO. A cons-
trução de sentidos no programa Olhar espnW, p. 2.

²³ GOELLNER. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências, p. 9.

²⁴ GOELLNER. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências, p. 9.

²⁵ BONFIM. *Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos*, p. 25. AL-
VINI; MARCHI JÚNIOR. Uma história do futebol feminino nas páginas da revista *Placar* entre os
anos de 1980-1990, p. 96. MOURÃO; MOREL. As narrativas sobre o futebol feminino o discurso
da mídia impressa em campo, p. 1.

²⁶ ISPS. *First Results of the Internacional Sports Press Survey*, p. 1.

²⁷ ISPS. *First Results of the Internacional Sports Press Survey*, p. 2

em atletas de modalidades masculinas. Mas os problemas não param por aí. O jornalismo esportivo não escuta fontes, quando as escuta elas são todas do mesmo tipo (internas ao campo esportivo), tem uma falta de diversidade temática e de enquadramentos, além de focar a cobertura apenas naquilo que ocorre dentro de campo. Os dados apontam que 26% das notícias não ouvem nenhuma fonte, 41% escutam uma fonte, 19% duas e 12% três ou mais fontes. Entre as fontes que são ouvidas, 60% vêm do próprio campo esportivo (atletas, técnicos, dirigentes de clubes). Não à toa, Rowe²⁸ considera que o jornalismo esportivo produz um modo insular de narrar o mundo: não se ouve especialistas de outros campos, que possam oferecer explicações complementares para os fatos que acontecem no esporte.

É por isso também que o jornalismo esportivo não goza de uma grande reputação, sendo frequentemente chamado de “departamento de brincadeira da mídia” (no original, *the toy department of the news media*).²⁹ Várias críticas têm sido feitas ao jornalismo esportivo como, por exemplo, o fracasso em se engajar sistematicamente e criticamente nos papéis de “vigilância” e de investigação que são cruciais para a profissão³⁰ e uma certa incapacidade de politizar questões importantes no esporte.³¹ Por fim, uma outra crítica apontada por Rowe³² é justamente a dominância de enquadramentos episódios, centrados no factual, na cobertura esportiva. Os dados do ISPS³³ suportam tal afirmação: 80% dos artigos analisados focaram nos jogos e performance dos atletas em competições. Enquadramentos temáticos, que buscam problematizar questões, pensar em termos de problemas e possíveis soluções, grandes reportagens com abordagens mais amplas que pensam o esporte na relação com a sociedade são praticamente inexistentes: menos de 3% discutem as questões políticas do esporte, 1,4% falam de esporte amador, etc.

Análises mais recentes demonstram que algumas coisas têm mudado. Leal,³⁴ por exemplo, em uma análise dos valores-notícias presentes na cobertura do futebol

²⁸ ROWE. Sports journalism: still the “toy department” of the news media?, p. 385.

²⁹ ROWE. Sports journalism, p. 388.

³⁰ BOYLE. *Sports journalism: context and issues*, p. 8. ROWE. Sports journalism, p. 389.

³¹ VIMIEIRO; MAIA. Campanhas cívicas e protestos de torcedores.

³² ROWE. *Sports journalism*, p. 390.

³³ ISPS. *First Results of the Internacional Sports Press Survey*, p. 3.

³⁴ LEAL. *Noticiabilidades na Placar*, p. 167.

de mulheres realizada pela revista *Placar* entre 1992 e 2019 mostra algumas mudanças, especialmente depois de 2014, período em que o autor constata que houve maior amadurecimento e naturalização da figura da mulher como uma profissional do futebol”.³⁵ Além disso, outros estudos que analisam a própria mídia alternativa e a sua relação com a cobertura midiática do futebol de mulheres trazem, principalmente, o papel importante do projeto Dibradoras na amplificação de informações sobre o futebol e também sobre outras modalidades praticadas por mulheres.³⁶

Outra análise que também indica algumas alterações no jornalismo esportivo em relação às modalidades praticadas por mulheres foi conduzida pelo Observatório Marta,³⁷ da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG),³⁸ que encontrou uma cobertura rotineira significativa de modalidades femininas, sobretudo do futebol, em veículos brasileiros. O estudo englobou 862 notícias publicadas entre junho de 2020 e maio de 2021 em cinco meios de comunicação específicos (O Globo, Folha de São Paulo, Globo Esporte, Uol Esportes e Dibradoras) e num conjunto diverso de veículos alternativos incluídos na pesquisa através do Google News. As notícias coletadas versavam sobre a presença de mulheres no esporte, incluindo a cobertura das modalidades femininas, mas também notícias sobre árbitras, torcedoras, gestoras, entre outras. Nestes textos, vemos uma presença mais significativa de mulheres como autoras das notícias do que apontam os dados da ISPS:³⁹ 25,3% eram assinadas por mulheres, 27,3% por homens, 2,1% co-assinadas por homens e mulheres e 44,3% não tinham autoria (sendo acompanhadas, frequentemente, da assinatura “Redação”). Essas notícias também apresentavam mais mulheres como fontes do que os dados de John:⁴⁰ 55,2% dos textos tinham pelo menos uma fonte feminina e 21% tinham pelo menos uma fonte masculina. Além dessas categorias, a investigação, de cunho mais quantitativo, também utilizou outras como tema, enquadramento, modalidade e tipos de imagem.

³⁵ LEAL. *Noticiabilidades na Placar*, p. 167.

³⁶ FIRMINO. Empoderamento e relações de poder, p. 33. LIMA; JANUÁRIO; LEAL. “Dibrando” a mídia hegemônica, p. 7.

³⁷ OBSERVATÓRIO MARTA. *Relatório Anual das Desigualdades de Gênero no Esporte*, p. 15.

³⁸ OBSERVATÓRIO MARTA. *Relatório Anual das Desigualdades de Gênero no Esporte*, p. 10.

³⁹ ISPS. *First Results of the Internacional Sports Press Survey*, p. 3.

⁴⁰ JOHN. *Jornalismo esportivo e equidade de gênero*, p. 500.

DESENHO METODOLÓGICO E EXPLORAÇÃO INICIAL

Para investigar e compreender as experiências comunicativas que se dedicam ao futebol de mulheres, realizamos um mapeamento inicial a partir da rede social Instagram, a fim de encontrar projetos dedicados à cobertura da modalidade no Brasil. Essa busca por perfis se iniciou em agosto de 2021, a partir da criação de uma nova conta plataforma apenas para isso e da escolha inicial de alguns projetos que já conhecíamos para seguir, como o Dibradoras e o Podcast das Marias. A partir dessa pequena seleção inicial, contamos com o auxílio do próprio algoritmo do Instagram, que sugeria novos perfis parecidos. Nossa estratégia teve inspiração no campo dos métodos digitais, particularmente no trabalho de Rogers⁴¹ que sugere a reapropriação dos serviços digitais, suas lógicas e algoritmos para a pesquisa social.

A partir dessa estratégia, chegamos a um total de 126 contas dedicadas ao futebol de mulheres. No entanto, a partir de uma nova análise de todos os perfis, chegamos ao quantitativo final de 48 contas que se encaixavam nos critérios da análise, quais sejam: projetos que falam do futebol de mulheres e que são feitos, em sua totalidade ou maioria, por mulheres.

Depois desse mapeamento inicial, foi feita uma exploração das experiências de comunicação, a partir da análise do tipo de cobertura realizada por cada iniciativa, além do conteúdo produzido e de quem são as produtoras desses conteúdos. Conforme discutido em trabalho anterior,⁴² a maioria dos projetos se dedica a cobertura nacional e internacional. Em menor quantidade, também encontramos perfis que se dedicam a apenas um clube específico e, ainda, os que cobrem o futebol de mulheres em alguma região do Brasil. Outro ponto que nos chamou a atenção nessa primeira análise foi a presença de projetos “mistos”, ou seja, que se dedicam tanto ao futebol de mulheres quanto ao futebol praticado por homens. Dos 48 projetos mapeados, oito são dedicados às duas modalidades.

⁴¹ ROGERS. *Digital Methods for Web Research*, p. 1.

⁴² EUGÊNIO; SOUZA; VIMIEIRO. *Análise da cobertura midiática alternativa sobre o futebol feminino*, p. 11.

SEGUNDA ETAPA: IDENTIFICANDO OS PODCASTS SOBRE O FUTEBOL DE MULHERES

A partir dessa exploração inicial, identificamos uma variedade de podcasts produzidos sobre a modalidade, especialmente depois de 2019, com a realização da Copa do Mundo de Futebol Feminino da França. Na tabela 1, apresentamos as informações sobre os nove podcasts encontrados no mapeamento, sendo oito dedicados ao futebol nacional e internacional e um dedicado a um clube específico, o Podcast das Marias (Cruzeiro Esporte Clube):

Podcast	Foco	Início do podcast	Total de episódios	2018	2019	2020	2021	2022
Anônimas	Nacional e Internacional	2021	39	0	0	0	26	13
De Primeira - Futebol Feminino	Nacional e Internacional	2020	229	0	0	76	96	57
Dibradoras	Nacional e Internacional	2019	42	0	13	29	0	0
Empório do Esporte Feminino	Nacional e Internacional	2019	54	0	15	23	12	4
Fut das minas	Nacional e Internacional	2019	52	0	10	25	17	0
Planeta Futebol Feminino	Nacional e Internacional	2020	59	0	0	12	34	13
Podcast das Marias	Clubes	2018	71	31	34	3	3	0
Salto na área	Nacional e Internacional	2021	17	0	0	0	17	0
Sem Barreira - Futebol Feminino	Nacional e Internacional	2019	86	0	59	23	4	0

Tabela 1 - Podcasts sobre o futebol de mulheres. Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Analisando esse período a partir do número de episódios dos nove podcasts encontrados, percebemos que o aumento na audiência, registrado no evento de 2019,⁴³ também refletiu na produção de novos formatos de cobertura da modali-

⁴³ Disponível em: <https://shre.ink/l2sO>. Acesso em: 25 fev. 2023.

dade. Em 2018, existia apenas uma iniciativa sonora dedicada ao futebol de mulheres, ao passo que em 2019 passou a existir cinco e, em 2020, mesmo sendo um ano marcado pela pandemia da Covid-19, com jogos e campeonatos paralisados em todo o mundo, sete dos nove podcasts produziram algum episódio.

Em 2021, tivemos oito programas ativos e, em 2022, até a finalização da segunda etapa de análise do mapeamento (setembro de 2022), quatro podcasts tiveram algum episódio publicado. Nesse sentido, é importante destacar que, como apontam Vieira e Rodrigues,⁴⁴ a pandemia intensificou a condição de precarização das mulheres no futebol, a partir do corte de salários e diversas instabilidades vivenciadas por elas. As autoras também ressaltam que a própria cobertura da mídia sobre o futebol de mulheres diminuiu nesse período, ao contrário do futebol masculino, que teve diversas alternativas para suprir o cancelamento dos jogos pela pandemia de Covid-19.⁴⁵

Dessa forma, apesar da falta de visibilidade nos veículos considerados tradicionais, percebemos que, no caso dos podcasts analisados, houve um crescimento de 45% no número de episódios publicados no primeiro ano da pandemia em relação a 2019. Já no ano seguinte, em 2021, houve um aumento de 9% no número de episódios publicados, o que mostra que os projetos continuaram ativos apesar de todos os impactos causados pela pandemia.

Como o trabalho não inclui uma análise específica sobre as motivações e possíveis problemas que envolvem a produção desses projetos e as próprias dinâmicas de monetização de cada um, não é possível fazer muitas afirmações sobre esse crescimento ou sobre a falta de produção em determinados períodos, como durante a pandemia da Covid-19. No entanto, vale ressaltar que muitos deles dependem do apoio de pessoas que acompanham as iniciativas, como o De Primeira – Futebol Feminino que, em 2021, passou a inserir uma chave PIX na descrição de seus episódios para apoio aos programas do Planeta Futebol Feminino que são disponibilizados no De Primeira. Além disso, o Planeta conta com algumas parcerias que contribuem para a manutenção dos canais do projeto, como o site de apostas Sportbet.io e a rede

⁴⁴ VIEIRA; RODRIGUES. *Fora de jogo?*, p. 112.

⁴⁵ VIEIRA; RODRIGUES. *Fora de jogo?*, p. 121.

digital de esportes do Brasil NWB. Outro exemplo é o Empório que também possui uma página na plataforma de financiamento coletivo Catarse.

TERCEIRA ETAPA: ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS PODCASTS

A partir dessas etapas iniciais da investigação, utilizamos a análise de conteúdo⁴⁶ para a etapa final do trabalho. Para isso, selecionamos cinco dos nove podcasts apresentados anteriormente para uma análise mais específica, com o objetivo principal de compreender as particularidades de cada uma das iniciativas encontradas.

Tema principal do episódio	Descrição
Cotidiano	Episódios com foco principal em informações sobre os jogos, competições, rotina das atletas e convocações.
Análises	Episódios com foco em análises pré e após a realização dos jogos e competições, além de análises focadas em premiações e convocações da comissão técnica.
Desigualdade	Episódios com foco em assuntos ligados à desigualdade que as jogadoras enfrentam no futebol.
Assédio/Discriminação	Episódios com foco em denúncias e/ou reflexões sobre situações de violência e discriminação de gênero e raça envolvendo as atletas, comissão técnica, arbitragem.
Jornalismo esportivo	Episódios com reflexões sobre o próprio jornalismo esportivo.
História	Episódios com foco em relembrar pontos marcantes da história da modalidade e/ou de atletas, comissão técnica, etc.
Outros	Episódios que fogem das demais categorias de análise.

Tabela 2 - Categorização por tipo de tema.

Fonte: Elaborado pelas autoras com referência no Observatório Marta (2023).

A saber, os cinco projetos escolhidos foram: Dibradoras, Planeta Futebol Feminino, Empório do Esporte Feminino, De Primeira e Podcast das Marias, sendo, os quatro primeiros sobre o futebol nacional e internacional e, o último, sobre o clube mineiro Cruzeiro. Após a coleta e a organização de todos os episódios dos cinco podcasts, realizamos a análise de conteúdo a partir do resumo e do título de cada episódio disponível no Spotify. Essa organização só não foi possível em alguns episódios do Empório e do

⁴⁶ BARDIN. *Análise de conteúdo*, p. 229.

Planeta, pois os resumos estavam incompletos. Nesse caso, precisamos ouvir os primeiros minutos dos episódios para realizar a etapa de categorização.

A Tabela 2 mostra essa categorização por tema feita nessa fase do trabalho. A escolha dos temas e as descrições foi elaborada a partir da proposta do Observatório Marta,⁴⁷ que também categorizou os principais assuntos presentes em notícias sobre mulheres no esporte em veículos de comunicação do Brasil. Isso nos permitiu uma maior aproximação com o jornalismo esportivo tradicional para, a partir disso, refletir as diferenças e semelhanças dos projetos em relação à cobertura midiática da modalidade.

A seguir, o Gráfico 1 traz o percentual de episódios com os temas citados na Tabela 2 em cada podcast:

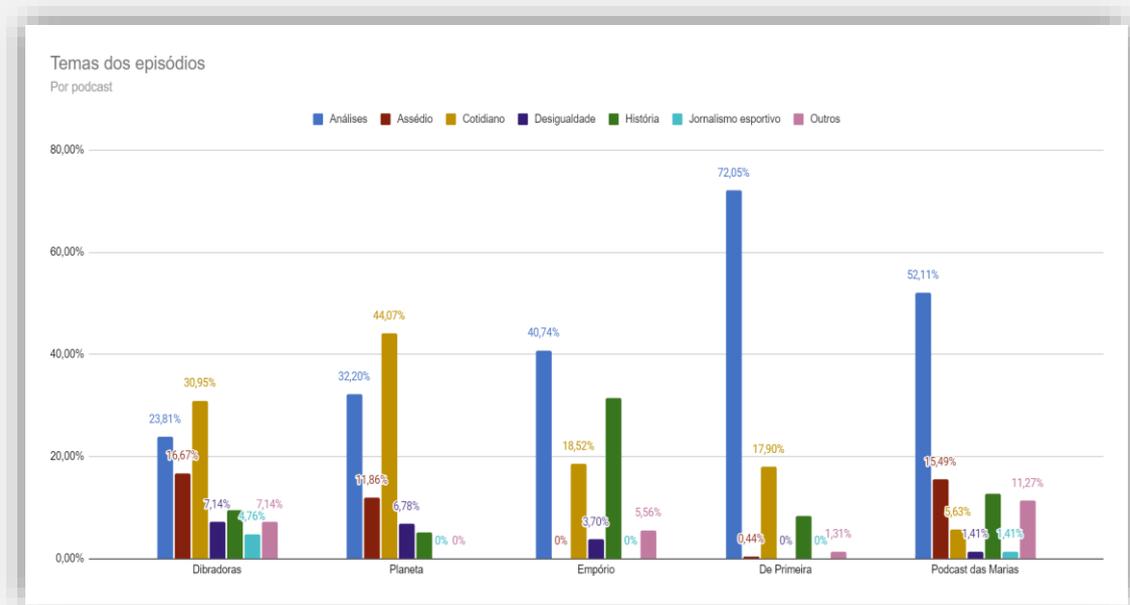


Gráfico 1 - Temas dos episódios por podcast. Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Sobre esses dados, identificamos a predominância dos episódios com foco em análises das competições e também em fatos do cotidiano da modalidade. Esse tipo de cobertura é bastante comum no jornalismo esportivo “tradicional” quando falamos da modalidade masculina. No entanto, se analisarmos apenas a cobertura do futebol de mulheres, percebemos que ainda há algumas lacunas nesse tipo de cobertura

⁴⁷ OBSERVATÓRIO MARTA. *Relatório Anual das Desigualdades de Gênero no Esporte*, p. 10.

que vai além das informações sobre os jogos ou convocações, por exemplo. Análises táticas, especulações sobre o mercado do futebol e balanços ao final de um torneio ou da própria temporada esportiva são exemplos desse tipo de narrativa que categorizamos aqui como “Análises” e que são muito comuns na modalidade masculina, mas que, no caso do futebol de mulheres, nos revela um dado interessante.

Além disso, esse é um crescimento que também vem acontecendo na mídia tradicional, como mostram os dados do Observatório Marta,⁴⁸ em que 30,5% das notícias analisadas no relatório são sobre a cobertura cotidiana. O estudo também demonstra que há um esforço, especialmente em veículos como Globo Esporte e UOL, de registrar o que acontece no futebol de mulheres, através de notícias sobre os resultados dos jogos, por exemplo.

Ainda sobre os temas dos episódios, destacamos que alguns podcasts se dedicam a assuntos que vão além dessa cobertura mais “tradicional”. É o caso do Dibradoras, com episódios que se encaixam na categoria que chamamos de “Jornalismo esportivo”, em que o foco principal é trazer reflexões sobre essa editoria do jornalismo, analisando as violências de gênero que as mulheres jornalistas vivenciam no exercício da profissão. Esse resultado está diretamente ligado ao que análises anteriores já haviam evidenciado sobre o Dibradoras, destacando o posicionamento do projeto enquanto um canal que além de trazer informações sobre o futebol de mulheres e demais modalidades, também busca contextualizar e revelar a dimensão estrutural das desigualdades de gênero no esporte e na mídia tradicional, por exemplo.⁴⁹

Destacamos também que alguns podcasts trazem como tema principal outros assuntos importantes ligados ao futebol, mas que muitas vezes não são amplamente abordados no jornalismo esportivo “tradicional”. É o caso dos episódios sobre assédio e desigualdade presentes no Podcast das Marias, por exemplo. Como a análise de Vimieiro e colegas⁵⁰ demonstra, o Podcast das Marias traz alguns episódios de resistência e que buscam refletir e questionar diversas formas de opressão que as mulheres vivenciam no estádio e até mesmo a invisibilidade que elas encontram ao

⁴⁸ OBSERVATÓRIO MARTA. *Relatório Anual das Desigualdades de Gênero no Esporte*, p. 16.

⁴⁹ LIMA; JANUÁRIO; LEAL. “Dibrando” a mídia hegemônica, p. 20.

⁵⁰ VIMIEIRO et al. É mais que preconceito!, p. 4.

jogarem futebol. Isso também reflete na categorização dos episódios do podcast, que mostra que 15,49% do número total de produções tem como foco denúncias ou reflexões sobre situações de violência.

Apesar de não tematizar especificamente as violências de gênero vivenciadas pelas jogadoras e/ou outras pessoas envolvidas no futebol de mulheres, como comissão técnica e arbitragem, é válido ressaltar que, de modo geral, os episódios dessa categoria relatam e questionam situações de violência de gênero vivenciadas pelas próprias produtoras do podcast e também por pessoas conhecidas. Em um episódio, por exemplo, elas tematizam o machismo e a LGBTQIA+fobia presentes no futebol, trazendo fontes como mulheres que participam da Grupa,⁵¹ um movimento de torcedoras do Atlético Mineiro que se posiciona contra a discriminação racial e de gênero no futebol. Essa presença não só de fontes nos episódios sobre assédio e discriminação, mas também da presença de mulheres na produção demonstra o que Almeida e colegas⁵² destacam para uma discussão mais diversificada e representativa sobre esse tipo de temática.

Ainda sobre os temas relacionados a assédio e discriminação, de modo geral, percebemos que os podcasts produzem episódios específicos sobre temas ligados aos direitos das pessoas LGBTQIA+ em datas específicas, como no Dia Internacional do Combate à LGBTQIA+fobia. Em alguns casos, notamos a presença de algumas fontes ligadas ao esporte que são pessoas LGBTQIA+ e também de torcedores para relatarem as suas experiências no ambiente esportivo. Já em relação a outros tipos de assédio e discriminação, como racismo e machismo, identificamos que os episódios retomam esses assuntos em momentos específicos, especialmente quando alguma jogadora ou membros da comissão técnica ou do próprio jornalismo esportivo vivenciam esse tipo de situação. No entanto, é válido ressaltar que esses assuntos geralmente são tratados com um enquadramento mais episódico que, como veremos posteriormente, não busca aprofundar essas questões, algo que também é comum no jornalismo esportivo.

⁵¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/grupagalo/>. Acesso em: 22 nov. 2022.

⁵² PILAR et al. *Mídia, violência, gênero e esporte*, p. 10.

Outro ponto a se destacar é a presença de episódios que falam sobre a desigualdade que as jogadoras enfrentam no futebol. Em termos percentuais, o Dibradoras é o podcast que mais trouxe esse tema para o foco dos episódios, destacando o problema estrutural que envolve não só a modalidade, mas também outros espaços que estão ligados ao futebol, como o próprio jornalismo esportivo, discutindo sobre como o conhecimento das jornalistas que fazem parte da editoria de esportes são sempre alvo de dúvidas, piadas e questionamentos.⁵³ Além do Dibradoras, identificamos alguns episódios que questionam a falta de investimento no futebol de mulheres no Planeta Futebol Feminino, no De Primeira e no Podcast das Marias. A presença dessa temática, especialmente no Dibradoras e no Podcast das Marias, é bastante elucidativa quando pensamos no cenário atual do futebol de mulheres, a partir das mudanças que apresentamos no começo deste trabalho.⁵⁴ Ademais, esse tipo de narrativa é muito importante quando pensamos nas representações anteriores, em que as mulheres eram relacionadas a papéis heteronormativos⁵⁵ e idealizados.⁵⁶ Principalmente nesses dois projetos, as representações sobre as mulheres perpassam outros tipos de narrativas, em que elas são colocadas no centro do debate, falando sobre questões relacionadas à desigualdade de gênero e aos problemas estruturais da modalidade.

Outra temática presente nos podcasts é o que chamamos de categoria “História”. Esses episódios recontam acontecimentos históricos da modalidade, de algum torneio específico, de atletas ou membros da comissão técnica, por exemplo. Assim, com o adiamento dos Jogos Olímpicos de Tóquio em virtude da pandemia de Covid-19, a Rede Globo, emissora detentora dos direitos de transmissão dos Jogos no Brasil, realizou uma cobertura com conteúdo sobre histórias de vida dos atletas, buscando resgatar a memória destes e também de ex-atletas e de outras pessoas envolvidas em Jogos anteriores.⁵⁷ Nesse sentido, assim como essa estratégia foi ado-

⁵³ Episódio 12: O combate diário ao machismo no jornalismo esportivo. Dibradoras. Disponível em: <https://shre.ink/l2ET>. Acesso em: 22 nov. 2022.

⁵⁴ GOELLNER. Mulheres e futebol no Brasil, p. 9.

⁵⁵ MÜHLEN; GOELLNER. Jogos de gênero em Pequim 2008, p. 165.

⁵⁶ SALVINI; MARCHI JÚNIOR. Registros do futebol feminino na revista *Placar*, p. 99.

⁵⁷ OLIVEIRA; THOMÉ. Os Jogos do Recomeço, p. 1.

tada pela emissora, percebemos aqui a presença de episódios que retomam momentos marcantes do futebol de mulheres como uma forma de “preencher” uma lacuna deixada pela falta de jogos após o cancelamento das competições pelo agravamento da pandemia.

Por fim, apesar da pouca incidência de episódios categorizados como “Outros”, destacamos o Podcast das Marias, que possui o maior número de episódios com esse tema – oito dos 71. Os temas são variados, mas percebemos um ponto em comum: discussões sobre assuntos que vão além do futebol praticado em campo,⁵⁸ como programa sócio-torcedor e as camisas lançadas pelo clube, por exemplo. É importante ressaltar que todos esses episódios que não se enquadram nas demais categorias foram publicados antes do Cruzeiro ter um time feminino, então o foco dos episódios era a modalidade masculina.

GÊNERO DAS FONTES E DE QUEM PRODUZ OS EPISÓDIOS DOS PODCASTS ANALISADOS

Um segundo movimento de categorização a partir da análise de conteúdo dos resumos dos episódios foi a identificação do gênero das pessoas responsáveis pela apresentação e pelos comentários. De modo geral, quase todos os programas são produzidos e comentados por mulheres, sendo que em alguns casos elas também compartilham a “bancada” dos episódios com homens. Esse era um dado já esperado, tendo em vista que o mapeamento geral dos projetos priorizou apenas projetos com mulheres na produção de seus conteúdos. Apesar disso, é importante destacar que esse é um cenário relativamente diferente do encontrado pela ISPS,⁵⁹ com apenas 8% das notícias assinadas por mulheres e mesmo dos dados mais atuais do Observatório Marta⁶⁰ com a porcentagem de 25,3% para o mesmo indicador.

Como o Gráfico 2 mostra (abaixo), o Dibradoras, um dos projetos mais relevantes no que diz respeito à produção de conteúdo sobre as mulheres no esporte, se

⁵⁸ VIMIEIRO et al. *É mais que preconceito!*, p. 11.

⁵⁹ ISPS. *First Results of the Internacional Sports Press Survey*, p. 5.

⁶⁰ OBSERVATÓRIO MARTA. *Relatório Anual das Desigualdades de Gênero no Esporte*, p. 36.

destaca como um podcast que possui apenas mulheres na apresentação e nos comentários. Criado em 2015, o projeto está presente em outras redes sociais e também possui site próprio dedicado à cobertura das mulheres no esporte. É válido ressaltar que esse protagonismo das mulheres no podcast é um reflexo do propósito do Dibradoras, que busca promover a participação das mulheres no ambiente do jornalismo esportivo, conforme elas descrevem no site do projeto, como uma tentativa de romper os próprios estereótipos dominantes em relação à presença de mulheres no meio esportivo, uma editoria ainda tão marcada pela predominância dos homens.⁶¹

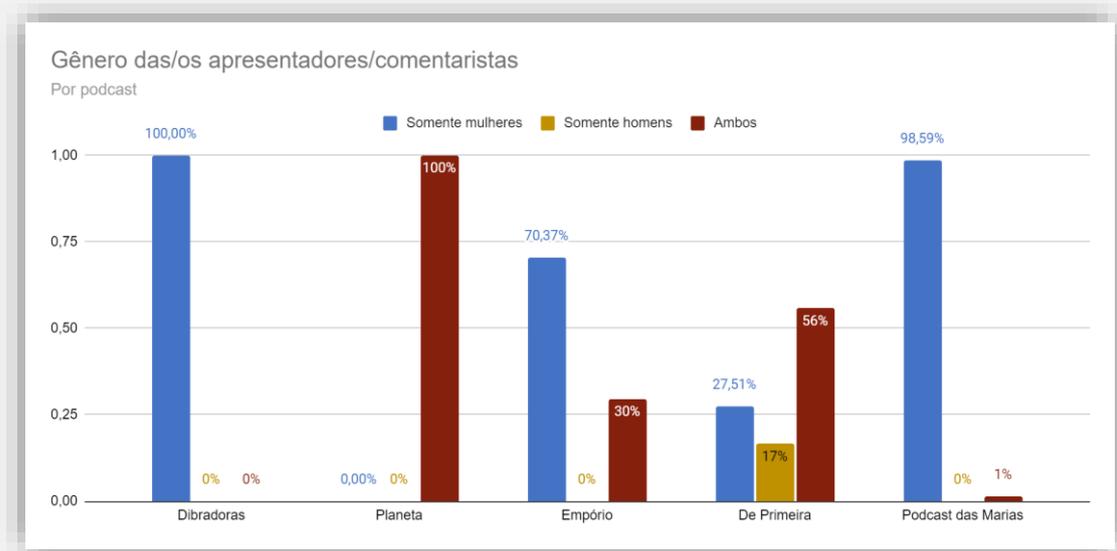


Gráfico 2 - Gênero das/os apresentadores/comentaristas dos podcasts
Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

Destacamos também o Planeta Futebol Feminino, outro grande projeto que realiza a cobertura sobre o futebol de mulheres no Brasil e no mundo, e que possui homens e mulheres em todos os episódios disponíveis na plataforma de streaming que utilizamos para a análise. No Planeta e também no De Primeira - Futebol Feminino, encontramos mais episódios que contam com homens e mulheres na apresentação e comentários.

Na sequência, observamos a presença ou a ausência de fontes nos podcasts selecionados (Gráfico 3). Tal análise é importante, tendo em vista que o jornalismo esportivo “tradicional” geralmente não utiliza muitas fontes e, quando utiliza, geralmente dá

⁶¹ LIMA; JANUÁRIO; LEAL. “Dibrando” a mídia hegemônica, p. 20.

preferência aos homens, como aponta a pesquisa ISPS,⁶² por exemplo, em que 26% das notícias analisadas não tinham nenhuma fonte e 41% só citavam uma fonte.

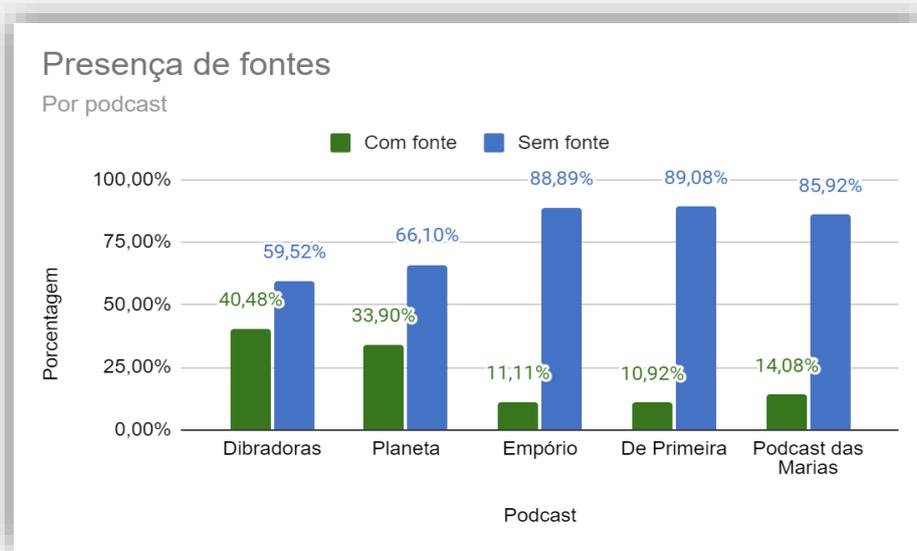


Gráfico 3 - Presença de fontes por podcast.
Fonte: Elaborado pela autoras (2023).

No caso dos podcasts sobre o futebol de mulheres, no geral, a presença de fontes ainda é relativamente baixa. Em relação aos episódios que possuem fontes, encontramos uma predominância de atletas, ex-atletas, membros de comissão técnica e membros da arbitragem brasileira.

Em um segundo momento, analisamos o gênero das fontes. Nesse caso, 48 dos 78 episódios que possuem alguma fonte tinham apenas mulheres, o que representa 61,54%, demonstrando que as mulheres são mais ouvidas nesses projetos, o que também demonstra uma certa diferença em relação ao jornalismo mais tradicional. No caso dos veículos analisados pelo Observatório Marta,⁶³ por exemplo, 55,2% das notícias tinham fontes femininas, enquanto 21% tinham a presença de fontes masculinas.

Além disso, destacamos mais uma vez a importância do projeto Dibradoras, que além de ter um alto percentual de episódios com fontes, também ouviu mais mulheres do que homens, especialmente sobre temas relacionados à desigualdade

⁶² ISPS. *First Results of the Internacional Sports Press Survey*, p.6

⁶³ OBSERVATÓRIO MARTA. *Relatório Anual das Desigualdades de Gênero no Esporte*, p. 36.

de gênero no futebol, como mais um exemplo do caráter ativista e de resistência das mulheres que falam sobre o futebol de mulheres.⁶⁴

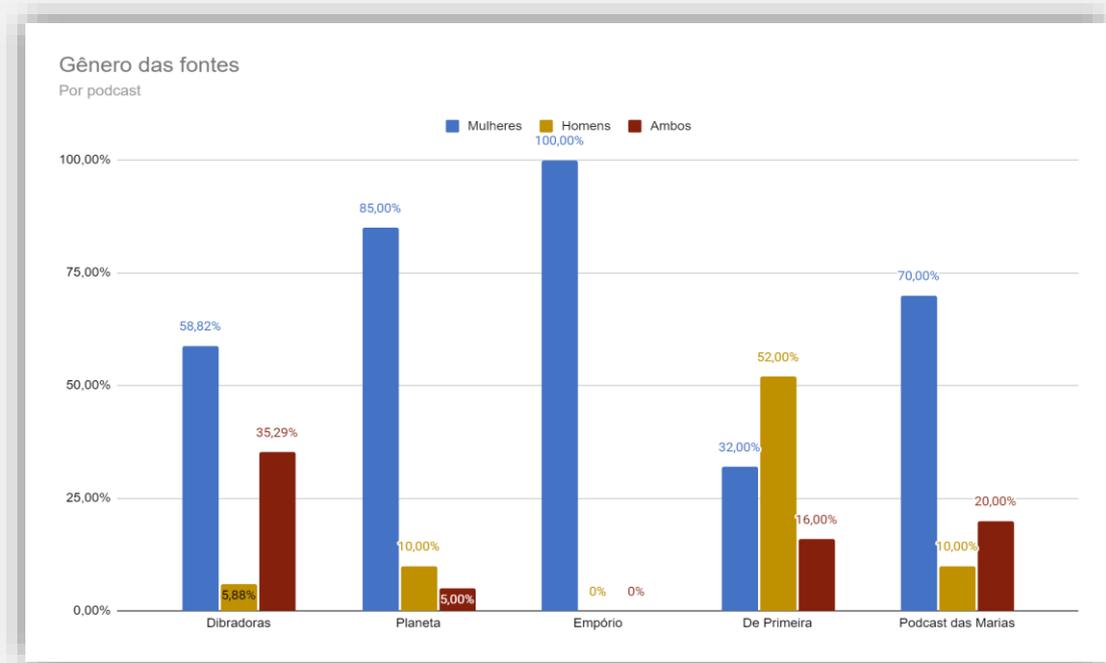


Gráfico 4 - Gênero das fontes. Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

ENQUADRAMENTO E MODALIDADES EM FOCO

Outro aspecto considerável para compreender as nuances desses podcasts diz respeito ao tipo de enquadramento utilizado em cada episódio, como uma forma de utilizar categorias próprias do jornalismo para analisar a cobertura do futebol de mulheres. Nesse sentido, verificamos que a maioria dos episódios possui um enquadramento episódico, em que os assuntos em foco são apenas relatados. Isso acontece porque a grande maioria é dedicada apenas à cobertura do dia a dia da modalidade, como mostramos anteriormente no gráfico sobre os temas em foco. Nesse sentido, o grande volume de episódios sobre o cotidiano, com análises táticas dos jogos, por exemplo, também reflete na categorização do enquadramento.

⁶⁴ GOELLNER. Mulheres e futebol no Brasil, p. 9.

Ainda assim, é importante destacar que o número total de episódios com enquadramento temático (39,56%, 180) é superior aos dados do levantamento do Observatório Marta,⁶⁵ em que 27,7% das notícias analisadas utilizavam esse tipo de enquadramento, o que também demonstra como o jornalismo esportivo “tradicional” geralmente foca apenas no que acontece dentro do campo, conforme apresentamos anteriormente.

Quando olhamos especificamente para os tipos de enquadramento mais utilizados em cada podcast, percebemos que o único que possui mais episódios com um enquadramento temático é o Podcast das Marias. Muitos episódios deste projeto são dedicados à discussão e à reflexão sobre a mulher no meio do futebol, especialmente como torcedora. Como apontam pesquisas sobre o projeto,⁶⁶ o podcast é um exemplo de projeto que busca “resistir às opressões que demarcam as experiências do torcer e do ‘falar’ sobre o esporte”.⁶⁷

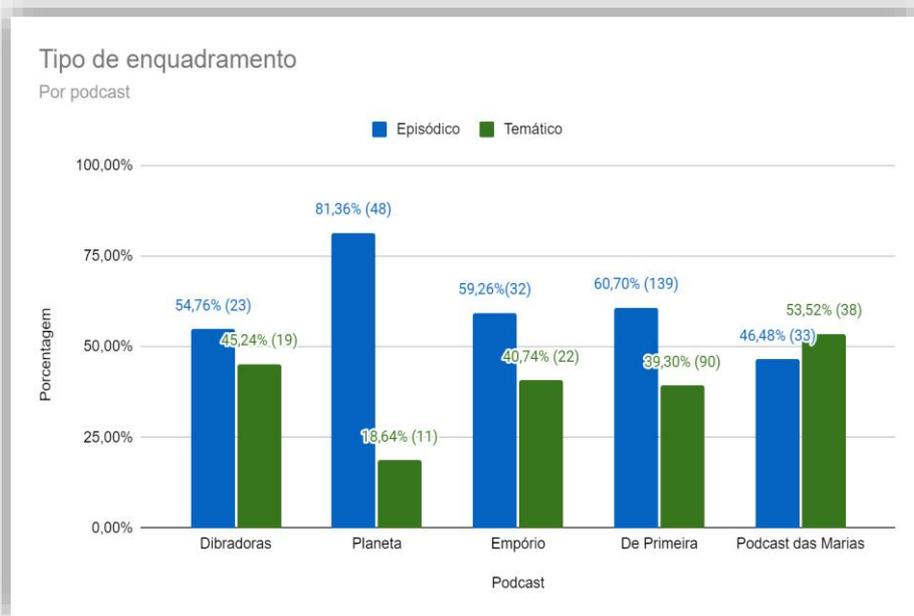


Gráfico 5 - Tipo de enquadramento por podcast.
Fonte: Elaborado pelas autoras (2023).

⁶⁵ OBSERVATÓRIO MARTA. *Relatório Anual das Desigualdades de Gênero no Esporte*, p. 28.

⁶⁶ VIMIEIRO et al. *É mais que preconceito!*, p. 13.

⁶⁷ VIMIEIRO et al. *É mais que preconceito!*, p. 13.

Em relação aos demais projetos, com exceção do Planeta Futebol Feminino, percebemos que, apesar da predominância dos episódios com enquadramento episódico, uma boa parte do quantitativo total também busca refletir sobre os temas de forma mais aprofundada, a partir de um enquadramento temático. Já no caso do Planeta, os poucos episódios com um enquadramento temático são dedicados a temas como racismo, xenofobia e assédio.

Por fim, apesar do trabalho ter como foco analisar a forma com que os podcasts fazem uma cobertura sobre o futebol de mulheres, observamos que alguns deles também se dedicam a outras modalidades esportivas. No caso do Dibradoras, por exemplo, outras duas modalidades muito presentes são o judô e o basquete. Já o Planeta Futebol Feminino possui 11 episódios que falam de futebol e também de futsal, modalidade que também aparece no Empório.

No caso do Podcast das Marias, apenas um episódio também fala do vôlei do Cruzeiro, modalidade praticada apenas por homens no clube mineiro. É importante ressaltar também que, dos 71 episódios, 68 falam sobre o futebol masculino e 44 são dedicados apenas a essa modalidade, pois o podcast foi criado em 2018, quando o Cruzeiro ainda não tinha uma equipe feminina. A partir de 2019, quando o clube passou a investir no futebol de mulheres, 26 episódios tiveram a modalidade como foco, trazendo diferentes reflexões conforme apontamos anteriormente. Por fim, o De Primeira, como o próprio nome e a descrição do podcast apontam, não tem nenhum episódio dedicado a outra modalidade para além do futebol.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentamos ao longo deste trabalho, o futebol de mulheres tem avançado ao longo dos últimos anos, não só do ponto de vista do jornalismo esportivo que historicamente invisibiliza não só o futebol, como também as demais modalidades esportivas praticadas por mulheres. Nos últimos anos, especialmente durante e depois da Copa do Mundo de 2019, vivenciamos alguns marcos importantes como o primeiro jogo da Seleção Feminina sendo transmitido pela TV aberta, além de novos formatos

e canais de transmissão dos jogos do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino⁶⁸ e a igualdade de pagamentos para as jogadoras da Seleção.⁶⁹

Nesse contexto, identificamos a importância das experiências de comunicação consideradas alternativas para o registro e a cobertura da modalidade, feita a partir de diferentes formatos e com objetivos diversos, alguns mais específicos em relação à narrativa do futebol, se assemelhando ao que o próprio jornalismo esportivo faz com o futebol masculino. Já em outros casos, identificamos uma tentativa de trazer temas que vão além do campo, com episódios sobre a história da modalidade e também sobre dinâmicas de invisibilidade e de falta de incentivo vivenciadas pelas jogadoras.

Dessa forma, de modo geral, buscamos refletir sobre esses projetos, ou seja, o que eles produzem, como produzem, quais são os principais temas, os principais formatos e se eles se diferenciam de alguma forma do jornalismo esportivo tradicional.

Em primeiro lugar, a análise nos permitiu compreender que existe uma variedade de temas em foco nesses podcasts, alguns com maior frequência, como os que foram categorizados aqui como “Cotidiano” e “Análises”, que se dedicam a uma cobertura mais rotineira do futebol de mulheres e, no caso da segunda categoria, uma análise mais específica dos times, convocações e torneios, o que já faz parte do jornalismo esportivo tradicional. No entanto, no caso do futebol de mulheres, é válido destacar que essa é uma narrativa diferente e que demonstra uma certa mudança em relação ao jornalismo tradicional, já que, na maioria das vezes, a modalidade feminina não tem uma cobertura mais detalhada e analítica como a que identificamos nesses episódios. Temas menos frequentes também apareceram, como a categoria “História”, que esteve muito presente no contexto da pandemia de Covid-19, e também relacionados à desigualdade de gênero existente no futebol e sobre casos de assédio e discriminação.

Na análise, também buscamos identificar o gênero de quem produz e quem comenta os podcasts, além da presença ou ausência de fontes. De modo geral, a presença das mulheres é maior do que a de homens, especialmente porque o objetivo

⁶⁸ VIMIEIRO; EUGÊNIO; PILAR. A produção acadêmica sobre mídia, gênero e esporte no Brasil (2000-2020).

⁶⁹ GOELLNER. Mulheres e futebol no Brasil, p. 9.

inicial do projeto era mapear apenas as experiências de comunicação independentes que fossem produzidas por mulheres. Já no caso das fontes, todos os podcasts possuem mais episódios sem a presença de fontes, o que também é algo comum no jornalismo esportivo tradicional,⁷⁰ e a maioria dos episódios que identificamos contam com a presença de uma fonte feminina.

O trabalho também mostra que os podcasts possuem mais episódios com enquadramento episódico do que episódios com enquadramento temático, que traz uma abordagem mais aprofundada dos temas. Também identificamos que alguns podcasts trazem informações sobre outras modalidades, como futsal, basquete e vôlei.

Falando especificamente sobre cada podcast analisado, identificamos semelhanças entre o Dibradoras, o Empório e o Podcast das Marias, já que os três são produzidos majoritariamente por mulheres. De certa forma, isso também reflete no gênero das fontes utilizadas nos episódios, já que eles possuem mais mulheres do que homens nos episódios com fontes. No caso dos temas dos podcasts, percebemos que o Dibradoras e o Podcast das Marias são os podcasts que mais possuem episódios com algum tipo de reflexão sobre situações de assédio no futebol, seja com jogadoras, comissão técnica, arbitragem ou pessoas que fazem parte do jornalismo esportivo, conforme pesquisas anteriores já haviam apontado.⁷¹

Sobre os outros projetos analisados, destacamos as semelhanças entre o De Primeira e o Planeta Futebol Feminino, que possuem uma diversidade maior na apresentação e nos comentários dos programas. Ambos possuem uma lógica de produção muito parecida, com um esforço maior em episódios com foco no cotidiano da modalidade e em análises táticas, além do protagonismo dos homens na produção dos dois podcasts, especialmente no começo, em 2020. Já nos anos seguintes, percebemos uma mudança em relação ao gênero de quem produz e quem comenta os episódios, mas em relação aos temas e aos enquadramentos utilizados, o foco dos dois podcasts continua sendo essa cobertura do dia a dia da modalidade.

⁷⁰ ISPS. *First Results of the Internacional Sports Press Survey*, p. 1.

⁷¹ FIRMINO. Empoderamento e relações de poder, p. 37. VIMIEIRO et al. É mais que preconceito!, p. 4. LIMA; JANUÁRIO; LEAL. “Dibrando” a mídia hegemônica, p. 7.

Dessa forma, concluímos que esses podcasts apresentam novas narrativas sobre o futebol de mulheres, tanto do ponto de vista das lógicas de produção, já que a maioria desses projetos contam com o mínimo de apoio, quanto do ponto de vista dos conteúdos, pois, embora muitas das temáticas já sejam identificadas em trabalhos que olham para a própria mídia tradicional, identificamos um discurso diferente, tendo em vista que são projetos voltados totalmente para o futebol de mulheres, representando, inclusive, um caráter de resistência.⁷² Assim, destacamos a importância de iniciativas como essas, que contam a história do futebol de mulheres no Brasil, considerado o “país do futebol”, mas que, historicamente, invisibiliza, do ponto de vista estrutural e também cultural, as mulheres que praticam a modalidade.

* * *

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BEZERRA, P. R. M.. **O futebol midiático**: uma reflexão crítica sobre o jornalismo esportivo nos meios eletrônicos. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Faculdade de Comunicação Social, Cásper Líbero, São Paulo, 2008.
- BONFIM, Aira Fernandes. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais), FGV-Rio de Janeiro, 2019.
- BOYLE, Raymond. **Sports journalism**: context and issues. London, England: Sage, 2006.
- BRUCE, Toni; HOVDEN, Jorid; MARKULA, Pirkko. Key themes in the research on media coverage of women's sport. In: _____. **Sportswomen at the Olympics**: a global content analysis of newspaper coverage. Rotterdam: Sense Publishers, p. 1-18, 2010.
- CAFEO, Marta Regina Garcia. **Guerreiras ou meninas**: análise das representações das atletas olímpicas na cobertura da “Rio 2016” realizada pelo jornal *O Globo*-Rio. Tese (Doutorado em Comunicação), Unesp, Bauru/SP, 2019.

⁷² GOELLNER. Mulheres e futebol no Brasil, p. 1.

COOKY, Cheryl; MESSNER, Michael A.; HEXTRUM, Robin H. Women play sport, but not on TV: A longitudinal study of televised news media. **Communication & Sport**, v. 1, n. 3, p. 203-230, 2013.

COSTA, Leda Maria da. Marta versus Neymar: a “Guerra dos Sexos” nos Jogos Olímpicos 2016. 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belém. **Anais...** São Paulo: Intercom, p. 1-15, 2019.

D’ANDRÉA, Carlos Frederico de Brito. **Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos**. Salvador: EDUFBA, 2020.

DEVIDE, Fabiano Pries et al. Estudos de gênero na educação física brasileira. **Motriz**, v. 17, p. 93-103, 2011.

EUGÊNIO, Flaviane R.; SOUZA, Rafaela C. de; VIMIEIRO, Ana Carolina. Análise da cobertura midiática alternativa sobre o futebol feminino. 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, João Pessoa. **Anais...** São Paulo: Intercom, p. 1-15, 2022.

FERRETTI, Marco Antônio de Carvalho et al. O futebol feminino nos Jogos Olímpicos de Pequim. **Motriz: Revista de Educação Física**, v. 17, n. 1, p. 117-127, 2011.

FIRMINO, Carolina. Empoderamento e relações de poder: a cobertura feminista da Copa do Mundo da Rússia pelo projeto “Dibradoras”. **FuLiA/UFMG**, Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 23-38, 2019.

FIUZA, Nathália; PRADO, Denise. Mulher no telejornalismo esportivo: A construção de sentidos no programa Olhar espnW. VIII Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo. **Anais...** São Paulo: SBPJOR, p. 1-16, 2018.

FORTES, Rafael. Estudos de esporte na área de comunicação: um panorama e algumas propostas. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, v. 18, n. 2, 2011, p. 598-614.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 2, 143-151, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento**, v. 27, 2021.

GONÇALVES, Eduarda dos Passos. **O futebol de mulheres na mídia: a cobertura jornalística da Copa do Mundo de Futebol Feminino FIFA 2019 nos portais Globoesporte.com e Dibradoras**. Dissertação (Mestrado em Educação), Florianópolis, 2021.

ISPS. **First Results of the Internacional Sports Press Survey 2011**. Prof. Dr. Thomas Horkey/Dr. Jörg-Uwe Nieland, Colônia, 3.10.2011.

JOHN, Valquiria Michela. Jornalismo esportivo e equidade de gênero: a ausência das mulheres como fonte de notícias na cobertura dos jogos olímpicos de Londres 2012. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 11, n. 2, p. 498-509, 2014.

LEAL, Daniel Felipe de Oliveira. **Noticiabilidades na Placar**: a mutação dos valores-notícia em três décadas de cobertura do futebol de mulheres. Dissertação (Mestrado em Comunicação), UFPE, Recife, 2020.

LIMA, Cecília Almeida Rodrigues; JANUÁRIO, Soraya Barreto; LEAL, Daniel Felipe de Oliveira. “Dibrando” a mídia hegemônica: a imprensa alternativa na propagação do futebol de mulheres, **Intercom**, v. 45, 2022.

LOSIVI, Pedro. Popularidade do podcast sobe no isolamento social. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 19 ago. 2021. Disponível em: <https://shre.ink/l2gv>. Acesso em: 14 mar. 2023.

MARTINS, Leonardo Tavares; MORAES, Laura. O futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata. **Pensar a Prática**, v. 10, n. 1, p. 69-82, 2007.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 26, n. 2, 2008.

MÜHLEN, Johanna Coelho Von; GOELLNER, Silvana Vilodre. Jogos de gênero em Pequim 2008: representações de feminilidades e masculinidades (re) produzidas pelo site Terra. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 34, 165-184, 2012.

OBSERVATÓRIO MARTA, **Relatório Anual das Desigualdades de Gênero no Esporte**, 2021. Disponível: <https://observatoriomarta.com/2022/02/18/relatorio-2021/>. Acesso em: 14 mar. 2023.

OLIVEIRA, Ana Carolina Campos de; THOMÉ, Cláudia de Albuquerque. Os Jogos do Recomeço: história, memória e nostalgia como estratégias na narrativa da cobertura pré-olímpica dos Jogos de Tóquio. 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, João Pessoa. **Anais...** São Paulo: Intercom, p. 1-15, 2022.

PILAR, O.; VIMIEIRO, A. C. S. C.; GARCEZ, R. L. O.; HAUBER, G.; MENDONCA, R.. **Mídia, violência, gênero e esporte**: análise da cobertura noticiosa dos casos de violência sexual envolvendo Cuca e Robinho. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social), UFMG, 2022.

ROGERS, Richard. Digital Methods for Web Research. In: SCOTT, Robert A.; KOSSLYN, Stephan M. (Org.). **Emerging Trends in the Social and Behavioral Sciences**. Hoboken, NJ, USA: John Wiley & Sons, Inc., 2015, p. 1-22.

ROWE, David. Sports journalism: still the “toy department” of the news media?, **Journalism**, v. 8, n. 4, p. 385-405, 2007.

SALVINI, Leila; JÚNIOR, Wanderley Marchi. Uma história do futebol feminino nas páginas da revista *Placar* entre os anos de 1980-1990. **Movimento**, v. 19, n. 1, p. 95-115, 2013a.

SALVINI, Leila; JÚNIOR, Wanderley Marchi. Notoriedade mundial e visibilidade local: o futebol feminino na revista *Placar* na década de 1990. **Sociologias Plurais**, v. 1, n. 1, 2013b.

SALVINI, Leila; JÚNIOR, Wanderley Marchi. Registros do futebol feminino na revista *Placar*: 30 anos de história. **Motrivivência**, v. 28, n. 49, p. 99-113, 2016.

TOFFOLETTI, Kim. Analyzing media representations of sportswomen— Expanding the conceptual boundaries using a postfeminist sensibility. **Sociology of Sport Journal**, v. 33, n. 3, p. 199-207, 2016.

VIEIRA, Talita Machado; RODRIGUES, Joyce Cristina. Fora de jogo?. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 20, p. 112-122, 2021.

VIMIEIRO, Ana Carolina; MAIA, Rousiley Celi Moreira. Campanhas cívicas e protestos de torcedores: em análise, a politização do futebol. **Esferas**, n. 10, 2017.

VIMIEIRO, Ana Carolina; BARGAS, Janine de Kássia Rocha. O uso de dados e métodos digitais nas pesquisas em comunicação. **Revista Famecos**, v. 26, n. 2, p. e32473-e32473, 2019.

VIMIEIRO, Ana; CLEMENTINO, Alice; SILVA, André; CARMO, Giovana; QUINTELA, Guilherme; CARVALHO ALVES, Luiz; ANDRADE, Maria. É mais que preconceito! Dimensões da opressão de gênero no esporte a partir da análise do Podcast das Marias. 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, virtual. **Anais...** São Paulo: Intercom, p. 1-15, 2020.

VIMIEIRO, Ana Carolina; EUGÊNIO, Flaviane Rodrigues; PILAR, Olívia. A produção acadêmica sobre gênero e esporte no Brasil (2000-2020). 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, virtual. **Anais...** São Paulo: Intercom, p. 1-15, 2021.

VIMIEIRO, Ana Carolina; EUGÊNIO, Flaviane Rodrigues; PILAR, Olívia. A produção acadêmica sobre mídia, gênero e esporte no Brasil (2000-2020): Reflexões a partir da Comunicação. **Revista Eco-Pós** (no prelo).

* * *

Recebido em: 15 mar. 2023.

Aprovado em: 1º jul. 2023.

A peste e o futebol de mulheres: a mídia brasileira e a gestão do futebol durante a pandemia da covid-19

Women's football and the plague: Brazilian mainstream media and football management during the covid-19 pandemic

Ana Laura Eckhardt de Lima

Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande/RS, Brasil
Mestrado em Educação, FURG
analaura_eck@hotmail.com

Raquel Pereira Quadrado

Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande/RS, Brasil
Doutorado em Educação em Ciências, FURG

Jorge Knijnik

Western Sydney University, Sydney, Austrália
Doutorado em Psicologia Social, USP

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar e discutir alguns impactos sofridos pelo futebol de mulheres no contexto da pandemia da covid-19 no Brasil, durante a suspensão dos campeonatos nacionais. Nossos dados foram produzidos no buscador do Google empregando o descritor “futebol feminino”, e os filtros “notícias” e “data”. Posteriormente, organizamos estes dados em categorias temáticas. Empregando o conceito de ‘acontecimento’ elaborado por Michel Foucault, observamos que a paralisação do futebol afetou muitas equipes, desencadeando crises financeiras as quais se potencializaram no futebol de mulheres em virtude de um persistente amadorismo de gestão, sobretudo no que diz respeito à gerência da verba repassada pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) às equipes para mitigar os efeitos da crise. Na retomada das atividades, todavia, o futebol praticado por mulheres foi relegado ao segundo plano por sua entidade máxima, ficando, uma vez mais, à sombra do futebol masculino.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol feminino; Sites de notícias; Pandemia da covid-19; Gestão do futebol brasileiro; Michel Foucault.

ABSTRACT: This article aims to investigate and discuss some impacts suffered by women's football in the context of the covid-19 pandemic in Brazil, during the period of suspension of national championships. Our data were produced in the Google search engine, employing the descriptor “women's football”, and the filters “news” and “date”. Subsequently, we organized these data into thematic categories. Employing the concept of 'event' elaborated by Michel Foucault, we observed that the football stoppage affected many teams, triggering financial crises which were exacerbated in women's football due to a persistent amateurism in management, especially regarding the supervision of the funds transferred by the Brazilian Football Federation (CBF) to the teams to mitigate the effects of the crisis. In the resumption of activities, however, football played by women was relegated to the background by its national body, once again being in the shadow of men's football.

KEYWORDS: Women's football; News websites; Covid-19 pandemic; Brazilian football management; Michel Foucault.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A estrutura do futebol praticado por mulheres na maioria dos países da América Latina ainda se encontra em desenvolvimento. Brenda Elsey¹ nos fornece um panorama das lutas recentes travadas em diversos países, pontuando a onda de protestos que tomou conta dos gramados latino-americanos nos últimos anos. Reivindicações que perpassam por acesso aos vestiários, obtenção de seguros médicos e prestação de contas sobre os investimentos realizados pelas federações com os fundos destinados ao desenvolvimento do esporte.² Como exemplo de subdesenvolvimento da modalidade, a autora destaca que, até 2016, diversas seleções de futebol de mulheres da Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) estavam fora dos *rankings* da Federação Internacional de Futebol (FIFA), como Argentina, Bolívia, Chile, Paraguai, Peru e Uruguai,³ evidenciando a falta de desenvolvimento da modalidade em países latino-americanos.

Falaremos, no entanto, do Brasil. A despeito dos anos 40 anos de proibição,⁴ do longo descaso dos clubes, das federações e das confederações de futebol, e da deliberada falta de visibilidade, talvez possamos afirmar que vivemos hoje um dos melhores momentos para o futebol praticado por mulheres no país, dos últimos anos. Organizado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) desde 2013, o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, ou ainda Brasileirão Feminino, é a principal competição de futebol de mulheres do país. A partir de 2017, o campeonato passou a contar com duas divisões (Série A1 e A2), cada uma com 16 equipes. Em 2019, a CBF ampliou a Série A2 para 36 equipes. No ano de 2021, a competição passou por novas mudanças, ganhando mais uma divisão (Série A3), com 32 equipes. Para tanto, nessa mesma edição a Série A2 foi reduzida de 36 para 16 equipes. Isso significa que

¹ ELSEY. Energizadas pelo movimento de mulheres "#NiUnaMenos": as equipes de futebol feminino desafiam os patriarcas do esporte-rei da América Latina, p. 40-41.

² ELSEY. Energizadas pelo movimento de mulheres "#NiUnaMenos", p. 41.

³ ELSEY. Energizadas pelo movimento de mulheres "#NiUnaMenos", p. 42.

⁴ Entre os anos de 1941 e 1979 as mulheres foram proibidas de praticar diversas modalidades esportivas consideradas incompatíveis com a "natureza feminina", entre elas o futebol. Sobre isso, abordaremos um pouco mais no tópico "Da paralisação às crises: o futebol de mulheres na pandemia".

há pelo menos 64 equipes de futebol de mulheres ativas no Brasil disputando competições oficiais, além das equipes que competem apenas nos campeonatos estaduais organizados pelas federações de cada estado.

A CBF também organiza, desde 2022, a Supercopa do Brasil de Futebol Feminino. Essa competição foi criada com o objetivo de ampliar o calendário de jogos do futebol de mulheres, servindo, também, como preparação para o início da temporada. Participam da Supercopa 8 equipes que se enfrentam no sistema de disputa “mata-mata”, ou seja, um confronto entre duas equipes em jogo único, no qual a equipe derrotada é eliminada e a equipe vencedora avança para a próxima fase e assim sucessivamente, até a final. Na edição desse ano, além de taças e medalhas, a competição contou com premiação em dinheiro para a equipe campeã (R\$ 500 mil) e para a equipe vice-campeã (R\$ 300 mil).

Houve avanços, também, no que tange a transmissão dos jogos. Na edição de 2021 do Brasileirão Feminino, as partidas foram transmitidas tanto em canal aberto (Band TV) quanto em canal por assinatura (SporTV) e *streaming* (Canal Desimpedidos do YouTube; Aplicativo TikTok; Plataforma MyCujoo/CBF).⁵ Em 2022, a CBF e o Grupo Globo firmaram um acordo para a transmissão das principais competições do futebol de mulheres: o Brasileirão, a Supercopa do Brasil e os amistosos da Seleção Brasileira até a disputa da Copa do Mundo FIFA 2023.⁶ Essas competições são exibidas tanto em canal aberto (TV Globo) quanto no canal por assinatura (SporTV) da emissora. Ainda em 2022, o Grupo Globo adquiriu os direitos de transmissão de todos os jogos da Seleção Brasileira na Copa do Mundo FIFA 2023, que acontecerá entre os dias 20 de julho e 20 de agosto na Austrália e Nova Zelândia.⁷

Falando em Copa do Mundo, é inegável a contribuição que a edição do torneio realizada na França, em 2019, teve para a ascensão do futebol praticado por mulheres no Brasil. De acordo com Silvana Goellner,⁸ este foi um ano ímpar para o futebol

⁵ A CBF possuía uma parceria com a plataforma de *streaming* MyCujoo para a transmissão de jogos do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino Série A1 e Série A2, assim como dos campeonatos de base do futebol masculino. Estes jogos podem ser assistidos tanto pela plataforma da MyCujoo, quanto pelo site da CBF.

⁶ CBF e Grupo Globo anunciam acordo para transmissões do futebol feminino e base masculina, *CBF*, 28 jan. 2022.

⁷ Tem Copa de novo em 2023! Seleção feminina busca novo patamar a partir de 20 de julho, *GE*, 19 dez. 2022.

⁸ GOELLNER. Futebol de mulheres: histórias, memórias e desafios, s./p.

brasileiro. Com uma atenção midiática até então pouco vista em veículos tradicionais e alternativos, a presença das mulheres foi anunciada, registrada e divulgada. Assistimos aos jogos, ouvimos comentários e, também, visualizamos mulheres atuando nas mais diversas ocupações dentro do universo cultural do futebol: comentaristas, árbitras, narradoras, jornalistas, treinadoras, torcedoras, entre outras.⁹

A transmissão ao vivo dos jogos da Seleção Brasileira em emissoras de canal aberto foi outro marco para o futebol brasileiro. Com uma audiência que bateu recordes, segundo estudo divulgado pela FIFA e publicado pelo site *Gloesporte.com*, o Brasil foi o país que apresentou maior crescimento em níveis absolutos durante a competição, com 81 milhões de pessoas a mais assistindo aos jogos nesta edição em comparação com o torneio de 2015. Ainda segundo a FIFA, a Copa do Mundo da França foi a mais vista da história, com 1,12 bilhão de pessoas acompanhando as partidas por todo o mundo.¹⁰

Observamos, assim, que a partir da repercussão do torneio mundial no Brasil houve um fortalecimento de ações em prol do futebol praticado por mulheres, sobretudo partindo de sua entidade máxima. Além da ampliação de campeonatos, criação de novas competições e acordos para a transmissão de jogos, também podemos citar como avanço a inserção de mulheres em postos de comando do futebol brasileiro. Ainda em 2019, após a Copa do Mundo, a CBF anunciou a sueca Pia Sundhage como treinadora da seleção brasileira. Já em 2020, as ex-jogadoras Aline Pellegrino e Duda Luizelli assumiram, respectivamente, a coordenação de competições femininas e a coordenação das seleções brasileiras femininas. No ano de 2022, a CBF realizou novas mudanças nos cargos de comando, afastando Duda Luizelli e anunciando Aline Pellegrino para a função de coordenadora das seleções femininas.¹¹ Posteriormente, foram apresentados Ana Lorena Marche para o cargo de supervisora das seleções femininas e Amauri Nascimento para o cargo de supervisor de competições femininas, ambos com destacados trabalhos em cargos de gestão do futebol de mulheres.¹²

⁹ GOELLNER. Futebol de mulheres, s./p.

¹⁰ Com mais de 1 bilhão de pessoas, Fifa diz que Copa do Mundo Feminina foi a mais vista da história, *GE*, 12 maio 2021.

¹¹ Aline Pellegrino assume a Coordenação das Seleções Brasileiras Femininas, *CBF*, 13 jan. 2022.

¹² Aline Pellegrino apresenta reforços para o futebol feminino da CBF, *CBF*, 1º jan. 2022.

Mas não foi apenas no Brasil que a repercussão da Copa do Mundo promoveu avanços. Ainda em 2019, o Conselho da Federação Internacional de Futebol (FIFA) aprovou a ampliação do número de seleções participantes do torneio a partir da edição desse ano de 2023, passando de 24 para 32 equipes (assim como no torneio de futebol de homens). Na oportunidade, Gianni Infantino, presidente da entidade, comentou que o surpreendente sucesso da Copa do Mundo na França deixou claro que é hora de manter o ritmo da modalidade.¹³ Desde então, a edição do torneio que será realizado na Austrália e Nova Zelândia esse ano tem ganhado visibilidades e criado expectativas, sendo considerado destaque no mundo do futebol em 2023.¹⁴

Temos que dizer, no entanto, que os últimos anos não foram marcados somente por avanços no futebol praticado por mulheres, mas foram também atravessados por períodos de medo, incertezas e, às vezes, desamparo. Isso porque pouco menos de um ano após a euforia do mundial de 2019, quando nossas seleções voltavam para casa e nossas atletas regressavam as suas equipes para continuar o trabalho de preparação para outras competições, fomos surpreendidos/as com a irrupção de uma pandemia. Diante da crise sanitária que se instaurara por todo o mundo e que logo mostrou sua face econômica e política, surgiu a preocupação com a continuidade desse trabalho, uma vez que tais crises geralmente afetam o futebol como um todo, mas tendem a se intensificar quando se trata de um grupo historicamente marginalizado pelos holofotes do esporte, como as mulheres.

Depois de alguns meses, já era possível acompanhar algumas notícias sobre as implicações que a pandemia da covid-19 vinha causando no futebol praticado por mulheres no Brasil. Suspensão dos campeonatos, crises financeiras e, até mesmo, desvio de verba destinada à folha de pagamento das atletas foram algumas das manchetes que tomaram conta dos sites de notícias. O que seria do “futebol feminino” no pós-pandemia? Como os clubes e federações lidariam com o futebol praticado por mulheres? Seria possível regressarmos às sombras diante de tamanhas conquistas, sobretudo impulsionadas pela Copa do Mundo de 2019?

¹³ Copa do Mundo feminina terá 32 seleções a partir de 2023, *Gazeta Esportiva*, 1º ago. 2019.

¹⁴ Copa do Mundo feminina É destaque do futebol em 2023; veja calendário completo. *CNN Brasil*, 1º jan. 2023.

Nesse sentido, compreendendo a importância de acompanhar os diversos movimentos que foram ocorrendo no esporte ao longo da crise sanitária provocada pela covid-19, e considerando as mídias como espaços privilegiados para a produção e divulgação de informações sobre essa temática, analisamos e discutimos alguns impactos sofridos pelo futebol de mulheres no contexto da pandemia da covid-19 no Brasil, a partir de publicações em sites de notícias, durante o período de suspensão dos campeonatos nacionais.¹⁵

Desse modo, este artigo encontra-se organizado da seguinte forma: inicialmente, realizamos algumas considerações a respeito da crise sanitária mundial provocada pela pandemia da covid-19 em articulação com o conceito foucaultiano de acontecimento; na sequência apresentamos nossas decisões metodológicas; no tópico seguinte, analisamos algumas das implicações provocadas pela pandemia para o futebol de mulheres, sobretudo no que diz respeito às competições nacionais; por fim, traçamos algumas considerações sobre nossa investigação.

É CHEGADO UM TEMPO DE PESTE...

Durante o auge da pandemia, o Brasil acumulou uma quantidade inédita de óbitos e contaminações por covid-19, “empilhou” corpos e chorou a morte de centenas de milhares de pessoas que perderam suas vidas na maior crise sanitária dos últimos anos. Crise, essa, também econômica, política, social e humanitária. Mas, como bem pontua Boaventura de Souza Santos,¹⁶ “[...] a pandemia vem apenas agravar uma situação de crise a que a população mundial tem vindo a ser sujeita”, uma vez que o isolamento social, assim como as medidas de higiene e limpeza recomendadas pelos órgãos de saúde para contenção do vírus não eram acessíveis a toda população mundial.

Mas será que estávamos, todos e todas, no mesmo barco? Segundo Judith Butler,¹⁷ poderíamos dizer que o vírus não discrimina; ele nos trata por igual, nos coloca igualmente no risco de adoecer, de perder alguém próximo e de viver em constante

¹⁵ Os dados apresentados neste artigo são um recorte de uma pesquisa de mestrado em Educação da Universidade Federal do Rio Grande.

¹⁶ SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, p. 6.

¹⁷ BUTLER. *El capitalismo tiene sus límites*, p. 60.

ameaça. Assim, ele mostra que a comunidade humana é igualmente frágil. Para a autora, no entanto, a incapacidade de estados e regiões em se prepararem com antecedência, o recrudescimento de políticas nacionais, assim como o fechamento de fronteiras acompanhado de um racismo temeroso, e a chegada de um empresariado ávido para capitalizar o sofrimento global, testemunham como a desigualdade radical encontrou maneiras de reproduzir e fortalecer seus poderes em territórios pandêmicos.

Desse modo, é esta desigualdade, social e econômica, que assegura que o vírus discrimine, uma vez que, por si só o vírus não discrimina, mas as pessoas o fazem, modeladas como são pelos poderes entrelaçados do nacionalismo, do racismo, da xenofobia e do capitalismo.¹⁸ A partir disso, nos afastamos do entendimento que se tentou propagar nos primeiros meses de pandemia de que “estamos todos/as no mesmo barco”, isto é, de que a vivência da pandemia é igual para todas as pessoas. Compreendemos, assim, que as interseccionalidades entre gêneros, raças/etnias, classes sociais, sexualidades, espaços geográficos, gerações, etc. acarretaram experiências únicas para cada sujeito, embora aproximações entre pessoas de um determinado grupo ou de grupos que possuam certos aspectos comuns, possam ser possíveis.

Nesse sentido, o modo como os Estados se portaram diante da pandemia da covid-19 interferiu diretamente nas políticas de condução das crises, ao passo que provocou efeitos diversos na vida do seu povo. Para Santos,¹⁹ os governos de extrema-direita ou de direita neoliberal falharam mais do que outros governos no combate a pandemia:

Ocultaram informação, desprestigiaram a comunidade científica, minimizaram os efeitos potenciais da pandemia, utilizaram a crise humanitária para chicana política. Sob o pretexto de salvar a economia, correram riscos irresponsáveis pelos quais, esperamos, serão responsabilizados. Deram a entender que uma dose de darwinismo social seria benéfica: a eliminação de parte das populações que já não interessam à economia, nem como trabalhadores nem como consumidores, ou seja, populações descartáveis como se a economia pudesse prosperar sobre uma pilha de cadáveres ou de corpos desprovidos de qualquer rendimento.²⁰

Como exemplo desse tipo de conduta, Santos menciona a Inglaterra, os EUA, o Brasil, a Índia, as Filipinas e a Tailândia. Em alguns desses países, observamos, com

¹⁸ BUTLER. *El capitalismo tiene sus límites*, p. 62.

¹⁹ SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, p. 26.

²⁰ SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, p. 26.

o passar do tempo, uma mudança de postura, seja pela escalada da pandemia, como no caso da Inglaterra, seja pela troca de governo, como nos Estados Unidos. Dos países ocidentais, no entanto, o Brasil seguiu com sua política de morte, conduzida por meio de uma estratégia institucional de disseminação da covid-19 em prol da economia.²¹ Desse modo, vidas foram consideradas como descartáveis pela frieza de um Estado genocida, governado por políticos que banalizam vidas e mortes ao produzirem discursos que deslegitimam preocupações com a doença, esvaindo-se de compaixão e da responsabilidade com suas funções, ao passo que desarticulam e enfraquecem medidas efetivas de contenção da pandemia.²²

Pôs-se, assim, milhares de famílias brasileiras em luto. Como descrevem Tiago Sales e Lúcia Estevinho: “Luto por entre negligências, ‘e daí’ e insensibilidades. Luto permeado por egoísmos e falta de sensibilidade em relação à vida e morte do outro. Luto coletivo e extremamente solitário, construído na ausência de abraços físicos e limitados encontros presenciais [...]”.²³ Em meio ao luto e aos rituais fúnebres, o silêncio foi ensurdecedor: “o silêncio da negligência em relação à situação epidemiológica brasileira que consiste em um extermínio, uma carnificina, um genocídio gigantesco”.²⁴ Que consistiu, ainda, no acionamento de tecnologias de poder que visam a produção da morte para uns/umas, ao passo da afirmação da vida para outros/as e, desse modo, se propõe garantir a sobrevivência daqueles/as socialmente mais valorizados/as, aptos/as e necessários/as para a economia, na medida em que se limita a esquecer ou negligenciar os/as socialmente desvalorizados/as.²⁵

Butler²⁶ anunciava a probabilidade de testemunharmos o doloroso cenário em que alguns/mas afirmariam o seu direito de viver às custas de outros/as, reinscrevendo a distinção espúria entre vidas que deverão ser a todo custo protegidas da morte e vidas que não valem a pena serem protegidas. Isto é, vidas que importam

²¹ FERREIRA; ROSA; FARIAS; VALENTIM; HERZOG. Boletim nº 10: direitos na pandemia – mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à Covid-19 no Brasil, p. 6.

²² SALES; ESTEVINHO. Cartografias de vida-e-morte em territórios pandêmicos: marcas-ferida, necro-bio-políticas e linhas de fuga, p. 282.

²³ SALES; ESTEVINHO. Cartografias de vida-e-morte em territórios pandêmicos, p. 281.

²⁴ SALES; ESTEVINHO. Cartografias de vida-e-morte em territórios pandêmicos, p. 287.

²⁵ SANTOS. *A cruel pedagogia do vírus*, p. 27.

²⁶ BUTLER. *El capitalismo tiene sus límites*, p. 62.

(dos/as jovens, dos/as ricos/as, dos/as brancos/as) e vidas que não importam (idosos/as, negros/as, pobres, doentes, povos originários). Afirmção dos grupos que estão no centro do capitalismo e eliminação dos grupos que estão à margem. Afinal, a economia não pode parar, uma vez que morte é considerada apenas efeito colateral do seu bom funcionamento.²⁷

Nessa perspectiva, compreendemos que a pandemia provocada pela covid-19 produziu efeitos distintos e complexos que reverberam em nossa vida política, social e econômica, para além da nossa saúde. A vida é política, assim como a morte é política. (Sobre)Viver e ter nossos direitos assegurados independentemente da raça/etnia, da classe, do sexo, do gênero, também é uma questão política. Desse modo, nos apoiando nos estudos foucaultianos, compreendemos que a pandemia foi um acontecimento, no sentido atribuído por Michel Foucault de irrupção de uma singularidade histórica.

Conforme Judith Revel,²⁸ Foucault se afasta do entendimento de *acontecimento* como mera descrição dos fatos e busca reconstruir por meio desses fatos toda uma rede de discursos, poderes, estratégias e práticas, visando distinguir os acontecimentos a partir das diferentes redes e níveis aos quais pertencem e reconstituir os fios que os ligam e fazem com que se engendrem uns a partir dos outros.²⁹ Como explica o autor: “Não se trata de colocar tudo num certo plano, que seria o do acontecimento, mas de considerar que existe todo um escalonamento de tipos de acontecimentos diferentes que não têm o mesmo alcance, a mesma amplitude cronológica, nem a mesma capacidade de produzir efeitos”.³⁰

Nesse sentido, a pandemia tanto é um *acontecimento* por irromper como uma singularidade histórica (em nosso tempo não vimos algo semelhante), ao passo que é uma condição de possibilidade para irrupção de outros acontecimentos, os quais produzem efeitos nas mais diversas esferas da vida. Talvez poderíamos afirmar, ainda, que são as redes de práticas, estratégias e poderes que se engendram a partir dos acontecimentos, as quais permitem que em cada indivíduo reverberem diferentes efeitos desse momento histórico mundial que vivemos. Ao mesmo tempo, são

²⁷ SAFATLE. Bem-vindo ao Estado suicidário, s./p.

²⁸ REVEL. *Michel Foucault: conceitos essenciais*, p. 13.

²⁹ FOUCAULT. *Microfísica do poder*, p. 40.

³⁰ FOUCAULT. *Microfísica do poder*, p. 40.

estas singularidades históricas condições de possibilidade para se instaurar regularidades históricas, isto é, modos de ser e estar no mundo que permaneceram no pós-pandemia até a irrupção de novos acontecimentos.

A partir dessa compressão, no tópico seguinte, apresentamos os caminhos metodológicos que percorremos para o desenvolvimento da nossa pesquisa e construção desse artigo. Na sequência, traçamos nossas análises lançando olhares para alguns impactos do acontecimento pandemia da covid-19 no futebol praticado por mulheres.

DECISÕES METODOLÓGICAS

Os dados e as análises apresentadas neste artigo compõem uma pesquisa de mestrado que tomou os sites de notícias como local de produção de dados. Nossa primeira decisão de método compreendeu a escolha dos descritores a partir dos quais realizamos as buscas na internet. Optamos por produzir nosso levantamento a partir do descritor “futebol feminino”, por entender que as relações possíveis entre as mulheres e o futebol são (re)produzidas nas mídias por meio deste termo, com o intuito de distinguir o futebol praticado por mulheres do futebol praticado por homens.

A partir desta decisão, lançamos o termo “futebol feminino” na aba do Google e aplicamos o primeiro filtro, direcionando os resultados para as notícias, as quais constituíram o nosso interesse de pesquisa. Diante do grande volume de notícias com o qual nos deparamos, recorremos às ferramentas do Google para aplicar novos filtros e personalizar um intervalo mensal para as buscas. Importante salientar que esse levantamento foi produzido ao longo dos anos de 2020 e 2021. O período investigado foi de fevereiro a dezembro de 2020, tomando como referência o primeiro caso confirmado da covid-19 pelo Ministério da Saúde no Brasil, em 26 de fevereiro de 2020, e a finalização do principal campeonato da modalidade (Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino A1). Como forma de registo, criamos uma planilha no Excel com as seguintes informações: data da pesquisa no Google, data da notícia, título da notícia, site em que foi publicada e link de acesso.

Das 1.976 notícias sobre “futebol feminino” que constam em nosso levantamento inicial, 500 delas foram excluídas por se tratarem de notícias internacionais, notícias em vídeos e *podcasts* e notícias disponíveis apenas para assinantes, além

daquelas em que a URL não estava mais disponível e aquelas em que o futebol de mulheres era apenas citado como pano de fundo para outro assunto. Assim, constituíram nosso interesse de pesquisa as notícias que falavam sobre o futebol praticado por mulheres no Brasil, divulgadas em formato escrito e de acesso livre. Desse modo, das 1.476 notícias restantes emergiram 12 eixos de análise a partir de agrupamentos realizados conforme a afinidade dos títulos das notícias. Devido ao grande volume de material empírico, optamos por dedicar nosso recorte analítico ao eixo 5, intitulado “Acontecimento pandemia da covid-19”. Essa decisão se ancora na compreensão de que a pandemia é um acontecimento em sentido foucaultiano, como discutido no tópico anterior, e, também, por esse eixo ser o segundo com o maior número de notícias, 368 no total.

Em virtude da quantidade de notícias e da diversidade de assuntos que compõem esse eixo, procedemos uma nova categorização temática com base nos títulos das notícias, da qual emergiram 8 categorias de análise. Desse modo, esse artigo foi produzido a partir de um recorte de dados das categorias: 1) Paralisação no futebol e suspensão dos campeonatos; 2) Organização dos clubes na quarentena; 3) Gestão dos clubes frente à covid-19; 4) Ações e iniciativas das federações e confederações de futebol; 5) Retorno do futebol e retomada dos campeonatos; e, 6) Testagens e casos de infecção por covid-19 no “futebol feminino”.

As análises que se seguem não visam, no entanto, esgotar o tema, assim como não pretendem dar conta da totalidade de notícias que circularam, no período em questão, nesta rede fluida que é a internet. Buscamos, desse modo, contribuir com a problematização em torno do futebol de mulheres, sobretudo em tempos pandêmicos, esperando que essa “escrita funcione como uma flecha, que um pensador atira, assim como no vazio, para que outro a recolha e possa, por sua vez, também enviar a sua, agora em outra direção”, como propõe Sandra Corazza.³¹ Nos encaminhamos, assim, para análise dos dados, que apresentamos no tópico seguinte.

³¹ CORAZZA. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos, p. 2.

DA PARALISAÇÃO ÀS CRISES: O FUTEBOL DE MULHERES NA PANDEMIA

Jogos com portões fechados e partidas adiadas... assim se iniciou mais uma crise no futebol brasileiro, culminando na suspensão dos campeonatos nacionais por tempo indeterminado com o intuito de frear a disseminação da covid-19. Essa, no entanto, não foi a primeira vez que a bola parou de rolar pelos campos do sul global. Na América Latina, outros acontecimentos³² produziram efeitos na história do futebol, como recorda uma pesquisa desenvolvida pelo Centro de Referências do Futebol Brasileiro, do Museu do Futebol, e noticiada pelo site Gazeta Esportiva em 26 de março de 2020.³³

Dentre os efeitos destes *acontecimentos* relatados na reportagem, salientamos a paralisação dos campeonatos estaduais brasileiros decorrente da gripe espanhola, em 1918. O campeonato carioca foi suspenso por 56 dias. Mesmo com o Fluminense campeão, não houve comemorações. Uma das vítimas fatais da epidemia foi o atacante da equipe, Archibald French, como menciona a pesquisa anterior. Já o campeonato paulista foi interrompido minutos antes do início das partidas, quando agentes sanitários impediram a realização dos jogos como estratégia para evitar as aglomerações que facilitavam o contágio. Além disso, clubes transformaram suas sedes em hospitais para atender vítimas da epidemia. Houve suspensão de jogos, também, no campeonato pernambucano e adiamento da primeira edição do campeonato gaúcho.

A maior paralisação, entretanto, foi no futebol praticado por mulheres. Ao contrário das interrupções anteriores envolvendo a prática dos homens, no Brasil, às mulheres foi proibido jogar futebol por quase 40 anos, entre 1941 e 1979. Tal proibição, entretanto, não teve respaldo em guerras, conflitos ou epidemias, mas no entendimento da época de que o futebol não era uma prática condizente com a biologia feminina, pois “o corpo das mulheres era visto como um bem estar social a alojar a esperança de uma prole sadia. Eram em seus corpos que se gestava o bom fruto [...]”, como pontuam Silvana Goellner e Cláudia Kessler,³⁴ isto é, se gestava os/as filhos/as da nação. Segundo as autoras, o fruto era resultado de um projeto

³² FOUCAULT. *Microfísica do poder*, p. 40.

³³ Quando a bola parou de rolar: Museu do Futebol elenca principais interrupções de campeonatos, *Gazeta Esportiva*, 26 mar. 2020.

³⁴ GOELLNER; KESSLER. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade, p. 35.

social que inscrevia, nos corpos femininos, marcas que evidenciavam seu fortalecimento e fragilidade, com o intuito de demarcar o seu lugar social a partir da natureza anatômica, destinando-as à maternidade.³⁵

O sucesso e as conquistas das mulheres no futebol, desse modo, poderiam infringir as “leis da natureza”, uma vez que, mostrando-se mais fortes do que se julgava e borrando as fronteiras de gênero,³⁶ os discursos das diferenças naturais, apoiados na sobrepujança física de um sexo sobre o outro, seriam desestabilizados.³⁷ No entanto, ainda que a proibição tenha sido revogada em 1979, a modalidade foi regulamentada pela CBF apenas em 1983, deixando as mulheres em um limbo entre a liberação e a não regulamentação por mais 4 anos, como afirma Nathália Fernandes.³⁸ Além disso, somente em 1981 a FIFA demonstrou interesse em gerenciar o futebol de mulheres mundial, por medo de que este acabasse ficando sob domínio de empresas e iniciativas particulares, e levando em consideração a pressão em favor da inclusão das mulheres em diversos âmbitos da sociedade.³⁹

Este breve apanhado histórico nos fornece elementos para pensar o cenário atual do jovem futebol de mulheres no Brasil, o qual passou a receber maiores projeções a partir de 2019. Entretanto, um traço é persistente: o amadorismo, principalmente na gestão dos clubes, e que se torna ainda mais evidente em tempos de crise. É isso que destaca uma reportagem do GE, publicada no dia 14 de maio de 2020 (Figura 1).

Escrita por Ana Canhedo e Maurício Oliveira,⁴⁰ a notícia lança luz para este amadorismo no futebol de mulheres escancarado pela pandemia da covid-19, ao se referir à verba destinada pela CBF às equipes. Na perspectiva de acontecimento em Foucault,⁴¹ compreendemos esse amadorismo como um efeito que se torna mais visível a partir da emergência sanitária e que vai produzir efeitos outros na condução das crises nos clubes, como evidencia a reportagem.

³⁵ GOELLNER, KESSLER. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil, p. 35.

³⁶ BUTLER. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, p. 26.

³⁷ GOELLNER, KESSLER. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil, p. 35.

³⁸ 100, 80, 30: as efemérides do futebol de mulheres em 2021, *Ludopédio*, 2021.

³⁹ 100, 80, 30, *Ludopédio*, 2021.

⁴⁰ Das ameaças a atletas à verba da CBF retida: pandemia escancara amadorismo do futebol feminino, *GE*, 14 maio 2020.

⁴¹ FOUCAULT. *Microfísica do poder*, p. 40.



Figura 1: Notícia GE. Fonte: GE. Disponível em: <https://shre.ink/9KGB>.

Isso porque, em abril de 2020, a CBF repassou R\$ 3,7 milhões de reais aos 52 clubes que disputam o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, sendo, individualmente, R\$ 120 mil reais para os times da Série A1 e R\$ 50 mil reais para os times da Série A2 – no mesmo pacote foram destinados R\$ 200 mil para cada um dos 20 clubes da Série C e R\$ 120 mil para cada um dos 68 clubes da Série D do Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino (Figura 2). No entanto, ao distribuir a verba, a CBF não impôs condições para o uso do dinheiro, nem exigiu contrapartida das equipes, apenas informou que o montante equivaleria à média de duas folhas salariais dos/as atletas de cada competição,⁴² abrindo brechas para inúmeros problemas no repasse do dinheiro às jogadoras.



Figura 2: Notícia CBF. Fonte: CBF. Disponível em: <https://shre.ink/9KS6>.

⁴² CBF anuncia medidas de apoio financeiro aos clubes e federações, *CBF*, 6 abr. 2020.

As principais reclamações vieram dos clubes da Série A2 do Campeonato Brasileiro. Das 36 equipes que disputavam a competição em 2020, a reportagem de Canhedo e Oliveira⁴³ menciona oito em que houve irregularidades na destinação da verba. Utilizando as redes sociais, algumas atletas vieram à público reclamar sobre a falta de pagamentos durante a pandemia apesar do repasse da CBF. Outras, optaram por registrar a reclamação no Conselho de Ética da entidade. A maior parte, no entanto, por medo de represálias, acabou ficando em silêncio ou optou por se manifestar de modo anônimo, como afirma a reportagem: “A maioria das atletas não quer se identificar porque teme ser dispensada e, além de não receber pagamento, ter de sair do alojamento do clube”.⁴⁴

Isso porque, além da falta de remuneração, algumas jogadoras foram “mandadas embora” dos seus clubes por “indisciplina”, quando ousaram questionar sobre os usos do dinheiro recebido, como mostram as figuras 3 e 4, as quais evidenciam a situação vivida em um determinado clube.

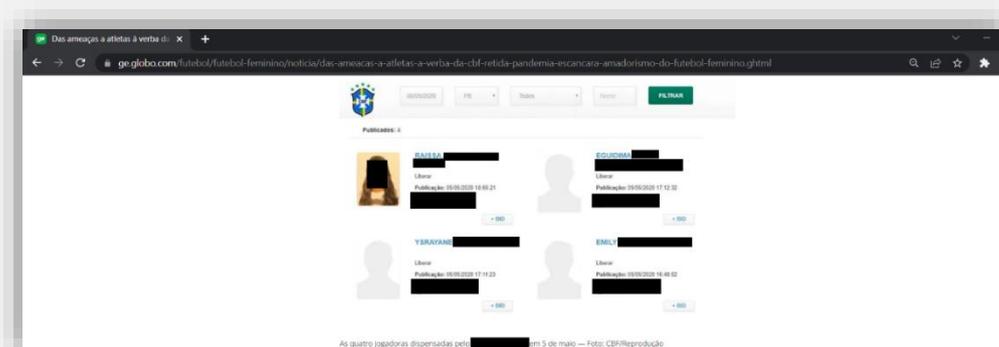


Figura 4: Notícia GE. Fonte: GE. Disponível em: <https://shre.ink/9KGB>.



Figura 3: Notícia GE. Fonte: GE. Disponível em: <https://shre.ink/9KGB>.

⁴³ Das ameaças a atletas à verba da CBF retida, *GE*, 14 maio 2020.

⁴⁴ Das ameaças a atletas à verba da CBF retida, *GE*, 14 maio 2020.

Sim, mandadas embora e não demitidas oficialmente, pois a maioria das atletas não possui vínculo empregatício com os times, o que evidencia um outro problema na gestão do futebol de mulheres. Desse modo, a falta de profissionalização da modalidade é mais um efeito escancarado pela pandemia, evidenciando as redes de discursos, poderes, estratégias e práticas que constituem este acontecimento e seus efeitos para o futebol de mulheres.⁴⁵

Das oito equipes mencionadas na reportagem de Canhedo e Oliveira,⁴⁶ ao menos quatro afirmaram não possuir contrato profissional com as atletas, ou seja, elas não recebem nenhum tipo de remuneração. Algumas equipes fornecem uma ajuda de custo, principalmente para subsidiar os deslocamentos em dias de jogos. Assim, várias atletas não se dedicam apenas ao futebol, tendo de manter uma rotina em que conciliam outro emprego com a prática esportiva. Outras vivem em alojamentos dos clubes e recebem alimentação, o que permite que elas dediquem mais tempo ao futebol ainda que não possuam contrato de trabalho ou registro em carteira. Tais questões nos fazem pensar, mais uma vez, na tão entoada frase: “Estamos todos/as no mesmo barco”. Embora, como afirma Butler,⁴⁷ o vírus nos trate por igual por estarmos igualmente no risco de adoecer, a desigualdade assegura que o vírus discrimine, não apenas no sentido do adoecimento, mas de condições para enfrentar estas crises sanitária, econômica, social. A falta de profissionalização do futebol de mulheres, sem contrato ou registro em carteira, tendo, ainda, que conciliar o jogar futebol com outro emprego que forneça remuneração e sustento, nos mostra o desamparo das jogadoras brasileiras.

Problemas à vista, também, na elite do futebol de mulheres. Em uma outra reportagem do GE publicada em 25 de maio de 2020, Canhedo e Oliveira⁴⁸ percorrem pelos 16 clubes da Série A1 para acompanhar a situação (Figura 5).

Destes, dois apresentavam problemas mais graves quanto ao desvio da verba repassada pela CBF (Figura 6). Em uma das equipes, a folha salarial estava com dois meses de atraso, apesar dos R\$ 120 mil reais recebidos pelo clube. Houve denúncias,

⁴⁵ REVEL. *Michel Foucault: conceitos essenciais*, p. 13.

⁴⁶ Das ameaças a atletas à verba da CBF retida: pandemia escancara amadorismo do futebol feminino, *GE*, 14 maio 2020.

⁴⁷ BUTLER. *El capitalismo tiene sus límites*, p. 60.

⁴⁸ Pandemia afeta elite do futebol feminino, mas maioria dos clubes mantém salários; veja panorama, *GE*, maio 2020.

inclusive, de que algumas atletas estavam enfrentando problemas com alimentação. Em outro clube, uma parte do dinheiro foi destinado à folha de pagamento das atletas que estava em aberto e a outra usada para pagar despesas, como aluguel, Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU), energia elétrica, água, mercado, tributos da folha, transportes, etc., ou seja, o uso não ficou restrito ao departamento feminino como se esperava.



Figura 5: Notícia GE. Fonte: GE. Disponível em: <https://shre.ink/9KSP>.



Figura 6: Notícia GE. Fonte: GE. Disponível em: <https://shre.ink/9KSP>.

Ainda na Série A1, de acordo com uma notícia do blog *Dibradoras* publicada em 21 de maio de 2020, aos menos seis equipes haviam cortado salários, dispensado jogadoras ou ainda estavam em débito com elas.⁴⁹ Para a jornalista Renata Mendonça,⁵⁰ sem a devida fiscalização por parte da CBF, o dinheiro não chega a quem se destina, e as jogadoras, que já possuem uma renda reduzida (quando a têm) ficam ainda mais desamparadas em momentos de crise. Uma das questões que está no

⁴⁹ Clubes cortam salários, dispensam jogadoras e querem nova ajuda da CBF, *Dibradoras*, 21 maio 2020.

⁵⁰ CBF não fiscaliza, e jogadoras ficam sem salário mesmo com ajuda aos clubes, *Dibradoras*, 20 abr. 2020.

princípio deste problema é a ausência de um departamento específico para cuidar do futebol de mulheres dentro da CBF, o que faz com que fique ainda mais difícil para as atletas conseguirem respaldo da confederação quando buscam seus direitos.

Isso se evidenciou nas negociações entre clubes, federações e confederações, sobre as medidas a serem tomadas para mitigar os efeitos da pandemia no futebol, como afirma Mendonça.⁵¹ A CBF, como entidade máxima do futebol brasileiro, não se reuniu, em nenhum momento, com os/as representantes das equipes do futebol de mulheres, como fez com o masculino. Optou, apenas, por ouvir individualmente os clubes, para então anunciar o repasse da verba e, com um acompanhamento feito de modo informal, não houve fiscalização para garantir que o dinheiro chegasse às atletas, como planejado. Assim, para Mendonça,⁵² sem que haja um departamento específico não há como assegurar o desenvolvimento da modalidade.

Na mesma esteira, a comentarista Ana Thaís Matos⁵³ em seu blog no site GE, também reivindica uma comissão própria para acompanhar o destino e o desenvolvido do futebol de mulheres brasileiro, com um conselho técnico, ético e financeiro específico para a modalidade e um departamento formado com profissionais que conhecem as especificidades do ramo. Pois, como destaca Matos: “A autonomia que a CBF se orgulha de praticar com os clubes é extremamente nociva ao futebol feminino, afinal, no futebol brasileiro o problema não é só financeiro, é de gestão (como está bem claro com a situação de dezenas de clubes)”.⁵⁴

Diante disso, o anúncio nos últimos anos de nomes como Aline Pellegrino, Ana Lorena Marche e Amauri Nascimento para compor o quadro de gestão do futebol de mulheres da CBF se configura num importante passo para a modalidade. Ainda que não haja um departamento específico para o futebol de mulheres na entidade, a criação de pastas específicas para tratar sobre as seleções femininas e as competições encabeça duas frentes importantes a serem desenvolvidas no país. Embora ambas se relacionem, também requerem tratamentos específicos, já que ter um calendário de competições é de suma importância para clubes e atletas, permitindo maior visibilidade para as jogadoras com vistas à seleção nacional. Com destacados

⁵¹ CBF não fiscaliza [...], *Dibradoras*, 20 abr. 2020.

⁵² CBF não fiscaliza [...], *Dibradoras*, 20 abr. 2020.

⁵³ Sem controle da CBF, futebol feminino fica nas mãos da má gestão dos clubes, *GE*, 11 maio 2020.

⁵⁴ Sem controle da CBF, futebol feminino fica nas mãos da má gestão dos clubes, *GE*, 11 maio 2020.

trabalhos na gestão do futebol, estas profissionais vivenciaram, e ainda vivenciam, as dificuldades e especificidades do futebol de mulheres e, em função disso, geram grandes expectativas para o desenvolvimento da modalidade.



Figura 7: Notícia GE. Fonte: GE. Disponível em: <https://shre.ink/9KmR>.

Todavia, nem tudo são flores. Quando da retomada dos campeonatos, em agosto de 2020, a CBF, mais uma vez, deixou o futebol de mulheres em segundo plano. Uma reportagem de maio de 2020 publicada no GE, menciona as primeiras tratativas para o retorno do futebol, com a possibilidade de o Brasileirão Feminino ser realizado em sede única⁵⁵ (Figura 7).



Figura 8: Notícia GE. Fonte: GE. Disponível em: <https://shre.ink/9Km1>.

⁵⁵ CBF tenta manter formato do Brasileiro Feminino, mas estuda possibilidade de sede única, GE, 1º maio 2020.

Em junho, uma outra reportagem do site GE anunciava o retorno das competições masculinas para agosto, enquanto as equipes de futebol de mulheres viviam num cenário de indefinição⁵⁶ (Figura 8).

A demora em divulgar uma data para o retorno das competições, assim, dificultou o planejamento de alguns clubes, sobretudo àqueles que tiveram de enfrentar modificações no elenco. Enquanto algumas equipes conseguiram se reforçar, contratando novas atletas com vistas a melhorar a equipe, outras o fizeram no desespero de ter perdido suas jogadoras por não conseguirem sustentar seus departamentos em meio à crise.⁵⁷ Isso evidencia realidades opostas entre os clubes, sobretudo entre àqueles que também disputam a Série A do Campeonato Brasileiro Masculino e os que possuem apenas departamentos de futebol feminino, já que o capital financeiro dos primeiros tende a ser significativamente maior que o dos segundos.



Figura 9: Notícia Jornal de Brasília. Fonte: Jornal de Brasília.
Disponível em: <https://shre.ink/9KJ3>.

Outro efeito da pandemia que se configurou num desafio a ser enfrentado pelas equipes na retomada dos campeonatos, foi a falta de condições financeiras

⁵⁶ Futebol feminino vive indefinição à espera do Brasileiro e Estadual: "ficou em segundo plano", *GE*, 26 jun. 2020.

⁵⁷ Brasileiro feminino de volta! Com reforços e saídas, equipes retomam disputa da Série A1, *GE*, 26 ago. 2020. Brasileiro Feminino volta com reforços e times afetados pela pandemia, *Agência Brasil*, 26 ago. 2020. De time desfeito aos atrasos de salário: Brasileiro Feminino volta com clubes em realidades opostas, *GE*, 23 ago. 2020.

para arcar com os custos dos testes semanais para a covid-19, pois os exames tornaram-se pré-requisito para o retorno da modalidade, com vista a garantir a segurança dos/as profissionais, como destaca a reportagem de Camila Alves e Sabrina Rocha⁵⁸ publicada em 26 de junho de 2020 no site GE. Saúde e segurança pautaram as discussões em torno da volta das competições em todo o país. A matéria de Vitoria Von Bentzen e Lucas Barbosa⁵⁹ para o Jornal de Brasília, em 25 de agosto de 2020, aborda essa questão, como mostra a Figura 9.

Uma das principais polêmicas gira em torno da segurança dos testes para detectar se as pessoas estão contaminadas embora assintomáticas, pois quando do retorno do Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino, equipes inteiras se contaminaram logo nas primeiras partidas. Além disso, naquele momento o Brasil era o segundo país com maior número de casos confirmados e mortes por covid-19 no mundo, como menciona a reportagem, e, conseqüentemente, com uma alta sobrecarga no sistema de saúde, pondo em dúvida, mais uma vez, a segurança desse retorno.

TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES...

Este artigo teve como objetivo analisar e discutir alguns impactos sofridos pelo futebol de mulheres no contexto da pandemia da covid-19 no Brasil, a partir de publicações em sites de notícias, durante o período de suspensão dos campeonatos nacionais. Isso porque, em março de 2020, a CBF suspendeu as competições sob sua coordenação por tempo indeterminado, incluindo o Brasileirão Feminino Séries A1 e A2, como medida de prevenção contra a disseminação da covid-19. Sem previsão de retorno e diante de uma crise sanitária que tomava novos contornos a cada dia, federações, clubes, dirigentes e atletas tiveram de se reinventar para continuar suas atividades.

Compreendendo a pandemia da covid-19 como um acontecimento, no sentido foucaultiano de irrupção de uma singularidade histórica, e tomando-a como condição de possibilidade para a emergência de outros acontecimentos dispersos no tempo, consideramos esta pandemia como produtora de efeitos que reverberam

⁵⁸ Futebol feminino vive indefinição à espera do Brasileiro e Estadual, *GE*, 26 jun. 2020.

⁵⁹ Futebol feminino: retorno do campeonato gera preocupações, *Jornal de Brasília*, 25 ago. 2020.

nas mais diversas esferas da vida, como nos esportes. O futebol, esporte mais popular do Brasil por seu expressivo número de praticantes e aficionados/as, enfrentou uma das maiores paralisações da sua história por causa da pandemia; no caso específico do futebol de mulheres, esta paralisação apenas “perde” para a proibição legal imposta ao futebol praticado por mulheres no período de 1941 a 1979. Cerceamento esse que ainda produz efeitos no emergente futebol de mulheres brasileiro, que a despeito dos anos de invisibilidade, desde 2019 vive um período de ascensão.

A irrupção da pandemia da covid-19 em 2020, no entanto, lançou uma série de questionamentos para a modalidade, uma vez que a crise financeira em decorrência da suspensão dos campeonatos afetou o futebol como um todo. Com uma estrutura ainda em desenvolvimento e amadora em muitos clubes, tal crise tornou os problemas com o futebol de mulheres mais evidentes, como a falta de profissionalização das jogadoras e o amadorismo na gestão da modalidade. Mesmo com o auxílio financeiro disponibilizado pela CBF, muitos clubes não conseguiram equilibrar as contas e, em alguns casos, o dinheiro não chegou como deveria às atletas.

Assim, no que diz respeito aos salários, as diferenças entre os clubes tornaram-se evidentes, sobretudo entre aqueles que possuem equipes de futebol de homens e aqueles que se dedicam apenas ao futebol de mulheres. Em meio à crise vivenciada no futebol, as alternativas foram várias para cumprir com as obrigações financeiras. Corte de salários, demissões, reestruturações e, inclusive, desvio de verba da folha de pagamento das jogadoras para custear outras despesas foram algumas das manobras utilizadas por gestores/as do futebol, nos fazendo refletir sobre o amadorismo ainda persistente na modalidade.

A partir das estratégias da CBF de mitigar a crise financeira, notamos que em nenhum momento o futebol de mulheres foi tratado dentro das especificidades que o caracteriza, uma vez que a entidade máxima do futebol brasileiro optou por não se reunir com os clubes para pensar e projetar ações de apoio. Quando da destinação da verba para socorro das equipes que formam a base da pirâmide do futebol, como enfatizado pela própria CBF, por exemplo, a entidade se reuniu com os/as representantes das equipes das Séries C e D do futebol masculino para discutir o assunto. Por

outro lado, preferiu conversar individualmente com os clubes de futebol de mulheres, privando-os da possibilidade de se procurar soluções conjuntas e específicas para a modalidade.

Sobre o retorno dos campeonatos, mais uma vez elas ficaram à sombra do futebol de homens, quando a entidade informou, num primeiro momento, apenas a retomada do Campeonato Brasileiro de Futebol Masculino, gerando um cenário de indefinição sobre os campeonatos disputados pelas mulheres. Compreendemos, assim, que mesmo em meio à maior crise sanitária dos últimos anos que afetou de modo significativo o futebol brasileiro e diante de uma situação em que se espera maior solidariedade entre clubes, federações e confederações para mitigar os efeitos das crises, ainda é possível perceber um trato desigual entre homens e mulheres que (sobre)vivem do futebol.

* * *

REFERÊNCIAS

ALINE PELLEGRINO APRESENTA reforços para o futebol feminino da CBF. **CBF**, 1º jan. 2022. Disponível em: <https://encurtador.com.br/sAFGI>. Acesso em: 03 fev. 2023.

ALINE PELLEGRINO ASSUME a Coordenação das Seleções Brasileiras Femininas. **CBF**, 13 jan. 2022. Disponível em: <https://encurtador.com.br/bCGJM>. Acesso em: 03 fev. 2023.

ALVES, Camila. CBF tenta manter formato do Brasileiro Feminino, mas estuda possibilidade de sede única. **GE**, Recife, 1º maio 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/luzLP>. Acesso em: 20 out. 2021.

ALVES, Camila; ROCHA, Sabrina. Futebol feminino vive indefinição à espera do Brasileiro e Estadual: "ficou em segundo plano". **GE**, Recife, 26 jun. 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/ARX57>. Acesso em: 20 out. 2021.

BARLEM, Cíntia. Tem Copa de novo em 2023! Seleção feminina busca novo patamar a partir de 20 de julho. **GE**, Rio de Janeiro, 19 dez. 2022. Disponível em: <https://shre.ink/9KG9>. Acesso em: 03 fev. 2023.

BARLEM, Cíntia; ROSSI, Gabriela. Brasileiro feminino de volta! Com reforços e saídas, equipes retomam disputa da Série A1. **GE**, Rio de Janeiro, 26 ago. 2020. Disponível em: <https://shre.ink/9KG1>. Acesso em: 20 out. 2021.

BUTLER, Judith. El capitalismo tiene sus límites. In: AMADEO, P. (Ed.). **Sopa de Wuhan**: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias. ASPO, 2020, p. 59-65.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CANHEDO, Ana et al. De time desfeito aos atrasos de salário: Brasileiro Feminino volta com clubes em realidades opostas. **GE**, Recife, 23 ago. 2020. Disponível em: <https://shre.ink/9KGI>. Acesso em: 20 out. 2021.

CANHEDO, Ana; Oliveira, MAURÍCIO. Das ameaças a atletas à verba da CBF retida: pandemia escancara amorismo do futebol feminino. **GE**, São Paulo, 14 maio 2020a. Disponível em: <https://shre.ink/9KGB>. Acesso em: 14 out. 2021.

CANHEDO, Ana; Oliveira, MAURÍCIO. Pandemia afeta elite do futebol feminino, mas maioria dos clubes mantém salários; veja panorama. **GE**, São Paulo, maio 2020b. Disponível em: <https://shre.ink/9KSP>. Acesso em: 14 out. 2021.

CBF ANUNCIA medidas de apoio financeiro aos clubes e federações. **CBF**, 06 abr. 2020 Disponível em: <https://shre.ink/9KS6>. Acesso em: 14 out. 2021.

CBF e Grupo Globo anunciam acordo para transmissões do futebol feminino e base masculina. **CBF**, 28 jan. 2022. Disponível em: <https://shre.ink/9KSV>. Acesso em: 03 fev. 2023.

CHAVES, Lincoln. Brasileiro Feminino volta com reforços e times afetados pela pandemia. **Agência Brasil**, São Paulo, 26 ago. 2020. Disponível em: <https://shre.ink/9KSK>. Acesso em: 20 out. 2021.

COM MAIS de 1 bilhão de pessoas, Fifa diz que Copa do Mundo Feminina foi a mais vista da história. **GE**, Paris, 12 maio 2021. Disponível em: <https://shre.ink/9KSA>. Acesso em: 12 maio 2021.

COPA DO MUNDO FEMININA É destaque do futebol em 2023; veja calendário completo. **CNN Brasil**, 1º jan. 2023. Disponível em: <https://shre.ink/9KS5>. Acesso em: 03 fev. 2023.

COPA DO MUNDO FEMININA TERÁ 32 seleções a partir de 2023. **Gazeta Esportiva**, 1º ago. 2019. Disponível em: <https://shre.ink/9KSx>. Acesso em: 03 fev. 2023.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber. (Orgs.). **Caminhos investigativos I**: novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. Disponível em: <https://shre.ink/9KXP>. Acesso em: 10 ago. 2020.

ELSEY, Brenda. Energizadas pelo movimento de mulheres "#NiUnaMenos": as equipes de futebol feminino desafiam os patriarcas do esporte-rei da América Latina. **FuLiA/UFMG**, FAL/UFMG, Belo Horizonte. v. 4, n. 1, p. 39-50, 2019.

FERNANDES, Nathália. 100, 80, 30: as efemérides do futebol de mulheres em 2021. **Ludopédio**, São Paulo, v. 142, n. 28, 2021. Disponível em: <https://shre.ink/9KXV>. Acesso em: 10 ago. 2021.

FERREIRA, André B.; ROSA, Alexia Viana da.; FARIAS, Alexander S.; VALENTIM, Giovanna Dutra Silva; HERZOG, Lucas Bertola. Boletim nº 10: direitos na pandemia – mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à covid-19 no Brasil. **CEPEDISA/Conectas Direitos Humanos**, São Paulo, nº 10, p. 3-57, jan. 2021. Disponível em: <https://cepedisa.org.br/publicacoes/>. Acesso em: 15 jul. 2021.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Futebol de mulheres: histórias, memórias e desafios. In: MARTINS, MARTINS, Mariana Zuaneti; WENETZ, Ileana. (Orgs.). **Futebol de mulheres no Brasil: desafios para as políticas públicas**. Curitiba: Editora CRV, 2020. *E-book*.

GOELLNER, Silvana Vilodre; KESSLER, Cláudia Samuel. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade. **Revista USP**, n. 117, p. 31-38, 2018.

MATOS, Ana Thaís. Sem controle da CBF, futebol feminino fica nas mãos da má gestão dos clubes. **GE**, Rio de Janeiro: 11 maio 2020. Disponível em: <https://shre.ink/9KXM>. Acesso em: 18 out. 2021.

MENDONÇA, Renata. CBF não fiscaliza, e jogadoras ficam sem salário mesmo com ajuda aos clubes. **Dibradoras**, 20 abr. 2020. Disponível em: <https://shre.ink/9KXB>. Acesso em: 18 out. 2021.

MENDONÇA, Renata; LISBOA, Juliana. Clubes cortam salários, dispensam jogadoras e querem nova ajuda da CBF. **Dibradoras**, 21 maio 2020. Disponível em: <https://shre.ink/9Kf2>. Acesso em: 18 out. 2021.

QUANDO A BOLA parou de rolar: Museu do Futebol elenca principais interrupções de campeonatos. **Gazeta Esportiva**. São Paulo: 26 mar. 2020. Disponível em: <https://shre.ink/9Kfi>. Acesso em: 11 out. 2021.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

SAFATLE, Vladimir. Bem-vindo ao Estado suicidário. **N1-Edições**, Texto 004 - Pandemia Crítica. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/23>. 2020. Acesso em: 21 out. 2022.

SALES, Tiago Amaral; ESTEVINHO, Lúcia de Fátima Dinelli. Cartografias de vida-e-morte em territórios pandêmicos: marcas-ferida, necro-bio-políticas e linhas de fuga. **Revista M. Estudos Sobre a Morte, os Mortos e o Morrer**, v. 6, n. 11. p. 275-293, 2021.

SANTOS, Boaventura de S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

VON BENTZEEN, Vitoria; Barbosa, Lucas. Futebol feminino: retorno do campeonato gera preocupações. **Jornal de Brasília**, 25 ago. 2020. Disponível em: <https://shre.ink/9Kfa>. Acesso em: 20 out. 2021.

Recebido em: 15 mar. 2023.

Aprovado em: 04 jul. 2023.

Creative writers working on a women's football project: an examination of the collaborative practices of differing communities on a project for the women's game in Fiji, Samoa, and Solomon Islands

O trabalho de escritores em um projeto para o futebol feminino:
examinando práticas colaborativas entre diferentes comunidades
em um projeto para o esporte feminino em Fiji, Ilhas Salomão e Samoa

Arthur Almeida Passos

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brazil
University of the Sunshine Coast, Sippy Downs/QLD, Australia
PhD Candidate, PUC-Minas
arthur-passos@hotmail.com

Amanda Fiedler

University of the Sunshine Coast, Sippy Downs/QLD, Australia
PhD Candidate, University of the Sunshine Coast

Juliette Sauvage

University of the Sunshine Coast, Sippy Downs/QLD, Australia
PhD Candidate, University of the Sunshine Coast

Kyle Mackenzie

University of the Sunshine Coast, Sippy Downs/QLD, Australia
PhD Candidate, University of the Sunshine Coast

Taryn Whiley

University of the Sunshine Coast, Sippy Downs/QLD, Australia
Undergraduate Student, University of the Sunshine Coast

Yoko Kanemasu

The University of the South Pacific, Laucala Campus, Suva, Fiji
Doctor of Philosophy, The University of New South Wales

Kasey Symons

Swinburne University of Technology, Melbourne/VIC, Australia
Doctor of Philosophy, Victoria University

Lee McGowan

University of the Sunshine Coast, Sippy Downs/QLD, Australia
Doctor of Philosophy, Queensland University of Technology

ABSTRACT: Until recently, women's football in Oceania has received very little academic scrutiny. New research examines social and historical aspects of women's football in the region. As part of the project, a larger research team collaborated with football related organisations on the development of potential community resources. Informed by theoretical frameworks drawn from studies on formal and informal communities of practice, this paper examines the practices and processes of a creative writing research community in the design and development of resources aimed at a differing community of practice, in this case a group of football industry practitioners. This paper offers a brief overview of women's football in Fiji, Samoa, and Solomon Islands, describes the project outcomes and outputs, and presents insight on the experiences of the project team in their production. The paper contributes to theoretical fields related to communities of practice and to those social histories of women's football in general and specifically in Oceania.

KEYWORDS: Oceania; Women's football; Sports histories; Communities of practice; Creative writing.

RESUMO: Até recentemente, o futebol feminino na Oceania recebeu muito pouco escrutínio acadêmico. Novas pesquisas examinam aspectos sociais e históricos do esporte na região. Como parte do projeto, uma equipe mais numerosa de pesquisadores colaborou com organizações ligadas ao futebol no desenvolvimento de potenciais recursos comunitários. Valendo-se de enquadramentos teóricos extraídos de estudos sobre comunidades de prática formais e informais, este artigo examina as práticas e processos de uma comunidade de pesquisa de escrita criativa no planejamento e desenvolvimento de recursos destinados a uma outra comunidade de prática, neste caso um grupo de profissionais da indústria do futebol. Este artigo oferece um breve panorama do futebol feminino em Fiji, Ilhas Salomão e Samoa, descreve os resultados e impactos do projeto e apresenta uma perspectiva sobre as experiências da equipe no curso de suas atividades. O artigo contribui com campos teóricos relacionados às comunidades de prática e às histórias sociais do futebol feminino em geral e na Oceania especificamente.

PALAVRAS-CHAVE: Oceania; Futebol feminino; História dos esportes; Comunidades de prática; Escrita criativa.

INTRODUCTION

Within the enormous geographical region known as Oceania there are countries with significant women's football heritage, as much as four decades of history, yet there are few studies on the subject. Scarcity of information, or difficulties in finding it, even on the Internet, is one of the challenges researchers who focus on the subject may face. Utilising the production of a recent book, which constitutes the first comprehensive investigation on the presence of women's football in the region,¹ we will seek, within the limits of this paper, to contribute to both the understanding of sports practice in the territory and the increase of its visibility in academia. With these two goals in mind, we will divide our work into three sections, which, in addition to contributing to the history of women's football in Oceania, relate to the community that gathered to undertake the project and supported the writing of this article as well as the perspectives of the students who were centrally involved in its main activities.

In the first section, "Communities of practice", we provide a brief literature review and focus on aspects such as the functioning of communities of practice in the university context; the transitions they make between formal and informal instances, inside and outside academia; the advantages and limitations of their approach, especially for students in higher education; and some of the ways communities of practice reflected in football have been investigated in academia, highlighting those studies related to the women's game. Working through theory and experiences related to the subject, some of these aspects will be explored via information about the community of practice that was formed between December 2022 and February 2023 within the School of Business and Creative Industries at the University of the Sunshine Coast, around the creative production of potential community resources – in the form of promotional and informational foldable A4 posters – aimed at recognizing, valuing and encouraging the practice of football by women in Oceania.

In the second section, "Women's football in Oceania", we summarise related elements of the book. This focuses on the subsections concerning women's football in Fiji, Samoa and Solomon Islands; three of the countries included by the students

¹ MCGOWAN; SYMONS; KANEMASU. *Women's football in Oceania*.

involved in the project – Juliette Sauvage, Kyle Mackenzie and Taryn Whiley – as they sought to develop the aforementioned creative resources. More specifically, this section aims to highlight women who contributed, or continue to contribute, to the development of the sport in their country. Where we focus on these examples, we are acutely aware of the many equally important women who make invaluable contributions to their football community who are not included here. Some related contexts on the historical and contemporaneous difficulties girls and women face in the game are provided.

In the third section, “Students’ accounts on working as a community of practice towards women’s football in Oceania”, we offer the perspectives of the three named students. These accounts foreground some women involved in the development of the sport in the region. Moreover, they highlight other important information directly or indirectly linked to the game locally and in the region as a whole. This includes cultural aspects of the mentioned countries, criteria applied in selecting examples, challenges faced undertaking the research, skills developed, networks grown in and outside academia, gaps identified in research and resources, creative strategies employed in producing resources for prospective Oceanic footballing communities, and their expectations for future similar projects. We believe sharing such personalised information alongside what is collected, organised and provided in the first two sections will be useful to expand understanding of women’s football in the region.

COMMUNITIES OF PRACTICE

The term “communities of practice” was conceived as “a system of relationships between people, activities and the world”.² This system calls into question the traditional and hierarchical relationship between “student” and “master”,³ particularly where the interactions that occur within its scope are understood as “dynamic” and situated in “collaborative contexts”.⁴ Indeed, teamwork and the

² LAVE; WENGER. *Situated learning*: legitimate peripheral participation, p. 98.

³ WENGER-TRAYNER; WENGER-TRAYNER. An introduction to communities of practice, p. 4.

⁴ PHILP; JEFFERY; MCGOWAN. Collaboration and its discontents, p. 4.

learning processes that derive from it seem to constitute two central elements of communities of practice, characterised by two broad dimensions: the social and the intellectual.⁵ These dimensions may imply, for example, regular interactions between peers in a given community who are gathered around a common concern or topic of interest, and the creation and implementation of practices aimed at improving or building on their activities or interests, which might be in business, government, or education among many possible aspects.⁶ At their core, communities of practice present opportunities for identity development;⁷ provide modes of or frame a sense of belonging;⁸ are often directly or indirectly related to learning and making of meaning;⁹ promote and disseminate best practice; and develop individual and group or team-based skills.¹⁰

To illustrate the function and operation of a community of practice at a university level, members of communities of practice can include academics in a specific field or, increasingly, interdisciplinary cohorts where knowledge exchange and production are conceived and evolve through social and intellectual interaction and endeavour, often irrespective of the project,¹¹ which can often produce symposia, conference papers, non-traditional research outputs, presentations and publications.¹² In these environments, participants can define and demonstrate their academic competencies within a group comprised of other academics with overlapping and intersecting competences and interests,¹³ gain a sense of community,¹⁴ encourage health and well-being¹⁵ and, in the case of this project, fulfil a moral responsibility of the professional staff to students.¹⁶ The community of

⁵ PHILP; JEFFERY; MCGOWAN. Collaboration and its discontents.

⁶ WENGER-TRAYNER; WENGER-TRAYNER. An introduction to communities of practice, p. 2-4.

⁷ WENGER. *Communities of practice*.

⁸ WENGER. Communities of practice and social learning systems.

⁹ WENGER. *Communities of practice*.

¹⁰ See PHILP; JEFFERY; MCGOWAN. Collaboration and its discontents. WENGER; SNYDER. Communities of practice.

¹¹ PHILP; JEFFERY; MCGOWAN. Collaboration and its discontents.

¹² See AITCHISON. Learning from multiple voices. BATTY; SINCLAIR. Peer-to-peer learning in the higher education degree by research context. FERGUSON. The "write" skills and more. MAHER *et al.* "Becoming and being writers". PHILP; JEFFERY; MCGOWAN. Collaboration and its discontents. STRACKE. Undertaking the journey together.

¹³ PHILP; JEFFERY; MCGOWAN. Collaboration and its discontents.

¹⁴ MEWBURN; OSBORNE; CALDWELL. Shut up & write!. WENGER. Communities of practice and social learning systems.

¹⁵ MCGINN *et al.* Introducing Showpony.

¹⁶ HAYTER; WATSON. Supervisors are morally obliged to publish with their PhD students.

practice in the example discussed gathers a lecturer, two doctoral students, two pre-doctoral students (at Honours level) and a second-year undergraduate student and is, in part, supported by contributions from the project's external partners, the regional governing body for football, the Oceania Football Confederation (OFC) and the Australian Centre for Pacific Islands Research (ACPIR).

The possibility of including individuals external to the university in communities of practice indicates that such communities are not limited to strictly formal activities, such as those that usually take place in the traditional domain and the associated practices of learning and teaching.¹⁷ The loose and serendipitous,¹⁸ reciprocal and unidirectional connections made within communities of practice, highlighted in informal setting,¹⁹ also serve academic communities of practice where resources, expertise and contacts are openly shared.²⁰ The exercise of collaborative writing, resulting in publication – provided that the challenges of co-authorship are appropriately and ethically navigated²¹ – can contribute to doctoral students track records and experience.²² Dependent on the condition of a given community of practice, the writing group, which can function as a catalyst and hub for the development of practice and related collaborative competences that enable group members to learn and connect with others,²³ encourage peer to peer support and mentoring.²⁴ In the case of our research, whose members are mostly linked to the field of creative writing, a key point is their concern in the interaction with broader communities beyond the institution,²⁵ some of which are reflected in football communities.

¹⁷ MCGOWAN; PHILP; JEFFERY. Collaboration and authority in electronic literature.

¹⁸ See PHILP; JEFFERY; MCGOWAN. Collaboration and its discontents.

¹⁹ MILLIGAN; LITTLEJOHN; MARGARYAN. Workplace learning in informal networks.

²⁰ PHILP; JEFFERY; MCGOWAN. Collaboration and its discontents.

²¹ See PHILP; JEFFERY; MCGOWAN. Collaboration and its discontents. ROBERTS. Limits to communities of practice.

²² HAYTER; WATSON. Supervisors are morally obliged to publish with their PhD students. KRAUTH; BOWMAN; FRASER. The exegesis and co-authorship. PHILP; JEFFERY; MCGOWAN. Collaboration and its discontents.

²³ WENGER. *Communities of practice*. WENGER-TRAYNER; WENGER-TRAYNER. An introduction to communities of practice.

²⁴ See BATTY *et al.* Mapping the emotional journey of the doctoral 'hero'. MAHER; FALLUCCA; MULHERN HALASZ. Write on! through to the PhD. PHILP; JEFFERY; MCGOWAN. Collaboration and its discontents.

²⁵ MCGOWAN; PHILP; JEFFERY. Collaboration and authority in electronic literature. WENGER-TRAYNER; WENGER-TRAYNER. An introduction to communities of practice.

Here it is worth mentioning that research on women's football communities and women's participation in football is increasing. Among the many examples of important works integral to understanding the women's game and its historical and cultural development are those by Brenda Elsey and Joshua Nadel,²⁶ Jean Williams,²⁷ Jonathan Magee *et al.*²⁸ and Sue Lopez,²⁹ and Sue Bridgewater's concise chapter on participation, attendance and spectatorship, and women's roles in football.³⁰ Stacey Pope and John Williams' work on women as fans;³¹ Hanya Pielichaty's work on football, family, gender and identity;³² Alex Culvin's work on professional players;³³ Annalies Knoppers and Donna de Haan's collaborative studies on female coaches;³⁴ and the body of work on women fans of men's football, such as those collected by Gertrud Pfister and Stacey Pope,³⁵ should also be considered. These works are augmented by individual case studies on women's football communities in Australia,³⁶ Denmark,³⁷ England,³⁸ France,³⁹ Italy,⁴⁰ New Zealand,⁴¹ Poland,⁴²

²⁶ See ELSEY; NADEL. *Futbolera: a history of women and sports in Latin America.*

²⁷ See WILLIAMS. *A game for rough girls: a history of women's football in Britain*; WILLIAMS. *Standing on honeyball's shoulders: a history of independent women's football clubs in England*; WILLIAMS. *Waltzing the Matildas.*

²⁸ See MAGEE *et al.* *Women, football and Europe: histories, equity and experiences.*

²⁹ See LOPEZ. *Women on the ball.*

³⁰ See BRIDGEWATER. *Women and football.*

³¹ See POPE; WILLIAMS. "White shoes to a football match!": female experiences of football's golden age in England; POPE; WILLIAMS. *A socio-historical account of female experiences of football's golden age in England.*

³² See PIELICHATY. *Football, family, gender and identity: the football self.*

³³ See CULVIN. *Football as work: the lived realities of professional women footballers in England*; CULVIN. *Football as work: the new realities of professional women footballers in England.*

³⁴ See HAAN; KNOPPERS. *Gendered discourses in coaching high-performance sport.* KNOPPERS *et al.* *Elite women coaches negotiating and resisting power in football.* KNOPPERS; HAAN. *Transnational coaches.*

³⁵ See PFISTER; POPE. *Female football players and fans.* POPE. *Female fans of men's football.* POPE. *Female football fans and gender performance.* POPE. *The feminization of sports fandom.* POPE. "The love of my life".

³⁶ See CRAWFORD; MCGOWAN. *Never say die.* STELL; REID. *Women in boots.*

³⁷ See MINTERT; PFISTER. *The female Vikings, a women's fan group in Denmark.* LENNEIS; PFISTER. *Gender constructions and negotiations of female football fans.* PFISTER; MINTERT; LENNEIS. "One is not born, but rather becomes a fan".

³⁸ See DUNN. *Football and the Women's World Cup.* POPE. "Like pulling down Durham Cathedral and building a brothel". POPE. "Who could name an England women's footballer?".

³⁹ See PRUDHOMME-PONCET. *Histoire du football féminin au XXe siècle.*

⁴⁰ See CERE. "Forever ultras". CERE. "Witches of our age".

⁴¹ See COX; THOMPSON. *From heydays to struggles.*

⁴² See JAKUBOWSKA; ANTONOWICZ; KOSSAKOWSKI. *Female fans, gender relations and football fandom.*

Republic of Ireland,⁴³ Scotland,⁴⁴ Scotland, Northern Ireland and Wales,⁴⁵ Turkey,⁴⁶ United States,⁴⁷ and many other countries.⁴⁸

The task of co-authoring this article – however much such a task seems to be an increasingly anticipated outcome of such collaborations⁴⁹ – was not, at least formally, an initially planned or anticipated outcome of its activities in December 2022. The conception and realisation of this work is the result, to a large extent, of fortuity⁵⁰ and inter-institutional exchange,⁵¹ which is characteristic of working in a community of practice. It is a supplementary work presenting the experiences of three student participants in the community of practice, which focused on the creation of resources aimed at the community of girls and young women as (potential) footballers in Oceania. Before presenting the students’ experiences, including some of the challenges they faced, and strategies and lessons learned, we present a brief overview of women’s football in Oceania.

WOMEN’S FOOTBALL IN OCEANIA: FIJI, SAMOA AND SOLOMON ISLANDS

To discuss women’s football in Oceania, we will highlight three countries for which community resources were developed: Fiji and Solomon Islands, within the Melanesian sub-region of the Pacific Islands; and Samoa, within Polynesia.⁵² The first criterion for the selection of these countries – in addition to Papua New Guinea, Tonga and Tahiti, which, for reasons of scope and scale, will not be addressed here – is the status of their national football federations as members of the continental football body, the OFC.⁵³ Due to the short duration of the project, the second criterion, also related to scope and scale, restricted the number of member countries

⁴³ See BYRNE. Where are we now?.

⁴⁴ See MACBETH. The development of women’s football in Scotland.

⁴⁵ See SKILLEN *et al.* “The game of football is quite unsuitable for females and ought not to be encouraged”.

⁴⁶ See ERHART. Ladies of Besiktas.

⁴⁷ See GRAINEY. *Beyond Bend it like Beckham*.

⁴⁸ See HONG; MANGAN. *Soccer, women, sexual liberation*.

⁴⁹ KRAUTH; BOWMAN; FRASER. The exegesis and co-authorship.

⁵⁰ PHILP; JEFFERY; MCGOWAN. Collaboration and its discontents.

⁵¹ MOINGEON *et al.* Inter-organizational communities of practice.

⁵² JOLLY. Imagining Oceania.

⁵³ OCEANIA FOOTBALL CONFEDERATION. Member Associations.

each student considered in their work to recognise, support and promote the practice of women's football in Oceania.

It seems that the main and most common difficulty historically faced by women's football in Oceania is the lack of support.⁵⁴ Such an obstacle can manifest itself within "traditional" families – within the contested nature of tradition in the Pacific – that may not believe that sports – and football in particular – are the most appropriate activities for girls and women. This can happen in some Indo-Fijian communities – the second largest ethnic group in the country⁵⁵ – where academic achievement is often more highly regarded as a life goal, and the practice of physical activities may not be encouraged with the same enthusiasm if at all⁵⁶ – even when football is regarded as an Indo-Fijian sport.⁵⁷ Resistance against the idea of sports practice by women can also occur in other countries in the region. This is generally due to the strength of the "neo-traditional" gender roles within the patriarchal family systems that exist in the region,⁵⁸ that do not consider women playing sports appropriate, especially one that might be seen by such families as masculine and dangerous,⁵⁹ as it is often supposed to be the case of football.

In Samoa, for example, although the participation of girls and women in sports is still limited, other sports, such as netball and athletics, are more popular as a practice than football.⁶⁰ When compared to football, their popularity can be explained, to some extent, by the fact that such activities are shaped by a variety of factors, including gender issues, health, and the intersections of sport across education and familial obligation.⁶¹ In other countries, problems like these can end up being reflected – at least partially, and in a somewhat paradoxical way – in sports institutions that should encourage, to the maximum of their capacity, the practice of football by women. In Solomon Islands, for example, the weak initial results of the

⁵⁴ MCGOWAN; SYMONS; KANEMASU. *Women's football in Oceania*.

⁵⁵ FIJI BUREAU OF STATISTICS. Census of population and housing.

⁵⁶ SUGDEN; KANEMASU; ADAIR. Indo-Fijian women and sportive activity.

⁵⁷ See SUGDEN. *Sport and integration*.

⁵⁸ See DOUGLAS. Christian citizens. LATAI. Changing covenants in Samoa? From brothers and sisters to husbands and wives?. See MACINTYRE; SPARK. *Transformations of gender in Melanesia*.

⁵⁹ MCGOWAN; SYMONS; KANEMASU. *Women's football in Oceania*.

⁶⁰ MCGOWAN; SYMONS; KANEMASU. *Women's football in Oceania*.

⁶¹ MCGOWAN; SYMONS; KANEMASU. *Women's football in Oceania*. THORP. She shoots, and she scores.

women’s senior national team in competitions organised by the OFC, between 2007 and 2017, is likely the result of a lack of consistent support and more appropriate provision of suitable infrastructure and resources by the national football governing body.⁶² Such difficulties become even more explicit considering that men’s football, regardless of specific modality or age group, tends to be prioritised over the endeavours of senior women’s national set-ups, despite the potential benefits to the organisation as a whole. In Fiji, in 1983, while the country’s Under-16 team was preparing to compete in the Oceania Youth Soccer tournament – under the auspices of the Fiji Football Association (FFA) –, the Fiji Women’s Soccer Association (FWSA) had to raise funds through the support of local businesses to finance the women’s senior team’s participation in the inaugural Oceania Cup, the first ever international women’s tournament in the region.⁶³

Despite the challenges, those representatives of Fiji, Samoa and Solomon Islands and the broader Oceanic women’s football community, populated by outstanding women, have contributed to the sport both on and off the pitch. While we acknowledge that we are unable to shine a light on all of their many endeavours, they deserve recognition and acknowledgment for their contribution to the field. In Fiji, former player Susan Wise, who played in the late 1970s, currently holds the position of Vice-President of the FFA, having been a member of the institution Board for many years, and is as an invaluable mentor to the many women in the Fijian football community.⁶⁴ Lavenia Yalovi is a crucial member of the football community, as player, coach and mentor.⁶⁵ We see this in her role as the coordinator of the *Just Play* program, launched in 2011 with the support and funding of institutions such as Fédération Internationale de Football Association [International Federation of Football Association] (FIFA), Union des Associations Européennes de Football [Union of European Football Associations] (UEFA), OFC and AusAID, the Australian Government’s primary agency for international aid, with the purpose of promoting football as a multifaceted means of community engagement.⁶⁶ Two more women

⁶² MCGOWAN; SYMONS; KANEMASU. *Women’s football in Oceania*.

⁶³ MCGOWAN; SYMONS; KANEMASU. *Women’s football in Oceania*.

⁶⁴ MCGOWAN; SYMONS; KANEMASU. *Women’s football in Oceania*.

⁶⁵ NARAWA. Suva keen to defend IDC.

⁶⁶ OCEANIA FOOTBALL CONFEDERATION. *Just Play*; RATUVA. Fiji Football launches *Just Play*.

whose roles highlight progress in the women's game in Fiji are Naomi Waqanidrola and Jemaima Rao. These women made an impact on the men's Fijian Premier League (FPL) competition in 2021, when Naomi Waqanidrola became the first woman coach in Fiji's premier football competition, while Jemaima Rao was the fourth assistant in the same match, becoming the first woman official in the same competition.⁶⁷ Despite gender barriers and those related to ethnicity,⁶⁸ many women from a diverse range of backgrounds are making a significant contribution to the game in Fiji including Naziah Ali, a successful businesswoman and advocate for the women's game, and Vani Buadromo, a player, coach, and mentor who is the current FFA Women's Development Officer (WDO).⁶⁹

Solomon Islands women's national team has featured many great players; women who have made important contributions to the game on and off the field. Diane Justus made her debut at the 2007 (South) Pacific Games, and since then has continued to play, coach and mentor others at every conceivable level of the game. In her role as Women's Football Development Officer at Solomon Islands Football Federation (SIFF) and as a coach for the senior women's team, she was instrumental in the development of a footballing infrastructure, from school age programs to organising and coordinating the national team set-up.⁷⁰ Other important figures in women's football in Solomon Islands include Antoinette Miniti, current WDO and the driving force behind the recent reestablishment of the women national football league and Maria Rufina, who coordinates the SIFF *Just Play* program and takes on the essential role of SIFF Football Safety Officer.⁷¹

Women's football exemplifies the importance and strength of family ties in Melanesian and Polynesian cultures. Both daughters of Susan Wise are currently involved in women's football, Antoinette Miniti's mother was involved in the game 20 years ago, and the story of the Ah Ki sisters, who played for the Samoan women's

⁶⁷ MCGOWAN; SYMONS; KANEMASU. *Women's football in Oceania*.

⁶⁸ See KANEMASU. Going it alone and strong. KANEMASU; JOHNSON. Exploring the complexities of community attitudes towards women's rugby. KANEMASU; JOHNSON; MOLNAR. Fiji's women rugby players. SUGDEN. Sport and ethno-racial formation. SUGDEN; KANEMASU; ADAIR. Indo-Fijian women and sportive activity.

⁶⁹ MCGOWAN; SYMONS; KANEMASU. *Women's football in Oceania*.

⁷⁰ KANEMASU. *Staking their claim*. MCGOWAN; SYMONS; KANEMASU. *Women's football in Oceania*.

⁷¹ MCGOWAN; SYMONS; KANEMASU. *Women's football in Oceania*.

national team at several age-ranges and in the women’s national futsal team, offer some illustration.⁷² An issue common across women’s football is highlighted in reports of the Samoan women’s national team that focus on returning to the team after giving birth, which can be a significant challenge.⁷³ A worthy illustration of the increase in the roles women take on around football is that of the media officer and journalist Angela Lafaialii Pauga, who writes about and covers women’s football for Football Federation Samoa (FFS). Using the national association platform, Angela has written several stories about the women’s game, capturing the development in football practice related to her role; her reports have become essential resources for the study of women’s sport in Samoa.⁷⁴

STUDENTS’ ACCOUNTS ON WORKING AS A COMMUNITY OF PRACTICE TOWARDS WOMEN’S FOOTBALL IN OCEANIA

This section comprises the students’ personal accounts of their experience in the community of practice. In methodological terms, the approach draws on the social history text, *Women’s football in Oceania*, the main source of information for the group.⁷⁵ The approach undertaken by the students as outlined in their discussions highlights a synthesis of research related to the book, contextual reviews of additional material related to the region and individual players, and a series of informal discussion with each of the book’s co-authors and other academic researchers working in the field. Regular weekly meetings took place across the duration of the project, where the paper’s authors met as a group to discuss progress, practice, challenges and the development of the project’s outcomes. The students then collated reflective autoethnographic writing on the project.⁷⁶ As they have written these contributions to the paper, there is a distinct change in voice and presentation of the work.

⁷² MCGOWAN; SYMONS; KANEMASU. *Women’s football in Oceania*.

⁷³ PAUGA. International football and motherhood: Samoa leads the way for the Pacific.

⁷⁴ MCGOWAN; SYMONS; KANEMASU. *Women’s football in Oceania*.

⁷⁵ See MCGOWAN; SYMONS; KANEMASU. *Women’s football in Oceania*.

⁷⁶ See BRUCE. *Terra ludus*. CHANG. *Autoethnography as method*. MCPARLAND. *Autoethnography*. NASH. *Gender on the ropes*. RICHARDS. “Which player do you fancy then?”.

Solomon Islands and Papua New Guinea

While I came to the women's football in Oceania project with broad assumptions of what the project required, the more I read from *Women's football in Oceania*, spoke with the stakeholders, and researched further, the more I learned about these incredibly complex situations, nations, and individuals. I was conscious of being an outsider to the community – both for the Pacific Islands and women's football – and needing to check any cultural biases to ensure they did not affect my judgement when researching and writing the resources; rather, trying to enhance the existing women's voices and stories, and inspire and encourage women to participate in football in the region. This project draws on existing research about the history of women's football in Oceania, which strongly influenced the selection of the countries we chose to create posters for. Although this project was aimed towards the OFC, meaning we needed to focus on their member nations, we also each read through the referred book to select two countries we thought might meet the initial project brief. Alongside a short history of men's and women's football in each country, the sections from the book also offered details about individual players and women involved with football in each nation. Reading through the relevant book chapters, what stood out to me about Solomon Islands and Papua New Guinea was the numerous women who were featured, and the rich histories of football in the nations. We had yet to decide exactly what we wanted to do, but the general idea of focusing on a 'star story' and a timeline prompted me to select these countries based on this existing information and the compelling histories of women's football. Further consultations with key stakeholders influenced the approaches we took for presenting the information gathered.

Women wanting to play football – and sports in general – face many challenges in traditionally patriarchal regions, one of which is a perceived lack of role models;⁷⁷ this results in women not believing they *can* play football, that they will be able to make a career out of the sport or be accepted in their community. In our consultation, book co-author Yoko Kanemasu explained that this is a real

⁷⁷ SUGDEN; KANEMASU; ADAIR. Indo-Fijian women and sportive activity.

problem for women, because if they do not see themselves playing, they are less likely to get involved. Therefore, for my star stories, I chose to emphasise how these women created careers through football, illustrating it can be done and offering role models for women to look up to and aspire to follow in their footsteps. And importantly, to spotlight the names and histories of remarkable local women, share women’s stories more widely, and reclaim some space for women in sport. For Solomon Islands, this star was Diane Justus, former player and current coach in the Women’s Premier League. I selected her because she is an accomplished player and coach as well as the first WDO for Solomon Islands. This highlights that women can have personal achievements in the sport, but also give back to the community. Kanemasu stressed the importance of community and culture over individuality in the Pacific Islands, and this influenced how I framed the star stories. For Papua New Guinea, my decision was largely based on the same factors: although multiple women were named, Margaret Aka, former player, current coach and WDO, was one of the more prominent figures, and as well as being the WDO for Papua New Guinea, there was more information about her giving back to the community through coaching, and her career achievements.

The main challenge for this project was access to reliable resources. Information on clubs, games, and participants, as well as high quality images of them, were incredibly difficult to find. Any research outside the book required very in-depth digging on the internet, and I found the majority of information, pictures and documentation about players, coaches, clubs, and games on social media and women-run local media sites. Even finding an official women’s national team photograph was almost impossible, with no guarantee of accurate, current representations. Both nations had Facebook pages dedicated to the women’s national leagues, and Solomon Islands also had a Facebook page for women’s regional and local football. The OFC website did have articles dedicated to women’s football for both nations – with valuable information available through careful reading – however, the national football association websites had very little. A crucial source of information and photos was Pasifika Sisters,⁷⁸ a women-run media

⁷⁸ See TRAN. Revamp and Expansion for 2021 WPL.

site across the Pacific sharing stories of women's football. This highlights the lack of equal treatment when it comes to women and men's sports internationally, but also in Pacific Island regions – men's news stories and football histories feature proudly, dominating the national association website,⁷⁹ leaving the majority of women's sports documenting to the fans. This also relates to co-author Kasey Symons's research into the fans for women's sports,⁸⁰ how they create positive, supportive communities and share invaluable information. For me, the lack of easily accessible information underlined the importance of this project, emphasising the contribution of one community of practice to another – researchers and creative writers working to produce resources for women in sports in Oceania.

Another challenge for women in sports are gatekeepers – family, friends, and the wider community who may disapprove of women's participation. After meeting with Kylie Bates from UN Women, an idea that we had begun to form grew even clearer – that we needed to aim these resources towards the gatekeepers, rather than just the players or women we hoped to get involved in the sport. Kylie approved of our approach to focus on some of the benefits of the sport for women, and we decided to include a brief factoid about the health benefits of playing sport for women that would challenge some perceived gender stereotypes while highlighting its benefits. Further, she suggested we needed to be aware that for some women, getting involved would be dangerous, due to high rates of domestic and family violence in the region.⁸¹ In response, we included contact information for local and accessible family support services.

Symons advised that the best way to get stories across would be to use plain accessible language to support the project's goals. Therefore, I employed simple but engaging language to tell the stories of these women and their countries and, where possible, used active voice to encourage a connection between story and reader. Another crucial aspect of crafting the stories was framing – ensuring the language was not entirely individualistic, but rather emphasised the women's contributions to their wider communities as well to reflect cultural precepts and appease

⁷⁹ See SOLOMON ISLANDS FOOTBALL FEDERATION. News.

⁸⁰ SYMONS. How the AFLW fan space has created new fan narratives in alternative storytelling.

⁸¹ UN WOMEN. Gender equality brief for 14 Pacific Island countries and territories.

gatekeepers. While the content of the posters is fairly straightforward and non-confrontational, the purposeful emphasis on creating role models for women through sharing stories and achievements, as well as easing gatekeeper concerns, ultimately contributes to the project's aim of encouraging women's participation in football and sharing the rich history of the sport.

The highlight of the project for me was being able to see a real-world application for research and my creative writing skills – working towards something to assist in improving women's equality on the ground and encouraging them to pursue something they love. It was incredibly beneficial, engaging, and career-affirming to be involved in a project looking to close the feedback loop and attempting to make an academic resource more accessible at a grassroots level. Kylie pointed this out as a key research area for future work in the Pacific Islands, suggesting more projects like this in the future could begin making a difference. Although this project focused on creating a proof of concept, we hope to be able to continue to work with OFC and UN Women, consult with local groups to see what we could do that would benefit them, and begin working towards practical solutions for the Pacific Island communities.

Samoa and Tahiti

The project's preparation phase began on December 13, 2022. The team had its first meeting on January 9, 2023, where we exchanged introductions and conducted the first of four weekly interviews. Interviewees included Yoko Kanemasu and Kasey Symons, co-authors of the project's primary resource, *Women's football in Oceania*; Vikki Schaffer, a champion for Sustainable Development Goals (SDGs) at the University of the Sunshine Coast; and Kylie Bates, UN Women Sports Specialist. Discussing each interviewee's experience working within their respective fields served as a foundation for our research moving forward and afforded us the ability to ask questions about specific elements of our research. More specifically, interviews provided insight and advised us what information could be added to benefit our research outputs and things to remain conscious of while gathering data. For example, because we were encouraging women and girls to get involved with

football, we needed to also provide information that could assist them in times of crisis. This meant finding and including links to local support services, so they had access to resources for any issues that arose due to their participation. Following the first meeting and interview, each intern researched one of the sub-regions of Oceania: Polynesia, Melanesia, and Micronesia and gave a short presentation to inform the rest of the team. This ensured that we had a base-level understanding of each region's history and cultures so that we could be cautious about what information to include or exclude, according to certain sensitivities. Presentations accommodated a broad range of information pertaining to each sub-region, covering topics from cultural customs and history to local cuisine and activities.

Following the presentations, we began developing posters as our proof of concept. Firstly, we selected six countries: Solomon Islands, Samoa, Fiji, Papua New Guinea, Tonga and Tahiti. I selected Samoa and Tahiti for inclusion due to the early stages of their development in the sport. I felt that the lack of championship wins, or gold medals, in popular events like the OFC Women's Nations Cup or the Pacific Games was a sign that these areas deserved more attention and that inspiring women and girls to participate in any way could benefit everyone concerned. Then we searched for women involved in the sport, either as players or working behind the scenes, and began writing 'Star stories'. These were short biographies that consolidated and presented the history and achievements of the women selected. I chose Sarai Bareman as the star story for Samoa's proof of concept. I felt that Sarai's history as both a player for Samoa's national women's team and her accomplishments as Chief Women's Football Officer for FIFA would make her an ideal role model and showcase the opportunities football provides on and off the pitch. And I selected Kiani Wong for Tahiti due to her early academic journey and as a player for Tahiti's national women's team. Kiani travelled to France where she studied for her bachelor's degree in art history while also pursuing her dream of playing football, so I felt that her story would inspire young women to follow their dreams in a similar way.

Following the completion of the star stories, a brief timeline and summary of the development of women's football in each country were written, to articulate how the sport had progressed over time. At this point, we received some notable

feedback from Kylie Bates, who suggested the inclusion of local support links and information. This was added to each poster during second drafts. Although the posters were completed, the research and the process of finding information came with a few noticeable difficulties.

The most obvious difficulty was the challenge of finding information pertinent to women who were not at the 'top of the game'. While the book used as the project's primary resource⁸² contained a large portion of the necessary information, the absence of information outside the resource became clear when we needed to search for dates, images, WDO contact information and local support services. My first star story, Sarai Bareman, was relatively easy to write and learn about due to her status in the sport as a professional player on Samoa's national team and behind the scenes working for FIFA as Chief Women's Football Officer. Tahiti's Kiani Wong, on the other hand, was much more difficult to research. While she has accomplished a lot on and off the pitch, playing for Tahiti's national women's team and as an ambassador for the OFC, I was only able to find the information posted on the OFC's website reposted elsewhere and a few news articles about her education in France.

This became a theme, as the same difficulties carried over to teams and federations. There was also a substantial challenge in finding images for the posters. While local football federations occasionally posted images as a part of attached news sections, to find more specific and less commercialised images, I often found myself on social media sites such as Twitter or Facebook, using images shared by players and administration on their own accounts. While it is clear from the project's primary resource that the information is out there, the difficulties we faced, as a group of practising researchers, indicate that it should be made more available and accessible to increase the exposure of the sport.

One of the skills I developed during this project was the use of my browser's translate option. Given that many of the websites containing information I needed were foreign, I found myself navigating translated pages. This was an issue because some mistranslated pronouns into English, thereby incorrectly gendering the

⁸² MCGOWAN; SYMONS; KANEMASU. *Women's football in Oceania*.

people I was researching. This happened more than expected, particularly with Kiani due to Tahiti's French heritage. The same can be said for when I was looking for specific information on the women's game, only to find the use of 'he/him' pronouns which prompted me to double check that the article or website I was reading was about the women's teams. Due to this mistranslation, some of the information I found ended up being removed as it was exclusively pertinent to the men's team. For example, the Tahitian men's team played in the Pacific Games long before the women's team was founded, so ascertaining the precise date the women's team began playing was especially difficult when the translations were unreliable. In the end, the only way I could be sure what I had found was the correct information was to research both the men's and women's teams and ensure that the dates were not being mixed and players were not being incorrectly gendered. A lot of extra effort was required to confirm something as simple as a date or timeline.

As someone with little knowledge of football and whose Australian culture rarely emphasises the value of the sport outside global events, the complexities of the ranking system as well as game-specific terminology often made it difficult to understand what the information was about, and whether it was positive or negative. For example, not knowing the meaning of 'caps' in regard to a player's on-field history caused some confusion about the contextual placement of information in the star stories/biographies. Was being capped a good thing? And should it be included in a player or ex-player's biography. This also applies to the scoring system, or goals, and the structure of tournaments. For example, many teams often make it as far as the 'group stage' in tournaments like the Pacific Games or the OFC Women's Nations Cup. In order to understand the value of this information, I needed to develop my understanding of the sport, to determine whether making it to the group stage was worth drawing attention to.

Experiences working on the 'women's football in Oceania' project varied from adventures in learning and curiosity when researching the histories of football icons and their cultures, to a frustrated and meticulous expedition for information. Where general information about the players and local cultures was easy enough to find, specific details about the sport, like dates or visuals and photos of the team and individual players, often required further attention. Resorting to sources like

Facebook and Twitter for information and images of adequate quality was unconventional but ended up being necessary to fill the gaps left by news articles and other, more traditional, online resources.

Fiji

The ongoing commodification of sport and its high performing participants means elite male athletes are celebrated,⁸³ especially in sports that are entwined with national identity. Fiji, for example, prides itself on being a rugby union country and reveres its national team, the Drua, as modern-day warriors named for the naval warships sent into battle.⁸⁴ There is, however, a disconnection between this sense of national pride, and community attitudes towards female athletes that impedes female participation in sport at all levels, from grassroots through to elite national representative teams.⁸⁵ Focusing exclusively on football and the obstacles to female participation in the Oceania region, we decided to create community resources for dissemination to encourage more women to participate in football, and to also address the obstacles preventing them. Specifically, we decided to develop 'Star stories' wherein a Pacific Islander woman has succeeded in football, as a player, official or administrator. Speaking to Kylie Bates from UN Women was beneficial in this area as she highlighted the importance of including a story that showed what it was like to succeed from the perspective of a local Pacific Islander who had already done so. As Kylie said in our meeting, "If you can see it, you can be it." As a group, we decided to develop resources for countries from Melanesia, Polynesia, and/or Micronesia with success in football already, such as Papua New Guinea, or success in other sports, like Tonga and Samoa with rugby league. I am a rugby union player married into an Indigenous iTaukei Fijian family and have seen how celebrated male rugby players are, and so chose to develop the resource for Fiji women's football because I hope that increased acceptance of female athletes in one male dominated sport, like football, improves life for those in another, like rugby.

⁸³ VAMPLEW. The commodification of sport.

⁸⁴ FIJIAN DRUA RUGBY. About us.

⁸⁵ KANEMASU; MOLNAR. Problematizing the dominant.

During the research stage, I looked specifically for a person to celebrate that had formed a football career beyond playing. While searching through Facebook articles on the FFA page, I noticed a trend of negative commentary on certain posts celebrating female athletes and their championship wins, usually speculating on the athlete's sexual orientation, abilities, or the perceived degradation of traditional womanly behaviour. As these public opinions of sportswomen were quite negative, I wanted to find someone from the National Women's Team (affectionately known as the 'Kulas', also the name of the national bird of Fiji) who was in an undeniable position of power during a football match. In *Women's football in Oceania* I discovered Naomi Waqanidrola, the first female coach of a men's team in the Fiji Men's Premier League, and referee Jemaima Rao, the first woman to referee a men's Premier League match and used their names as keywords to find others. However, this did prove difficult, as there is no dedicated women's football page for Fiji. I searched Naomi's name on the *Fiji Sun* news website, and instead found Sofi Diyalowai, who was a great fit for the project. She has appeared in more international matches than any other woman in Fiji football history, has played on the women's national team for a decade and in 2020 qualified to referee the OFC Championships. Sofi recognises that her position is controversial to members of her community and uses her faith to validate her participation: "A lot of people I know didn't like the fact that I took up the sport because it is regarded as a men's sport. But I knew God gave me this talent, so I turned a deaf ear to all the critics".⁸⁶ She also is in the process of transitioning from player to full time referee and mentor, hoping to empower the next generation of female footballers.⁸⁷

The biggest obstacle I found in researching the Fijian women football players was the absence of news articles celebrating individuals who are born in Fiji. Trina Davis, for example, is a national representative born in the USA to an Indo-Fijian parent, who had some articles as she has played at the college level. While there were plenty of images available to choose from at a grassroots level as the OFC *Just Play* program was advertised on the FFA Facebook page with online photo album for each event, establishing a timeline was slightly more difficult. There was a list of

⁸⁶ MATAIRAKULA. Diyalowai proves critics wrong.

⁸⁷ MATAIRAKULA. Diyalowai proves critics wrong.

results for previous competitions the Kulas had participated in available on Wikipedia, but these needed to be cross checked against each competition (OFC WNC, Pacific Games, Youth Olympics, FIFA, etc.) for accuracy regarding the dates and locations. The timeline for younger grades, such as the Under-20 and Under-16 teams were very light on information due to large periods of no participation.

Academia by nature objectively sits above what it aims to describe, and the methodology used in developing this project is different in that it is using academia to inform the communities that the research involves instead of just looking at the situation and reporting findings to other academic sources. The research surrounding women in sports clearly describes a culture wherein female athleticism is not celebrated as it is in Anglophonic countries.⁸⁸ There is evidence that women are already wanting to participate in sports,⁸⁹ but the obstacles preventing them are often the result of misinformation or a lack of education surrounding wellbeing such as a fear of damaging reproductive systems through contact sports,⁹⁰ that sports would encourage women to defy heteronormative expectations,⁹¹ or that participants would experience abuse at practice or games from the broader community⁹². Our interviews with stakeholders provided invaluable information and insights into the intricacies of the communities I was working for, as well as offering important nuances surrounding language, community opinions and the purpose of the research. When choosing a writing approach, I chose to follow Yoko Kanemasu's advice: it was necessary to be tactful, using language and examples that not only aim to inspire future participants, but also to satiate the concerns of potential gatekeepers. We also opted to include contact details for crisis centres and domestic violence hotlines on the resources due to the real danger women faced playing football and to further support the local women.

Participating in this project enabled me to develop research skills and improve my creative writing. Creative non-fiction is a genre that gives me true joy to write, so this project was very entertaining and educational. It also gave me the

⁸⁸ LIU. Women, sport and exercise in the Asia-Pacific region.

⁸⁹ SUGDEN; KANEMASU; ADAIR. Indo-Fijian women and sportive activity.

⁹⁰ KANEMASU; JOHNSON. Exploring the complexities of community attitudes towards women's rugby.

⁹¹ SUGDEN; KANEMASU; ADAIR. Indo-Fijian women and sportive activity.

⁹² KANEMASU. Fissures in gendered nationalism.

opportunity to possibly enact change in a place that is special to me, and to champion and celebrate women and their resilience, accomplishments, and successes.

Final remarks

One of the highlights of the overall experience surrounding this paper are the advantages that the formation of the community of practice around football could offer to those involved. This seems to be especially true with regard to the students who had the opportunity to write about their experiences in the group and share them in this text. Considering their words, the educational, cultural and identity benefits, for example, are clear. They recognize the positive outcomes of their participation in the group by mentioning the development of certain skills, such as those aimed at solving problems typical of academic research; the acquired knowledge about other cultures, alongside the necessary reflection on the most adequate strategies to respectfully approach them; and some reinforcement of their academic and professional choices and goals, a reinforcement that gains more weight when they see themselves as able to incorporate the possibility of both contemplating their own tastes and interests and creating an impact outside the university.

Overseen by a common advisor, the students who either drove part of the production of the article – Arthur Passos – or directed the realisation of the women’s football in Oceania creative project – Amanda Fiedler – also recognise the benefits of such experiences for their academic and professional training. In this process, they were able to improve and or develop new skills, connect with people and materials directly or indirectly related to their research interests, and produce resources that will be useful for continuing their careers in academia, or elsewhere. Among such skills, people, materials and resources, it is worth mentioning the ability to work as a team and help students in higher education, the expansion of both their knowledge and experiences around football and creative writing and their network of contacts, at the university and beyond, and the joint development of this article to a significant extent.

The impact of academic work on women’s football in Oceania, which the project and article are only part of, still needs to be measured. This is due, above all,

to the recent nature of this effort on the part of the other members of the group, Yoko Kanemasu, Kasey Symons and Lee McGowan, who provided the collective basis for the realisation of this article and the creative community resources, through their extensive research on the subject and their continuous assistance towards the whole group. We must note the creative resources produced by students and intended for the football communities of Fiji, Samoa and Solomon Islands, are at the proof-of-concept stage and have not been published as yet. Nevertheless, considering what has already been done and what can still be done, we believe that the collaborative efforts of people from within the university, and those outside of academia, such as members of the OFC, can provide valuable support for women’s football in the region.

* * *

Acknowledgements

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001. We also acknowledge the Oceania Football Confederation (OFC) for their support in the project, and the Australian Centre for Pacific Islands Research (ACPIR) for funding the summer internship project.

* * *

REFERENCES

AITCHISON, Claire. Learning from multiple voices: feedback and authority in doctoral writing groups. In: AITCHISON, Claire; GUERIN, Cally (ed). **Writing groups for doctoral education and beyond: innovations in practice and theory**. New York: Routledge, 2014, p. 51-64.

BATTY, Craig *et al.* Mapping the emotional journey of the doctoral ‘hero’: challenges faced and breakthroughs made by creative arts and humanities candidates. **Arts and Humanities in Higher Education**, v. 19, n. 4, p. 354-376, 2019.

- BATTY, Craig; SINCLAIR, Jennifer. Peer-to-peer learning in the higher education degree by research context: a creative writing case study. **New Writing: The International Journal for the Practice and Theory of Creative Writing**, v. 11, n. 3, p. 335-346, 2014.
- BRIDGEWATER, Sue. Women and football. In: CHADWICK, Simon *et al.* (ed). **Routledge handbook of football business and management**. London: Routledge, 2018, p. 351-365.
- BRUCE, Toni. **Terra Ludus**: a novel about media, gender and sport. Rotterdam: Sense Publishers, 2016.
- BYRNE, Helena. Where are we now?: a review of research on the history of women's soccer in Ireland. **Sport in History**, v. 39, n. 3, p. 166-186, 2019.
- CERE, Rinella. "Forever ultras": female football support in Italy. In: TOFFOLETTI, Kim; MEWETT, Peter (ed.). **Sport and its female fans**. New York: Routledge, 2012, p. 61-75.
- CERE, Rinella. "Witches of our age": women ultras, Italian football and the media. **Sport in Society**, v. 5, n. 3, p. 166-188, 2010.
- CHANG, Heewon. **Autoethnography as method**. Oakland: Left Coast Press, 2008.
- COX, Barbara; THOMPSON, Shona. From heydays to struggles: women's soccer in New Zealand. **Soccer & Society**, v. 4, n. 2-3, p. 205-224, 2006.
- CRAWFORD, Fiona; MCGOWAN, Lee. **Never say die**: the hundred-year overnight success of Australian women's football. Sydney: UNSW Press Ltd., 2019.
- CULVIN, Alex. Football as work: the lived realities of professional women footballers in England. **Managing Sport and Leisure**, p. 1-14, 30 July 2021.
- CULVIN, Alex. **Football as work**: the new realities of professional women footballers in England. Doctoral dissertation, School of Sport and Wellbeing, University of Central Lancashire, Preston, 2019.
- DOUGLAS, Bronwen. Christian citizens: women and negotiations of modernity in Vanuatu. **The Contemporary Pacific**, v. 14, n. 1, p. 1-38, 1 Jan. 2002.
- DUNN, Carrie. **Football and the Women's World Cup**: organisation, media and fandom. London: Palgrave Macmillan, 2016.
- ELSEY, Brenda; NADEL, Joshua. **Futbolera**: a history of women and sports in Latin America. Austin: University of Texas Press, 2019.
- ERHART, Itir. Ladies of Besiktas: a dismantling of male hegemony at İnönü Stadium. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 48, n. 1, p. 83-98, 10 Nov. 2011.
- FERGUSON, Therese. The "write" skills and more: a thesis writing group for doctoral students. **Journal of Geography in Higher Education**, v. 33, n. 2, p. 285-297, 2009.
- FIJI BUREAU OF STATISTICS. Census of population and housing. n.d. Available at: <https://bit.ly/44j0Ahl>. Access on: 17 Mar. 2023.

FIJIAN DRUA RUGBY. About us. 2022. Available at: <https://drua.rugby/about>. Access on: 17 Mar. 2023.

GRAINEY, Tim. **Beyond Bend it like Beckham: the global phenomenon of women's soccer**. Lincoln: University of Nebraska Press, 2012.

HAAN, Donna de; KNOPPERS, Annelies. Gendered discourses in coaching high-performance sport. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 55, n. 6, p. 631-646, 17 Feb. 2019.

HAYTER, Mark; WATSON, Roger. Supervisors are morally obliged to publish with their PhD students: objections to co-authorship with juniors display a misguided sense of ethics, say Mark Hayter and Roger Watson. **Times Higher Education**, n. 1., 18 May 2017.

HONG, Fan; MANGAN, James Anthony (ed.). **Soccer, women, sexual liberation: kicking off a new era**. London: Frank Cass Publishers, 2004.

JAKUBOWSKA, Honorata; ANTONOWICZ, Dominik; KOSSAKOWSKI, Radoslaw. **Female fans, gender relations and football fandom: challenging the brotherhood culture**. Abingdon; New York: Routledge, 2020.

JOLLY, Margaret. Imagining Oceania: Indigenous and foreign representations of a sea of islands. **The Contemporary Pacific**, v. 19, n. 2, p. 508-545, 2007.

KANEMASU, Yoko. Fissures in gendered nationalism: the rise of women's rugby in Fiji. **National Identities**, p. 1-16, 18 Oct. 2022.

KANEMASU, Yoko. Going it alone and strong: athletic Indo-Fijian women and everyday resistance. In: MOLNAR, Gyozo; AMIN, Sara N., KANEMASU, Yoko (ed). **Women, sport and exercise in the Asia-Pacific region: domination, resistance, accommodation**. London: Routledge, 2019, p. 92-110.

KANEMASU, Yoko. **Staking their claim: Pacific Island women and contested sporting spaces**. London: Routledge, 2023.

KANEMASU, Yoko; JOHNSON, James. Exploring the complexities of community attitudes towards women's rugby: multiplicity, continuity and change in Fiji's hegemonic rugby discourse. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 54, n. 1, p. 86-103, 2017.

KANEMASU, Yoko; JOHNSON, James; MOLNAR, Gyozo. Fiji's women rugby players: finding motivation in a 'hostile' environment. In: MOLNAR, Gyozo; AMIN, Sara; KANEMASU, Yoko (ed). **Women, sport and exercise in the Asia-Pacific region: domination, resistance, accommodation**. London: Routledge, 2019, p. 141-158.

KANEMASU, Yoko; MOLNAR, Gyozo. Problematizing the dominant: the emergence of alternative cultural voices in Fiji rugby. **Asia Pacific Journal of Sport and Social Science**, v. 2, n. 1, p. 14-30, 28 May 2013.

KNOPPERS, Annelies *et al.* Elite women coaches negotiating and resisting power in football. **Gender, Work & Organization**, v. 29, n. 3, p. 1-17, 2021.

KNOPPERS, Annelies; HAAN, Donna de. Transnational coaches: a critical exploration of intersections of race/ethnicity and gender. In: BRADBURY, Steven;

LUSTED, Jim; STERKENBURG, J. van (ed.). **'Race', ethnicity and racism in sports coaching**. London: Routledge, 2020, p. 160-176.

KRAUTH, Nigel; BOWMAN, Chris; FRASER, Zoe. The exegesis and co-authorship: collaboration between supervisors and research students. **TEXT: Journal of Writing and Writing Courses**, v. 12, Special Issue 44, p. 1-14, 2017.

LATAI, Latu. Changing covenants in Samoa? From brothers and sisters to husbands and wives? **Oceania**, v. 85, n. 1, p. 92-104, 2015.

LAVE, Jean; WENGER, Etienne. **Situated learning: legitimate peripheral participation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

LENNEIS, Verena; PFISTER, Gertrud. Gender constructions and negotiations of female football fans: a case study in Denmark. **European Journal for Sport and Society**, v. 12, n. 2, p. 157-185, 2016.

LIU, Sixi. Women, sport and exercise in the Asia-Pacific region: domination, resistance, accommodation. **The International Journal of the History of Sport**, v. 37, n. 17, p. 1904-1906, 2021.

LOPEZ, Sue. **Women on the ball: a guide to women's soccer**. London: Scarlet Press, 1997.

MACBETH, Jessica. The development of women's football in Scotland. **The Sports Historian**, v. 22, n. 2, p. 149-163, 2009.

MACINTYRE, Martha; SPARK, Ceridwen (ed). **Transformations of gender in Melanesia**. ANU Press, 2017.

MAGEE, Jonathan *et al.* (ed.). **Women, football and Europe: histories, equity and experiences**. Oxford: Myer & Myer Sport, 2007.

MAHER, Damian *et al.* "Becoming and being writers": the experiences of doctoral students in writing groups. **Studies in Continuing Education**, v. 30, n. 3, p. 263-275, 2008.

MATAIRAKULA, Talei. Diyalowai proves critics wrong. **Fiji Broadcasting Corporation**, Suva, 2022.

MCGINN, Heather *et al.* Introducing Showpony: an inclusive space for cross-arts performance and connection. **TEXT: Journal of Writing and Writing Courses**, v. 24, Special Issue 59, p. 1-12, 2020.

MCGOWAN, Lee; SYMONS, Kasey; KANEMASU, Yoko. **Women's football in Oceania**. London: Routledge, 2024.

MCGOWAN, Lee; PHILP, Alex; JEFFERY, Ella. Introduction. **TEXT: Journal of Writing and Writing Courses**, v. 24, Special Issue 59, p. 1-6, 2020.

MCPARLAND, Shellie. Autoethnography: forging a new direction in feminist sport history. **Journal of Sport History**, v. 39, n. 3, p. 473-478, 2012.

MEWBURN, Inger; OSBORNE, Lindy; CALDWELL, Glenda. Shut up & write!: some surprising uses of cafes and crowds in doctoral writing. In: AITCHISON, Claire; GUERIN, Cally (ed). **Writing groups for doctoral education and beyond: innovations in practice and theory**. New York: Routledge, 2014, p. 218-232.

MILLIGAN, Colin; LITTLEJOHN, Allison; MARGARYAN, Anoush. Workplace learning in informal networks. **Journal of Interactive Media in Education**, v. 1, n. 6, p. 1-11, 2014.

MINTERT, Svenja-Maria; PFISTER, Gertrud. The female Vikings, a women's fan group in Denmark: formation and development in the context of football and fan histories. **The International Journal of the History of Sport**, v. 31, n. 13, p. 1.639-1.655, 2014.

MOINGEON, Bertrand *et al.* Inter-organizational communities of practice: specificities and stakes. **HEC Research Papers Series 857**, p. 1-16, 2006.

NARAWA, Emoni. Suva keen to defend IDC. **Fiji Sun**, Suva, 2008.

NASH, Meredith. Gender on the ropes: an autoethnographic account of boxing in Tasmania, Australia. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 52, n. 6, p. 734-750, 2015.

OCEANIA FOOTBALL CONFEDERATION. OFC Member Associations. n.d.a. Available at: <https://bit.ly/3rnPSHK>. Access: 17 mar. 2023.

OCEANIA FOOTBALL CONFEDERATION. Just Play. n.d.b. Available at: <https://bit.ly/3DbpV0A>. Access on: 17 mar. 2023.

PAUGA, Angela Lafaialli. International football and motherhood: Samoa leads the way for the Pacific. **Football Federation Samoa**, Apia, 2022.

PFISTER, Gertrud; MINTERT, Svenja-Maria; LENNEIS, Verena. "One is not born, but rather becomes a fan": the socialization of female football fans – a case study in Denmark. In: PFISTER, Gertrud; POPE, Stacey (ed.). **Female football players and fans: intruding into a man's world**. London: Palgrave Macmillan, 2018, p. 211-240.

PFISTER, Gertrud; POPE, Stacey (ed.). **Female football players and fans: intruding into a man's world**. London: Palgrave Macmillan, 2018.

PHILP, Alex; JEFFERY, Ella; MCGOWAN, Lee. Collaboration and its discontents: considerations for creative writing HDR students collaborating on traditional research outputs. **TEXT: Journal of writing and writing courses**, v. 24, Special Issue 59, p. 1-18, 2020.

PIELICHATY, Hanya. **Football, family, gender and identity: the football self**. Abingdon; New York: Routledge, 2021.

POPE, Stacey. Female football fans and gender performance. In: HARGREAVES, Jennifer; ANDERSON, Eric (ed.). **Routledge handbook of sport, gender and sexuality**. Abingdon; New York: Routledge, 2014, p. 265-273.

POPE, Stacey. Female fans of men's football. In: HUGHSON, John *et al.* (ed.). **Routledge handbook of football studies**. Abingdon; New York: Routledge, 2016, p. 325-336.

POPE, Stacey. "Like pulling down Durham Cathedral and building a brothel": women as "new consumer" fans?. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 46, n. 4, p. 471-487, 2011.

POPE, Stacey. **The feminization of sports fandom: a sociological study**. New York; Abingdon: Routledge, 2017.

POPE, Stacey. "The love of my life": the meaning and importance of sport for female fans. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 37, n. 2, p. 176-195, 2012.

POPE, Stacey. "Who could name an England women's footballer?": female fans of men's football and their views of women's football in England. In: PFISTER, Gertrud; POPE, Stacey (ed.). **Female football players and fans: intruding into a man's world**. London: Palgrave Macmillan, 2018, p. 125-153.

POPE, Stacey; WILLIAMS, John. A socio-historical account of female experiences of football's golden age in England. In: PFISTER, Gertrud; POPE, Stacey (ed.). **Female football players and fans: intruding into a man's world**. London: Palgrave Macmillan, 2018, p. 157-184.

POPE, Stacey; WILLIAMS, John. "White shoes to a football match!": female experiences of football's golden age in England. **Transformative Works and Cultures**, n. 6, 2011.

PRUDHOMME-PONCET, Laurence. **Histoire du football féminin au XXe siècle**. Paris: L'Harmattan, 2003.

RATUVA, Anasilini. Fiji Football launches Just Play. **Fiji Sun**, Suva, 2011.

RICHARDS, Jessica. "Which player do you fancy then?": locating the female ethnographer in the field of the sociology of sport of ethnography. **Soccer & Society**, v. 16, n. 2-3, p. 393-404, 2014.

ROBERTS, Joanne. Limits to communities of practice. **Journal of Management Studies**, v. 43, n. 3, p. 623-639, 2006.

SKILLEN, Fiona *et al.* "The game of football is quite unsuitable for females and ought not to be encouraged": a comparative analysis of the 1921 English football association ban on women's football in Britain and Ireland. **Sport in History**, v. 42, n. 1, p. 49-75, 2022.

SOLOMON ISLANDS FOOTBALL FEDERATION. News. 2023. Available at: <https://www.siff.com.sb/news/>. Access on: 23 Feb. 2023.

STELL, Marion K.; REID, Heather. **Women in boots: football and feminism in the 1970s**. Melbourne: Australian Scholarly Publishing, 2020.

STRACKE, Elke. Undertaking the journey together: peer learning for a successful and enjoyable PhD experience. **Journal of University Teaching and Learning Practice**, v. 7, n. 1, p. 111-121, 2010.

SUGDEN, Jack Thomas. Sport and ethno-racial formation: imagined distance in Fiji. **Sport in Society**, v. 24, n. 6, p. 847-866, 2021.

SUGDEN, Jack Thomas. **Sport and integration: an exploration of group identity and intergroup relations in Fiji**. PhD thesis, University of Technology, Sydney, 2017.

SUGDEN, Jack Thomas; KANEMASU, Yoko; ADAIR, Daryl. Indo-Fijian women and sportive activity: a critical race feminism approach. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 55, n. 6, p. 767-787, 2019.

SYMONS, Kasey. How the AFLW fan space has created new fan narratives in alternative storytelling. **TEXT: Journal of writing and writing courses**, v. 26, Special Issue 67, p. 1-12, 2022.

THORP, Taylor. She shoots, and she scores: women and sports in Samoa. Independent **Study Project (ISP) Collection**: 1822, 2014.

UN WOMEN. Gender equality brief for 14 Pacific Island countries and territories. 2022. Available at: <https://bit.ly/3D93Cc1>. Access on: 17 Mar. 2023.

VAMPLEY, Wray. The commodification of sport: exploring the nature of the sports product. **International Journal of the History of Sport**, v. 35, n. 7-8, p. 659-672, 2019.

VAN, Jax Tran. Revamp and expansion for 2021 WPL. **Pasifika Sisters**, 2021.

WENGER, Etienne. **Communities of practice**: learning, meaning, and identity. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

WENGER, Etienne. Communities of practice and social learning systems. **Organization**, v. 7, n. 2, p. 225-246, 2000.

WENGER, Etienne C.; SNYDER, William M. Communities of practice: the organizational frontier. **Harvard Business Review**, v. 78, n. 1, p. 139-145, 2000.

WENGER-TRAYNER, Etienne; WENGER-TRAYNER, Beverly. An introduction to communities of practice: a brief overview of the concept and its uses, 2015. Available at: <https://bit.ly/3PTglan>. Access on: 17 Mar 2023.

WILLIAMS, Jean. **A game for rough girls?: a history of women's football in Britain**. London; New York: Routledge, 2003.

WILLIAMS, Jean. Standing on honeyball's shoulders: a history of independent women's football clubs in England. In: ELSEY, Brenda; PUGLIESE, Stanislaw G. (ed.). **Football and the boundaries of history**: critical studies in soccer. Hempstead; London: Hofstra University; Palgrave Macmillan, 2017, p. 227-245.

WILLIAMS, Jean. Waltzing the Matildas. In: WILLIAMS, Jean. **A beautiful game**: international perspectives on women's football. Oxford; Rhode Island: Berg Publishers, 2007, p. 157-176.

* * *

Recebido em: 19 mar. 2023.

Aprovado em: 11 jul. 2023.

Práticas corporais, masculinidades e homoerotismo: diálogos entre Educação Física e Arte Contemporânea

Body practices, masculinities and homoeroticism:
dialogues between Physical Education and Contemporary Art

Fabiano Devidé

Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, Brasil.
Doutorado em Educação Física e Cultura, UGF
fabianodevide@uol.com.br

RESUMO: Este estudo estabelece um diálogo entre os campos da Educação Física e da Arte Contemporânea. Tem por objetivo analisar e interpretar as relações entre práticas corporais e masculinidades, a partir da análise da série de fotografia *Beach Triptychs*, de Alair Gomes, na qual as práticas corporais se destacam e emergem referências à Arte Clássica, à religião e ao homoerotismo. Partindo dos estudos das masculinidades, analisamos as fotografias através da intercessão entre obra, artista, contexto histórico e Arte Contemporânea, além de considerarmos as noções de série, intertextualidade, enquadramento e dos espaços. A referida série amplia o olhar sobre a corporeidade masculina que se transformava nas praias do Rio de Janeiro, a partir do processo de subjetivação produzido pelo artista, que registrou um corpo masculino em ação corporal, tanto expressando virilidade e força, quanto desejo, tatilidade, intimidade e homoerotismo, esgarçando limites da heteronormatividade compulsória.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidades; Homoerotismo; Arte Contemporânea; Práticas corporais; Gênero.

ABSTRACT: This study establishes a dialogue between the fields of Physical Education and Contemporary Art. It aims to analyze and interpret the relationships between body practices and masculinities, from the analysis of the serie *Beach Triptychs*, by Alair Gomes, in which body practices stand out and emerge references to Classical Art, religion and homoeroticism. Starting from the Studies of Masculinities, we analyze the photographs from the intercession between work, artist, historical context and, Contemporary Art, besides considering the meanings of framing, series, intertextuality, and the spaces. This serie broadens the view on the male corporeity that was transformed on the beaches of Rio de Janeiro, from the process of subjectivation produced by the artist, who recorded a male body in action that both, expresses virility and strength, as well as desire, tactility, intimacy and homoeroticism, squeaking limits of compulsory heteronormivity.

KEYWORDS: Gender; Contemporary art; Masculinities; Homoeroticism; Body practices.

INTRODUÇÃO

Este estudo emergiu de nossa proximidade com os campos da História do Esporte e das Artes Visuais, atravessados pelos estudos das masculinidades,¹ constituindo-se num recorte da pesquisa de pós-doutorado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História Comparada, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.² O objetivo foi analisar e interpretar as relações entre práticas corporais e as masculinidades, a partir da série fotográfica *Beach Triptychs*, produzida pelo artista Alair Gomes (1921-1992) na década de 1980, depositada na “Coleção Alair Gomes”,³ na Fundação Biblioteca Nacional (FBN). Nesta série, as práticas corporais se destacam com referências à Arte Clássica, à religião e ao homoerotismo.⁴ No catálogo da exposição individual “Alair Gomes, muito prazer”, a FBN afirma que os documentos que compõem a coleção refletem a ampla formação do artista, convidando a estudos sobre temas diversos, entre os quais o erotismo, pelo acervo apresentar a percepção de Alair Gomes sobre “o cenário da arte contemporânea brasileira, cultura urbana, *sociabilidade homoerótica* e vida intelectual carioca”.⁵

Alair Gomes é um dos maiores nomes da fotografia contemporânea brasileira, produzida na segunda metade do século XX. O artista produziu escritos científicos, literários e artísticos por cinquenta anos, além dos vinte e seis anos que se dedicou à fotografia, com obra pioneira na fotografia homoerótica. O artista formou-

¹ CONNELL. Políticas de masculinidade. CONNELL. *The men and the boys*. CONNELL. *Masculinidades*. CONNELL; MESSERSCHMIDT. Masculinidade hegemônica. ANDERSON. *In the game*. ANDERSON. Orthodox and inclusive masculinities. ANDERSON. *Inclusive masculinities*.

² Por esta pesquisa se debruçar sobre a obra fotográfica de Alair Gomes, especificamente três de suas extensas séries fotográficas, recortes desta investigação relacionados às séries *Esportes* e *Sonatinas*, *Four Feet* foram publicados em outros periódicos. DEVIDE. Arte contemporânea, esportes e masculinidades: um diálogo com a obra de Alair Gomes. DEVIDE. Masculinidades e práticas corporais na obra de Alair Gomes: a série *Sonatinas*, *four feet*.

³ Esta coleção constitui um acervo, que reúne parte expressiva da produção deste artista contemporâneo: 16 mil imagens, 150 mil negativos, *prints*, manuscritos sobre suas atividades profissionais, tais como correspondências, planos de aula, jornais, diários íntimos, postais e estudos multidisciplinares. Sob os cuidados de Maurício Bentes e Celeida Tostes, a documentação integrou o setor de iconografia da FBN em 1994, sendo complementada com seus escritos originais em 2004, por doação de sua irmã, Aíla Gomes. FBN. *Alair Gomes: muito prazer*.

⁴ Utilizamos o termo homoerotismo no sentido conferido por Jurandir Freire Costa, que o reconhece como uma noção mais ampla para descrever a pluralidade de práticas sociais e desejos dos homens orientados para o mesmo sexo. Um conceito referente às possibilidades de homens sentirem atrações eróticas ou se relacionarem fisicamente com outros homens. Tal conceito é corroborado por Wilton Garcia, enquanto categoria crítica que auxilia na construção da noção de homoarte. COSTA. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. GARCIA. *Homoerotismo & imagem no Brasil*. GARCIA. Arte homoerótica no Brasil.

⁵ FBN. *Alair Gomes*, p. 5, grifos nossos.

se pela Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil (1939-1944). Como intelectual, passou a produzir escritos na década de 1940, como “Drôle de foi”, marcado pela revisão de sua religiosidade, o desejo de aproximação com a Arte, o conflito da escolha profissional, a percepção da beleza como ponto de sua relação com o mundo, a latência do homoerotismo, a culpa religiosa em admiti-lo, e a busca por uma “verdade pessoal”.⁶ O artista abandonou a profissão com poucos anos de atuação, aproximando-se definitivamente da Arte.⁷ Entre 1950-1960, o artista autodidata, “intelectual raro, cuja formação transdisciplinar deu densidade a sua arte”,⁸ passou a se debruçar sobre outras áreas – História e a Crítica de Arte, Filosofia da Ciência, Mitologia, Antropologia, Estética, Física, Matemática, Lógica, Biologia, Neuropsicologia e Neurociência;⁹ além da Literatura, do Cinema e da Música, essas últimas, áreas de grande interesse, que influenciaram a sua obra.

No campo acadêmico, Alair Gomes dedicou-se à Filosofia da Ciência de forma autodidata. Sua produção científica gerou o convite de Carlos Chagas Filho para que, em 1958, integrasse o Instituto de Biofísica da Universidade do Brasil, como professor e pesquisador, espaço no qual conquistou uma bolsa Guggenheim na categoria “História da Ciência e Tecnologia”, lecionando na Universidade de Yale, em 1962. Seu vínculo com a Universidade do Brasil possibilitou que fizesse viagens e intercâmbios, quando produziu diários de viagens e séries fotográficas, como nas viagens aos Estados Unidos, entre 1962-63 e 1975-76, quando escreveu o diário “*Glimpses of America*” e produziu a série fotográfica “*Glimpses of America: a sentimental Journey*”.¹⁰ Para Alair Gomes, o cientista e o artista possuem sensibilidade aguçada, percebendo marcas que a maioria não identifica, criando condições para revelá-las, como sua fotografia o fez, desvelando o homoerotismo sutil entre homens na praia, a partir da captura do corpo masculino belo e jovem.

Como professor, ensaísta e artista, Alair Gomes coordenou a área de fotografia da Escola de Artes Visuais do Parque Lage entre 1977-1979, ministrou cur-

⁶ SANTOS. “Tudo é permitido”: a escrita literário-filosófica como fundamento da criação [...].

⁷ “Expressão e a arte deveriam ser bem mais do que simplesmente formas de extrapolação das angústias existenciais, manifestando-se também como um posicionamento radical frente ao mundo. [...] uma arte inseparável de sua autobiografia”. SANTOS. “Tudo é permitido”, p. 14.

⁸ COELHO. Ver com olhos livres, p. 11-12.

⁹ SANTOS. *A fotografia como escrita pessoal: Alair Gomes e a melancolia do corpo-outro*.

¹⁰ PITOL. “Ask me to send these photos to you”. GOMES. A fotografia de Alair Gomes.

sos de arte e fotografia, foi professor da oficina de escultura do Museu do Ingá, atuou como conselheiro de instituições como o MAM/RJ e a Funarte, integrou a Associação Brasileira de Críticos de Arte e na Associação Internacional de Críticos de Arte. Produziu textos curatoriais para exposições, escreveu para jornais e revistas especializadas, além de produzir textos sobre as Bienais de São Paulo.¹¹

O artista se inseriu definitivamente no sistema de arte no Brasil na década de 1980. Contudo, a demonização do homoerotismo com o advento da AIDS, atribuiu um caráter ameaçador da ordem à obra do artista, mantido numa solidão criativa, invisível no sistema oficial da arte, por expor corpos masculinos imersos numa atmosfera homoerótica, sendo reconhecido apenas por um seleto círculo de amigos e colecionadores. O sistema de arte ainda não aceitava o homoerotismo de suas fotografias, mantendo-as longe do grande público.¹²

Entre as décadas de 1960 e 1990, marcadas pela ditadura militar¹³ no Brasil, a urbanização do Rio de Janeiro e a emergência da contracultura,¹⁴ Alair Gomes produziu uma obra de vanguarda na fotografia homoerótica,¹⁵ construindo uma iconografia do corpo masculino, destacando sua virilidade, força, sensualidade, desejo e homoerotismo, permitindo a coexistência de diferentes masculinidades no mesmo plano: o do corpo masculino.¹⁶ Ao produzir uma visualidade homoerótica, Alair Gomes produziu uma fotografia tida como um ato contestatório do mundo patriarcal, heteronormativo e homofóbico.¹⁷

¹¹ COELHO. Ver com olhos livres. PITOL. *Alair Gomes*. PEREIRA. O que pode uma sinfonia visual? Alair Gomes, fotografia e o corpo masculino para além da moldura heteronormativa. PEREIRA. *Symphony of Erotic Icons*. SANTOS. À sombra dos rapazes em flor. GOMES. A fotografia de Alair Gomes. LIMA. O gênero da fotografia.

¹² BARATA. *Alair Gomes e Alvin Baltrop*. PEREIRA. *Symphony of Erotic Icons*. SANTOS. *A fotografia como escrita pessoal*. PITOL. *Alair Gomes: fotografia, crítica de arte e discurso da sexualidade*. PITOL. Os escritos críticos de Alair Gomes sobre Arte. GOMES. A fotografia de Alair Gomes.

¹³ Alair Gomes passou ao menos por dois momentos de censura na ditadura: na exposição coletiva “As artes no shopping”, quando a série “*A Window in Rio*” foi considerada imoral; e na detenção pelo DOPS, numa ação policial em Copacabana, em 1970, sob a acusação de atos subversivos: tráfico de drogas e pederastia. GOMES. A fotografia de Alair Gomes.

¹⁴ A virada da década de 1960 para 1970 testemunhou a eclosão de movimentos sociais, como a contracultura e grupos representados por hippies, *beatniks*, gays, negros/as, lésbicas, entre outros que questionaram tradições e as desigualdades do mundo ocidental. GREEN. *Além do carnaval*.

¹⁵ HERKENHOFF. *Melody of desire*. GARCIA. *Homoerotismo & imagem no Brasil*. SANTOS. *A fotografia como escrita pessoal*.

¹⁶ PEREIRA. O que pode uma sinfonia visual?.

¹⁷ HERKENHOFF. *Melody of desire*.

A pesquisa sobre Alair Gomes tem sido encaminhada a partir de diferentes vias, como a interpretação do espaço urbano e das sexualidades;¹⁸ o uso do gênero para interpretar o voyeurismo nas séries fotográficas;¹⁹ a análise de seus escritos acadêmicos e da crítica de arte;²⁰ a recepção de sua obra pela crítica de arte;²¹ a análise de obras específicas, apontando *performances* contra hegemônicas nas masculinidades;²² a comparação de sua obra com aquelas de outros artistas;²³ a interlocução entre o sujeito, o espaço e a arte na produção um *homo eroticus*;²⁴ a circunscrição de sua produção à arte homoerótica;²⁵ a análise de sua obra com a arquitetura;²⁶ a análise de séries específicas, produzidas no Brasil e nos Estados Unidos;²⁷ a associação de sua obra ao caráter *voyeur e flâneur*;²⁸ a análise de sua fotografia a partir da categoria da melancolia;²⁹ além de textos, entrevistas e catálogos.³⁰

Relevante se faz sublinharmos que entre a produção reunida, identificamos uma escassez no debate sobre as relações entre as práticas corporais e as masculinidades na obra de Alair Gomes, práticas estas capturadas pela lente de sua máquina fotográfica em extensas séries fotográficas, como aquela intitulada “Esportes”,³¹ “*Sonatinas, four feet*”,³² além da série *Beach Triptychs*, todas marcadas pelo caráter narrativo, pela fotografia múltipla, pelo homoerotismo e pela influência da Arte Clássica, da música e da religião. Em suas séries, identificamos diversas práticas corporais, como o surfe, o futebol, o remo, a natação, os saltos ornamentais, o

¹⁸ PEREIRA. Heterotopias do (in)desejável.

¹⁹ ARAUJO; BRANDÃO. Sobre questões de gênero e imagens.

²⁰ PITOL. Os escritos críticos de Alair Gomes sobre Arte. SANTOS. “Tudo é permitido”.

²¹ PITOL. *Alair Gomes*, 2013.

²² PEREIRA. O que pode uma sinfonia visual?. PEREIRA. *Symphony of Erotic Icons*.

²³ BARATA. *Alair Gomes e Alvin Baltrop*. SANTOS. Duane Michals e Alair Gomes.

²⁴ LIMA. O gênero da fotografia.

²⁵ GARCIA. *Homoerotismo & imagem no Brasil*. BARATA. *Alair Gomes e Alvin Baltrop*.

²⁶ PITOL. *Alair Gomes: fotografias – anos 1960/1970*.

²⁷ GOMES. A fotografia de Alair Gomes. GOMES. Alair Gomes: *Glimpses of America* e A Praça da República. GOMES. A fotografia de Alair Gomes. PITOL. “Ask me to send these photos to you”. PEREIRA. O que pode uma sinfonia visual?. PEREIRA. *Symphony of Erotic Icons*.

²⁸ SANTOS. *Alair Gomes: um voyeur natural*. BARATA. *Alair Gomes e Alvin Baltrop*.

²⁹ SANTOS. *A fotografia como escrita pessoal*.

³⁰ GOMES. Note on sequential photographic compositions with multiple suggestions for the sequencing. GOMES. Reflexões críticas e sinceras sobre a fotografia. GOMES. The three sonatinas, four feet... GOMES. Text for the advocate’s portfolio. GOMES. Introduction. GOMES. Entrevista concedida a Joaquim Paiva. GOMES. Text. GOMES. Alair Gomes. GOMES. *A New Sentimental Journey*. HERKENHOFF. Melody of desire. MELLO. A sacração do Eros masculino. CHIARELLI. *Arte internacional brasileira*. CHIARELLI. *Erotica*. CHIODETTO. *Young male*. CHIODETTO. *Alair Gomes*.

³¹ DEVIDE. Arte contemporânea, esportes e masculinidades.

³² DEVIDE. Masculinidades e práticas corporais na obra de Alair Gomes.

frescobol e a ginástica. Dentre estas séries, escolhemos *Beach Triptychs* como fonte histórica³³ deste recorte da pesquisa.

Ao se tornarem objetos a serem capturados pela lente de sua câmera – dispositivo técnico que permitia a aproximação do artista em relação aos objetos de seu interesse – as imagens dos homens fotografados pelo artista passaram a produzir uma estratégia discursiva que se constituiu numa narrativa homoerótica, transgressora e de vanguarda, no contexto político da ditadura e da contracultura, a partir da década de 1960.³⁴ Por esta marca, interpretamos que a obra de Alair Gomes, produzida no suporte da fotografia, nos auxilia na compreensão das masculinidades circulantes no contexto das práticas corporais na orla carioca, entre 1960-1980.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa se interessa pelos grupamentos sociais presentes na obra de Alair Gomes, representados por jovens rapazes que frequentavam os espaços públicos do Rio de Janeiro, como a praia de Ipanema, a Lagoa Rodrigo de Freitas e alguns clubes esportivos. Tais personagens constituíam círculos de homosociabilidade,³⁵ protagonizando mudanças nas relações de gênero produzidas nas vivências das práticas corporais, com ênfase nas masculinidades, nos corpos e no homoerotismo.

No que tange à dimensão histórica, nos interessa uma História Social da Arte que aborde o processo criativo e as obras do artista em seu contexto de produção.³⁶ A obra de Alair Gomes está imersa, tanto num contexto político ditatorial, que interditava a homossexualidade; quanto representa uma produção que esgarça os limites das masculinidades e da heteronormatividade compulsória. O artista

³³ Reconhecemos as “fontes históricas” como conjunto de documentos escolhido pelo(a) historiador(a) no âmbito da pesquisa, diferenciando-as de “documentos históricos”, relacionados aos vestígios do passado, independentemente de seu suporte ou natureza. LUCA. Notas sobre os historiadores e suas fontes.

³⁴ HERKENHOFF. *Melody of desire*. SANTOS. *À sombra dos rapazes em flor*. SANTOS. *A fotografia como escrita pessoal*. GARCIA. *Homoerotismo & imagem no Brasil*. GARCIA. *Arte homoerótica no Brasil*. GOMES. *A fotografia de Alair Gomes*. COELHO. *Ver com olhos livres*. LIMA. *O gênero da fotografia*. PEREIRA. *Symphony of Erotic Icons*. PEREIRA. *Heterotopias do (in)desejável*. GREEN. *Além do carnaval*.

³⁵ Conceito originalmente sistematizado por Eve Sedgwick, em 1985, a respeito de espaços de homosociabilidade e fortalecimento dos laços sociais entre homens heterossexuais, nos quais se elaboram discursos e práticas que excluem outros homens – gays – e mulheres. SEDGWICK. *A epistemologia do armário*.

³⁶ BARROS. *O campo da História: especialidades e abordagens*.

apresentou uma nova política do desejo, através da ativação do corpo masculino na obra de arte, por uma ação “micropolítica”, que interveio na cartografia dominante e estável da heteronormatividade, pois “as masculinidades homoeróticas não estão num limbo, desconectadas de outras experiências oriundas da economia desejante de nosso tempo”.³⁷ Onde havia jovens rapazes cumprindo tarefas físicas, inerentes ao gênero masculino, a visibilidade da sexualidade era amplificada pela lente da câmera do artista, tornando o corpo uma “experiência significante”.³⁸

O conjunto documental da pesquisa é constituído pela série *Beach Triptychs*, na qual Alair Gomes segue em direção à orla de Ipanema para produzir fotografias de perto,³⁹ exercitando o seu voyeurismo e caracterizando sua *flânerie* na busca pelo corpo masculino.⁴⁰ O critério de inclusão desta série se refere à possibilidade de refletirmos sobre as fontes a partir do diálogo entre a Educação Física e as Artes Visuais,⁴¹ utilizando os estudos das masculinidades⁴² como referencial.

Para operacionalizar a análise e a interpretação das fotografias, utilizamos um modelo metodológico que parte do que as fontes históricas nos dizem sobre o motivo de sua escolha – a relação com as práticas corporais – em diálogo com a obra de arte, o artista, a Arte Contemporânea e o contexto de sua produção.⁴³ A aplicação deste modelo parte da premissa de que a obra de arte emite significados de seu tempo, como o uso dos espaços públicos da cidade, os comportamentos, as identidades, os processos de socialização entre os homens, as representações sobre o corpo e seus usos. A série do artista na qual nos debruçamos, foi produzida no contexto da Arte Contemporânea, permitindo-nos interpretar a presença das práticas corporais como a ginástica, em determinado contexto social e histórico da

³⁷ PEREIRA. *Symphony of Erotic Icons*, p. 174.

³⁸ HERKENHOFF. *Melody of desire*.

³⁹ VASQUEZ. *A janela indiscreta de Alair Gomes*.

⁴⁰ SANTOS. *Alair Gomes: um voyeur natural*.

⁴¹ É necessário interpretar os processos relacionais entre as artes visuais e as práticas corporais, reconstruindo uma História a partir dos significados produzidos por estas últimas, representadas em obras de arte e tidas como fontes históricas. SOARES; MADUREIRA. *Educação Física, linguagem e arte*. MELO. *Esporte, lazer e artes plásticas: diálogos*.

⁴² CONNELL. *The men and the boys*. CONNELL. *Masculinidades*. CONNELL; MESSERSCHMIDT. *Masculinidade hegemônica*. ANDERSON. *Inclusive masculinities*. ANDERSON; McCORMACK. *Inclusive masculinity theory*.

⁴³ MELO. *Esporte, lazer e artes plásticas*.

cultura carioca, que ressignificou e produziu novas práticas sociais, sobretudo, no que tange aos corpos masculinos.

A fotografia se constitui numa fonte iconográfica para a pesquisa histórica há décadas,⁴⁴ e tem gerado desafios sobre o desvelamento da rede de significações cujos elementos se relacionam na composição de uma realidade, sobrepondo à noção da fotografia como “documento”, outra perspectiva: a fotografia “monumento”, tida como texto visual com autoria – aqui representado pelo artista Alair Gomes; o texto propriamente dito, representado aqui pela série fotográfica *Beach Triptychs*; e um(a) leitor(a), representado(a) pelo(a) observador(a).⁴⁵ Na obra de Alair Gomes, a fotografia é um signo associado à historicidade do fotógrafo, que também se aproxima de outro conceito: o da “fotografia-expressão”,⁴⁶ que reconhece a subjetividade de quem a produziu, através de uma “escrita pessoal” que desestabiliza a relação entre a fotografia e o real. A fotografia-expressão torna visível o que ainda não sabemos ver, privilegiando os processos e não a impressão, os eventos em lugar das coisas, e o Outro como um ator e sujeito em detrimento de um objeto. Esta perspectiva pressupõe um(a) autor(a), assumindo a onipresença do(a) fotógrafo(a), que produz sentidos entre as imagens e as coisas, transbordando os limites do registro.

Para análise e interpretação das fotografias enquanto fontes históricas adotamos três princípios: a noção de série, a intertextualidade e a interdisciplinaridade e consideramos cinco dimensões espaciais:⁴⁷ o espaço geográfico e fotográfico, além daqueles referentes ao objeto, à figuração e à vivência. Avaliamos que os aspectos acerca da noção de série, da intertextualidade e da interdisciplinaridade, são contemplados pela obra do artista, caracterizada, entre outras marcas, pelo uso da fotografia múltipla, em séries extensas, que possuem uma relação semântica entre si, como o homoerotismo; assim como é influenciada por diferentes áreas de conhecimento presentes na trajetória de Alair Gomes, como a História da Arte, a música e a religião. A dimensão dos espaços, também nos auxilia na interpretação das fontes, com os espaços geográfico, representado pelo espaço público da praia; do objeto, caracterizado, por exemplo, pelas roupas e os equipamentos de ginástica; da figura-

⁴⁴ SÔNEGO. A fotografia como fonte histórica.

⁴⁵ MAUAD. Fotografia e História: possibilidades de análise.

⁴⁶ ROUILLÉ. *A fotografia: entre documento e arte contemporânea*.

⁴⁷ MAUAD. Fotografia e História.

ção, referente aos personagens das fotografias e suas relações; assim como da vivência, representado pelas *performances* captadas, relativas às práticas corporais.

No que tange aos estudos das masculinidades, destacamos sua emergência no contexto da virada da década de 1960 para 1970, imerso nos movimentos sociais que questionaram tradições e desigualdades do mundo ocidental. Neste terreno emergiram os *Men's studies*, que iniciam um debate sobre as políticas de identidade, a naturalização de papéis de gênero e a legitimação de desigualdades entre os homens, pois este grupo identificou que parte dele também sofria um ônus patriarcal.⁴⁸ Os avanços do feminismo, a AIDS, o movimento gay, os grupos de apoio, as políticas públicas de saúde, a violência, o esporte e as transformações comportamentais dos homens, ilustram mudanças nas masculinidades, questionando as bases da hegemonia masculina e seus privilégios. Os estudos das masculinidades reconhecem a dimensão relacional do gênero, rejeitando a representação de única masculinidade, determinada pela biologia e reconhecida em culturas e tempos históricos distintos, contestando um modelo universal ou fixo e defendendo o seu caráter transitório, instável e fluido, o que pressupõe a possibilidade de mudanças e reconstruções.⁴⁹

Sublinhamos a escassez de produções acadêmicas sobre os estudos das masculinidades no campo de conhecimento da Educação Física no Brasil.⁵⁰ Neste contexto, interpretamos as práticas corporais como elementos relevantes na construção das masculinidades⁵¹ e debruçamo-nos, predominantemente, nas teorias da masculinidade hegemônica⁵² e da masculinidade inclusiva,⁵³ as quais forneceram ferramentas para análise das fontes.

⁴⁸ OLIVEIRA. *A construção social da masculinidade*.

⁴⁹ BADINTER. *Sobre a identidade masculina*. NOLASCO. *A desconstrução do masculino*.

⁵⁰ DEVIDE. Estudos de gênero na Educação Física brasileira. DEVIDE. Estudos das masculinidades na Educação Física e no esporte. DEVIDE; BRITO. *Estudos das masculinidades na Educação Física e no esporte*.

⁵¹ DUNNING. O desporto como uma área masculina reservada. BAUBÉROT. Não se nasce viril, torna-se viril. FORTH. Masculinidades e virilidades no mundo anglófono. VIGARELLO. Virilidades esportivas.

⁵² CONNELL. *The men and the boys*. CONNELL. *Masculinidades*. CONNELL; MESSERSCHMIDT. Masculinidade hegemônica.

⁵³ ANDERSON. Orthodox and Inclusive masculinities. ANDERSON. *Inclusive masculinities*. ANDERSON; McCORMACK. Inclusive masculinity theory.

BEACH TRIPTYCHS (198-): ANÁLISE COM BASE NOS PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

A série *Beach Triptychs* se enquadra no conjunto da “poética do perto”⁵⁴ e se constitui em exemplo da fotografia múltipla e da construção de narrativas, características da obra de Alair Gomes, marcada por influências do cinema, da literatura, religião, música e Arte Clássica.⁵⁵ O artista se desloca para a orla de Ipanema para produzir este conjunto de fotografias, no intuito de se aproximar do objeto que o fascinava: o corpo masculino, jovem e belo,⁵⁶ que se exercitava nos aparelhos de ginástica instalados na praia.

O deslocamento de seu apartamento para o espaço geográfico da orla demarca as características do “voyeur” e do “flâneur” na obra de Alair Gomes:⁵⁷ “o lado *voyeur* do artista se investe de modo mais direto na condição da *flânerie* e sai em busca de seus objetos de desejo”.⁵⁸ Com um olhar ativo, fotografando sem ser visto, o artista desloca-se na cidade, num movimento de espera, apropriação clandestina, “predação silenciosa” e “roubo simbólico”⁵⁹ de imagens dos rapazes envolvidos em práticas corporais.



Beach Triptych n. 26 – c. 198- (Acervo “Coleção Alair Gomes”, FBN).

⁵⁴ SANTOS, A. *A fotografia como escrita pessoal*.

⁵⁵ GOMES. Reflexões críticas e sinceras sobre a fotografia. CAUJOLLE. Music on the Beach. HERKENHOFF. Melody of desire. COELHO. Ver com olhos livres.

⁵⁶ GOMES. Entrevista concedida a Joaquim Paiva. GOMES. A fotografia de Alair Gomes. CHIODETTO. *Alair Gomes*. PEREIRA. *Symphony of Erotic Icons*.

⁵⁷ BARATA. *Alair Gomes e Alvin Baltrop*.

⁵⁸ SANTOS. *Alair Gomes: um voyeur natural*, p. 11.

⁵⁹ SANTOS. *A fotografia como escrita pessoal*.

Nesta série, o artista seleciona três imagens, captadas de perto e nos formatos 28 x 35cm ou 20 x 25cm, dentre um grande conjunto, na busca de coesão plástica e visual, o que, segundo Alair Gomes, constituiu uma das composições mais difíceis que produziu.⁶⁰ Nos *Beach Triptychs* identificamos rapazes em práticas corporais na praia, notadamente a ginástica – também protagonista na série “*Sonatinas, four feet*”;⁶¹ além do frescobol, do *frisbee* e da “altinha”.

O conjunto de cada tríptico não é organizado, necessariamente, numa sequência, sendo composto, geralmente, por personagens distintos, conforme o *Beach Triptych* n. 26, acima. Neste conjunto, identificamos imagens de dois rapazes: um deles registrado enquanto se exercita na barra fixa e nas paralelas, conforme as fotos posicionadas à esquerda e à direita; enquanto o outro repousa o corpo sobre uma prancha de ginástica (foto central), como se estivesse dormindo ou descansando. Destacamos que esta posição está presente em outras séries de Alair Gomes, como “Sinfonia dos Ícones Eróticos”, “Carnaval” e “*Glimpses of America*”, caracterizando sua intertextualidade; assim como é uma postura recorrente na História da fotografia homoerótica, com imagens de homens deitados, reclinados ou dormindo, trazendo a imobilidade, o relaxamento e a vulnerabilidade corporal enquanto marcas, apresentando o corpo masculino como objeto de desejo do olhar do outro.⁶²

Nos conjuntos destes trípticos, identifica-se uma preocupação com o estudo da luz e sombra, assim como com o enquadramento dos personagens, representados por fragmentos de corpos individuais que, lado a lado, constroem uma narrativa após edição cuidadosa do artista, evidenciando a geometria da anatomia dos corpos, inspirada na escultura clássica, uma influência na obra de Alair Gomes.⁶³ Esta estratégia de enquadramento contribui para direcionar o olhar do(a) espectador(a) tão somente à imagem do corpo masculino, destacando contornos, volumes e anatomia, permitindo a emergência de um homoerotismo latente na despretenhosa prática cotidiana da ginástica pelo praticante, transformado em objeto de adoração e devoção, tal qual as imagens religiosas presentes nos altares renascen-

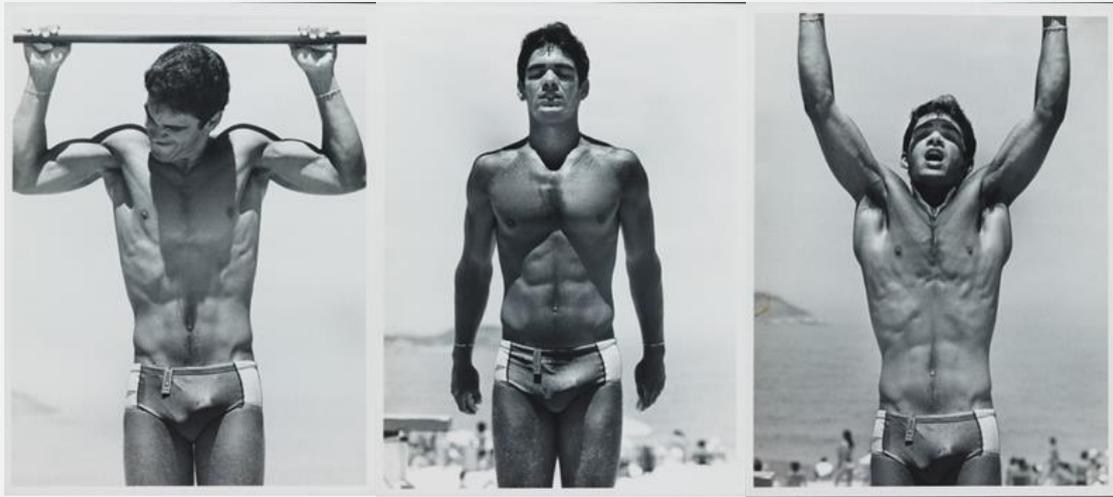
⁶⁰ GOMES. Entrevista concedida a Joaquim Paiva.

⁶¹ DEVIDE. Masculinidades e práticas corporais na obra de Alair Gomes.

⁶² SANTOS. *A fotografia como escrita pessoal*.

⁶³ GOMES. Introduction. GOMES. *A New Sentimental Journey*. SANTOS. *A fotografia como escrita pessoal*. MELLO. A sagração do Eros masculino.

tistas italianos, organizados em trípticos, que influenciaram o artista na construção desta série,⁶⁴ conforme o exemplo a seguir:



Beach Triptych n. 07, c. 198- (Acervo: “Coleção Alair Gomes”, FBN).

O tríptico acima exemplifica a forma cuidadosa como Alair Gomes elegia e editava as fotografias que comporiam cada conjunto, posicionadas lado a lado. Com esta composição, o artista reafirma a necessidade e o desejo pela produção de uma fotografia que se legitimasse enquanto linguagem na Arte Contemporânea,⁶⁵ a partir da apresentação da imagem múltipla, que apresentasse unidade e necessidade de edição;⁶⁶ aspecto relacionado à noção de série⁶⁷ na análise de fotografias como fontes históricas.

No *Beach Triptych* n. 7, cuja imagem central ilustra a capa do catálogo da individual do artista na *Fondation Cartier pour l'art Contemporain*, em 2001, identificamos a prática corporal da ginástica, realizada por um rapaz numa barra fixa, instalada em Ipanema. A análise dos espaços da “fotografia” e da “figuração”⁶⁸ nos permite identificar o espaço público da praia e o aparelho de ginástica, assim como um enquadramento frontal que fragmenta o corpo masculino, destacando a cintura

⁶⁴ GOMES. Entrevista concedida a Joaquim Paiva. CAUJOLLE, C. Music on the Beach. BARATA. *Alair Gomes e Alvin Baltrop*.

⁶⁵ COSTA. Da fotografia como arte a arte como fotografia. ROUILLÉ. *A fotografia*, 2009. TACCA. A “fotografia expandida” nos museus de arte moderna.

⁶⁶ GOMES. Reflexões e críticas e sinceras sobre a fotografia. HERKENHOFF. Melody of desire. CHIODETTO. *Alair Gomes*.

⁶⁷ MAUAD. *Fotografia e História*.

⁶⁸ MAUAD. *Fotografia e História*.

e os membros superiores. Também identificamos uma distinção entre as três imagens, com destaque para a central, na qual o artista invisibiliza o aparelho de ginástica e apresenta o corpo do rapaz em primeiro plano, em concentração e repouso. Por sua vez, ao analisarmos o “espaço da vivência”,⁶⁹ associado à *performance* e ao movimento deste personagem de cada lado do tríptico, identificamos o rapaz registrado pela câmera do artista em períodos de contração muscular, destacando a anatomia de seu tronco e braços, aspecto potencializado pelo uso da luz e da sombra, tal qual os corpos esculpidos em mármore pelos gregos nos períodos Clássico e Helênico,⁷⁰ os quais fascinavam Alair Gomes e estão presentes em sua série “*A New Sentimental Journey*”.⁷¹

Em função da influência da religião na trajetória do artista, podemos inferir que o conjunto também faz alusão aos trípticos que apresentam a crucificação, em virtude das posturas do rapaz registradas de frente por Alair Gomes. Nas três imagens, é possível percorrer o corpo masculino, suas formas e volumes em contraste com o uso do recurso da luz e sombra, num exemplo alegórico do que o artista escreveu sobre a coexistência de um erotismo dionisíaco com o nu clássico, apolíneo e associado à beleza;⁷² provocando tensões entre o clássico/erótico e o sagrado/profano.⁷³ Este aspecto resgata a noção de alegoria associada à “arte-fotografia”,⁷⁴ a qual se caracteriza por uma dupla estrutura representada por um sentido explícito e outro latente, figurado. Neste caso, uma primeira camada de sentido remete à escultura clássica e à religião; enquanto a outra deixa latente a associação com o homoerotismo. O artista também sugere a noção de nudez do corpo masculino, com uma fotografia realizada no “espaço geográfico” público da praia, onde a mesma é proibida. O padrão de enquadramento das fotografias e o “espaço da vivência”, representado pelas poses do rapaz nas imagens do tríptico,

⁶⁹ MAUAD. Fotografia e História.

⁷⁰ GOMBRICH. *A História da Arte*.

⁷¹ GOMES. *A New Sentimental Journey*.

⁷² GOMES. Entrevista concedida a Joaquim Paiva.

⁷³ MELLO. A sagração do Eros masculino.

⁷⁴ ROUILLÉ. *A fotografia*.

“expõem”, sem revelar, uma nudez⁷⁵ interdita na História da Arte e no contexto histórico, social e político no qual foi produzida.⁷⁶

Os Trípticos de Praia de Alair Gomes enfatizam uma analogia entre o movimento dos corpos e anotações musicais: a câmera afirma o olhar tátil do artista, que anuncia o desejo pelo toque erótico do corpo como uma melodia visual.⁷⁷ Nesse contexto, as práticas corporais tornam-se uma via para potencializar a emergência de um homoerotismo ancorado na imagem de um corpo atlético, esculpido pelas rotinas de exercícios,⁷⁸ que se expandiram na década de 1980 nas capitais litorâneas,⁷⁹ recorte histórico de produção desta série.

Retomando a referência à crucificação no *Beach Triptych* n. 07, é relevante constatar o uso da pintura do tríptico com temática referente à crucificação, durante o período do Renascimento, entre os séculos XV e XVII,⁸⁰ primeiramente por pintores italianos e posteriormente por outros artistas europeus,⁸¹ conhecidos por Alair Gomes. Tal formato e tema também foram explorados pela Arte Contemporânea, com destaque para o artista Francis Bacon, que pintou diversos trípticos entre 1960-1990: “*Three studies for a crucifixion*” (1962) e “*Crucifixion*” (1965); além de também produzir obras com uma poética homoerótica e autobiográfica (MAUBERT, 2010), como: “*Two figures lying on a bed*” (1968) e “*Three studies for figures on a bed*” (1972).⁸²

A literatura sublinha o caráter de “rebeldia” e “blasfêmia” do artista⁸³, ao expor imagens com carga homoerótica, sob a nomenclatura de um “tríptico”, formato

⁷⁵ Ao analisar o *Beach Triptych* n. 08, Herkenhoff descreve como o volume do falo sob a sunga molhada dos rapazes faz menção à nudez dos corpos da escultura grega, que simultaneamente velava e revelava a nudez masculina, o que também pode ser identificado nas imagens do *Beach Triptych* n. 07. HERKENHOFF. *Melody of desire*.

⁷⁶ BARATA. *Alair Gomes e Alvin Baltrop*. PEREIRA. *Symphony of Erotic Icons*. SANTOS. *A fotografia como escrita pessoal*.

⁷⁷ HERKENHOFF. *Melody of desire*.

⁷⁸ LIMA. O gênero da fotografia.

⁷⁹ BERTEVELLO. *Academias de ginástica e condicionamento físico*. FURTADO. *Do fitness ao wellnes*.

⁸⁰ GOMBRICH. *A História da Arte*.

⁸¹ Alguns artistas que produziram obras na Itália e na Europa foram: Donatello, “*Crucifixion*” (c. 1465); Jan van Eyck, “*The Crucifixion; The Last Judgment*” (c. 1430); Piero della Francesca, “*Polyptych of the Misericordia*” (c. 1445-1462); Rafael Sanzio, “*Crucifixion*” (c. 1502.1503); Hieronymus Bosch, “*Triptych of the Crucified Martyr*” (c. 1497); Vrancke van der Stockt, “*Triptych of the Redemption: The Crucifixion*” (c. 1450); Andrea de Mantegna, “*The Crucifixion*” (c. 1456-1459); Matthias Grünewald, “*Isenhei, Altarpiece*” (c. 1512-1516); El Grecco, “*The Crucifixion*” (c. 1597-1600).

⁸² GALE; STEPHENS. *Francis Bacon*.

⁸³ BARATA. *Alair Gomes e Alvin Baltrop*.

italiano renascentista com conotação religiosa e sacra, composto por uma imagem central e duas secundárias, formando uma unidade. Alair Gomes não hesitou em associar a dimensão do sagrado, presente nos trípticos representados em pinturas que conheceu na Itália, às fotografias que produziu de rapazes fazendo ginástica na praia, selecionadas a partir de uma composição precisa e rígida. Esta coexistência entre o clássico e o erótico, assim como entre o sagrado e o profano, decorre de um olhar ativo do artista que atuava em dois níveis: o do registro fotográfico e o da composição das imagens, o que garantia, respectivamente, a relação entre o objeto fotográfico e o desejo, conferindo carga libidinal e homoerótica às suas séries.⁸⁴

Alair planejava produzir no máximo quarenta e oito *Beach Triptychs*, em dois grupos de vinte e quatro. Para o primeiro, o artista ampliou mais de mil fotografias, com a finalidade de selecionar as que comporiam os trípticos, mantendo uma harmonia plástica e visual.⁸⁵ Segundo o artista, ele buscou uma composição de altar, no sentido religioso, buscando reverência, conforme seu relato:

[...] me impressionei muito com a possibilidade de, ao reunir três fotos, [...] fazer uma espécie de composição de altar, do que os ingleses chamam de *altar piece*. Na Renascença italiana os trípticos de altar eram muito comuns. O tríptico tinha conotação religiosa; [...] eram três imagens diferentes que completavam a composição [...] que, em geral, se chamava à devoção [...]. Pelo fato de elas serem apenas três e não trinta, a exigência de harmonia [...] se tornou muito grande. [...] o Tríptico de Praia é [...] o tipo de composição em sequência mais difícil que eu já enfrentei.⁸⁶

Reforçando a intertextualidade, necessária à interpretação da fotografia enquanto fonte, destacamos os trípticos de Pietro Perugino – “A crucificação”, c. 1493-1496, Florença; e “*The Galitzin Triptych*”, c. 1482-1485, Washington D.C., com vistas a auxiliar na compreensão da influência da pintura italiana no Renascimento na concepção desta série, na qual Alair Gomes explora a conotação religiosa, sacra e devocional do tríptico. A noção da “fotografia monumento”⁸⁷ também confere relevância ao contexto de produção do texto visual, aqui representado, especificamente, pelo espaço ocupado pela religião cristã desde o núcleo familiar do artista, aos seus primeiros escritos, na década de 1940. “Boa parte da energia intelectual de Alair Gomes

⁸⁴ HERKENHOFF. *Melody of desire*.

⁸⁵ PAIVA. Alair Gomes: a paixão pelo corpo masculino jovem e a construção [...].

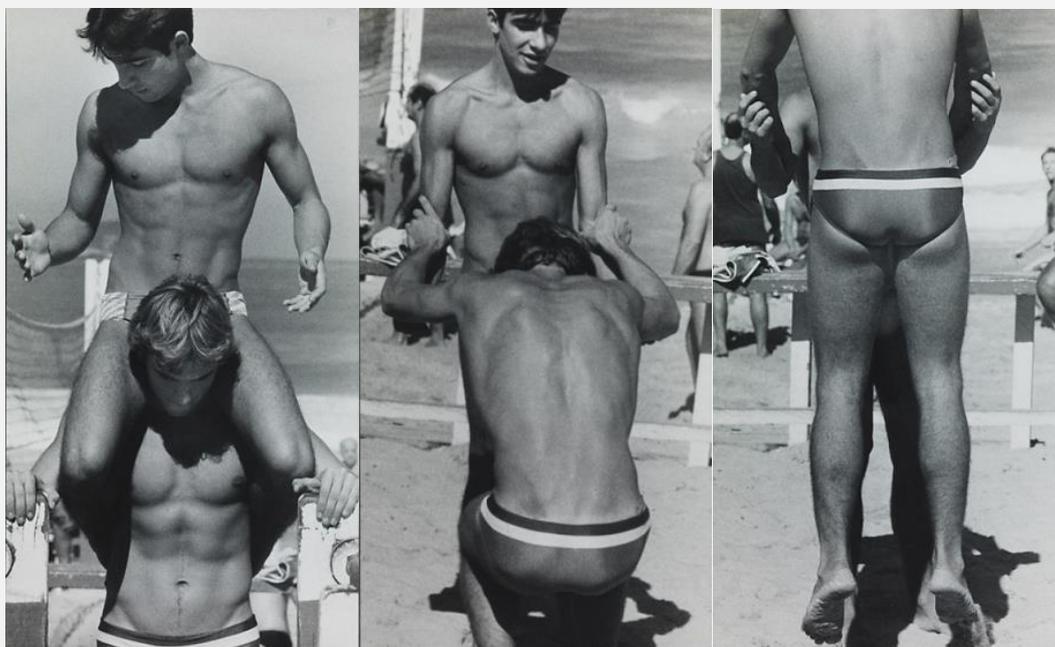
⁸⁶ GOMES. Entrevista concedida a Joaquim Paiva, s. p.

⁸⁷ MAUAD. *Fotografia e História*.

será dedicada à reflexão sobre o espaço ocupado pela religiosidade em sua arte de cunho homoerótico”,⁸⁸ de modo que a menção ao universo da cristandade ocidental não é um acaso nesta série e em sua obra, caracterizada por uma “escrita de si”.⁸⁹

BEACH TRIPTYCHS E NOVAS MASCULINIDADES

Visando dar sequência à análise, a partir do modelo metodológico proposto na pesquisa, em diálogo com os estudos das masculinidades,⁹⁰ elegemos o *Beach Triptych* n. 03, a seguir.



Beach Triptych n. 03 – c. 198-. (Acervo: “Coleção Alair Gomes”, FBN).

Este *Beach Triptych* se constitui num dos primeiros – dentre os produzidos por Alair Gomes na década de 1980. Na composição, identificamos dois rapazes exercitando-se em equipamentos de ginástica instalados na areia. Este tríptico se diferencia dos outros do artista, por trazer o registro de uma dupla de rapazes se

⁸⁸ SANTOS. *Alair Gomes: um voyeur natural*, p. 11-12.

⁸⁹ SANTOS. “Tudo é permitido”.

⁹⁰ CONNELL. *The men and the boys*. CONNELL. *Masculinidades*. CONNELL; MESSERSCHMIDT. Masculinidade hegemônica. ANDERSON. Orthodox and inclusive masculinities. ANDERSON. *Inclusive masculinities*. ANDERSON; McCORMACK. Inclusive masculinity theory.

exercitando, enquanto na maioria dos *Beach Triptychs*, o artista registrou rapazes sozinhos, envolvidos com a ginástica ou outras práticas corporais.

A composição traz as marcas singulares de suas séries: a fotografia múltipla, a narrativa e a noção de sequência; assim como o uso do enquadramento com a fragmentação dos corpos e a exploração dos recursos de luz e sombra.⁹¹ No que concerne aos espaços da fotografia,⁹² o “espaço geográfico” da composição compreende o espaço público da praia, próximo ao calçadão, onde os aparelhos de ginástica eram instalados. No conjunto, é possível avistar o mar, ao fundo, além de elementos de outra prática corporal: o vôlei de praia. O “espaço da figuração”, controlado pelo artista é protagonista. Alair Gomes escolhe enquadramentos que emolduram os corpos atléticos, colocando-os em primeiro plano. No *Beach Triptych* n. 03, o artista elege três fotografias que registram o contato corporal entre os dois rapazes durante toda a sequência captada pela câmera. Nesta composição, o “espaço da vivência” se relaciona aos movimentos e *performances* dos corpos nos exercícios físicos dos rapazes.

O conjunto de fotografias sugere que o artista se posicionou no calçadão, direcionando sua câmera para a dupla, captando sua *performance* de frente, de onde dificilmente passaria despercebido. Sobre o comportamento daqueles que mantinham sua prática corporal com a ciência de terem seus corpos em movimento acompanhados pelo seu olhar ativo, Alair Gomes comenta:

[...] quando eles me percebem fotografando obsessivamente, entendem isso como uma homenagem que estou prestando à beleza deles, [...] a atitude, na imensa maioria dos casos, é fingir que ignoram [...]. Entretanto, ele se deixa fotografar. [...] Vários deles agem de maneira natural e espontânea [...].⁹³

Na foto à esquerda do *Beach Triptych* n. 03, identificamos um dos rapazes equilibrando-se sobre os ombros do outro, que se apoia entre as barras paralelas numa posição de força, sustentando o peso corporal do parceiro. Ambos olham para baixo e apresentam uma composição corporal mais forte, com músculos delineados e destaque para a anatomia do abdômen, coxas e peitoral; em diálogo com

⁹¹ GOMES. Reflexões e críticas e sinceras sobre a fotografia. GOMES. Entrevista concedida a Joaquim Paiva. SANTOS. *A fotografia como escrita pessoal*. PITOL. *Alair Gomes*, 2013. COELHO. *Ver com olhos livres*. LIMA. *O gênero da fotografia*. GOMES. *Alair Gomes: Glimpses of America e A Praça da República*. GOMES. *A fotografia de Alair Gomes*. PEREIRA. *Symphony of Erotic Icons*.

⁹² MAUAD. *Fotografia e História*.

⁹³ GOMES. Entrevista concedida a Joaquim Paiva, s. p.

escultura grega dos períodos Clássico e Helênico;⁹⁴ uma influência na fotografia do artista.⁹⁵ Conforme Alair Gomes menciona em entrevista cedida a Joaquim Paiva⁹⁶ e em texto introdutório da individual da exposição na *Fondation Cartier pour l'art Contemporain*,⁹⁷ sua intenção era flertar com a possibilidade da convivência entre o clássico e o erótico, o sagrado e o profano, uma vez que o artista reivindicava a possibilidade de diálogo entre o nu apolíneo/clássico e o nu dionisíaco/erótico.

Na sequência de imagens, visualizamos um dos rapazes em pé, sorrindo; enquanto o outro, que antes o sustentava sobre os ombros, é registrado agachado, de costas, segurando os braços do companheiro, enquanto olha para baixo. Nesta imagem central, portanto, mais relevante do tríptico, o artista amplia os sentidos possíveis produzidos pelo texto visual, cujo referente é a dupla de rapazes e seus corpos atléticos. O olhar do(a) espectador(a) se depara com o rapaz em primeiro plano, em posição que esconde a cintura do companheiro, em pé. O momento do registro feito pelo artista vela a cintura do rapaz, não permitindo ao(a) espectador(a) identificar sua vestimenta, insinuando tanto a possibilidade de sua nudez, quanto o erotismo relacionado à prática sexual, potencializando a carga libidinal e homoerótica da cena, conforme aponta a literatura sobre sua obra.⁹⁸ Na foto à direita, o rapaz agachado realiza um salto vertical com o apoio do colega, que o segura pelos antebraços.

Buscando interpretar o tríptico a partir da historicidade do fotógrafo e da sua intertextualidade, é relevante resgatarmos que Alair Gomes colecionava postais, calendários, fitas VHS e revistas gays de diversas produtoras e revistas estrangeiras com as quais trocava correspondências,⁹⁹ uma vez que, no Brasil, o acesso a este material com qualidade era escasso.¹⁰⁰ O acesso ao repertório de imagens deste colecionismo possui uma intertextualidade que o artista imprime com sutileza

⁹⁴ GOMBRICH. *A História da Arte*.

⁹⁵ GOMES. Introduction. GOMES. *A New Sentimental Journey*. MELLO. *A sagração do Eros masculino*. SANTOS. *A fotografia como escrita pessoal*.

⁹⁶ GOMES. Entrevista concedida a Joaquim Paiva.

⁹⁷ GOMES. Introduction.

⁹⁸ HERKENHOFF. *Melody of desire*. GOMES. *Symphony of Erotic Icons*. PITOL. *Alair Gomes*, 2013. GARCIA. *Homoerotismo & imagem no Brasil*. GARCIA. *Arte homoerótica no Brasil*. BARATA. *Alair Gomes e Alvin Baltrap*. GOMES. *A fotografia de Alair Gomes*. SANTOS. *A fotografia como escrita pessoal*.

⁹⁹ GOMES. Text for the advocate's portfolio.

¹⁰⁰ PAIVA. *Alair Gomes: a paixão pelo corpo masculino jovem* [...].

em algumas fotografias, atribuindo-lhes uma ambiguidade sobre a virilidade do corpo masculino e o homoerotismo latente na interação entre os rapazes, como na imagem central do *Beach Triptych* n. 03.

Esta ambiguidade entre o nu clássico e o caráter homoerótico esteve presente em revistas de cultura física norte-americanas, que Alair Gomes acessava. Nas décadas de 1940-1950, revistas como *Physique Pictorial* e *The Male Figure* já exaltavam a musculatura e a beleza do corpo masculino, em posições e cenários que remetiam à cultura clássica, estratégia usada no intuito da aceitação do nu masculino, tal como os fotógrafos da primeira geração da fotografia homoerótica.¹⁰¹ Na década de 1970, quando Alair Gomes passou um ano nos Estados Unidos, pôde identificar como a circulação de publicações voltadas ao corpo masculino estava à frente do Brasil, com o surgimento de revistas como a *Blueboy*. Desde as revistas publicadas entre 1940-1950, que trazem ensaios com alusão à Arte Clássica; até as que apresentam imagens do esporte, como *Blueboy*, as práticas corporais foram uma via para a emergência de masculinidades que desestabilizavam os padrões heteronormativos.¹⁰²

Em 1976 a *Blueboy* trouxe reportagem especial sobre atletas gays, com uma capa que retrata um jogador uniformizado com capacete, de costas, com a mão de um colega sobre si, demonstrando fraternidade, intimidade e tatilidade, marcas presentes na instituição esportiva e identificadas nas pesquisas sobre a teoria da masculinidade inclusiva.¹⁰³ Tais imagens permitem a emergência de uma masculinidade homoerótica, direcionada ao público masculino, com papel relevante na construção da identidade homossexual da época, fortalecendo o movimento gay norte-americano, que eclodiu no fim de 1960.¹⁰⁴

Importante resgatar que Alair Gomes publicou alguns de seus *Beach Triptychs* em revistas norte-americanas, que pautavam a visibilidade do movimento LGBTIAP+ e divulgavam a arte homoerótica, como *Gay Sunshine: Journal of Gay Liberation*, onde publicou a série *The Carnival in Rio: a photo essay*, em 1979; a *Ad-*

¹⁰¹ Thomas Eakins (1844-1916), Fred Holland Day (1864-1933), Wilhelm Von Plüschow (1852-1930), Wilhelm Von Gloeden (1856-1931), Vincenzo Galdi (1871-1961) e George Platt Lynes (1907-1955).

¹⁰² PEREIRA. *Symphony of Erotic Icons*.

¹⁰³ ANDERSON. *Inclusive masculinities*.

¹⁰⁴ GREEN. *Além do carnaval*.

vocate: the National Gay News Magazine, onde publicou um tríptico (*Opus 21*, n. 2), um políptico (*Opus 22*, n. 1) e o *Beach Triptych* n. 11, em 1983; além da *Advocate MEN*, onde publicou um *Showcase*, em 1987, que reuniu uma fotografia da série *Beach* (1970), a fotografia *Torsion*, integrante da coletiva “Corpostal” (1986); e o *Beach Triptych* n. 08 (1980) (PITOL, 2017b). A publicação dos *Beach Triptychs* n. 08 e n. 11 nas revistas acima confirmam a noção de que o artista associava esta série ao homoerotismo, apresentando o corpo masculino que se exercitava nas praias enquanto um objeto de desejo a ser consumido pelo olhar “voyeur” dos homens, para os quais estas publicações eram dirigidas,¹⁰⁵ podendo ser apresentado tanto num foto ensaio numa revista, como defendia o artista;¹⁰⁶ quanto nos espaços formais do sistema de arte. Este movimento de Alair Gomes tinha o intuito internacionalizar sua fotografia, pois algumas destas revistas reservavam espaço para a publicação de fotografias homoeróticas de artistas contemporâneos, como Robert Mapplethorpe.¹⁰⁷

As imagens dos *Beach Triptychs*, portanto, trazem uma relação com as fotografias homoeróticas produzidas no século XIX, que influenciaram as revistas de fisiculturismo em meados do século XX e as revistas homoeróticas da década de 1970. Estes periódicos publicavam nus masculinos utilizando como argumento a cultura física e elementos da Arte Clássica. No conjunto dos *Beach Triptychs*, identificamos imagens roubadas simbolicamente, com a consciência dos rapazes, que se deixavam fotografar, apresentando corpos mais fortes, com uma anatomia mais próxima da estatuária grega produzida por artífices como Fídias, Policleto, Myron, Praxíteles e Lisipo,¹⁰⁸ que fascinava o artista.

VISIBILIDADE DE UMA MASCULINIDADE INCLUSIVA E HOMOERÓTICA

¹⁰⁵ BARATA. *Alair Gomes e Alvin Baltrop*. SANTOS. *A fotografia como escrita pessoal*.

¹⁰⁶ GOMES. Reflexões e críticas e sinceras sobre a fotografia.

¹⁰⁷ Apesar de viver num contexto sócio-histórico-cultural de abertura quanto à liberação moral em relação ao corpo, Alair Gomes estava sozinho na tradição homoerótica no Brasil, elegendo a anatomia de corpos apolíneos e dionisíacos, a orientação sexual, a sensualidade visual, além de representações conflitantes com uma masculinidade tradicional. HERKENHOFF. *Melody of desire*.

¹⁰⁸ GOMBRICH. *A História da Arte*. GEOFFROY-SCHNEITER. *Antiguidades gregas, etruscas e romanas*.

Numa primeira análise, identificamos a relação dos *Beach Triptychs* com a religião – presente na História de Vida de Alair Gomes; especificamente os trípticos renascentistas italianos; e com a escultura grega clássica, pelo uso de modelos vivos, da figuração, da busca pela beleza, perfeição, equilíbrio, simetria, proporcionalidade e volume das formas; pelo realismo e naturalismo das cenas registradas; e, sobretudo, pelo movimento e expressividade presentes nas fotografias dos rapazes se exercitando.

A interpretação destas imagens permite identificarmos algumas estratégias que o artista utilizou para fotografar, como o enquadramento, a fotografia múltipla, a edição cuidadosa, a narrativa e o recurso da luz e sombra no registro de cenas cotidianas. Tais características contribuíram para a produção de composições que, após seleção e edição no formato de trípticos, permitissem a emergência da sensualidade e do homoerotismo, num contexto social, político e histórico no qual a heteronormatividade era pressuposta,¹⁰⁹ ampliando o rol das masculinidades para além de uma masculinidade normativa, ancorada na virilidade e força.¹¹⁰

Apesar da aproximação com a escultura clássica e, conseqüentemente, com representações associadas à força, resistência e virilidade, poderem ser associados às masculinidades hegemônica¹¹¹ e ortodoxa;¹¹² quando consideramos a noção de série e coleção, a intertextualidade e o estudo dos espaços para a interpretação de fotografias como fontes históricas,¹¹³ passamos a analisar os *Beach Triptychs* em diálogo com o conjunto da obra de Alair Gomes. Neste contexto, é possível interpretar que as fotografias múltiplas que o artista selecionou e editou, a exemplo do *Beach Triptych* n. 03, produzem uma narrativa que permite a emergência de um homoerotismo, consensual na literatura sobre história e crítica de arte acerca da sua obra, aspecto que colaborou para mantê-la à sombra do circuito oficial de arte,¹¹⁴ por combater tabus, contestar práticas sexuais dominantes e abalar as bases

¹⁰⁹ GARCIA. *Homoerotismo & imagem no Brasil*. GREEN. *Além do carnaval*. PITOL. *Alair Gomes*, 2013.

¹¹⁰ DUNNING. O desporto como uma área masculina reservada. FORTH. Masculinidades e virilidades no mundo anglófono. BAUBÉROT. Não se nasce viril, torna-se viril. VIGARELLO. Virilidades esportivas.

¹¹¹ CONNELL. *The men and the boys*. CONNELL. *Masculinidades*.

¹¹² ANDERSON. Orthodox and inclusive masculinities.

¹¹³ MAUAD. *Fotografia e História*.

¹¹⁴ GARCIA. Arte homoerótica no Brasil. ROUILLÉ. *A fotografia*. BARATA. *Alair Gomes e Alvin Baltrop*. PITOL. *Alair Gomes*, 2013. PEREIRA. O que pode uma sinfonia visual?. SANTOS. *A fotografia como escrita pessoal*.

da heteronormatividade, ampliando a possibilidade de outras masculinidades que coexistem no mesmo texto visual, como uma masculinidade homoerótica.

Analisando o espaço da figuração e o espaço da vivência do *Beach Triptych* n. 03, identificamos que as imagens permitem acessar sentidos associados à tatilidade, amizade, cumplicidade e intimidade entre os rapazes, aproximando-se de uma masculinidade inclusiva,¹¹⁵ associada a um comportamento mais aberto no que diz respeito às amizades, à expressão de emoções, à cumplicidade e à noção de fraternidade entre homens; assim como à intimidade, que permite o contato físico entre eles, sem a preocupação de serem lidos como homossexuais pelos demais, reforçando uma diminuição da homohisteria, ou seja, o medo de ser lido como gay.

Esta marca assinala como Alair Gomes produziu uma obra fotográfica de vanguarda, para além do uso da imagem múltipla, sequencial e narrativa, construindo um arquivo da iconografia masculina carioca entre as décadas de 1960-1980, marcadas tanto pela ditadura e a heterossexualidade compulsória;¹¹⁶ quanto pela contracultura, quando ícones como Caetano Veloso, Ney Matogrosso, os Grupos Dzi Croquetes e Secos e Molhados, performatizavam comportamentos atravessados pela androginia e fluidez de gênero, desestabilizando as representações sobre as masculinidades.¹¹⁷

Ao registrar imagens de rapazes envolvidos com práticas corporais desde a década de 1960, num contexto similar ao que Anderson (2005a, 2005b, 2009) relata em suas pesquisas realizadas com a geração nascida após o ano 2000, Alair Gomes expressa sua vanguarda e a futuridade de seu olhar ao identificar algo que estava velado e latente naquela sociedade: o homoerotismo no espaço público, que convivia paradoxalmente com um regime ditatorial e uma prática libertadora promovida pela contracultura.

* * *

¹¹⁵ ANDERSON. *Inclusive masculinities*. ANDERSON; McCORMACK. Inclusive masculinity theory.

¹¹⁶ GARCIA. *Homoerotismo & imagem no Brasil*. PEREIRA. Heterotipias do (in)desejável.

¹¹⁷ VASQUEZ. A janela indiscreta de Alair Gomes. SANTOS. *A fotografia como escrita pessoal*. GREEN. *Além do carnaval*.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, E. **In the game**: gay athletes and the cult of masculinity. New York: State University Press, 2005a.

ANDERSON, E. Orthodox and Inclusive masculinities: competing masculinities among heterosexual men in a feminized terrain. **SageJournals**, California, v. 48, n. 3, p. 337-355, 2005b.

ANDERSON, E. **Inclusive masculinities**: the changing nature of masculinities. Routledge: United Kingdom, 2009.

ANDERSON, E.; McCORMACK, M. Inclusive masculinity theory: overview, reflection and refinement. **Journal of Gender Studies**, London, v. 25, n. 5, p. 547-561, 2016.

ARAUJO, T. B. de; BRANDÃO, C. M. M. Sobre questões de gênero e imagens: um olhar sobre Alair Gomes. **Uniletras**, Ponta Grossa, v. 39, n. 2, p. 175-187, 2017.

BADINTER, E. **Sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: N. Fronteira, 1993.

BARATA, R. O. M. **Alair Gomes e Alvin Baltrop**: o voyeurismo e o flaneurismo pornoerótico na fotografia gay dos anos 1970. Dissertação (Mestrado em Artes). Programa de Pós Graduação em Artes do Instituto de Ciências das Artes, UFPA, Belém, 2013.

BARROS, J. D. **O campo da História**: especialidades e abordagens. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BAUBÉROT, A. Não se nasce viril, torna-se viril. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (Orgs.). **História da Virilidade**: 3. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 189-220.

BERTEVELLO, G. Academias de ginástica e condicionamento físico: desenvolvimento. In: DA COSTA, L. P. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2006, p. 176-177.

BRITO, L. T. de; LEITE, M. S. Sobre masculinidades na Educação Física escolar: questões teóricas, horizontes políticos. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 12, n. 2, p. 481-500, 2017.

CAUJOLLE, C. Music on the Beach. In.: GOMES, A. **Alair Gomes**. Paris: Fondation Cartier pour l'art contemporain, 2001.

CHIARELLI, T. **Arte internacional brasileira**. 2. ed. São Paulo: Lemos-Editorial, 2002, p. 141-150.

CHIARELLI, T. **Erotica**: os sentidos da arte. São Paulo: Associação de Amigos do CCB BSP, 2005.

CHIODETTO, E. **Young male**: fotografias de Alair Gomes. Rio de Janeiro: Galeria Triângulo, 2016.

- CHIODETTO, E. **Alair Gomes**: percursos. Rio de Janeiro: Caixa Cultural, 2017.
- COELHO, F. Ver com olhos livres. **Zum**, Rio de Janeiro, n. 6, p. 11-14, 2014.
- CONNELL, R. Políticas de masculinidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995.
- CONNELL, R. **The men and the boys**. Australia: Allen & Unwin, 2000.
- CONNELL, R. **Masculinidades**. México: UNAM-PUEG, 2003.
- CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.
- COSTA, J. F. **A inocência e o vício**: estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- COSTA, H. Da fotografia como arte à arte como fotografia: a experiência do Museu de Arte Contemporânea da USP na década de 1970. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v. 16, n. 2, p. 131-173, 2008.
- DEVIDE, F. P. Estudos de gênero na Educação Física brasileira: entre ameaças e avanços, na direção de uma pedagogia queer. In: WENETZ, I.; ATHAYDE, P.; LARA, Larissa. (Org.). **Ciências do Esporte, Educação Física e Produção do Conhecimento em 40 Anos de CBCE**. Gênero e sexualidade no esporte e na educação física, v. 6. Natal: UFRN, p. 91-105, 2020.
- DEVIDE, F. P. Estudos das masculinidades na Educação Física e no esporte: reflexões e contribuições sobre as teorias de Raewyn, Connell e Eric Anderson. In: DEVIDE, F. P.; BRITO, L. T. (Org.). **Estudos das masculinidades na Educação Física e no esporte**. São Paulo: nVersos, 2021. p. 23-56.
- DEVIDE, F. P.; BRITO, L. T. (Org.). **Estudos das masculinidades na Educação Física e no esporte**. São Paulo: nVersos, 2021.
- DEVIDE, F. P. Arte contemporânea, esportes e masculinidades: um diálogo com a obra de Alair Gomes. **Cadernos de Pesquisa do SESC-SP**, n. 13, p. 1-29, São Paulo, 2021.
- DEVIDE, F. P. Masculinidades e práticas corporais na obra de Alair Gomes: a série *Sonatinas, four feet*. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 24, n. 45, p. 199-217, 2022.
- DUNNING, E. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais na identidade masculina e as suas transformações. In: ELIAS, N. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992, p. 388-412.
- FBN. **Alair Gomes**: muito prazer. FBN: Rio de Janeiro, 2016.
- FORTH, C. E. Masculinidades e virilidades no mundo anglófono. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (Org.). **História da Virilidade 3**. A virilidade em crise? Séculos XX e XXI. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 154-186.
- FURTADO, R. P. Do fitness ao wellnes: os três estágios de desenvolvimento das academias de ginástica. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 1-11, 2009.
- GALE, M.; STEPHENS, C. **Francis Bacon**. London: Tate Publishing/Metropolitan Museum of Art, 2008.

GARCIA, W. **Homoerotismo & imagem no Brasil**. São Paulo: U. N. Nojosa/FAPESP, 2004.

GARCIA, W. Arte homoerótica no Brasil: estudos contemporâneos. **Gênero**, Niterói, v. 12, n. 2, p. 131-163, 2012.

GEOFFROY-SCHNEITER, B. Antiguidades gregas, etruscas e romanas. In: MUSÉE DU LOUVRE. **O Guia do Louvre**. Paris: editions de la reunion des musées nationaux, 2005, p. 94-137.

GOMES, A. Note on sequential photographic compositions with multiple suggestions for the sequencing, s. d. In: GOMES, A. **Alair Gomes**. Paris: Fondation Cartier pour l'art contemporain, 2001.

GOMES, A. Reflexões críticas e sinceras sobre a fotografia, [1976]. **Zum**, Rio de Janeiro, n. 6, s. p., 2014.

GOMES, A. The three sonatinas, four feet..., [1978]. In: GOMES, A. **Alair Gomes**. Paris: Fondation Cartier pour l'art contemporain, 2001.

GOMES, A. Text for the advocate's portfolio, [1983a]. In: GOMES, A. **Alair Gomes**. Paris: Fondation Cartier pour l'art contemporain, 2001.

GOMES, A. Introduction, [1983b]. In: GOMES, A. **Alair Gomes**. Paris: Fondation Cartier pour l'art contemporain, 2001.

GOMES, A. Entrevista concedida a Joaquim Paiva [1983c]. **Zum**, n. 6, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://encurtador.com.br/coACL>.

GOMES, A. **Alair Gomes**. Paris: Fondation Cartier pour l'art contemporain, 2001.

GOMES, A. **A New Sentimental Journey** segundo Miguel Rio Branco. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2009.

GOMES, A. A fotografia de Alair Gomes: o fascínio pelo corpo masculino. VI Encontro de História da Arte: História da Arte e suas fronteiras. **Anais...** Campinas: Unicamp, 13-20, 2010.

GOMES, A. Alair Gomes: *Glimpses of America* e A Praça da República. X Encontro de História da Arte: estudos transdisciplinares e métodos de análise. **Anais...** Campinas: Unicamp, 43-52, 2014.

GOMES, A. **A fotografia de Alair Gomes**. Dissertação (Mestrado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2017.

GOMBRICH, E. H. **A História da Arte**. 16. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GREEN, J. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil no século XX. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2019.

HERKENHOFF, P. Melody of desire: the art of Alair Gomes. In: GOMES, A. **Alair Gomes**. Paris: Fondation Cartier pour l'art contemporain, 2001.

LIMA, I. G. de. O gênero da fotografia: da intersubjetividade à intercorporalidade na obra de Alair Gomes. **Revista de Estudios Brasileños**, v. 4, n. 8, p. 131-144, 2017.

LUCA, T. de. Notas sobre os historiadores e suas fontes. **Métis**: história & cultura, Caxias do Sul, v. 11, n. 21, p. 13-21, 2012.

- MAUAD, A. M. Fotografia e História: possibilidades de análise. In: CIAVATTA, M.; ALVES, N. (Org.). **A leitura de imagens na pesquisa social: História, Comunicação e Educação**. São Paulo: Cortez, 2004, p. 19-36.
- MAUBERT, F. **Conversas com Francis Bacon**: o cheiro do sangue humano não desgruda seus olhos de mim. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- MELLO, M. A sagração do Eros masculino. In: GOMES, Alair. **A New Sentimental Journey**: segundo Miguel Rio Branco. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2009.
- MELO, V. A. **Esporte, lazer e artes plásticas**: diálogos. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.
- NOLASCO, S. (Org.). **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995, p. 15-29.
- OLIVEIRA, P. P. de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: UFMG/IUPERJ, 2004.
- PAIVA, J. Alair Gomes: a paixão pelo corpo masculino jovem e a construção de sequências fotográficas. In.: GOMES, A. **Alair Gomes**: um voyeur natural. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 2008, p. 13-17.
- PEREIRA, B. O que pode uma sinfonia visual? Alair Gomes, fotografia e o corpo masculino para além da moldura heteronormativa. **Anais... 13º Mundos de Mulheres e Fazendo Gênero 11: transformações, conexões, deslocamentos**. Florianópolis, p. 1-12, UFSC, 2017a.
- PEREIRA, B. **Symphony of Erotic Icons**: erotismo e o corpo masculino na fotografia de Alair Gomes. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Unesp, Assis, 2017b.
- PEREIRA, B. Heterotípias do (in)desejável: conjugando espaços e sexualidades a partir da fotografia de Alair Gomes. **Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 8, p. 62-78, 2018.
- PITOL, A. **Alair Gomes**: fotografias – anos 1960/1970. Relatório final de Iniciação Científica. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. USP, São Paulo, 2012. 64p.
- PITOL, A. **Alair Gomes**: fotografia, crítica de arte e discurso da sexualidade. São Paulo: A. Pitól, 2013. 112p.
- PITOL, A. Os escritos críticos de Alair Gomes sobre Arte: uma leitura introdutória. **Anais... XII Encontro de História da Arte**. Campinas, p. 103-108, Unicamp, 2017a.
- PITOL, A. A. “Ask me to send these photos to you”: a produção artística de Alair Gomes nos Estados Unidos. **ARS**, São Paulo, ano 15, n. 31, p. 103-123, 2017b.
- ROUILLÉ, A. **A fotografia**: entre documento e arte contemporânea. São Paulo: Senac, 2009.
- SANTOS, A. **A fotografia como escrita pessoal**: Alair Gomes e a Melancolia do corpo-outro. Tese (Doutorado em Artes Visuais). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- SANTOS, A. Duane Michals e Alair Gomes: documentos de si e escritas pessoais na arte contemporânea. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 10, n. 16, p. 51-65, 2008a.

SANTOS, A. **Alair Gomes: um voyeur natural**. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 2008b.

SANTOS, A. À sombra dos rapazes em flor. **Revista de História da Biblioteca Nacional** – dossiê Corpo Perspectiva. Rio de Janeiro, ano 4, n. 40, p. 26-31, 2009.

SANTOS, A. “Tudo é permitido”: a escrita literário-filosófica como fundamento da criação artística de Alair Gomes. 24^o Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. **Anais...** Santa Maria: UFSM, p. 8-24, 2015.

SANTOS, A. **A fotografia como escrita pessoal: Alair Gomes e a melancolia do corpo-outro**. Porto Alegre: Funarte/UFRGS, 2018.

SOARES, C., L.; MADUREIRA, J. R. Educação Física, linguagem e arte: possibilidades de um diálogo poético do corpo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 86, 2005.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 19-54, 2016.

SÔNEGO, M. de J. F. A fotografia como fonte histórica. **Histariae**, Rio Grande, v. 1, n. 2, p. 113-120, 2010.

TACCA, P. C. D. C. A “fotografia expandida” nos museus de arte moderna: experiências do MoMA de Nova Iorque e do MAM de São Paulo. XXVIII Simpósio Nacional de História: lugares de historiadores – velhos e novos desafios. **Anais...** Florianópolis, p. 1-13, 2015.

VASQUEZ, P. A janela indiscreta de Alair Gomes. **Zum**, R. Janeiro, n. 6, s. p., 2014.

VIGARELLO, G. Virilidades esportivas. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (Org.). **História da virilidade** – 3. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 269-301.

* * *

Recebido em: 05 jul. 2022.
Aprovado em: 28 jun. 2023.

Praxis para a transformação social: o caso Meninas em Campo

Praxis for social transformation:
the case of Meninas em Campo

Maria Cristina de Azevedo Mitidieri (Tradutora)

Unirio, Rio de Janeiro/RJ, Brazil
Doutorado em Museologia e Patrimônio, Unirio
cristinamitidieri15@gmail.com

Mark Biram

University of Bristol, Bristol, UK
Doutorado em Filosofia, University of Bristol

RESUMO: Meninas em Campo é um exemplo pró-ativo de grande sucesso na promoção da igualdade de gênero por meio do discurso e da práxis. Trata-se de uma organização sem fins lucrativos localizada no Butantã, São Paulo, que oferece um espaço para meninas de 9 a 17 anos se desenvolverem como jogadoras de futebol. Financiado pelo Colégio Santa Cruz e apoiado pela Universidade de São Paulo. O Meninas em Campo é o maior projeto de futebol feminino de base social, fora dos grandes clubes. Fornecendo um modelo para o desenvolvimento do futebol feminino. Este artigo sugere que muito mais atenção deve ser dada aos anos formativos cruciais, em que gerações de meninas têm sido marginalizadas dos canais formais.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Igualdade; Saúde e bem-estar; Práxis; Discurso.

ABSTRACT: Meninas em Campo has proved itself to be a highly successful proactive example of promoting gender equality through both discourse and praxis. It is a non-profit organisation located in Butantã, São Paulo which offers a space for 9–17-year-old girls to develop as footballers. The project is financed by Colégio Santa Cruz and supported by the University of São Paulo. Meninas em Campo is the largest grassroots socially motivated girls football project, outside of those of the big clubs. Meninas em Campo is symbolic in providing a blueprint for the development of girl's football. This article suggests much more attention should go to the crucial formative years where generations of girls have been marginalized from formal channels.

KEYWORDS: Gender; Equality; Health and Well-being; Praxis; Discourse.

INTRODUÇÃO

Em recente entrevista, a goleira chilena Christiane Endler afirmou categoricamente que, para o futebol feminino continuar crescendo, “as meninas precisam ter as mesmas oportunidades de treinamento que os meninos”.¹ Essa afirmação me trouxe à memória a experiência de dez meses de pesquisa etnográfica de campo, junto às jogadoras de futebol feminino. Enfurecidas pela necessidade de afirmar o óbvio, me diziam que converter a retórica sobre igualdade de oportunidades em realidade era seu principal desafio. Ao longo de minha estadia na América do Sul, tive a sorte de entrevistar figuras relevantes do futebol feminino brasileiro e colombiano. Rosana dos Santos Augusto, por exemplo, relatou que, em sua época de juventude, as meninas não tinham espaços adequados para se desenvolverem como jogadoras. Na visão de Rosana, é importante enfatizar que as mulheres do Brasil chegaram às finais olímpicas e da Copa do Mundo apesar do apoio institucional que tiveram, não por causa dele. Da mesma forma, Maurine Dorneles Gonçalves, outra importante atleta da mesma geração, relaciona o desequilíbrio nos jogos femininos – em relação à modalidade masculina do futebol – ‘à falta de oportunidades para as meninas se desenvolvam. Um núcleo de jogadoras de qualidade sempre existiu, mas a chave para alcançar uma verdadeira potência estaria em colocar muito mais meninas em campo, desde muito mais cedo’ explicou. Isso vai ao encontro das observações de Tayla Pereira dos Santos, outra jogadora que representou a seleção nacional brasileira em diversas ocasiões. Essa atleta relata a sua experiência como alguém que cresceu brincando na rua, jogando futebol como a única menina, sempre considerada como uma “impostora” nos jogos masculinos. Essas experiências não são exceções quando se trata do futebol praticado por mulheres. Nesse sentido, como um exemplo indicativo, podemos destacar a trajetória pessoal da agora coordenadora de futebol da CBF, Aline Pellegrino, que foi entrevistada em profundidade por Pamela Joras no contexto de sua dissertação de mestrado.²

¹ BELAS TRINDADE. Lyon’s Christiane Endler: ‘Girls must have the same training as boys’, 2023.

² JORAS; GOELLNER. Depoimento de Aline Pellegrino. JORAS. *Futebol e mulheres no Brasil: a história de vida de Aline Pellegrino*, 2015.

Para além das experiências e relatos provenientes do Brasil e da Colômbia, informações que emergem de outras partes do continente sul americano sugerem um panorama similar ou talvez até menos favorável para as meninas que desejam seguir o futebol como hobby ou como carreira profissional.³ Esse conhecimento, ao qual se soma a noção de que escassos recursos vêm sendo dedicados ao futebol feminino na maior partes dos países do continente inspiraram este artigo, assim como minha pesquisa atual sobre o “Meninas em Campo” (MeC), um projeto de futebol feminino de grande sucesso, situado na cidade de São Paulo (SP).

A fraca resposta institucional a esse sucesso, de modo simplista, pode ser associada ao crescimento exponencial de oportunidades para as jogadoras, que pode ser compreendido como uma reação dos clubes, em defesa de seus interesses econômicos, frente à política da CONMEBOL que, desde 2016, exige que os clubes profissionais tenham uma divisão feminina para poderem competir na lucrativa principal competição masculina do continente, a Copa Libertadores da América.⁴ De modo superficial, é possível identificar um progresso considerável, em termos de oportunidades para jogadoras femininas em clubes de alto nível.⁵ Contudo, nossas pesquisas a respeito do tema indicam que Christiane Endler estava de fato se referindo à persistente escassez de oportunidades para jovens meninas aprenderem o esporte de maneira estruturada, com as mesmas condições que seus colegas do sexo masculino desfrutam. A frustração de Endler é representativa de um amplo sentimento frustração, com o qual me deparei em diversos momentos de minha pesquisa. Ele se refere ao fato de que as jogadoras parecem cientes de que a lógica predominante no futebol feminino é de inclusão, e não de igualdade absoluta, em relação à modalidade masculina.⁶

³ GARTON. *Guerreras: fútbol, mujeres y poder*, 2019. GARTON; HIJÓS; ALBARCES. Playing for change: (semi-) professionalization, social policy, and power struggles in Argentine women's football, 2021.

⁴ SOARES. O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do Futebol Feminino no Brasil, 2019. STAREPRAVO; DE MOURA; CANAN. Has Latin America's Title IX Arrived? Impact of the CONMEBOL Institutional Incentive Regulations on South American Football, 2022.

⁵ BIRAM. As Sereias da Vila na terra do rei: uma etnografia de Santos FC Feminino, 2021; BIRAM. *Women's Club Football in Brazil and Colombia*.

⁶ ELSEY; NADEL. *Futbolera*, 2019, p. 12.

Este artigo é uma contribuição preliminar no âmbito de uma cooperação de longo prazo entre a Universidade de Bristol e MeC que acabam que entrar numa parceria para divulgar as boas práticas de MeC e projetos parecidos. Em primeiro lugar, focaliza o sucesso do projeto na captação de investimentos – inclusive junto à grandes empresas – para funcionar. Em segundo lugar, aborda a potencialidade do projeto para influenciar formuladores de políticas, tanto em instituições esporádicas quanto em nível governamental. Esse impacto mais amplo, em termos de influência política, é o foco principal deste artigo.

MENINAS EM CAMPO

Ao longo da realização de pesquisa etnográfica com o futebol feminino, no Santos FC, entre 2018 e 2019, tive contato com uma iniciativa que objetivava suprir as deficiências sistêmicas acima mencionadas. O Meninas em Campo é uma organização sem fins lucrativos localizada no bairro do Butantã, na cidade de São Paulo (SP), que proporciona um espaço para meninas com idades entre 9 e 17 anos se desenvolverem como jogadoras de futebol. Como sugerem os relatos coletados por esta pesquisa, os (altos) níveis de violência simbólica e de exclusão podem ser elencados como fatores que contribuem fortemente para afastar as meninas do futebol, num contexto em que apenas uma pequena parcela de potenciais atletas resistem, física e mentalmente, seguindo carreira no esporte ou mesmo praticando o futebol como um hobby, durante *seus anos de formação*. Nesse contexto, a falta de espaços formalizados para as meninas jogarem é claramente uma das maiores barreiras enfrentadas pelo futebol feminino.

O projeto é financiado pelo Colégio Santa Cruz e apoiado pela Universidade de São Paulo. Sua localização é estratégica, pois permite o acesso a partir de comunidades próximas como São Remo, Sapé e Vila Dalva, resultando numa ampla gama de frequentadoras, oriundas de variadas origens sociais. Todas as atividades do projeto são gratuitas e o futebol é mesclado com uma série de outras atividades educacionais, que visam garantir que as participantes recebam uma formação completa. As conquistas do MeC são consideráveis. Em 2022, o projeto atendeu 234 meninas das quais 47 jogam em clubes profissionais atualmente.

Além disso, até fevereiro de 2023, o projeto formou 12 jogadoras que representaram a seleção brasileira sub-17.

O MeC utiliza uma metodologia conhecida como Treino Social, anteriormente usada, com sucesso, em 25 locais no Brasil e também em Moçambique. O Treino Social é um método baseado na *práxis* que enfatiza o desenvolvimento holístico dos atletas. A educação é um dos eixos fundamentais deste desenvolvimento, com especial destaque para o desenvolvimento socioemocional abordando temas como, por exemplo, resolução de problemas, bravura, ousadia, o empoderamento das mulheres, assim como focalizando o incremento da resiliência emocional. Assim, o desenvolvimento das atletas do MeC não é apenas como futebolistas, mas como seres humanos equilibrados e ponderados que estão bem posicionados para serem embaixadores tanto do projeto quanto do futebol feminino de forma mais ampla.

METODOLOGIA (O TREINO SOCIAL)

Fiquei curioso sobre o funcionamento do MeC – e tive a sorte de poder acompanhar esse interesse com uma visita financiada pelo *AHRC Impact Funding* –, um programa da Universidade de Bristol – entre dezembro de 2022 e janeiro de 2023. Devido à duração da visita e ao cronograma, não foi possível passar um longo período com o projeto, conforme meu trabalho etnográfico anterior. No entanto, conversando com figuras-chave do projeto, pude aprender muito sobre o projeto.

Este artigo foi construído a partir de conversas com a responsável pelas redes sociais e comunicação do projeto, Sofia César Gomes, e a então Coordenadora Pedagógica, Sandra Santos, responsável pelo desenvolvimento integral das atletas. Além disso, está apoiado em informações obtidas por meio do acesso aos arquivos documentais do projeto, desde o seu início em 2016. O artigo descreve como o MeC, usando uma *práxis* semelhante à descrita pelo educador brasileiro Paulo Freire em “Pedagogia do Oprimido” (1971), tem contribuído para promover a igualdade de gênero no futebol. Joga luz sobre o trabalho do projeto no que tange à sua capacidade de fazer diferença prática na área em que atua, por meio de ações práticas de campanhas que promovem o futebol feminino e enfatizam a escassez de oportunidades, no nível nacional, para meninas na faixa etária de 9 a 17 anos praticarem o esporte.

PROMOVENDO IGUALDADE

Os gestores do MeC têm ciência da mudança gradual de atitude, que vem ocorrendo ao longo das últimas décadas, em relação à igualdade de gênero, e têm sido capazes de capitalizar isso. Nos últimos (cinco) anos, movimentos como o #metoo e #niunamenos capturaram a imaginação das mulheres no continente (sul-americano?) e geraram um significativo interesse, que reverberou e envolveu diversos setores da sociedade. Nesse contexto, o projeto tem sido particularmente bem sucedido na promoção do seu trabalho, por meio da efetivação de parcerias com empresas que desejam associar-se, de forma positiva, ao combate à desigualdade de gênero. Esta seção aborda as campanhas “Ela pode” e “Valeu aí haters”, como exemplos representativos da eficiência do MeC, no que se refere à sua comunicação e às parcerias que vem estabelecendo.

Campanha “Ela pode”

A campanha “Elas podem” foi desenvolvida pelo Guaraná Antarctica em parceria com outras dez grandes marcas, com a finalidade de apoiar o futebol de base feminino. No vídeo veiculado, invoca-se a metáfora que frequentemente descreve o Brasil como o “país do futebol”. Na sequência, coloca-se as questões “Realmente? Mas para quem?”. A visibilidade do jogo feminino é imediatamente colocada em foco. A campanha esclarece que o futebol masculino recebe mais de um bilhão de dólares a mais do que o futebol feminino em patrocínios a cada ano. A campanha afirma que 35 milhões de latas de Guaraná circulam no Brasil a cada mês, dando à marca um alcance incomparável.⁷

No contexto dessa campanha, a fim de convocar e incentivar que outras empresas apoiem a modalidade feminina do futebol o Guaraná colocava suas marcas

⁷ O Guaraná Antarctica já tem um histórico de apoio ao futebol feminino no Brasil, promovendo iniciativas com relação ao incentivo aos patrocínios à modalidade. Em 2021, em parceria com a Soko, desenvolveu o case “Elas podem” premiado com bronze no Festival de Cannes e prata no The One Show, que convidava marcas para apoiar o futebol feminino, prometendo colocar suas marcas nas latas do refrigerante. A marca conseguiu o apoio de Avon, Banco BMG, Burger King, Consul, ESPN, GOL, Halls, Lay’s, Puma e Vivo.

nas mais de 35 milhões de latinhas de refrigerante que circulam no Brasil a cada mês. Com isso, a campanha engalou marcas como Burger King, Avon e outras. Toda a renda da comercialização do produto foi revertida para o MeC permitindo que o projeto se estabelecesse como o maior projeto de base do futebol feminino fora dos grandes clubes brasileiros.

Num momento de crescimento sem precedentes para o futebol em geral, é importante que o futebol feminino aproveite o vasto número de oportunidades comerciais que podem estar disponíveis. Contudo, existe a preocupação de que isso possa levar a um crescimento altamente desigual, sendo possível que a maior parcela das receitas não chegue às categorias de base. Por essa razão, uma campanha especialmente voltada para o futebol de base feminino é positiva, tanto em termos práticos quanto simbólicos.

Campanha “Valeu aí haters”

A campanha “Valeu aí Haters” – outra colaboração entre o projeto MeC e o Guaraná Antarctica – tira partido de conteúdos gerados pelo usuário de mídias sociais para fomentar o crescimento do futebol feminino. Com o apoio da literatura acadêmica, é possível afirmar que ocorre uma cobertura distorcida da mídia sobre o futebol feminino, assim como a hostilidade e misoginia vêm sendo expressas por meio das mídias sociais. Claramente, o anonimato e a facilidade de postagem exacerbam o problema, e há um certo elemento de malícia associado a parte do que é encontrado *online*. Trata-se de um cenário que sublinha o desconforto persistente, em relação às mulheres que participam do futebol. Além disso, os níveis assombrosos de misoginia e preconceito irracionais que são estruturais – não apenas no Brasil, mas globalmente – contribuem para perpetuar essas atitudes.

Este cenário foi o ponto de partida para a campanha “Valeu aí haters”. De forma resumida, a campanha consistiu na impressão de cerca de 30.000 comentários de comentários misóginos sobre o futebol feminino, recolhidos na internet, em papel semente – sendo plantados no campo onde as meninas do MeC jogam. Assim, de acordo com a proposta da campanha, as jogadoras poderiam “pisar no ódio todos os dias”. A comunicação da campanha destaca que “uma das coisas mais abun-

dantes na internet – o ódio – foi transformada em infraestrutura para milhares de jogadoras e finaliza dizendo ‘Valeu Aí, Haters’.

As conquistas de tal campanha são múltiplas. Em primeiro lugar, ela permitiu que a persistência de certas visões retrógradas sobre o futebol feminino fosse ridicularizada, sendo lançados diversos hashtags, como por exemplo #DoeSeuClichê (sugerir/doar um clichê). Em segundo lugar, enfatizou como as mudanças da sociedade estão se traduzindo lentamente em ações práticas. Isso mostra que estão surgindo mais espaços para as meninas praticarem o jogo e que esses espaços estão proporcionando o ambiente livre e positivo de que as meninas necessitam para jogar.

A ROTINA DIÁRIA DO MENINAS EM CAMPO

A práxis no MeC

Em seu texto fundador da pedagogia crítica, Paulo Freire descreve a *práxis* como “reflexão e ação sobre o mundo a fim de transformá-lo”.⁸ Freire defende que seria insuficiente apenas estudar nosso ambiente, sendo um imperativo moral agir sobre as injustiças que identificadas. A forma como o MeC aborda os aparentemente intratáveis problemas sociais que o cercam parece, ao menos em parte, inspirada por este compromisso de não ignorar a realidade social.

Desde o início de 2016 que o MeC procurou criar um espaço que envolvesse também as famílias das jovens atendidas. Num primeiro momento, antes do início dos processos seletivos, as famílias são convidadas para um café da manhã ou para um almoço, quando ocorre uma apresentação que aborda o funcionamento do projeto e a importância da formação holística das atletas, dentro dos valores estabelecidos pelo projeto. Isso facilita a construção de um certo grau de confiança, desde às primeiras trocas vitais, garantindo assim que os jogadores recebam o apoio da unidade familiar. Ainda como parte do trabalho inicial de construção de relações entre o projeto e as famílias, foram disputados jogos amistosos de futsal misto, permitindo que mães e filhas, pais e filhas e irmãos e irmãs competissem no mes-

⁸ FREIRE. *Pedagogy of the oppressed*, 1971, p. 59.

mo campo. Além disso, durante o período mais conturbado da pandemia de COVID-19, algumas comunidades do entorno, como a São Remo, receberam doações solidárias do MeC em parceria com a Cooperativa Quilombola.

As ações acima elencadas indicam a existência de um entendimento tácito no MeC de que o apoio das famílias e da comunidade local é fundamental para o sucesso do projeto e do futebol feminino. Indicam que há a percepção a respeito da existência de uma “batalha” discursiva por corações e mentes, que pode ser conquistada com engajamentos em nível comunitário.

O MeC se orgulha de ser um espaço onde as jogadoras aprendem não apenas a jogar futebol, mas também navegar bem no ambiente social em que vivem. Essa abordagem educacional holística significa que as meninas participam de oficinas entre os treinos esportivos, nas quais discutirão uma série de temas delicados e cruciais para seu desenvolvimento social durante a adolescência. Elas têm, por exemplo, a chance de falar em particular com um ginecologista para discutir eventuais dúvidas. Além disso, no âmbito de mais uma campanha “Juntas Somos Campeãs”, em colaboração com a ONG “Fluxo Sem Tabu”,⁹ organização que visa combater a pobreza menstrual, as participantes do projeto têm acesso a absorventes higiênicos, bem como acesso à informação, no que se refere à violência interseccional que pode levá-las a desistirem do esporte.

Por meio do projeto, as meninas entram em contato com discussões sobre o empoderamento feminino de uma forma que as encoraja a se comportarem de forma solidária umas com as outras e que fomenta o respeito às jogadoras de diferentes origens no Brasil. O projeto visa aproveitar todas as oportunidades para aprofundar a educação das meninas a respeito do universo do futebol, notadamente focalizando aquelas áreas onde há uma sub representação feminina. Essas áreas incluem uma série de funções técnicas (como treinador), cargos de gerência em clubes e também a área de arbitragem. Relacionadas à ideia de autoridade máxima, no futebol, as funções de técnico e árbitro aparecem como um dos últimos bastiões da dominação masculina. Por esta razão, o treinamento de arbitragem imbui as

⁹ ONG que atua no combate à pobreza menstrual fornecendo itens de higiene íntima para as camadas mais vulneráveis da sociedade e lutando pela democratização do acesso à informação sobre menstruação, higiene e corpo (<https://www.fluxosemtabu.com/quem-somos>).

meninas com as habilidades necessárias para seguir uma carreira como árbitras, caso assim o desejem. Ele envolve informações a respeito da escassez de árbitras mulheres as quais são combinadas aos conhecimentos técnicos, voltados a garantir que seu trabalho e autoridade como árbitras sejam respeitados. No sentido “Freireano”, isso se encaixa perfeitamente com a noção de que “o conhecimento é feito, não descoberto”.¹⁰ No mesmo sentido, a construção e aprendizagem do conhecimento está profundamente enraizada em seu contexto social, o das atitudes discriminatórias da sociedade em relação às mulheres, neste caso, e não em algum contexto abstrato ou supostamente objetivo. Da mesma forma, existem também cursos específicos para goleiras, os quais são beneficiados pelo apoio que de atletas que jogaram ao mais alto nível como Thaís Picarte e Nicole Ramos.

Os exemplos acima mencionados deixam claro o posicionamento institucional do MeC, em sintonia com o pensamento do antropólogo brasileiro Roberto Da Matta. Em sua obra “Carnavais, malandros e heróis” (1979), este autor sublinha a constante tensão entre os aspectos altamente autoritários e hierárquicos da sociedade brasileira – que vimos reemergindo nos últimos tempos – e os concorrentes desejos e impulsos por mudanças, por igualdade, por democracia e harmonia que claramente estão presentes do projeto MeC. Nesse ambiente, os esforços do MeC se voltam para a formação de atletas e mulheres jovens que não apenas estejam cientes das disputas entre essas forças, mas que sejam também capazes de agir sobre elas no sentido “Freireano”, contribuindo para a criação de uma sociedade melhor.

Os exemplos acima mencionados deixam claro o posicionamento institucional do MeC, como um projeto situado num país marcado pela constante tensão entre os aspectos autoritários e hierárquicos de sua sociedade – que vimos reemergindo nos últimos tempos – e os concorrentes desejos e impulsos por mudanças, por igualdade, por democracia e harmonia.¹¹ Nesse ambiente, os esforços do MeC se voltam para a formação de atletas e mulheres jovens que não apenas estejam cientes das disputas entre essas forças, mas que sejam também capazes de agir sobre elas no sentido “Freireano”, contribuindo para a criação de uma sociedade melhor.

¹⁰ FREIRE. *Pedagogy of the oppressed*, 1971, p. 232.

¹¹ FREIRE. *Pedagogy of the oppressed*, 1971, p. 232.

Formando jogadoras profissionais completas

No primeiro período de atuação MeC, o projeto fez uma parceria com o clube Santos FC, fornecendo atletas para equipes sub-15 e sub-17, quando três egressas do projeto representaram o Brasil na categoria sub-17: Ana Luyza, Laura Valverde e Luana Teodoro. Em 2022 várias jogadoras – incluindo Giovana Fernandes – transitaram para a equipe nacional sub-20, que conquistou o campeonato continental sul-americano. Recentemente, em 2022 uma equipe do projeto Meninas em Campo disputou o Campeonato Paulista pela primeira, com uniforme próprio do MeC, ao lado de clubes como Ferroviária, Audax Osasco e Jundiaí.

O projeto conta com várias embaixadoras, entre os quais Laura Valverde e Tamires Dias, um dos pilares da seleção brasileira feminina na última década. Nesse sentido, Valverde pode ser mencionada como um exemplo de sucesso, na medida em que é alguém formada pelo projeto. Por meio de uma postura humilde mas também articulada, essa atleta agradece regularmente ao projeto pela oportunidade de se tornar uma profissional, incorporando perfeitamente a proposta do MeC. Da mesma forma, Giovana Fernandes, ao receber o prêmio de melhor revelação do Paulista sub-20, destacou publicamente o apoio de sua família mas também do MeC, tendo creditado ao projeto a sua ampla formação como jogadora e como pessoa.

INFLUENCIANDO OS ELABORADORES DE POLÍTICAS

Este artigo sustenta que as ações do MeC têm duplo propósito. Primeiramente, ao oferecer uma oportunidade para as meninas jogarem e se desenvolverem como atletas que não são atendidas ou devidamente reconhecidas por instituições esportivas (amplamente definidas como clubes, federações e confederações) e de políticas públicas de Estado. Em segundo lugar, e existência de iniciativas como o MeC funciona como uma forma de chamar atenção e de exercer pressão sobre entidades esportivas e Governos, a fim de que essas deficiências sejam abordadas, de forma séria e estruturada. A seção a seguir descreve alguns dos principais problemas em jogo.

Influenciando instituições esportivas

Exercer influência sobre as poderosas instituições esportivas no Brasil é da maior importância para o projeto (para o futebol feminino). Nesse sentido, a ascensão de Aline Pellegrino na CBF representa uma esperança. Frequentemente, o debate institucional sobre o futebol de clubes tem sido centrado na política de obrigatoriedade¹² e a CBF tem seguido a política de exigir a formação de equipes femininas nos clubes das Séries A até a série D, sem necessariamente levar em consideração a escassez de recursos que pode ocorrer no clubes situados na extremidade inferior do espectro. Além disso, não existem mecanismos para garantir que, mesmo nos clubes maiores façam mais do que apenas cumprir o requisito mínimo de ter um time feminino. Mais do que isso, o foco desproporcional na inclusão de times femininos de qualquer tipo em todos os clubes obscureceu, de certa forma, a escassez de oportunidades para meninas na faixa etária de 9 a 17 anos.

Nesse ambiente, iniciativas como o MeC se configuram como um modelo de excelência, para outros projetos de futebol feminino. Além disso, o MeC contradiz o mito de que grandes empresas não se interessam pelo futebol feminino. Como vimos, por meio dos exemplos anteriormente mencionados, muitas empresas têm se associado às causas progressistas, em razão de decisões comerciais e pragmáticas.

Influenciando políticas de Estado

Um passo além de influenciar as instituições esportivas é tentar influenciar o estado a incluir o futebol feminino nos currículos estaduais nacionalmente na agenda das ações educacionais de Estado. Nesse sentido, podemos mencionar o exemplo do Chile. Nesse país, a aprovação de uma Lei pelo presidente Gabriel Boric, a qual estabelece a exigência de contratos formais para jogadoras,¹³ indica que a profissionalização do futebol feminino se tornou parte do debate político dominante no

¹² SOARES. O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol. STAREPRAVO; DE MOURA; CANAN. Has Latin America's Title IX Arrived?. BIRAM. Obrigatoriedade and the professionalisation of women's football in Brazil, 2023.

¹³ MOLINA. Gabriel Boric promulgó este viernes la ley de fútbol femenino profesional, 2022.

continente sul-americano. A Argentina se encontra em um estágio semelhante, que tem sido chamado de semi profissionalismo.¹⁴ Mais uma vez, grande parte desse debate obscurece ou ignora completamente os anos formativos cruciais anteriores ao momento em que o "profissionalismo" é nominalmente concedido às mulheres, sem muitos dos benefícios sociais e econômicos que são concedidos aos atletas profissionais do futebol masculino.

A posição do MeC como um dos principais fornecedores de jogadoras profissionais fora dos grandes clubes significa coloca o projeto como um exemplo perfeito para destacar como o futebol feminino no Brasil pareceria significativamente difícil, caso (onde) fosse replicado.

Alterar políticas de Estado pode parecer um objetivo distante, na atual conjuntura. Contudo, no âmbito do no continente (sul-americano), o futebol feminino – assim como a igualdade de gênero –, têm a possibilidade real de ganhar ainda mais força na agenda pública, se forem enquadrados e destacados da maneira certa.

CONCLUSÃO

O MeC provou ser um exemplo altamente bem-sucedido de projeto social que promove mudanças positivas em uma área de extrema importância para a identidade nacional brasileira. O grande sucesso do MeC o levou a ser reconhecido pela iniciativa das Nações Unidas #FootballForTheGoals, como um exemplo de transformação social. O projeto, além disso, está diretamente relacionado a três dos 17 objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU, notadamente à Saúde e Bem-estar, Educação e Igualdade de Gênero.

Este primeiro reconhecimento global é de particular importância para um projeto como o MeC. Em um país que vive um momento de grande polarização política, ao qual se soma o anacrônico combate à chamada "ideologia de gênero",

¹⁴ GARTON; HIJÓS; ALABARCES. Playing for change.

ocorrido durante a gestão federal anterior,¹⁵ o reconhecimento das Nações Unidas confere credibilidade significativa ao MeC, por estar esse projeto alinhado a um sentido mais universal do que significa igualdade de gênero, no século XXI.

Apesar dos avanços ostensivamente rápidos do futebol feminino nos últimos anos, ainda existem enormes desigualdades estruturais sustentadas pelo machismo, pelo sexismo e pela misoginia. Tanto no nível do Estado quanto dentro das instituições esportivas, reivindicações superficiais e frequentemente falsas sobre “profissionalismo” e “igualdade” são abundantes. Atuando para além da retórica, o MeC opera para remediar a falta de ambos – tanto em sua práxis quanto no conteúdo educacional que entrega.

* * *

AGRADECIMENTOS

Este artigo foi desenvolvido em conversa com Sofia Gomes César e Sandra Santos. Agradeço-lhes por seu tempo e disposição amigável. Além disso, esta pesquisa foi possível graças ao AHRC IAA Impact Funding da Universidade de Bristol. Da mesma forma, agradeço a Cristina Mitidieri por me ajudar a aperfeiçoar esta versão do texto em português. Sou extremamente grato a todos os envolvidos por tornar isso possível.

* * *

¹⁵ ASSIS; OGANDO. Bolsonaro, ‘gender ideology’ and hegemonic masculinity in Brazil, 2018. MISKOLCI. Exorcising a ghost: the interests behind the war on “gender ideology”, 2018. VAGGIONE. The conservative uses of law: the catholic mobilization against gender ideology, 2020.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C. S. de. O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do futebol feminino no Brasil. **FuLiA/UFMG**, v. 4, n. 1, p. 72-87, 2019.
- ANJOS, L. A. DOS et al. Guerreiras Project: futebol e empoderamento de mulheres. **Revista Estudos Feministas**, v. 26, 15 jan. 2018.
- ASSIS, M. P.; OGANDO, A. C. Bolsonaro, ‘gender ideology’ and hegemonic masculinity in Brazil. **Al Jazeera**, p. 1-4, 2018.
- BELAS TRINDADE, J. B. Lyon’s Christiane Endler: ‘Girls must have the same training as boys’. **The Guardian**, 22 fev. 2023.
- BIRAM, M. As Sereias da Vila na terra do rei: uma etnografia de Santos FC Feminino. **Movimento**, v. 27, 2021.
- BIRAM, M. **Women’s Club Football in Brazil and Colombia: a critical analysis of players, media and institutions** (PhD Thesis). Acesso em: 24 jun. 2022.
- BIRAM, M. Obrigatoriedade and the professionalisation of women’s football in Brazil. In: **Women’s Football in a Global, Professional Era**. Emerald Publishing Limited, 2023, p. 33-47.
- BULLINGHAM, R.; MAGRATH, R. ‘Pink hair, don’t care’: a print media analysis of Megan Rapinoe at the 2019 Women’s World Cup. In: **Women’s Football in a Global, Professional Era**. Emerald Publishing Limited, 2023, p. 221-234.
- CASHMAN, H. R.; RAYMOND, C. W. Making gender relevant in Spanish-language sports broadcast discourse. **Gender & Language**, v. 8, n. 3, 2014.
- DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: o dilema brasileiro do espaço público**. Rio De Janeiro: Zahar, 1979.
- ELSEY, B. Fútbol Feminista: energized by the# NiUnaMenos movement, women’s soccer teams take on the patriarchs of the beautiful game in Latin America. **NACLA Report on the Americas**, v. 50, n. 4, p. 423-429, 2018.
- ELSEY, B.; NADEL, J. **Futbolera: A history of women and sports in Latin America**. Austin: University of Texas Press, 2019.
- FONTES, P.; BUARQUE DE HOLLANDA, B. **The country of football: politics, popular culture, and the beautiful name in Brazil**. London: Hurst, 2014.
- FREDERICK, E. L.; PEGORARO, A.; SCHMIDT, S. “I’m not going to the f*** ing White House”: Twitter users react to Donald Trump and Megan Rapinoe. **Communication & Sport**, v. 10, n. 6, p. 1210-1228, 2022.
- FREIRE, P. **Pedagogy of the oppressed**. London: Penguin, 1971.
- GARTON, G. **Guerreras: fútbol, mujeres y poder**. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2019.

GARTON, G.; HIJÓS, N.; ALABARCES, P. Playing for change: (semi-) professionalization, social policy, and power struggles in Argentine women's football. **Soccer & Society**, v. 22, n. 6, p. 626-640, 2021.

JORAS, P. S. **Futebol e mulheres no Brasil: a história de vida de Aline Pellegrino**. UFRGS, 2015.

JORAS, P. S.; GOELLNER, S. V. Depoimento de Aline Pellegrino, 2013. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/96152>.

KITTLESON, R. **The country of football: soccer and the making of modern Brazil**. Berkeley: Univ of California Press, v. 2, 2014.

MACDONALD, C.; CLELAND, J. Gender politics of social media: a case study of Megan Rapinoe. In: **The Routledge Handbook of Gender Politics in Sport and Physical Activity**. Routledge, 2022, p. 249-258.

MINA, C. Y. M.; GOELLNER, S. V. Representaciones sociales de la Selección Femenina de Fútbol de Colombia en la Copa América 2014. **Educación Física y Deporte**, v. 34, n. 1, p. 39-72, 2015.

MISKOLCI, R. Exorcising a ghost: the interests behind the war on "gender ideology". **Cadernos Pagu**, n. 53, p. 1-13, 2018.

MOLINA, G. Gabriel Boric promulgó este viernes la ley de fútbol femenino profesional. **Contragolpe**, 1 abr. 2022.

SCHMIDT, S. H. et al. An analysis of Colin Kaepernick, Megan Rapinoe, and the national anthem protests. **Communication & Sport**, v. 7, n. 5, p. 653-677, 2019.

STAREPRAVO, F. A.; DE MOURA, G. X.; CANAN, F. Has Latin America's Title IX Arrived? Impact of the CONMEBOL Institutional Incentive Regulations on South American Football. In: **Women's football in Latin America: Social challenges and historical perspectives**, v. 2. Hispanic Countries. New Femininities in Digital, Physical and Sporting Cultures. Cham: Springer International Publishing, 2022, p. 269-288.

VAGGIONE, J. M. The conservative uses of law: the catholic mobilization against gender ideology. **Social Compass**, v. 67, n. 2, p. 252-266, 2020.

* * *

Recebido em: 15 mar. 2023.

Aprovado em: 30 jul. 2023.

A primeira brasileira a jogar no exterior: entrevista com Lúcia Feitosa

The first Brazilian woman to play abroad:
interview with Lúcia Feitosa

Silvana Vilodre Goellner

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, Brasil
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, Brasil
Doutorado em Educação, Unicamp
vilodre@gmail.com

Juliana Ribeiro Cabral¹

Colégio Franciscano Pio XII, São Paulo/SP, Brasil
Licenciada em Educação Física, Universidade Paulista

RESUMO: Entrevista realizada via aplicativo Zoom no dia 20 de maio de 2021. Aborda aspectos da trajetória esportiva de Lúcia Feitosa, a primeira brasileira a se transferir para um clube no exterior. Em 1987, foi contratada para atuar no futebol italiano, trilhando uma carreira sólida e reconhecida naquele país. Pela seleção brasileira, participou do Torneio Experimental da China, o primeiro organizado pela FIFA, no ano de 1988. Lucy Alves, como é conhecida na Itália, atuou em vários clubes até se aposentar dos campos aos 41 anos de idade.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Mulheres; Gênero; Memória; História Oral.

ABSTRACT: Interview conducted via Zoom on May 20 th, 2021. It addresses aspects of Lúcia Feitosa's trajectory in sports as the first Brazilian woman to join a soccer team abroad. In 1987, she was hired to play in Italy, thus building a solid, distinguished career in that country. In 1988, she played for the Brazilian national team in the China Experimental Tournament, the first organized by FIFA. Lucy Alves, as she is known in Italy, played for multiple clubs until she retired from the fields at the age of 41.

KEYWORDS: Football; Women; Gender; Memory; Oral History.

¹ É ex-capitã da seleção brasileira de futebol, medalhista olímpica em Atenas 2004. Comentarista do Campeonato Paulista de Futebol.

Maria Lúcia Alves Feitosa nasceu na pequena cidade de Triunfo, em Pernambuco, no dia 24 de agosto de 1960. Nona entre dez filhos, sete meninos e três meninas, foi a única na família a se interessar pelo futebol. Aos cinco anos, seus pais decidiram se mudar para São Paulo em busca de melhores oportunidades de trabalho e de estudos para os filhos, e foi nessa cidade que começou a jogar bola, inicialmente na rua com meninos. Com passagens por equipes como ADMP, Isis Pop, Juventus e Radar, fez história no futebol brasileiro conquistando vários títulos. Em 1987, migrou para a Itália para jogar futebol, abrindo as portas para outras brasileiras que, na década de 1990, atuaram nesse mesmo país. Destaque dentro dos campos, Lúcia integrou a primeira seleção brasileira que disputou o Torneio Experimental da China em 1988. Desde então, nunca mais vestiu a amarelinha nem voltou a jogar no Brasil. Na Itália, onde mora desde que migrou para atuar no Trani 80 BKV, defendeu vários clubes, é reconhecida pelo que fez em campo e por sua atuação como treinadora de equipes de meninos e meninas, função que exerce, juntamente com

o trabalho de massoterapia, desde que se aposentou dos campos em 2001 aos 41 anos de idade. Lúcia recebeu o prêmio “Mulheres na linha de chegada 2021/22” pela sua dedicação e comprometimento com o empoderamento de mulheres e, em 2023, será homenageada na Itália com o lançamento do documentário *Lucy: um destino da pioneira*. Com sua transferência para a Europa, o nome de Lúcia Feitosa praticamente caiu no esquecimento e muitas foram as tentativas de localizá-la. Depois de cinco anos de pesquisas, buscas e contatos, finalmente conseguimos acessar essa pioneira do futebol brasileiro, que na Itália é conhecida como Lucy Alves. Nossa primeira entrevista aconteceu no dia 9 de maio de 2021 e contou também com a participação das ex-jogadoras Leda Maria, Márcia Taffarel e Dilma Mendes, integrantes do Grupo de Pesquisa Mulheres do Futebol. Duas semanas depois, fizemos esta entrevista tendo como foco a sua migração para o futebol italiano. Lúcia sempre nos acolheu com afeto e gentileza e, em dezembro de 2021, tivemos a honra de conhecê-la quando voltou à Granja Comary para receber uma

homenagem da CBF pela participação no Torneio Experimental de 1988. Na ocasião, reencontrou as colegas de seleção e de clubes porque o evento também reuniu as jogadoras que representaram o Brasil no primeiro Campeonato Mundial, em 1991.

* * *



Juliana Cabral, Lúcia Feitosa e Silvana Goellner.
“Encontro de Pioneiras”, Granja Comary, 2021. Acervo: Silvana Goellner.

Silvana Goellner: Lúcia, em primeiro lugar quero agradecer tua disponibilidade em nos conceder esta entrevista. É uma grande honra, pois há anos estamos procurando por você, a primeira jogadora brasileira a migrar para o exterior. Para iniciar nossa conversa, gostaria que tu falasses sobre tua inserção no futebol.

Lúcia Feitosa: O meu início foi todo aí no Brasil e foi muito difícil. Quando eu tinha cinco anos meu pai se transferiu de Triunfo, em Pernambuco, para São Paulo porque os filhos precisavam estudar. Eu era garotinha quando comecei a jogar futebol com a molecada na rua. Na minha casa éramos em dez filhos e só eu jogava futebol, e minha mãe não gostava que eu jogasse, ela brigava muito comigo, falava que era coisa de homem e me passava o chinelo. Meu pai gostava que eu jogasse, ele sempre me dava apoio, e meus irmãos eram muito orgulhosos porque, no meio da molecada, eu fazia a diferença. Eu sempre gostei de esporte, mas nas minhas veias corria o futebol. Naquele período, era tudo muito difícil, a possibilidade que tinha era você jogar escondido com a molecada na rua e só. Quando eu tinha treze anos, um policial me viu jogando e me

convidou para participar de um time, a ADPM (Associação Desportiva Polícia Militar de São Paulo), onde fiquei por oito anos participando de muitos campeonatos.

Silvana Goellner: Depois desta equipe, em quais times você jogou no Brasil?

Lúcia Feitosa: Eu joguei em mais três times. Quando terminou a ADPM, acho que em 1981, fui para o Isis Pop,² depois para o Clube Atlético Juventus e de lá para o Radar,³ no Rio de Janeiro. No Juventus foi meu salto de qualidade, ali que meu sonho começou a se realizar porque eles estavam investindo em futebol feminino. Fiquei lá uns três anos até ir para o Radar.

Juliana Cabral: Você cita que no Juventus você começa a realizar seu sonho de ser jogadora de futebol. Que memórias você tem dessa época, o que te faz pensar isso?

Lúcia Feitosa: O Juventus era muito organizado, da parte de administração, de torneio, de campeonato, de metodologia de treinamento, não parecia real a coisa, entendeu? Naquela

² Equipe criada em 1982 por Newton Ribeiro, proprietário das casas “Relax for Men Brût” que, com o intuito de disputar o Campeonato Paulista.

época, a organização era 100%, o Juventus era o time mais organizado em São Paulo. Isso dentro da minha cabeça parecia um sonho, eu me beliscava: “Meu Deus, eu estou sonhando!”. E não, era verdade, tanto que eu fiquei lá três ou quatro anos. Eu fui embora porque eu fui jogar no Rio de Janeiro.

Juliana Cabral: Como foi essa transferência?

Lúcia Feitosa: Em 1984, a gente fez um torneio em São Caetano do Sul e foi aí que o Eurico Lira me viu e me chamou para ir para o Rio de Janeiro. Ele fazia muitas excursões para fora do país, era uma pessoa que tinha as melhores jogadoras e foi assim que ele me levou para lá. Sempre em tratativa com o Juventus porque eu também tinha uma palavra com o Juventus, eu não podia tomar a decisão sozinha, então, teve a questão de conversar com eles e foi assim que eu me transferi para o Rio de Janeiro.

Juliana Cabral: Nessa época, você assinou algum acordo ou eram apenas verbais?

³ Esporte Clube Radar.

Lúcia Feitosa: Isso, naquele período não tinha contrato, não tinha nada. Era na palavra.

Silvana Goellner: Foi pelo Radar que você chegou à seleção?

Lúcia Feitosa: Sim. Em 1983, eu fiz o último campeonato pelo Juventus, onde eu jogava futebol e futebol de salão, e quando me transferi para o Rio de Janeiro foi um pouco difícil me adaptar porque o Radar era um time muito famoso, todas queriam jogar lá. Quando eu cheguei, pensei: “Eu tenho que ver isso porque se o Eurico Lira me chamou é porque eu tenho capacidade de estar nesse time”. Então eu me senti orgulhosa porque o presidente veio falar comigo, ele me quis, eu estava dentro do esquema dele, dentro dos valores que ele queria para o clube dele. Naquele período, a base da seleção brasileira era o Radar, então foi por aí que fui convocada.

Silvana Goellner: E como surgiu o convite para jogar na Itália?

⁴ Em 1986, o Radar excursionou 22 dias pela Europa e representou o Brasil no Mundialito de Jesolo. Logo depois, participou de outro torneio, dessa vez como clube, conquistando o título de campeão do IV Mundialito de Clubes Campeões de Futebol Feminino, realizado na cidade de

Lúcia Feitosa: A gente veio fazer uns torneios⁴ aqui na Itália que tinham clubes e seleções. Era seleção brasileira entre aspas porque era o Radar, não era a seleção, mas eles pegavam a gente como a seleção brasileira. Tinha a China e o Japão e tinha alguns clubes da Itália, como o Trani 80 BKV, que me viu no Mundialito em que fui eleita a segunda melhor jogadora. Eu perdi para uma japonesa, a menina era fera, era ponta-direita e jogava pra caramba. Aí o dirigente do Trani entrou em contato com o Eurico e eles conversaram entre federações, eu nem sabia de nada. Eu fiquei sabendo depois, quando o Eurico me falou que um clube da Itália queria me levar pra lá. Eu tomei um susto, parecia que não era verdade, era um sonho, eu falei: “Não é possível, tá acontecendo mesmo? É comigo? Sou eu?”. Eles queriam eu e a Marcinha,⁵ mas ela não veio. Eu falei: “Tudo bem, eu vou. Eu quero ver o que essa Europa é melhor que o Brasil”. Foi então que surgiu o primeiro contrato que eu assinei como jogadora.

Tortora, na Itália, com uma vitória sobre a equipe do Bayern de Munique. Lúcia foi uma das artilheiras da competição, somando cinco gols.

⁵ Márcia Honório, com quem jogou no Juventus.

Juliana Cabral: Você lembra o ano que assinou o contrato?

Lúcia Feitosa: Foi em 1987. Eu queria vir, eu queria me confrontar com uma outra realidade, entendeu? E vou falar para vocês que não foi fácil, tudo muito difícil. Quando eu comuniquei a minha mãe que eu que queria vir pra cá, ela teve até um suspiro dizendo: “Você vai para um lugar que ninguém lhe conhece”. Eu disse: “É por isso que eu quero ir, eu quero ter conhecimento, eu quero me confrontar realmente com outra realidade, porque aqui no Brasil eu já ganhei tudo. Não tenho mais nada para ganhar aqui. O Brasil inteiro me conhece”. Foi quando ela falou: “Está bom. Você vai, vê direitinho e se não der certo, você volta”.

Juliana Cabral: Esse contato que foi feito com o Eurico, você sabe se ele ganhou algum dinheiro em cima do seu contrato?

Lúcia Feitosa: Isso eu não sei dizer não. Eu acho que sim, conhecendo o Eurico, eu acho que ele ganhou dinheiro sim. Ele não fazia as coisas sem ter um retorno. Quando eu cheguei aqui já tinha um contrato feito. Fizeram da Federação do Rio de Janeiro com a Federação Italiana dos Clubes entre o Trani e o

Radar, mas por que isso? Porque o Eurico Lira foi esperto, ele me tutelou no contrato entendeu? Ele foi tão justo que ele fez esse contrato para mim, para não perder, entendeu? Porque... Como é que foi? Foi um desafio que eu fiz ao sair do Brasil, porque eu estava, eu ganhava no Brasil. Eu nunca joguei de graça. Então, para mim, sair do Brasil nos anos oitenta para vir para a Europa e não ter uma segurança, ele falou: “Vamos tutelar isso!”. Ele me tutelou e eu não sei se ele ganhou alguma coisa. Se ele ganhou alguma coisa, tudo bem, mas ele me tutelou, entendeu? Eu vim tranquilamente sem nenhum problema porque eu tinha já uma base se não desse certo. Eu não perdi nada e, graças a Deus, deu tudo certo, e de consequência são trinta e três anos que eu estou aqui.

Juliana Cabral: Você inicia a jogar no Trani. Quais foram os primeiros desafios que você enfrentou na Itália?

Lúcia Feitosa: Foi muito difícil porque eu vim para uma cidade pequenininha. Eu morava no Rio de Janeiro, em Copacabana, cheio de balada e tudo mais e vir para Itália e ficar num lugar onde tem pouquíssimas pessoas na rua às oito da noite... Eu

estava morrendo, eu pensava: “Meu Deus do céu, onde que eu estou?”. Não foi nada fácil a minha adaptação, mas eu tive sorte de encontrar uma brasileira, a Júlia, casada com um italiano, numa cidadezinha pequenininha e ela me deu uma mão gigante porque depois de três meses eu queria voltar para o Brasil. Eu queria ir embora. Tudo foi difícil no início, a alimentação, o clima, eu chorava, eu não conseguia interagir com as pessoas, não sabia falar italiano, mas na minha cabeça, eu dizia: “Jesus, eu vim para a Itália é porque eles me quiseram, se eles me quiseram eu também tenho condições de resolver esse fato”. Eles me pagaram um curso de três meses, rápido e conhecendo essa brasileira, foi mais fácil conseguir me adaptar com o italiano, aprender os verbos, a gramática. A Júlia me ajudou muito e comecei a me adaptar melhor, eu podia ir na casa dela conversar, falar em português as coisas que eu não sabia. Eu não aguentava a alimentação, faltava meu arroz e feijão, minha farofa, meus torresmos... Era macarrão, macarrão e eu estava ficando doida. Eu tive também muito apoio de uma jogadora, a Antonella Carta, que é uma referência no futebol italiano, jogou

na seleção. Morei com ela quando fui para a Sardenha, ela também que me deu uma mão, me ajudou muitíssimo.



Lúcia Feitosa e Antonella Carta, 1987.
Acervo Lúcia Feitosa.

Silvana Goellner: Então você sai do Trani e vai jogar em que clube?

Lúcia Feitosa: Eu joguei em muitos times aqui. É difícil lembrar agora de todos. Pelo Trani, disputei campeonatos até 1988 e daí me mudei para Nápoles, onde joguei em times como o Napoli, o Turrís, o Caserta FC e o Pozzuoli, sempre disputando a série principal. Em 1994, fui convidada para atuar na Sardenha, onde moro até hoje, para jogar no Flumini di Quartu que queria subir da série C para a série B do Campeonato Italiano. Conseguimos, e eu vestia a camisa 10. Ainda joguei no Delfino Cagliari, no ASD Carbonia e no Sant'Anna Arresi, e foi quando decidi parar.

Silvana Goellner: Quando e como foi essa decisão, Lúcia?

Lúcia Feitosa: Eu parei de jogar em 2001 quando eu tinha 41 anos. Eu comecei a fazer cursos, já que eu tinha que dar um rumo na minha vida, tinha que ver o que eu ia fazer, aí foi quando eu decidi fazer cursos para ser treinadora. Hoje eu sou uma treinadora federada aqui, trabalho com as crianças e também com massoterapia.

Juliana Cabral: Antes de falar sobre tua vida depois de deixar de jogar nos campos, gostaria de saber como você se descreveria como jogadora.

Lúcia Feitosa: Eu me descrevo uma jogadora tecnicamente fortíssima, ambidestra, jogo na esquerda e na direita. Uma jogadora que não é veloz, mas que joga com inteligência, que joga de testa, de cabeça, que gosta de dar drible, que respeita as adversárias. Na minha carreira eu nunca diminuí nenhum time, eu tenho um caráter muito forte... Se eu vejo que uma jogadora está fazendo uma coisa, eu já estou dando em cima, entendeu? Sou uma jogadora de caráter pesado. Quando jogava, eu era terrível, eu queria o melhor de cada jogadora ou de cada companheira. Me descrevo uma jogadora completa porque, tecnicamente, jogava de direita e esquerda, bola parada, cobrança de falta, de escanteio. E eu fiz muito gol aqui na Itália, muito gol de escanteio, muito gol olímpico. Praticamente a única coisa que me faltou foi a velocidade. Eu me comparava com o Zico.

Juliana Cabral: Por que essa comparação?

Lúcia Feitosa: Eu tinha o mesmo sistema de jogo que ele, eu era habilidosa, usava o lado direito e o esquerdo, a cabeça. Eu era um pouco lenta, mas surgia uma falta e eu fazia o gol. Como é que eu posso falar pra você... O meu modo de ser jogando, eu gostava mesmo era de dar a última passagem para a jogadora fazer gol e isso era uma coisa que eu era muito forte. No drible também, eu era tecnicamente muito forte, ninguém me batia, não, tanto é que quando eu cheguei aqui na Europa eu arrebentei foi na técnica, ninguém me segurava, era muito difícil me segurar. Ou me pegava nos braços ou me tirava a camisa ou me tirava o short, mas não roubava a bola de mim não, eu era muito forte.

Silvana Goellner: Lúcia, conta para a gente como você se tornou massoterapeuta.

Lúcia Feitosa: Quando eu jogava, eu gostava muito de fazer massagem antes de começar o jogo e depois de terminar. Eu sempre fazia massagem, gostava muito e foi aí que eu comecei a me apaixonar e a me interessar. Um dia uma amiga que fazia massagens em mim no time que eu jogava me chamou para

fazer cursos e despertou uma paixão. Eu trabalho há vinte anos como massoterapeuta em um resort de luxo, o Forte Village, localizado na costa do Mar Mediterrâneo, onde vem só gente rica, artistas, pessoas com muito dinheiro.

Juliana Cabral: E com o futebol, como é teu trabalho?

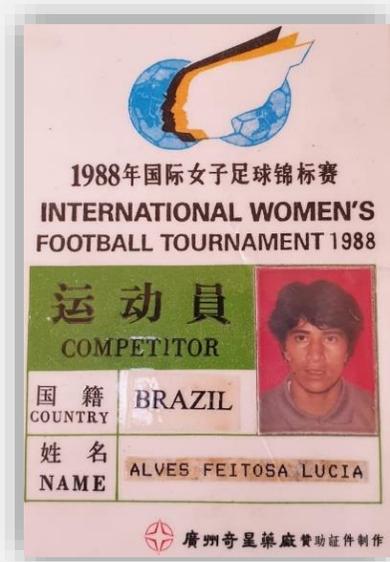
Lúcia Feitosa: Eu nunca deixei o futebol. Hoje sou treinadora da equipe de mulheres de futebol de 5 da Associação Arzachena, mas já atuei no futebol com meninos e no futsal com meninas.

Juliana Cabral: Você não quis se envolver no futebol profissional de mulheres?

Lúcia Feitosa: Não. Aqui na Itália é muito difícil qualquer jogadora entrar para o profissional. Não tem, a Federação é muito machista e é muito difícil entrar no esquema do profissional. Eles não investem no futebol feminino. O custo de um campeonato aqui de série A é de um milhão de euros e os clubes não querem investir. Mas a gente vai caminhando e eu estou numa luta porque quero criar uma escolinha de meninas porque tem muita garotinha que quer jogar. Mas o problema

maior sabe qual é? O preconceito dos pais é muito alto, eles não aceitam que uma menininha vá jogar com os meninos. Então, tudo é muito difícil.

Juliana Cabral: Lúcia, vamos voltar um pouco no tempo. Em 1988, aconteceu o Torneio Experimental da China, o primeiro organizado pela FIFA. Você já estava jogando na Itália e foi convocada para integrar a nossa seleção. Como foi essa convocação?



Crachá de participação no Torneio Experimental da China, 1988.
Acervo: Lúcia Feitosa.

Lúcia Feitosa: Eu já estava aqui quando me ligaram avisando da minha convocação. Então, fui para Teresópolis, para a Granja Comary, para os treinamentos, onde ficamos uns dez dias, eu acho. Quando eu cheguei lá, foi a maior emoção, porque voltar ao Brasil jogando no exterior... As meninas tiveram uma receptividade que eu não esperava, sabe? Eu tinha medo de que tivesse alguma inveja por eu estar jogando na Europa, mas não teve nenhuma. Acho que este foi o momento que eu realmente vi que tinha amizade do grupo, que íamos fazer uma competição sem inveja, sem ciúmes, e isso foi uma coisa que elas demonstraram para mim e que eu guardei no meu coração porque elas me receberam como se eu tivesse lá há muito tempo. Eu fiquei ainda mais maravilhada porque pra mim era uma coisa nova, sabe? Mesmo jogando na Europa, o meu país é sempre meu país e ali foi um ponto de encontro onde estavam as melhores. Isso foi fonte de orgulho pra mim. A gente só pensava em representar bem o Brasil. Não interessava se jogava na Itália, o importante é que aquele grupo era muito unido, ninguém quebrava a gente não, porque a gente tinha objetivos e muitos

sonhos pra realizar, entendeu? Eu acho que até isso também dava muita força para o nosso grupo.



Lúcia Feitosa, Torneio Experimental da China, 1988.
Acervo Lúcia Feitosa.

Juliana Cabral: Conte um pouco sobre esse Torneio. Alguma lembrança?

Lúcia Feitosa: Tudo parecia profissional, os campos eram lotados, para ir para os jogos a gente pegava o ônibus oficial e tinha polícia na frente, polícia atrás, era coisa de sonho, coisa inacreditável. Não parecia que era verdade, que aquilo estava acontecendo. A gente saía na rua e as pessoas vinham pegar autógrafa. Quando a gente fazia um drible sentia uma agitação no estádio. Era uma coisa maravilhosa e isso me marcou. Por quê? Porque a jogadora brasileira é muito técnica. E eu me lembro quando a gente jogou com a China, elas eram muito velozes. Elas corriam e para pegar aquelas mulheres a gente tinha que morrer para correr atrás. Mas nós tínhamos técnica, e acho que eles nunca tinham visto mulher fazer o que a gente fazia. Eu acho que eles ficaram impressionados com o jogo brasileiro, com a ginga. Toda vez que a gente fazia alguma coisa, assim, de excepcional a torcida amava. Enfim, essa é minha memória, e quando eu volto atrás falo que meu sonho estava realizado, eu estava em um Mundial defendendo as minhas cores do Brasil e não tinha coisa melhor no mundo do que estar ali naquele momento e de fazer parte daquele grupo. Foi uma coisa muito emocionante mesmo.

Juliana Cabral: O sucesso deste Torneio fez com que, em 1991, a FIFA organizasse a primeira edição da Copa do Mundo. Você estava jogando muito nessa época. Por que você não disputou este Mundial?

Lúcia Feitosa: Eu fui convocada para a seleção brasileira, mas eu não pude ir porque o clube daqui tinha concomitância com os jogos e não me liberou para participar. Eles pagavam, sabe, e aqui quando se paga é assim!

Juliana Cabral: Você não estava lesionada?

Lúcia Feitosa: Não. Até hoje eu não tive nenhuma lesão, única coisa que eu não tenho são as cartilagens nos joelhos.

Silvana Goellner: Esta foi tua última convocação para a seleção brasileira?

Lúcia Feitosa: Sim. Eu perdi contato com todo mundo, não sei o que aconteceu, mas fiquei um pouco triste porque eu queria continuar o meu percurso que foi aqui na Europa e no Brasil. Não sei o que aconteceu, não chegou mais convocação, não chegou mais nada pra mim.

Silvana Goellner: E como você se sentiu com isso? Você guarda mágoas?

Lúcia Feitosa: Tenho muita tristeza, porque eu estou aqui na Europa, mas eu sou brasileira e tinha tanto para dar ainda para a seleção. Eu fui praticamente cancelada e fiquei muito desiludida. Mas tudo bem, eles quiseram assim e assim foi. O importante que saibam é que a Lúcia foi uma pioneira, que a Lúcia participou do primeiro Torneio Mundial e isso é uma coisa de orgulho pra mim e pro Brasil.

Silvana Goellner: Lúcia, alguma vez você se manifestou contra algum desses dirigentes, reclamou algum direito, fez alguma coisa que eles poderiam achar que não era cabível de uma jogadora?

Lúcia Feitosa: Não. A única coisa que eu falava muito era dos preconceitos que tinha contra a mulher jogar futebol. Isso eu falava mesmo, eu não aceitava essa história, mas briga de discussão com dirigentes ou gente da CBF eu nunca tive. Eu tinha um respeito e aceitava as decisões, mesmo não sendo justas e tinham situações que não eram justas para mim. Até

hoje eu me pergunto por que eu não fui mais convocada. Qual foi o motivo da minha não convocação.

Juliana Cabral: E você, com todo o reconhecimento que tinha na Itália, não pensou em se naturalizar para jogar na seleção de lá?

Lúcia Feitosa: Deus me livre! Mas que pergunta é essa? Meu Deus do céu. Você está biruta? Não, não e não. Não mesmo, eu nunca na minha vida eu ia trair o meu Brasil por isso. Nunca!

Juliana Cabral: Lúcia, para encerrar nossa entrevista, gostaria de saber se você espera algum reconhecimento do seu país em relação ao que você fez no futebol. Você é uma pioneira que abriu portas para outras mulheres que sonharam em jogar futebol. O que você espera em relação a isso?

Lúcia Feitosa: Reconhecimento do sacrifício que a gente fez no passado, reconhecimento de ter uma homenagem, de deixarem falar o que a gente fez no passado porque se o futebol feminino é isso que tem hoje, é graças a nós, a nossa geração que abriu as portas para tudo isso que tem agora e, infelizmente, as pessoas nem sabem que existimos.



Lúcia Feitosa, “Encontro de Pioneiras”, Granja Comary, 2021.
Foto: Thais Magalhães/CBF.

Juliana Cabral: Lúcia, eu gostaria, mais uma vez, de agradecer sua disponibilidade em conversar com a gente. Fiquei muito feliz em conhecer sua história pessoal e como jogadora, gostaria muito de agradecer toda sua luta e coragem. A sua geração possibilitou que as gerações seguintes pudessem sonhar em ser jogadora de futebol e fazer disso sua profissão. Não tive a oportunidade de te ver jogar, mas pelo que as pioneiras contam e pelo seu relato, você foi craque de bola.

* * *

Recebido em: 13 jun. 2023.
Aprovado em: 18 jun. 2023.

profissões para mulheres & outros esportes feministas

Tatiana Pequeno *

se acaso não tivesse nome
de fato ninguém o saberia
correr pelo campo não me
faz necessária mas gente
depois que me amputaram
a garganta a voz a palavra
correr pelo campo me faz
sim artilheira volante mas
nunca mais meia ou seca
jogar foi depois da fome
nasci pelas pontas dos pés
recebi um nome desde o
bico do seio às chuteiras
correr pelo campo me faz
ter asas ser ave ser quem
de nome marta bárbara bia

maria formiga pia apelidos
nem todos no diminutivo
correr pelo campo me faz
humana repentista jogadora
tenho cada vez maior um
sonho bola para dentro
tenho cada vez maior um
zelo correr pelo campo
hoje escrever ginga
mulher também assina
gol e tem nome inscrito
em caixa alta na camisa.

* * *

Viva! Um brinde a Tatiana Pequeno, que participou da edição de estreia da revista **FuLiA/UFMG**, em 2016, com a poesia “A descoberta do mundo depois da Copa de 1994”,¹ destacando de maneira singularíssima os jogadores Jorginho, Ricardo Rocha, Leonardo, Dunga e Branco, e, sete anos depois, nos envia o inédito poema tematizando o futebol feminino: “Profissões para mulheres & outros esportes feministas”.

Em tempos de afirmação das futebolistas no mundo do trabalho, o título é sabiamente uma alusão à compilação de ensaios *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*, da modernista inglesa Virginia Woolf (1882-1941), publicado no Brasil há dez anos.²

Integrado ao dossiê *Futebol e mulheres*, este poema, tão sensível às futebolistas, consolida de uma vez por todas o lugar delas também neste jogo – “nunca mais meia ou seca”. Mais do que isso, o poema inscreve nomes: a craque Marta, Bárbara, goleira convocada em quatro Copas do Mundo, e Pia, a técnica estrangeira do Brasil. Também são lembradas a gigante ex-jogadora Formiga, a atacante Bia (Zaneratto) e Maria, sugerindo a evocação de todas as meninas da bola, “artilheiras” e “volantes” em suas jornadas. Afinal, a mulher que, agora, corre pelo campo se torna “humana repentista jogadora”.

* * *

¹ PEQUENO. A descoberta do mundo depois da Copa de 1994. *FuLiA/UFMG*, v. 1, n. 1, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3OCFg0V>.

* **Tatiana Pequeno** é professora de literatura da Universidade Federal Fluminense, dedicando sua pesquisa principalmente ao estudo da literatura produzida por mulheres. Realizou doutorado e mestrado em Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com tese sobre Maria Gabriela Llansol e dissertação sobre Al Berto.

Publicou quatro livros de poesia: *Réplica das urtigas* (2009) e *Aceno* (2014), pela Oficina Raquel, *Onde estão as bombas* (2019), pelas Edições Macondo, e *Tocar o terror* (2021), pela Cult Editora. Participou da série de documentários de poesia produzida pelo pesquisador e poeta Alberto Pucheu: *Tatiana Pequeno: muambas e bombas para o nosso tempo* (2019). Possui diversos textos publicados em antologias e revistas de arte, cultura e literatura.

Em 2022, participou da “Feira do Livro de Maputo”, em Moçambique, como escritora brasileira convidada pelo Instituto Guimarães Rosa.

² WOOLF. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*, 2013.



Bárbara, óleo s/ tela. Armando S.
Exposição de curta duração *Futebol e memória: guarda-redes do Brasil e de Moçambique*.
IGR-Maputo, 2022.

FuLiA/UFMG - revista sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes
Núcleo de Estudos sobre Futebol Linguagem e Artes da
Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais



Colaboração



Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
Agosto, 2023